

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS  
GERAIS**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
Conhecimento e Inclusão Social em Educação  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG

**PATRÍCIA MARIA DE SOUZA SANTANA**

**MODOS DE SER CRIANÇA NO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO –  
JOABOTICATUBAS - MG**

Belo Horizonte

Faculdade de Educação da UFMG

2015

PATRÍCIA MARIA DE SOUZA SANTANA

**MODOS DE SER CRIANÇA NO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO  
JOABOTICATUBAS - MG**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social e Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção de Título de Doutorado em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas

Orientadora: Profa. Dra. Nilma Lino Gomes

Có-Orientadora: Ana Maria Rabelo Gomes

Belo Horizonte

Faculdade de Educação da UFMG

2015

Santana, Patrícia Maria de Souza Santana

Modos de Ser Criança no Quilombo Mato do Tição – Jaboticatubas – Minas Gerais,  
2015.

Orientadora: Nilma Lino Gomes

Có-orientadora: Ana Maria Rabelo Gomes

1-Quilombo 2- Criança Quilombola 3-Cultura 4- Identidade 5- Aprendizagem

## Agradecimentos

*“Minha família é incontável, eu tenho irmãos em todas as partes do mundo”* (Solano Trindade)

Aos colegas do Programa Ações Afirmativas na UFMG.

Às amigas e amigos da Pós-Graduação em Educação especialmente Marlene, Regina, Fernanda, Yone e Natalino.

Às colegas do GEIQU especialmente Gilmara pela atenção e carinho de sempre.

Às companheiras de jornada, amigas de sempre: Maria do Carmo Barbosa Galdino, Benilda Regina Paiva Brito, Rita de Cássia Nascimento, Maria Edite Martins Rodrigues, Marcilene Silva, Gláucia Moreira Pinto, Azoilda Loretto Trindade.

Às professoras da Pós-Graduação Da Faculdade de Educação, especialmente: Shirley Aparecida de Miranda e Cristina Gouveia.

Às professoras Georgina Helena, Shirley Miranda e Ana Gomes pelas contribuições na banca de qualificação e na banca examinadora.

Aos Professores Rogério Correia da Silva e Lílian Cristina Bernardo Gomes pela participação na banca examinadora, pela leitura atenta e excelentes contribuições.

À minha orientadora Nilma Lino Gomes, hoje nossa Ministra de Promoção da Igualdade Racial, nosso orgulho.

A minha co-orientadora Ana Gomes que acompanha minha jornada acadêmica desde muito tempo, sempre atenta às pluralidades e diversidades existentes nesse mundo, minha admiração.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram e cuidaram de mim com tanto carinho e dedicação: mãe, pai, irmãs e irmão, sobrinho e sobrinha, primos e primas e especialmente meu companheiro Luciano, minha filha Maíra e meu filho Víctor, meus “salvadores” nos momentos de desânimo e desespero.

À Raquel Dias, gratidão, gratidão.

Gratidão imensa ao povo do Matição. Com os olhos cheios d’água, tenho cada um e cada uma em meu coração, especialmente a família de Marilene, Renê, Mareny e Mayra, que me acolheu com tanto carinho durante a estadia no campo, também hoje meus amigos.

À Rosa, que carinhosamente abriu as portas de sua casa para me hospedar.

Às meninas e aos meninos do Matição, foram muitas descobertas e aprendizados na companhia desse grupo de crianças que me fez acreditar ainda mais que o mundo é potente de alegrias e esperanças.

Dedicatória

Para minha tia Rute que nos deixou recentemente.  
Com ela minha infância foi plena de vida e amorosidade.

## **RESUMO**

O estudo procura compreender os modos de ser criança na Comunidade Quilombola de Mato do Tição localizada em Jaboticatubas-MG. Através da observação participante, registros fotográficos, desenhos elaborados pelas crianças, entrevistas e outros recursos metodológicos, observei, dialoguei e interagi com meninas e meninos em seu cotidiano de aprendizagens no festejar, no brincar, no convívio com os mais velhos, nas expressões de religiosidade e nas relações com o meio em que vivem. Partindo-se da compreensão de que as crianças são atores sociais, produtoras de cultura e possuidoras de saberes próprios, descrevi e analisei as diversas possibilidades de aprendizagens nas quais elas se encontram; como se inserem nesse contexto em que os conhecimentos tradicionais e a cultura própria do Mato do Tição vai sendo aprendida e ressignificada por uma nova geração que tem a possibilidade de viver e conviver em um lugar marcado por uma diversidade de experiências, visões de mundo e valores ancestrais vivenciados e partilhados pelo grupo. O extenso calendário festivo, a circulação nos diversos espaços do quilombo e seu entorno, as brincadeiras, a realização de tarefas domésticas bem como a participação em projetos e oficinas realizadas na comunidade permite às crianças um modo singular de viver sua infância, elaborando e reelaborando suas identidades de crianças do Mato do Tição e quilombolas; reafirmando seu pertencimento no grupo e sendo crianças com muita ludicidade e intensidade.

Palavras chaves: QUILOMBO – CRIANÇA QUILOMBOLA – CULTURA – IDENTIDADE – APRENDIZAGEM

## **ABSTRACT**

This study seeks to understand the ways of being a kid in the Quilombo Mato do Tição, in Jaboticatubas–MG. Through participant observation, photographic records, drawings produced by the children, interviews and others methodological resources, we observe, talked and we interact with the children in their daily lives: in the celebrations, on the kid games, in association with the older, in the expressions of religiosity and in the relations with the environment in which they live. Starting from the understanding that children are social actors, producers of culture and that they possessing specific knowledge, we describe the different possibilities of learning in which children are inserted; analyze how they fit in this context where the traditional knowledge and the very culture of the Mato do Tição is being learned and re-signified by a new generation that has the opportunity to live and hang out in a place marked by a diversity of experiences, worldviews and ancestors values lived and shared by the group. The extensive festive calendar, the circulation in the various spaces of the quilombo and its surroundings, as well as participation in projects and workshops conducted in the community, allows the children a unique way of living their childhood developing and elaborating their identities as quilombolas children, reaffirming their membership in the group and being children with much playfulness and intensity.

**Keywords: QUILOMBO – CHILDREN QUILOMBOLA – CULTURE – IDENTITIES LEARNING**

## SUMÁRIO

Resumo.....	6
Abstract .....	7
Introdução.....	11
<b>1-A COMUNIDADE QUILOBOLA DE MATO DO TIÇÃO UM</b>	
<b>CONTEXTO SINGULAR.....</b>	<b>30</b>
1.1. Quilombos Contemporâneos – Ressemantização do Termo.....	31
1.2. Lutas por Reconhecimento .....	34
1.3. Contexto das Comunidades Quilombolas no Brasil .....	36
1.4. Pesquisas Realizadas no Quilombo Mato do Tição.....	40
1.5. Movimentos de Entrada no Campo .....	48
1.5.1 .“Jogos de conhecimento mútuo” – Processos de Interação no Campo.....	49
1.6. Conhecendo a Comunidade Quilombola de Mato do Tição.....	53
1.6.1. Localização e Histórico da Comunidade.....	53
1.6.2. “Isolados negros, desolados remanescentes”.....	56
1.6.3. “ Coadjuvantes na história do outro”.....	57
1.6.4. História de Lutas.....	58
1.6.5. Novas Agendas Políticas e de Pesquisa – Os Impactos no Mato do Tição .....	59
1.7. Organização atual.....	63
1.8. As Festas como Afirmação de Identidade e Manifestação do Sagrado.....	69
1.8.1. Calendário de Festas em Mato do Tição.....	69
1.9. O Candombe – Tecendo Laços com a Ancestralidade Afro-Brasileira.....	77
<b>2- “SEJAM BEM VINDOS AO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO” – A</b>	
<b>PERCEPÇÃO DO LUGAR PELAS CRIANÇAS.....</b>	<b>82</b>
<b>2.1. O Perfil das Crianças.....</b>	<b>82</b>
2.2. Conhecendo o Quilombo pelo Olhar das Crianças.....	89
2.3. De Qual “Lugar” Estamos Falando?.....	90
2.4. O Mato do Tição Através das Palavras Escritas, Faladas e dos Desenhos.....	92
2.4.1. Abecedário.....	92
2.4.2 Falando Sobre o Mato do Tição.....	95
2.4.2.1. O Nome Mato do Tição.....	96
2.4.2.2. Aqui é um Quilombo?.....	98
2.5. A Percepção do Mato do Tição Através do Passeio pelo Quilombo e dos	
Desenhos .....	102
<b>2.5.1. Pessoas, Lugares, Artefatos e Ofícios.....</b>	<b>104</b>

2.5.2. Os Desenhos.....	108
2.5.2.1. A Representação das Casas .....	109
2.5.2.2. Os Outros Ícones Representados nos Desenhos.....	112
<b>3- MODOS DE SER CRIANÇA NO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO.....</b>	<b>114</b>
<b>3.1 “O dia inteiro a gente brinca” – As Brincadeiras Como Expressão do Ser</b>	
Criança.....	117
3.1.1. As Brincadeiras de “faz de conta” .....	120
3.1.1.1 Brincar de Restaurante.....	122
3.1.1.2. Brincar de Casinha.....	122
3.1.1.3. Brincar de Salão de Beleza.....	123
3.1.1.4. Brincar de Folia de Reis e Candombe.....	126
3.1.1.5. Brincando no Tempo – Crianças e Adultos Contam de Suas Brincadeiras.	128
3.2. “Festejando com muita alegria” .....	131
3.2.1. As Crianças nas Festas.....	133
3.3. “Chegou a melhor hora” – Partilhando a Comida.....	137
3.4. Nem Tudo é Festa – As Crianças também trabalham.....	144
3.4.1. Algumas Considerações Sobre o trabalho Infantil.....	144
3.4.2. Trabalho Infantil nas Comunidades Quilombolas .....	145
3.4.3. Atividades e Tarefas Exercidas pelas Crianças no Mato do Tição.....	149
3.5. Apelidos e Implicâncias – Os Conflitos Entre as Crianças.....	152
3.6. A Escola na Vida das Crianças.....	157
3.6.1. Indo para a Escola.....	160
3.6.2. “Troca cinema por cabelo?”.....	160
3.6.3. “O povo do Mato do Tição é tudo macumbeiro”- Preconceito e Discriminação Racial dos de “fora” .....	160
3.6.3.1. As Expressões do Preconceito e a Reação das Crianças.....	164
<b>4- SABERES APRENDIDOS, ENSINADOS E COMPARTILHADOS:</b>	
<b>EXPLORANDO POSSIBILIDADES.....</b>	<b>169</b>
4.1. Aprendizagens Através das Narrativas – As Histórias Contadas pelas Crianças e pelos Mais Velhos .....	179
4.2. Participação das Crianças na Vida Cotidiana – Aprendendo em Vários Contextos e de Diversas Maneiras.....	192
4.3. Aprendizagens Através do Ensino Sistematizado Dentro da Comunidade: A Oficina de Capoeira.....	199
4.4. As Aprendizagens Presentes nos Cuidados com as Crianças.....	203

4.4.1. Curas pelas Benzeções.....	204
4.4.2. “Todo mundo ajuda olhar” – Os Cuidados Coletivos com as Crianças.....	205
4.4.3. Crianças Cuidando de Crianças .....	207
<b>5- CONSIDERAÇÕES FINAS.....</b>	<b>212</b>
<b>6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>220</b>
<b>ANEXO I .....</b>	<b>237</b>
<b>ANEXO II .....</b>	<b>241</b>
<b>ANEXO III .....</b>	<b>245</b>
<b>ANEXO IV .....</b>	<b>247</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou compreender os modos de ser criança na Comunidade Quilombola de Mato do Tição destacando-se o seu cotidiano de experiências, vivências e aprendizagens no festejar, no brincar nas relações com seus pares, no convívio com os mais velhos, nas expressões de religiosidade e nas relações com o meio em que vivem.

A comunidade quilombola de Mato do Tição, localizada na cidade de Jaboticatubas em Minas Gerais possui 35 famílias em um total de 176 moradores.

O território que hoje ocupam consiste em uma parte do que foi, no passado, o terreno doado por um senhor a um grupo de escravizados, avós dos atuais patriarcas e matriarcas da comunidade, que ali trabalhavam em fins do século XIX.

A comunidade, ao longo de sua história, conviveu com conflitos e tensões que envolveram a luta pelo território e pela sobrevivência. Após longo processo de expropriação e usurpação de suas terras originais, os moradores conseguiram, em 1981, o direito à usucapião, mantendo o seu exíguo território até os dias de hoje.

A maioria dos moradores de Mato do Tição trabalha na construção civil dentro e fora do município, em serviços domésticos nos sítios e fazendas próximos, nas fábricas de roupas e doces bem próximas do quilombo. Também alguns são autônomos e outros são aposentados.

A religião católica é predominante, mais especificamente o que comumente se intitula como catolicismo popular com fortes expressões da cultura afro-brasileira em especial do grupo Banto<sup>1</sup>. Uma das marcas da comunidade é seu extenso calendário festivo que inclui festas religiosas e profanas.

Mato do Tição foi certificada como comunidade quilombola em 2006 pela FCP (Fundação Cultural Palmares). A certificação tem desencadeado mudanças significativas na comunidade relacionadas à forma como os moradores estão elaborando sua identidade enquanto comunidade negra e quilombola e também como passaram a se

---

1 Banto, s.m. Cada um dos membros da grande família etnolinguística à qual pertenciam, entre, outros, os escravos no Brasil chamados angolas, congos, cabindas, benguelas, moçambiques etc. e que engloba inúmeros idiomas falados, hoje, na África Central, Centro-Occidental, Austral e parte da África Oriental. In: LOPES, Ney. Novo Dicionário Banto do Brasil. Pallas: RJ, 2003.

posicionar politicamente no contexto das lutas nacionais e locais, por reconhecimento e titulação definitiva das terras. À efervescência cultural característica de Mato do Tição, agrega-se um crescente interesse por parte de pesquisadores, estudantes, ONGs, movimentos sociais etc. que visitam constantemente a comunidade possibilitando, dessa forma, um contato dinâmico dos moradores com pessoas de diversas localidades do estado e do país.

Apesar de não serem muitas, cerca de 25% da população, as crianças com idade entre zero e 15 anos, têm presença marcante na vida da comunidade. Brincam em diversos espaços e ocasiões, participam ativamente de todas as festas, colaboram com atividades domésticas, circulam pelo território e pelas casas. Assim, vão aprendendo cotidianamente a serem do Mato do Tição e a serem quilombolas, num convívio intenso com as pessoas do lugar, em sua maioria, parentes, e com as pessoas de fora compostas pelos visitantes de diversas vinculações. Todas as crianças maiores de 4 anos estudam em escolas públicas localizadas na sede de Jaboticatubas ou em bairros próximos, pois na comunidade não existe nenhuma escola.

Partindo-se da compreensão de que as crianças são atores sociais, produtoras de cultura e possuidoras de saberes próprios, acredita-se que pesquisas e estudos sobre as crianças, suas culturas e saberes podem trazer contribuições importantes para a compreensão da sociedade de forma geral e, também, do mundo adulto GOMES (2007) CORSARO (2002,2011), COHN (2005), PAULA (2014), dentre outros.

Nesse sentido, lancei um conjunto de interrogações a partir de minha entrada no campo de pesquisa: como as crianças vivem em seu dia a dia? Como se estabelecem as relações com seus pares e com os adultos? As crianças adquirem saberes? Que saberes são esses? Como aprendem? As crianças aprendem a serem quilombolas nessa comunidade? Quais as diferenças da vida dessas crianças comparadas às outras? Como se dá a participação das crianças nas festividades, no trabalho e na aquisição de saberes da comunidade? Seria possível pensar na construção de uma pedagogia quilombola a partir dos saberes construídos, aprendidos e difundidos através de vivências, experiências, reinvenções, das heranças, das lutas e das tradições das comunidades? Esses modos de ser criança em quilombo possuem pontos de convergência e de divergência se comparados a outras formas de ser criança presentes na sociedade. Quais seriam essas interseções?

No cenário de lutas do movimento social negro inserem-se, igualmente, as lutas quilombolas por vários direitos e, em especial, pelo direito à educação escolar referendada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ), legalizada pela Resolução nº 8 de 20/11/2012. Diante desse contexto recente de tentativas de efetivação das diretrizes, faz-se necessário interrogar sobre os conhecimentos existentes a respeito das crianças quilombolas, suas infâncias e existência no chão de suas comunidades. Acredita-se, como PEREIRA (2007), que a construção de metodologias educacionais baseadas nas culturas africana e afro-brasileiras “dependem de um sólido conhecimento de suas fundamentações simbólicas, de seus modos de percepção do meio ambiente e de seus sistemas sociais, políticos e econômicos” (p.12) e, crescendo-se, da compreensão sobre a vida das crianças em sua totalidade enquanto pessoas que participam ativamente da vida nas comunidades quilombolas.

No decorrer da pesquisa procurei lançar um olhar para as singularidades da vida das crianças em uma comunidade quilombola, distanciando-me da escola e buscando compreender a educação “no chão do quilombo”. Essa pesquisa representa parte de uma busca acadêmica mais ampla que integra a preocupação com uma educação que respeite a diversidade étnico-racial dos brasileiros, compreendendo e valorizando as comunidades quilombolas e o que elas representam quanto ao patrimônio cultural afro-brasileiro.

Diante do contexto da pesquisa, trabalhei com referenciais teóricos que tratam dos quilombos no Brasil especialmente sobre os quilombos contemporâneos e a ressemantização do termo no contexto de lutas por reconhecimento jurídico, político e cultural das comunidades negras rurais e urbanas. Em particular os autores RATTS (2001), ARRUTI (2003), O'DWYER (1995). Por se tratar de uma comunidade muito pesquisada, fiz um balanço das principais pesquisas realizadas em Mato do Tição com a finalidade de empreender também, um diálogo com essa bibliografia com vistas a analisar as mudanças ocorridas no quilombo desde a primeira pesquisa realizada nos anos oitenta do século passado.

Dialoguei com a bibliografia sobre infância, especialmente a sociologia da infância com destaque para os processos de configuração de culturas de pares e seus aprendizados nesses grupos. Busquei, igualmente, um recorte sobre a infância negra e,

sobretudo, sobre infância quilombola que é um campo ainda restrito nas agendas de pesquisa nas ciências sociais e na educação. Nos processos de análise de dados, essa bibliografia sobre crianças negras foi fundamental para compreender os processos de constituição da identidade das crianças de Mato do Tição e, os preconceitos sofridos por serem negras e quilombolas.

Também importantes foram as teorias de aprendizagem de participação na prática da vida cotidiana, bem como estudos e pesquisas sobre processos educativos em África e sobre as africanidades brasileiras<sup>2</sup> em educação, uma vez que o quilombo Mato do Tição carrega fortes influências da cultura afro-brasileira.

A observação participante foi central nessa pesquisa na qual busquei compreender as pessoas do Mato do Tição dentro de seus contextos tentando entendê-las a partir de suas vivências, de suas narrativas e dos significados que atribuem às coisas e ao mundo.

Particpei e observei as crianças em suas movimentações e circulações pelo quilombo; suas participações nas festas, oficinas e eventos; suas interações com seus pares e com os adultos; suas inserções no mundo religioso; suas brincadeiras; realização das tarefas domésticas e seus momentos conflituosos.

Observei participando de várias maneiras, em espaços e contextos diferentes tentando apreender, aos poucos, as partes de um conjunto que se constituiria nos modos de ser criança naquela comunidade. Esse conjunto observado está longe de ser a totalidade desses modos de “ser”, mas compreende um todo que me permite construir/reconstruir uma narrativa articulada com o que vi, com o que percebi e com o que vivi em diálogo com as minhas experiências e com teorias que fornecem elementos para a análise de como é ser criança no Mato do Tição.

No decorrer das visitas ao Mato do Tição e dos primeiros contatos com as crianças, me deparei com uma realidade complexa em diversos aspectos. Fui

---

<sup>2</sup> De acordo com Petronilha B. G. e Silva “A expressão africanidades brasileiras refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Reporta aos modos de ser, viver, organizar suas lutas, próprias dos negros brasileiros e de outro lado, às marcas da cultura africana que, independente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte de seu dia a dia. A africanidade ultrapassa o dado ou evento material, como um prato de sarapatel, uma apresentação de rap. Ela se constitui nos processos que geraram tais dados e eventos (...). Ela se constitui também nos valores que motivaram tais processos e deles resultaram (SILVA, 2003).

percebendo que teria que lançar mão de vários recursos metodológicos e instrumentos para ter acesso às crianças e ao que tinham para me dizer e mostrar. A busca por métodos e técnicas diferenciadas para a pesquisa com crianças tornou-se um enorme desafio. No entanto, a bibliografia pesquisada, que trata de metodologias de pesquisas com crianças, apresentou os mais variados métodos e técnicas, muitas delas pensadas e organizadas ante as demandas do campo.

Também tive a preocupação de que os espaços de narrativas das crianças fossem assegurados aliando, à medida do possível, a encontros/momentos prazerosos para elas, numa tentativa de aliar a ludicidade própria do mundo infantil ao diálogo em torno das questões da pesquisa. Não busquei somente informações, queria conhecer as crianças no intuito de compreender sua visão de mundo, suas relações socioculturais, suas formas de pertencimento.

Alguns dos instrumentos que utilizei têm sido muito usados em pesquisa com crianças como o desenho, a contação de histórias e as conversas informais. Outros foram apropriados de outros campos de estudo como a Geografia, a Agronomia e a Extensão Rural, cujos instrumentos foram adaptados ao contexto. Diante da complexidade de temas que precisava abordar e da especificidade concernente ao mundo da infância, fui variando a forma de abordar as experiências das crianças.

Dentre as possibilidades existentes nas metodologias de pesquisa com criança, além da **observação participante** lancei mão das **conversas direcionadas** focadas em uma temática especial, no caso as festas do quilombo e a experiência com o preconceito; **aplicação de questionário** para traçar o perfil das crianças; **abecedário e desenhos** para captar suas impressões sobre o Mato do Tição visando à percepção das crianças sobre o lugar em que vivem; **entrevistas semi-estruturadas** para tratar de temas variados envolvendo seu cotidiano, sua participação nas festas, processos de construção de identidade quilombola etc.; **passeio pelo quilombo** (juntamente com as crianças percorremos a comunidade visitando cada casa e outros espaços como capela, bares etc), para compreender como as crianças se apropriam dos diversos espaços do quilombo e suas relações com as pessoas, objetos, construções, artefatos e finalmente **confecção de um livro de tecidos** com histórias e desenhos das crianças, no qual foi possível apreender a partir de registro escrito, oral e visual suas impressões sobre o quilombo logo após o passeio.

De forma sucinta, posso dizer que as crianças de Mato do Tição estão imersas em um contexto que lhes permite vivenciar a infância de modo singular. Esse contexto situa-se em um campo mais amplo de resistência e de luta para manutenção dos laços que une aquele grupo desde a sua origem e fundação. Foi e é através dos laços familiares, das redes de solidariedade, da religiosidade, dos laços vitais de comunicação com o sagrado e em conjunto com o celebrar e o festejar que o Mato do Tição existe enquanto herança e patrimônio cultural afro-brasileiro. Dizendo de outra forma, os membros da comunidade de Mato do Tição estão unidos pelas suas práticas religiosas e culturais e por um sistema sociocultural cujos conteúdos remetem à herança legada por seus antepassados fundadores do quilombo e também aos seus ancestrais africanos. Às crianças do Mato do Tição são oferecidas várias oportunidades de aprendizagem e possibilidades de experimentar diversas formas de ser: crianças, negras, brancas, quilombolas, católicas e herdeiras de uma ancestralidade ancorada na luta e na celebração da vida em múltiplas dimensões do vivido e sentido.

Resumidamente, procurei com essa pesquisa perceber e compreender os diferentes modos de ser criança no quilombo de Mato do Tição considerando vivências, experiências e os diversos saberes instituídos, vividos, construídos e reconstruídos pelas crianças no chão onde vivem e pisam. Um chão marcado pelas lutas diárias de seus moradores pela sobrevivência, pelo reconhecimento, pela invenção e reinvenção de suas tradições afro-brasileiras.

### **Saberes sobre a infância e saberes da infância**

O campo de estudos sobre a infância é multidisciplinar e passou por vários processos de constituição. Tem como marco teórico e metodológico os estudos de ARIÉS com *História social da criança e da família*, publicado no Brasil em 1978. De acordo com diversos autores: KRAMER (2008), LEITE (2008), SIROTA (2001), CONHN (2000), os estudos de Ariés trazem para pauta das pesquisas a condição histórica e cultural das crianças. De acordo com Kramer, “os estudos de Ariés influenciaram pesquisadores e cientistas sociais do mundo inteiro quanto à mudança do papel da família ao longo dos séculos” e, conseqüentemente, quanto ao lugar da infância nas famílias e na sociedade a partir da modernidade. Importante considerar que os

principais campos de estudo estão nas áreas de História, Sociologia, Antropologia, Psicologia e Pedagogia, sendo que esses campos se interconectam para alcançar categorias de análises e caminhos teóricos para abarcar a complexidade dos estudos e das pesquisas sobre a infância.

Segundo SIROTA (2001), a sociologia da infância começa a delinear seus contornos através da oposição às concepções de infância reconstruídas como objeto sociológico a partir das instituições como a família, a escola e a justiça. Essa corrente teórica passa a reconsiderar a criança como ator social, compreendendo que as crianças têm uma vida cotidiana que não se reduz às instituições e ao mundo adulto.

No campo da educação, os estudos começam a ter como foco a criança e não apenas no aluno, caminhando para uma análise desescolarizada da infância. Para Sirota, a partir da década de 1990, os estudos sobre a infância se constroem na interseção de um número considerável de disciplinas das ciências sociais. Na educação, passa a ser considerada a importância da experiência no aprendizado das crianças, para além dos muros escolares.

Sirota, igualmente, apresenta uma conjunção de fatos históricos, sociais e jurídicos que também influenciaram o campo de estudos. Nesse caso, a autora destaca as legislações que estabelecem para as crianças e adolescentes o estatuto de sujeitos, merecedores de dignidade, portadores de direitos, seres completos, singulares.

Para SARMENTO (2009) a sociologia da infância visa compreender a sociedade a partir do fenômeno social da infância. Surgem abordagens renovadas da infância enquanto categoria social e também das crianças como “membros ativos da sociedade e como sujeitos das instituições modernas em que participam” (p.9). Nesse cenário, para o autor, surgem novos temas de estudo e novos eixos de análise que consideram a criança como sujeito social e histórico “com identidade diferenciada do adulto, delimitando formas próprias de significação do mundo” (p.10).

Nessa perspectiva, tem lugar especial o olhar do pesquisador para a singularidade da criança e seu processo de alteridade e autonomia com relação ao adulto. Mas sem desconsiderar que a definição de infância está associada também à relação de dependência da criança frente ao adulto “existe infância na medida em que historicamente a categoria etária foi constituída como diferença e que essa diferença é geradora de desigualdade” (p.22).

Nesse sentido é importante conhecer as diversas infâncias no que Sarmento chama de “heterogêneas” e que compreende as singularidades e diferenças que atravessam a categoria etária que congrega as crianças. Essa heterogeneidade diz respeito às diferentes pertencas de classe social, de gênero, de etnia, do contexto social rural ou urbano, de religião etc. Inscrevendo-se aí as crianças quilombolas praticamente invisibilizadas nos estudos sobre quilombos no Brasil e que só recentemente vem sendo alvo de alguns estudos e pesquisas.

GOMES (2008), aponta que no campo da Antropologia os estudos sobre as crianças tematizam a necessidade de considerá-las como atores sociais que participam das práticas sociais nas quais estão envolvidas. Estudar as crianças permite tirar da invisibilidade um segmento importante na compreensão dos processos sociais e culturais nos quais adultos e crianças estão envolvidos.

Os autores citados acima trazem para esse campo, relativamente novo de estudos, a preocupação com as metodologias de pesquisa na investigação da infância. Questões como: em quais metodologias se apoiar para alcançar as experiências das crianças e dar conta delas? Seria a abordagem etnográfica a mais pertinente? Como dar conta da multiplicidade das infâncias e seus contextos sociais? Estas questões apontam para os desafios que são enfrentados tanto teoricamente como empiricamente, delineando posições e concepções que imprimem diversidade nas abordagens.

Para o estudo proposto sobre as crianças quilombolas, o tema da cultura da das crianças é fundamental. Considerando-se a criança como sujeito e como produtora de cultura, é necessário compreender quais seriam os eixos estruturadores da infância. SARMENTO (2006), em seus estudos sobre as culturas da infância, aponta quatro eixos estruturadores das possíveis culturas infantis: interatividade, ludicidade, fantasia do real e reiteração. Considerando que esses eixos não compreenderem a totalidade do que poderia representar a cultura das crianças de forma geral e dos quilombolas em especial, e que existem muitos outros eixos estruturadores dos diversos modos de ser criança nas diversas culturas, tornou-se importante investigar quais outros eixos perpassam a cultura infantil quilombola em seu contexto singular.

A compreensão da cultura como conformadora de grupos e indivíduos aliada à compreensão de que estes atuam no mundo e na sociedade, contribuiu para uma inovação na antropologia da infância. A criança não é mais interpretada como um ser

incompleto, imaturo e, sim, como portadora de cultura e saberes próprios, em constantes interações com o mundo. Sendo assim, a antropologia aponta para diferentes formas de ser criança, buscando a compreensão dos universos infantis não como um reflexo do mundo adulto, mas como um mundo qualitativamente diferente. Portanto, as crianças não sabem menos que os adultos, elas sabem outras coisas, de outras maneiras. Nesse caminho, BUSS-SIMÃO (2005) nos informa que “as crianças sabem e dominam regras do mundo adulto, mas também sabem e se socializam com as regras das crianças, do mundo das crianças” (p.9).

A brincadeira, o “faz de conta”, a repetição, as interações com o meio e com os outros também são aspectos considerados na antropologia da infância. De acordo com COHN (2000), é preciso dar mais atenção às brincadeiras das crianças como um modo de conhecer e conhecer-se, tendo-se momentos de transmissão e recepção de conhecimento que lhes são próprios. A criança reconstrói o mundo a partir de seu olhar infantil. Importa para o pesquisador da infância um olhar e uma escuta sensível às singularidades do mundo das crianças. Nos dizeres de COHN “trazer os olhos, os ouvidos e o aprendizado das crianças”.

### **Estudos sobre as crianças negras**

Podemos dividir os estudos sobre a criança negra em dois grandes blocos. O primeiro refere-se aos estudos sobre a história das crianças negras e o segundo sobre relações raciais e educação e socialização.

No primeiro grupo a maioria das pesquisas retratam as crianças escravizadas e ou libertas. Na pesquisa “Levantamento bibliográfico: história da infância no Brasil” realizado pelo Grupo de Estudos de História da Psicologia Aplicada à Infância (GEHPA) da Universidade de São Paulo USP no período de 1926 a 2001, foram listados 176 referências de estudos sobre a história da infância no Brasil. Desses, encontrei 20 referências com a temática da criança negra e ou escravizada explicitados nos títulos.

### **Estudos históricos sobre as crianças negras**

Um marco desses estudos que tematizaram a história das crianças negras/escravizadas foi a pesquisa de Maria Lúcia Mott (1979) “*A criança Escrava na Literatura de Viagens*” na qual a autora apresenta a condição das crianças escravizadas no Rio de Janeiro a partir dos relatos de viajantes.

Através desse estudo podemos ter informações sobre a vida dessas crianças: alta taxa de mortalidade infantil motivada pelos poucos cuidados dispensados às suas mães durante a gravidez e logo após o parto; a possibilidade de ter uma infância condicionada ao mundo do trabalho escravo, crianças escravas consideradas como bichinhos de estimação pelas senhoras e pelas crianças filhas dos proprietários (FREYRE, 1987), ALTMAN (2008); a vida sexual das meninas iniciada a partir de doze anos; a inserção mais efetiva e sistematizada no trabalho a partir dos 10 anos para meninos e meninas que recebiam instruções para o exercício de alguns ofícios como: costura, barbearia, alfaiataria, etc.

Alguns outros estudos sobre crianças escravizadas FLORENTINO e GÓES (2008) enfatizam a forma como eram vistas, as negras nascidas no Brasil, como semelhantes aos animais e as africanas identificadas inclusive como macacos. Existia uma preferência de alguns senhores pelas crianças “mulatas” consideradas por estes mais inteligentes para determinados tipos de trabalho enquanto outros preferiam as africanas consideradas mais dispostas para o trabalho braçal e menos rebeldes segundo seus proprietários. As crianças escravizadas também recebiam diversos tipos de castigos corporais. Eram muitas as denominações dadas às crianças: crias e moleques eram as mais comuns. Sua condição de inferioridade com relação às crianças brancas era continuamente reafirmada aliando-se à precocidade para o início no trabalho, à ausência de educação formal, às precárias condições de subsistência e à alta taxa de mortalidade infantil.

Quando era permitido ficarem com os seus, notava-se uma presença marcante das mães na vida das crianças gerando um sistema de proteção que compreendia também uma forma de lutar e de resistir à escravidão. Os poucos batismos feitos por padrinhos influentes, tornava possível a compra da carta de alforria. A maioria das crianças era batizada por outros escravizados, fortalecendo os laços de solidariedade entre eles. Outras estratégias consideradas como resistência à escravidão adotadas pelas

mães das crianças eram o infanticídio, o aborto e a colocação dos recém-nascidos nas rodas dos expostos para não verem sua descendência escravizada.

A pesquisa realizada por Marcus Vinícius Fonseca (2000) tratou do intenso debate em torno da educação das crianças após a Lei do Ventre Livre (1871) e das políticas implantadas pelo Estado a partir de sua promulgação. Fonseca destaca o debate em torno da educação das crianças nascidas após a Lei como uma importante tomada de consciência por parte do poder público de que a educação seria um elemento fundamental de inclusão social. Existiam duas alternativas para as crianças tornadas livres: uma na qual ficariam sob a tutela dos senhores de suas mães até os 21 anos, podendo o senhor usufruir de seu trabalho durante esse período e outra em que aos 8 anos seriam entregues ao Estado mediante indenização. Nesse caso, o autor constata que o número de crianças que ficaram sob a tutela do governo foi infinitamente menor do que aquele que permaneceu sob os cuidados dos senhores.

Para atender as crianças colocadas à disposição do Estado foram estabelecidas parcerias com associações privadas que criaram instituições como as colônias agrícolas e as associações orfanológicas. As primeiras aliando instrução e formação para o trabalho e a segunda educação e instrução, abrangendo não somente as crianças “filhas” da Lei do Ventre Livre mas também as crianças desvalidas e abandonadas.

O autor conclui que mesmo tendo sido instauradas tentativas de educação das crianças negras libertas, fora das instâncias privadas, com reduzido número de crianças atendidas pelas instituições responsáveis pela educação e instrução das crianças livres, manteve-se o histórico sistema de exclusão dos negros escravizados ou não.

### **Estudos contemporâneos sobre as crianças negras**

Os estudos contemporâneos sobre a criança negra concentram-se naqueles sobre relações raciais e educação. A maioria desses denunciando as situações de discriminação racial e de racismo aos quais as crianças negras estão expostas. Essas situações são desencadeadas no interior das escolas e das instituições educacionais, tendo como agentes adultos e crianças. Alguns dos principais estudos desse campo são CAVALEIRO (2000), SILVA (1995), GODOY (1996), ROSEMBERG (1987, 2001),

SOUZA (2002), DIAS (2002), OLIVEIRA (2004), ZINIANI (2003) dentre outros. A maioria desses estudos trouxeram importantes temas relativos às relações étnico-raciais na educação desnudando a estrutural desigualdade existente entre brancos e negros. As desigualdades estão expressas em currículos que não consideram a diversidade étnico-racial da população brasileira, em constantes situações de preconceito e discriminação impetradas por adultos e crianças no interior das escolas; nas dificuldades de acesso das crianças negras à educação infantil e às dificuldades de permanência nos outros níveis de ensino.

As autoras SILVA (1995), FAZZI (2004) e TRINIDAD (2011) realizaram estudos importantes sobre a identidade das crianças negras trazendo para o universo da pesquisa a voz das dessas crianças. O primeiro e o segundo trataram das formas como as crianças negras são hostilizadas por colegas de escola através de atitudes preconceituosas no interior das instituições de ensino. Destacaram as consequências desse processo para o desenvolvimento educacional e psicológico das crianças negras, analisando o profundo sofrimento vividos por elas.

O estudo de Trinidad teve como foco o processo de identificação étnico-racial das crianças em uma instituição de educação infantil e revela quão complexo é esse processo. A autora alerta para a importância da ampliação dos estudos com a temática étnico-racial que adotem como pressuposto teórico metodológico a escuta das crianças. Segundo Trinidad, tal postura tornará possível compreender as crianças negras para além dos processos de vitimização aos quais estão sujeitas.

A esse respeito, mais recentemente os estudos coordenados por ABRAMOWICZ (2010), procuram dar outra interpretação sobre a vida e a condição das crianças negras tanto nos estudos históricos como nos contemporâneos. Buscando dar voz às crianças, percebendo-as, mesmo nas situações hostis, como sujeitos da história, com suas atuações positivadas fazendo frente às adversidades da escravidão e do racismo.

As pesquisadoras ABRAMOWICZ, OLIVEIRA e RODRIGUES (2010) em pesquisa sobre levantamento de fontes relacionadas à criança negra no período de 2000 a 2007, apontam duas categorias para pensar esses estudos “a criança negra”, primeira fase das pesquisas: “a criança negra corresponde a um momento da pesquisa sobre raça que denunciava o racismo existente na escola, na sociedade e que estava expresso nos

indicadores econômicos e educacionais de todos os níveis de ensino”. A segunda fase denominada “uma criança e negra: “Nessa fase há clareza da potência, da possibilidade e da inevitabilidade de atravessar a realidade social a partir da ideia de raça”. De acordo com as autoras “a ideia de uma criança negra refere-se à passagem de uma visão que pensa a criança para uma visão que vê uma criança. A criança: única e universal para uma criança: singular e múltipla” (p.5).

A proposta dessa segunda categorização traz a tona uma dimensão que permite pensar a criança negra e suas infâncias na perspectiva da experiência, uma experiência afirmativa apesar das hostilidades, das adversidades e das condições difíceis enfrentadas pela maioria das crianças negras no Brasil e também pelas crianças quilombolas. É no contexto dos estudos que focalizam as crianças negras que a presente pesquisa realizará um recorte específico, a saber, as crianças quilombolas.

### **Estudos sobre educação quilombola**

Os estudos sobre educação quilombola começam a ter um crescimento recente nas agendas de pesquisa. Em consulta realizada em oito edições das reuniões anuais da ANPED (Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação) no período 2002-2009, foi encontrado apenas um trabalho enfocando o tema de educação e quilombo: REIS (2003); e mais um sobre educação em comunidades rurais negras não identificadas como quilombos: NUNES (2004). A pesquisa foi feita no Grupo de Trabalho da ANPED que atualmente intitula-se Educação e Relações Étnico-Raciais. Apesar de ser uma consulta incipiente, pois não foram considerados os outros GTs, o resultado aponta para uma possível escassez de estudos relacionados à educação e quilombos.

Em pesquisa realizada nas quatro edições do Concurso Negro e Educação, promovido pela ANPED e Ação Educativa, no período compreendido entre 1999 a 2006, foram encontrados quatro estudos sobre a temática: LIMA (2003); REIS (2003); MARQUES (2003) e AMARAL (2005). Os três primeiros estudos trazem à tona o processo de escolarização de crianças quilombolas, a relação das escolas com as comunidades e os processos de discriminação racial vivenciados por elas nas escolas. O

último faz um estudo a respeito das relações com o meio ambiente estabelecidas pelos quilombolas de uma comunidade do Amazonas.

As pesquisadoras PADILHA e NASCIMENTO (2013) realizaram uma pesquisa intitulada “Comunidades Quilombolas Brasileiras na Perspectiva da História da Educação: Estado da Arte”. Apresentaram um levantamento organizado a partir de consulta ao banco de dados da CAPES no período de 1987 e 2012. Esse é um estudo que congregou um número significativo de trabalhos na temática, apesar de não constarem alguns estudos que localizei a partir de outras fontes de consulta. Localizaram 6 teses e 38 dissertações sobre o tema, conforme ANEXO 1<sup>3</sup>.

Essas pesquisas trazem contribuições importantes para a compreensão dos processos educacionais envolvendo populações quilombolas. Apresentam importantes reflexões na forma como as instituições educacionais lidam com os estudantes quilombolas demonstrando as fortes expressões de preconceito e desvalorização da cultura local (SILVA, 2011), (MARQUES, 2004); investigação sobre políticas de implementação de educação diferenciada para quilombolas (SOARES, 2012) e casos em que as instituições educacionais desenvolvem projetos considerando a cultura afro-brasileira e quilombola (SANTIAGO, 2005). No entanto, permanecem lacunas referentes à educação para além da escola, para as aprendizagens situadas no “chão” das comunidades. Em sua maioria, os estudos estão focados nos adultos, nas relações que estabelecem com as crianças enquanto professores, familiares, gestores. As crianças como sujeitos histórico-sociais, reconhecidas como atores sociais e produtoras de culturas, pouco aparecem nessas pesquisas. No caso do levantamento exposto acima somente dois trabalhos trouxeram as crianças como tema central demonstrando que é necessário ampliar as pesquisas com foco nas crianças quilombolas.

Em 2006, o MEC realizou uma publicação intitulada *Dimensões da inclusão no Ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Na terceira parte do livro, intitulada *Educação formal e informal nas comunidades negras rurais*, são apresentados cinco artigos, frutos de pesquisas em comunidades

---

<sup>3</sup> Consideramos importante reproduzir o levantamento devido a importância de estudos dessa natureza para o campo de pesquisas sobre quilombo e educação. No relatório da pesquisa essas informações estão diluídas no texto optamos por construir essas tabelas para facilitar e quantificar as informações referentes aos conteúdos e temas de cada produção.

quilombolas. Nesses artigos são apresentadas questões fundamentais para a compreensão da educação dos quilombolas, tais como: desafios das intuições escolares em trabalharem um currículo que contemple a história e cultura dos quilombos, importância dos saberes embasados na experiência e nas tradições e o distanciamento da escola formal em relação às vivências e lutas quilombolas dentre outros: (NUNES), (MOURA), (PINTO), (RATTS, COSTA e BARBOSA) e (FERREIRA).

Mais recentemente temos estudos sobre as crianças quilombolas e alguns que trabalham na perspectiva da sociologia e antropologia da infância procurando captar as vozes das crianças. Em outro levantamento bibliográfico que realizei em 2014 foram localizadas algumas pesquisas sobre crianças quilombolas, destacamos abaixo algumas delas.

SPINDOLA (2008) realizou estudo sobre a cultura da criança quilombola em uma comunidade do Mato Grosso do Sul e trouxe a tona as brincadeiras, canções e histórias infantis que circulam no quilombo. Utilizou-se de entrevistas com os adultos, observação e fotografia para compor os seus dados. Destaca-se nesse trabalho o inventário dos elementos da cultura infantil colhidos no campo.

SILVA (2011) desenvolveu pesquisa em duas comunidades quilombolas analisando principalmente a invisibilidade das crianças nas políticas públicas voltadas para os quilombos. Apresenta uma interessante análise das ausências das crianças no que diz respeito às políticas educacionais, de saúde e assistência social criticando os programas que desconsideram a realidade de cada quilombo tais como o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). A autora utilizou como fonte de pesquisa as entrevistas feitas com adultos quilombolas e com gestores do MEC/SECADI ( Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão) além da análise de documentos oficiais.

CHISTÊ (2012) analisou o processo de constituição identitária da criança negra e quilombola em um quilombo do Espírito Santo. A autora adota a perspectiva das crianças como produtoras de história e cultura, que precisam ser entendidas situadas em seu contexto sociocultural. Conclui que a vida das crianças no quilombo é marcada pela ludicidade, pela produção cultural, pela interação entre pares e pelo pertencimento comunitário. Também destacou as vivências com a discriminação racial e os efeitos dessa discriminação na constituição da identidade da criança negra e quilombola.

PAULA (2014) realizou pesquisa em duas comunidades quilombolas de Santa Catarina e em duas instituições de educação infantil objetivando compreender e analisar as relações educativas desenvolvidas nos dois quilombos e nas duas escolas. Destacou a vivência das crianças nas comunidades realçando o que chamou de “promoção de uma cultura infantil quilombola” através das brincadeiras e participação na vida do quilombo. Analisou as forma de reação das crianças quando expostas à situações de preconceito e discriminação por serem negras e quilombolas. Concluiu que as estratégias desenvolvidas pelas crianças revelaram o alto grau de cumplicidade dessas para com seu grupo de pertença: a sua comunidade quilombola. Segundo a autora as crianças reagiam criticamente e criativamente frente às tentativas de sua exclusão motivadas por seu pertencimento étnico-racial e quilombola.

Esses estudos foram fundamentais para situar tanto as temáticas que emergiram do meu campo de estudo como as análises dos dados principalmente no que se refere à construção dessa cultura infantil quilombola e também dos processos de identidade das crianças de Mato do Tição.

Nesse contexto, em um campo de estudos ainda em constituição, que se investigou os modos de ser criança na comunidade quilombola de Mato do Tição; os processos de aprendizagens inerentes a essa fase da vida através das brincadeiras, da participação nas atividades cotidianas, das festas, dos cultos e das cerimônias religiosas.

De acordo com MOURA (2005), as crianças quilombolas aprendem em suas comunidades porque participam de todas as atividades: “todo o processo é participativo e as crianças e os jovens querem tomar parte nos rituais porque eles fazem parte da sua vivência e reafirmam a noção de pertencimento àquela comunidade (p.261). Destaca-se, assim, a construção de saberes referenciados na experiência.

Dessa forma, na busca dos saberes instituídos, vividos, construídos e reconstruídos pelas crianças em diversos espaços e culturas que se pesquisou os modos de ser criança em uma comunidade quilombola em Minas Gerais. Não desconsiderando os seus contextos marcados também pelas dificuldades diárias na luta pela sobrevivência, por reconhecimento, por respeito e ainda considerando o acúmulo teórico das pesquisas sobre infância. Além de buscar alargar o campo de pesquisa ainda escasso sobre a educação e a infância quilombola.

As crianças quilombolas teriam possibilidades de vivenciar sua infância com momentos significativos para as brincadeiras, o lúdico as fantasias? Que condições são oferecidas a essas crianças para viverem com dignidade o seu tempo de ser criança? Seus direitos estão sendo respeitados e considerados pelos adultos? Que conhecimentos elaboram? Essas foram algumas das questões lançadas na pesquisa e acabei me surpreendendo com os resultados que me colocaram a frente de um universo muito além do que as respostas a essas questões puderam abarcar. Certamente após concluir a pesquisa as perguntas são outras.

### **Os contornos da pesquisa**

Minha entrada no campo de pesquisa se deu no ano de 2012 quando iniciei as visitas a três quilombos para a definição de qual deveria pesquisar. Em meu projeto de pesquisa, apresentei a possibilidade de pesquisar dois quilombos para estabelecer comparações entre os modos de ser criança presentes nas duas comunidades. No entanto, no decorrer da construção do processo de pesquisa, compreendi a complexidade e as dificuldades estruturais, financeiras e geográficas de realizar a pesquisa em duas comunidades e considerando-se a necessidade de aprofundamento que o tema merecia.

Para a escolha do campo de pesquisa, visitei três comunidades localizadas na Região Metropolitana de Belo Horizonte nessa ordem: Pinhões em Santa Luzia, Chacrinha dos Pretos em Belo Vale e Mato do Tição em Jaboticatubas. A localização mais próxima da capital mineira foi também um critério diante da maior facilidade de deslocamento para a realização da pesquisa.

Em Pinhões, no contato com a principal liderança, obtive informações de que a comunidade estava em um momento de indefinição quanto ao auto reconhecimento. Contou-me que os mais velhos da comunidade não gostavam de fazer essa discussão, pois temiam um suposto retorno ao período da escravidão. Também em consulta ao site da Fundação Cultural Palmares, constatei que a comunidade, não estava na lista daquelas identificadas. Esses fatos me fizeram descartar o estudo na comunidade uma vez que tinha como um dos objetivos compreender como as crianças construíam uma suposta identidade enquanto quilombolas.

Em Chacrinha dos Pretos também tive contato com uma das principais lideranças que me deu informações sobre a comunidade, as principais demandas daquele momento, a existência de um número significativo de crianças, a existência de uma escola pública no local etc.

Em Mato do Tição, o contato foi feito com uma liderança da Associação Quilombola que também me deu informações preliminares sobre o quilombo, as demandas do momento, o número de crianças e famílias e demonstrou um interesse muito grande em que a pesquisa fosse realizada naquela comunidade.

Nas três visitas, além da conversa com as lideranças fiz um pequeno passeio pelo local conhecendo os principais pontos de encontro das pessoas, como as ruínas em Chacrinha dos Pretos, a Praça da Igreja em Pinhões e o Bar do Ley em Mato do Tição. Das três comunidades, a que tinha uma infraestrutura mais semelhante aos bairros urbanizados era a de Pinhões que possuía ruas calçadas, ônibus que levava para a cidade de Santa Luzia e Belo Horizonte e um número expressivo de casas distribuídas por muitas ruas. As demais eram semelhantes às comunidades rurais com ruas de terra e sem transporte coletivo. Mato do Tição era a única que não possuía escola dentro de seu território.

A escolha da comunidade se deu principalmente pelas informações que tive com aquela que viria a se tornar minha principal informante. Ela me mostrou fotos, vídeos, contou sobre os mestres guardiões da cultura etc. O contato da comunidade com pesquisadores de diversas universidades, a presença de ONG oferecendo ou executando projetos, a existência de Ponto de Cultura, a presença constante de grupos culturais realizando parceria e desenvolvendo projetos, o extenso calendário festivo e a visibilidade do quilombo para além do município faz do Mato do Tição um quilombo que guarda inúmeras especificidades para a realização da pesquisa. Essas especificidades serão bem detalhadas no próximo capítulo. Foi também a complexidade e singularidade do contexto de Mato do Tição que me conduziram para as definições de quais instrumentos de coleta de dados utilizar, em outras palavras, foi a riqueza do contexto, entrelaçada com a especificidade da pesquisa com crianças, que definiu o processo metodológico.

A pesquisa foi iniciada com um grupo de quinze meninas e três meninos com idade entre 2 e 15 anos. Em seguida acompanhei um grupo que variou de oito a doze

crianças com idade entre 4 e 13 anos, desse total apenas um menino. Posteriormente foi feito um aprofundamento com um grupo de 6 meninas e um menino que participou de todas as atividades desde o início. O número reduzido de meninos pode ser explicado pela contingência da configuração do grupo com maioria de meninas e também pelo fato da pesquisadora ser mulher produzindo uma interação mais fluente com as meninas. Apesar da pouca interação com as crianças pequenas, ou seja, aquelas menores de 6 anos, elas estavam presentes em diversas atividades realizadas no decorrer da pesquisa compondo um grupo de 4 meninas e 1 menino.

Além das crianças, tive adultos como interlocutores: mais esporadicamente com um grupo de 4 homens com idade entre 35 a 92 anos; com mais frequência com um grupo de 9 mulheres com idade de 30 a 82 anos.

A diversidade de recursos metodológicos utilizados trouxe a tona um conjunto de temas relativos às experiências vivenciadas pelas crianças em seu cotidiano tais como as brincadeiras e formas de interação entre pares, a comensalidade, formas de percepção do lugar em que vivem e suas interações com as pessoas, a participação das crianças nas festas, a realização de tarefas domésticas, os conflitos entre pares, a relação com a escola, a identidade étnico-racial e quilombola e, finalmente, as variadas formas de aprender e de ensinar situadas nas práticas cotidianas.

A exploração de diversas metodologias não só enriqueceram meu repertório enquanto pesquisadora como abriu um leque de possibilidades que não foi possível explorar a todos com maior profundidade considerando os limites dessa pesquisa. O tema das aprendizagens constitui um exemplo de temática que merece ser expandido e aprofundado futuramente.

## CAPÍTULO 1

### A COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MATO DO TIÇÃO – UM CONTEXTO SINGULAR

O campo das pesquisas sobre quilombos encontra-se bem consolidado nos estudos históricos. Observa-se que nos anos trinta muitos estudos foram realizados nas ciências sociais, focados principalmente na cultura. RATTTS (2001) aponta que nos anos sessenta e setenta do século XX, os estudos são marcados por concepções políticas dos quilombos como resistência negra e inspiradores da luta dos movimentos sociais negros, destacando-se autores como Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Décio Freitas, João Batista Borges Pereira, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. Esses autores aprofundaram as questões históricas e políticas na constituição e existência dos quilombos passando pelas questões de reconhecimento, cultura e religiosidade. No entanto, esse conjunto de autores ainda está identificado com uma visão que inspira concepções ainda recorrentes de quilombo “enquanto comunidade isolada e isolacionista que pretendia recriar a África pura nas Américas” (REIS e GOMES, 1996, p11).

Mais recentemente, João José Reis, Alex Ratts, José Maurício Arruti, Ilka Boaventura Leite, Neusa Maria Gusmão e Alfredo Wagner Berno de Almeida, realizaram estudos históricos e antropológicos. Tais autores contribuíram para a ressignificação e ressemantização do conceito de quilombo, na esteira das lutas contemporâneas dessas comunidades, deslocando o olhar de certa mitologia erigida pelo quilombo de Palmares para agrupamentos negros rurais e urbanos, com seu potencial enquanto movimentos de afirmação de direitos identitários e da diversidade de motivações na estruturação das comunidades.

### 1.1. Quilombos contemporâneos – Ressemantização do termo

No decorrer dos últimos séculos, através das mais variadas formas, africanos e seus descendentes se agruparam em comunidades pelo território brasileiro. De acordo com REIS e GOMES “onde houve escravidão, houve resistência” (1996, p.9) e essa se traduziu, dentre outras maneiras, em quilombos.

Historicamente, a organização dos quilombos nas Américas colonizadas constituiu-se como uma forma utilizada pelos escravizados em busca de liberdade, como alternativa ao sistema escravista predominante nas colônias. Muitos dos quilombos foram constituídos em locais de difícil acesso o que impediria a sua descoberta pelos senhores e capitães do mato no caso do Brasil. Cada grupo quilombola organizou a sua maneira formas de manutenção da vida através do plantio de roças, da criação de animais, das trocas com as populações envolvidas etc. O exemplo clássico de autogestão e auto sustentação é do quilombo de Palmares localizado na Serra da Barriga em Alagoas que se manteve enquanto estrutura econômico-social e política durante mais de um século e transformou-se em símbolo de resistência, constituindo-se como um mito, inspirador das lutas dos movimentos negros brasileiros.

De acordo com RATTS (2001), na efervescência dos “novos movimentos sociais” de finais dos anos 70 e 80, Palmares também se constituiu como referência para diversos intelectuais e militantes do movimento negro que evidenciavam o quilombo como ideal da resistência, da liberdade, da comunalidade e da solidariedade. Para RUFINO (1985) o negro quilombola era o portador da utopia, uma utopia de comunhão entre os negros por força da opressão, luta e resistência. Assim como Abdias Nascimento (1980) cunhou o termo “quilombismo” para propor uma forma de organização do movimento negro ancorada em uma atuação pan-africanista inspirado no modelo do que foi o quilombo dos Palmares. Beatriz Nascimento, intelectual e militante negra que segundo RATTS (2007) foi uma das pesquisadoras que mais se dedicou ao tema dos quilombos, também expressava essa concepção alargada do quilombo como simbologia e ideologia da resistência negra no Brasil: “a utilização do termo quilombo passa a ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta” (NASCIMENTO 1989, apud. RATTS, 2007, p. 53).

Todo esse movimento tanto de intelectuais negros como de militantes, ainda vinculavam suas reflexões ao quilombo do passado, presos nas concepções de quilombos constituídos somente através da fuga de escravizados situados em localidades isoladas, concepção essa originária do sistema repressor da colônia<sup>4</sup>.

No entanto, agrupamentos negros também se organizaram de outras formas que não a de escravizados fugidos. Com o término da escravidão, grupos significativos dirigiram-se para regiões onde já existiam quilombos, organizando outros tantos através da ocupação de terras distantes dos núcleos centrais; terras doadas a santos, espaços abandonados por mineradores, hectares doados por antigos senhores e aquisições próprias.

Esses agrupamentos, ora nomeados como comunidades negras rurais, ora como agrupamentos negros rurais, terras de preto etc. passaram a ser alvo de uma significativa produção acadêmica a partir das comemorações do Centenário da Abolição em 1988 que revelaram a existência de inúmeras comunidades negras espalhadas pelo Brasil e constituídas das mais diversas formas.

A atuação do movimento negro brasileiro nesse período aliadas à divulgação dos estudos sobre as terras de preto impulsionou uma mobilização em torno da necessidade de se criar uma legislação para proteção dessas comunidades. A proposta chegou à Assembleia Nacional Constituinte desembocando na publicação do ART. 216 Inciso V. parag. 5º:

Ficam tombados todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

Disposições transitórias – Art. 68 – Aos remanescentes de comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

Nesse cenário, empreenderam-se debates em torno da utilização ou não do termo quilombo para essas comunidades “recém descobertas” pelos pesquisadores. O

---

3. Em 1740, o Conselho Ultramarino, órgão colonial responsável pelo controle central patrimonial, considera quilombo ‘toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles’ (MOURA, 1981, p.16, op. cit. RATTTS, 2001, p. 312).

debate ancorava-se justamente na diversidade de formas de acesso às terras, de formas de existir e de se organizar dessas comunidades. Poderiam essas *terras de preto* serem chamadas de quilombos e pleitearem o reconhecimento legal em decorrência disso?

Esses debates contribuíram para a mobilização e organização das comunidades negras articuladas aos movimentos negros do Brasil. Iniciam-se em algumas localidades do País, encontros e seminários e, em 1995, realiza-se o 1º Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais com representantes de 26 comunidades além da continuidade dos debates acadêmicos alertando para a necessidade de ressemantização do termo quilombo considerando a diversidade de origem dos mesmos.

Os debates e lutas culminaram na publicação do Decreto 4.887/03, que regulamentou os procedimentos para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por esses grupos, ficando instituído que a caracterização das comunidades como remanescentes de quilombos poderia ser atestada mediante autodefinição dos membros das próprias comunidades, estendendo-se a caracterização de remanescentes de quilombos não somente àqueles quilombos históricos, constituídos de escravizados fugidos, mas, também, às comunidades negras constituídas a partir de diversos marcos fundadores, sejam heranças de antigos senhores, compra de terras por pessoas ou grupos familiares, ocupação de terras abandonadas por senhores de escravos etc. De acordo com O'Dwyer:

Contemporaneamente, portanto, o termo Quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram construídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio. A identidade desses grupos também não se define pelo tamanho e número de seus membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo (1995, p.2).

Compartilho com a definição de quilombo apresentada por O'Dwyer e outros autores como RATTIS (1998) e ARRUTI (2003), mas com a preocupação de que essa “nova” conceituação ou ressemantização não se constitua como uma imposição

para que grupos e comunidades negras tenham que, obrigatoriamente, se adequar ao reconhecimento de seus direitos, considerando-se que podem existir comunidades que ainda não aceitaram a identificação como quilombolas mas que carregam as características que as constituem enquanto grupos detentores de direitos, guardiãs de culturas próprias, auto identificadas como negras/pretas. Temos como exemplo dessa situação a comunidade de Pinhões, localizada em Minas Gerais, que tem desenvolvido um extenso debate em torno da possível autoidentificação como quilombolas e os desdobramentos disso quanto ao pleito da posse coletiva de suas terras já que o território de Pinhões foi dividido em lotes/propriedades individuais.

## **1.2. Lutas por reconhecimento**

Apesar da existência histórica dos quilombos, os mesmos não foram reconhecidos em seus direitos culturais, políticos e territoriais até a constituição de 1988. O processo de reconhecimento, não só do ponto de vista da titulação das terras e da identificação das comunidades, mas também de uma reconstrução de identidades, de afirmação de direitos, associa-se a um longo processo de discriminação, desrespeito, estigmatização e negação de direitos. O atual contexto de efervescência de identificação de comunidades negras como quilombolas está inscrito em um cenário de exigências legais que trouxe à tona a possibilidade dessas comunidades e seus indivíduos se depararem com uma identidade grupal marcada pela memória, pelo território e pelas marcas de etnicidade.

O processo de lutas das comunidades quilombolas pode ser compreendido a partir da teoria do reconhecimento que tem autores como Honneth, Fraser, Taylor<sup>5</sup> como seus principais expoentes. Para HONETH (2003), o indivíduo está sempre

---

<sup>5</sup> Os teóricos aqui citados constam a título de contextualização, pois nos limites dessa pesquisa, não seria possível de realizar uma discussão sobre o pensamento de cada autor e as diferenças entre eles. Estou ciente do debate entre Fraser e Honneth quanto às discussões em torno das políticas redistributivas e das questões ligadas às justiça ditas culturais. Fiz aqui a opção por utilizar a teoria do reconhecimento na perspectiva de Honneth por compreender a princípio que suas formulações podem nos ajudar no entendimento, mesmo que parcial, das lutas das comunidades quilombolas pelo reconhecimento de suas particularidades enquanto grupo étnico. Também, como veremos, as experiências das crianças quanto a discriminação sofrida por serem quilombolas e negras constituem formas de sofrimento causadas inclusive pelo não reconhecimento de suas diferenças tanto culturais como étnico-raciais.

vinculado em uma complexa rede de relações intersubjetivas e que, conseqüentemente, ele é dependente estruturalmente do reconhecimento dos outros. Para esse teórico é o não-reconhecimento que está na base dos sentimentos de sofrimento, humilhação e privação de direitos.

A luta quilombola expressa-se como exemplo dessa busca pelo respeito de um grupo social historicamente colocado à margem das políticas públicas e do acesso aos direitos fundamentais para a sua existência.

A identidade quilombola foi e está sendo tecida e enriquecida nas lutas históricas por reconhecimento e reafirmadas pelos marcos legais que contribuíram para a compreensão da diversidade dos quilombos no Brasil. Mas não podemos crer que os processos identitários das comunidades negras no Brasil passam exclusivamente pelos marcos legais e pelas exigências para identificação e titulação.

Se considerarmos os processos comuns da teoria do reconhecimento, podemos compreender que também essas comunidades têm outras motivações para empreenderem sua luta por reconhecimento e, ao mesmo tempo, se identificarem como comunidades que possuem trajetórias históricas comuns marcadas por práticas culturais semelhantes, por relações de parentesco e também por experiências de discriminação, racismo e desrespeito. Essas comunidades, em sua maioria se viram ameaçadas em sua integridade territorial e física, sendo que o elo para a não fragmentação foi a recorrência a um passado e vida comuns que os agregou enquanto grupo/comunidade. Em Honneth a dinâmica da luta pelo reconhecimento parte da relação entre não reconhecimento e posterior reconhecimento jurídico-político no que tange alguma particularidade ou uma diferença que não era reconhecida anteriormente e que passa a pretender tal “status.”

Nas lutas por reconhecimento, as comunidades quilombolas também lançam um novo olhar sobre si mesmas. Ao recordar o passado, veem-se marcados pela sua identidade negra. Muitas vezes uma identidade atribuída pelo outro não negro que se diferencia desse grupo e o discrimina. Em muitas comunidades, são comuns os relatos de espoliação, exploração, enganação e discriminação realizadas por aqueles que estão em seu entorno.

Ao se remeter a dimensão moral da luta por reconhecimento, Honneth nos ajuda a compreender o caráter político e instrumental da identidade das comunidades quilombolas. Ao distinguir formas de reconhecimento e desrespeito, o autor nos alerta

para a presença de normas morais do cotidiano social. Nesse sentido, nada pode garantir que os sentimentos de injustiça e desrespeito se tornem uma convicção política e moral que motive a ação coletiva de determinada comunidade.

Somente uma análise que busca compreender as lutas sociais a partir também da dinâmica das experiências morais é que pode auxiliar a definição de uma lógica que institui os movimentos sociais (Honneth, 2003, p. 224).

Nessa perspectiva, além do sentimento de injustiça e, das experiências de desrespeito junta-se o contexto político-jurídico impetrado pelo Artigo 68 da Constituição Federal (op. Cit. P. 23). Ao mesmo tempo em que o marco legal potencializa as ações sociais nas lutas por reconhecimento, as noções de justiça/injustiça associadas à história de cada comunidade também contribuem para os novos processos indenitários das comunidades quilombolas.

### **1.3. Contexto das Comunidades Quilombolas no Brasil**

A realidade das comunidades quilombolas espalhadas por todo o Brasil é marcada, ainda, por muitos conflitos fundiários, discriminação, dificuldades socioeconômicas, luta por reconhecimento e principalmente pela legalização das terras através de titulação oficial expedida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA processo moroso e sofrido dado a complexidade que envolve a questão agrária no país.

Nesse contexto, de acordo com a Fundação Cultural Palmares (FCP)<sup>6</sup>, existem no Brasil 3.524 comunidades identificadas e 2.408 comunidades certificadas, 549 identificadas e que não solicitaram emissão de certidão de autodefinição<sup>7</sup>. No INCRA,<sup>8</sup> existem atualmente 1.281 processos abertos para titulação de terras, e 154

---

<sup>6</sup> Dados de 25/03/20, disponível em: [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=8803](http://www.palmares.gov.br/?page_id=8803).

<sup>7</sup> De acordo com Decreto Presidencial 4887/03, é necessário que a comunidade solicite a certidão de autodefinição como quilombola para que a FCP emita o certificado.

<sup>8</sup> Dados atualizados pelo INCRA em 08/04/2014.

títulos emitidos de propriedade das terras, isto é, que tiveram a regularização fundiária através de diversos órgãos como INCRA e outros institutos da terra de alguns estados brasileiros. O maior número de comunidades certificadas encontra-se, nessa ordem, nos estados da Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Pará e Pernambuco.

Apesar dos avanços nas políticas públicas e na legislação, é necessário ainda muito investimento para que as populações quilombolas possam viver dignamente e com seus direitos reconhecidos e respeitados.

A certificação das comunidades quilombolas compreende o reconhecimento destas e, em tese, deveriam desencadear diversas ações no campo das políticas públicas: saúde, saneamento, geração de emprego e renda, educação, políticas de valorização do patrimônio cultural etc. No entanto, a efetivação dessas políticas ainda se dá de forma lenta, estando mais avançada naquelas comunidades em que as organizações políticas quilombolas atuam de forma mais contundente.

No que diz respeito à educação formal, de acordo com dados do censo escolar de 2012 divulgados pelo INEP (Instituto Nacional de pesquisa em Educação) em 2013, existem 1.997 estabelecimentos de ensino localizados em áreas remanescentes de quilombos; 212.987 matriculados; 29.640 na educação infantil, 149.336 no ensino fundamental, 12.262 no ensino médio, 127 na educação profissional, 34 na educação especial e 21.588 na educação de jovens e adultos. Além dos 1.997 estabelecimentos de ensino nas áreas quilombolas pelo menos 585 estão localizados fora dessa área e recebem estudantes quilombolas.

De acordo com dados do MEC, a maioria dessas escolas encontra-se em condições precárias, com número reduzido de professores, sendo que esses possuem pouca formação para atuarem no Magistério.

Também foi constatada a grande utilização de transporte escolar rodoviário público, acima de 94% nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste; 67,1% Nordeste e 53,7 Norte e também nessa região 45% utilizam transporte aquaviário.

A declaração de raça/cor dos estudantes quilombolas no censo escolar de 2012 foi:

---

- 37,1% - não declararam;
- 55,1% - negros (pretos e pardos);
- 7,2% brancos;
- 0,4% indígenas;
- 0,3% amarelos.

No momento existem ações governamentais que buscam a constituição de uma política de educação para os quilombos, mas a efetivação da educação quilombola ainda tem um longo caminho a percorrer.

As ações principais dizem respeito, principalmente, à melhoria da infraestrutura das escolas, à capacitação de professores e à distribuição de materiais didático-pedagógicos. Os intelectuais e os ativistas defendem a elaboração de materiais que considerem a história e cultura das comunidades, regionalidades, respeito às tradições culturais, preservação cultural e, principalmente, constituição de metodologias ou de uma pedagogia que contemple os valores culturais quilombolas.

A realidade das crianças quilombolas é atravessada por inúmeras dificuldades. De acordo com dados da SEPPIR - Secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial, as crianças quilombolas, que nem o governo nem a sociedade civil sabem quantificar o número exato, habitam áreas sem serviços públicos básicos, como água encanada, rede de esgoto, telefonia e até energia elétrica. As famílias costumam viver da agricultura de subsistência, atividade que atravessa gerações. As comunidades não costumam ter postos de saúde e as escolas, quando existem, têm apenas os primeiros anos do Ensino Fundamental. Os resultados da Chamada Nutricional, realizado em parceria entre o Ministério do Desenvolvimento Social e a SEPPIR e o UNICEF em 2007 revelaram:

- A proporção de crianças quilombolas de até 5 anos desnutridas é de 76,1% maior do que na população brasileira e 44,6% maior do que na população rural;
- 11,6% têm altura inferior aos padrões recomendados pela OMS (Organização Mundial de Saúde).
- 90,9% das crianças quilombolas moram em domicílio com renda familiar inferior a R\$ 424 por mês.
- 57,5% vivem em lares com renda total menor de R\$ 207,00.

- Somente 3,2% das crianças moram em residência com acesso a rede pública de esgoto e 28,9% com acesso a fossa séptica.

No ano de 2011, o Conselho Nacional de Educação iniciou um processo para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ) tendo como relatora a Professora Nilma Lino Gomes. Após a realização de seminários, discussões e debates, as DCNEEQ foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação - CNE através da Resolução Nº 8 de 20/11/2012. O documento apresenta um rico quadro da realidade educacional das comunidades quilombolas brasileiras: a situação das escolas bem como as propostas pedagógicas para as mesmas constituindo-se como um instrumento legal na implantação de uma escola que valoriza os conhecimentos e a cultura das comunidades quilombolas brasileiras.

O Programa Brasil Quilombola, criado em 2004, reúne 23 ministérios além de empresas de capital misto e estatais. Esse programa é coordenado pela SEPPIR - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial- e compreende ações dentro de cinco eixos: acesso à terra; infraestrutura e qualidade de vida (saúde, educação, saneamento, habitação, energia, alimentação); desenvolvimento local e inclusão produtiva; direitos e cidadania.

No eixo da educação, foram investidos recursos significativos como: melhoria da infraestrutura das escolas; material didático-pedagógico; formação de gestores; formação de professores; merenda e transporte escolar. No entanto observa-se, através do relatório do Programa Brasil Quilombola de 2009, que foram utilizados menos de um terço dos recursos disponibilizados para a educação. Esse dado estaria associado a um suposto desinteresse por parte dos municípios em investir nas comunidades quilombolas ou à falta de acesso às informações e despreparo na elaboração de projetos. Na análise do relatório conclui-se que foram alcançados avanços significativos em todos os eixos, mas ainda existe uma distância grande para se atingir as metas apontadas.

No âmbito das políticas públicas em nível federal, percebe-se um esforço para que as políticas sociais sejam estendidas às comunidades quilombolas, apesar de estarem longe de atingir os patamares desejáveis de qualidade de vida, respeito e garantia de direitos.

No contexto da crescente expansão de comunidades identificadas, certificadas e tituladas, situa-se esta de pesquisa: a) no campo macro, o momento histórico-político sem precedentes no reconhecimento de identidades étnicas negras, b) no campo micro, a necessidade de compreender com maior profundidade as formas de vida da população quilombola, especialmente a vida das crianças quilombolas, sujeitos ainda pouco estudados e considerados nas pesquisas sobre educação e, também, na sociologia, antropologia e história da infância no Brasil.

#### **1.4. Pesquisas realizadas no Quilombo de Mato do Tição**

De acordo com relatos de Marilene, presidente da Associação Quilombola de Mato do Tição, a comunidade recebeu e recebe muitos visitantes de diversas localidades do país além de organizações não governamentais que já desenvolveram alguns projetos de educação ambiental, oficinas culturais, alfabetização de adultos, produção de vídeos e documentários, programas de rádio e TV e também muitos pesquisadores além de lideranças de movimentos sociais. No entanto, ainda ressentem da falta de investimento principalmente dos setores públicos no que diz respeito ao apoio financeiro para a realização das festas, edificação das ruas, melhoria das moradias, reforma dos espaços comunitários e principalmente políticas de geração de emprego e renda para as gerações mais jovens. Muitos moradores já migraram para outras cidades em busca de melhores condições de vida e emprego estável.

É difícil afirmar com certeza o motivo de tanto interesse pela comunidade, mas acredito que se deve ao fato de ser uma comunidade que mantém suas tradições afro-católicas ao longo de três séculos com uma agenda cultural, festiva e religiosa muito intensa. Também a certificação da comunidade como quilombola atraiu pesquisadores interessados na temática; a divulgação da comunidade e sua cultura na mídia aliada à facilidade de acesso devido a sua proximidade com a capital mineira são fatores que concorrem para o crescente interesse pelo quilombo.

Nesse contexto busquei localizar as pesquisas existentes sobre o Mato do Tição e encontrei seis trabalhos acadêmicos que apresento abaixo.

O primeiro estudo sobre o quilombo do Mato do Tição foi realizado por Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edmilson de Almeida Pereira, publicado com o

título “O Mundo Encaixado” datado de 1992. Esse estudo fez parte do “Projeto Minas e seus Mineiros”, tendo como objetivo pesquisar a cultura popular em MG e foi desenvolvido pela Universidade Federal de Juiz de Fora em conjunto com prefeituras municipais e os professores de língua portuguesa das escolas locais<sup>9</sup>.

No livro *Mundo Encaixado*, existe um capítulo inteiro dedicado ao Mato do Tição. Nesse capítulo são destacadas as histórias da comunidade, seu universo cultural, as tradições religiosas e festivas. Consta na parte histórica a transcrição do documento de *usucapião* emitido para a família Siqueira em 1981. O estudo foi baseado em relatos orais dos moradores mais antigos, etnografia e pesquisa documental e bibliográfica. Os autores analisaram as tradições da comunidade à luz das lutas da população negra no Brasil e da preservação da cultura afro-brasileira. Ressaltam que a preservação das tradições tanto afro-brasileiras como da cultura do meio rural fazem parte de um conjunto de significados que os moradores da comunidade atribuem à vida.

Nos diálogos com minha principal informante e com algumas pessoas mais velhas da comunidade trouxe elementos desse trabalho para tentar compreender as dinâmicas do quilombo.

Perguntei se conhecia o livro *Mundo Encaixado*. Ela disse que sim e que todos os seus tios e seu avô haviam recebido um exemplar. Lembrou-se do tempo em que Núbia e Edmilson fizeram a pesquisa, ela ainda era menina. (Caderno de campo, 09/03/2013).

Esse estudo será retomado com frequência, pois consiste em uma obra de referência sobre o Mato do Tição.

Outro estudo relevante foi realizado por Glória Moura intitulado *Ritmo e Ancestralidade na força dos tambores negros: o currículo invisível da festa (1997)*. Uma parte desse estudo foi apresentada no artigo “Direito à diferença” publicado no livro organizado pelo Professor Kabengele Munanga *Superando o racismo na escola* com primeira edição datada de 1995. Nesse artigo, Moura apresenta uma breve síntese

---

<sup>9</sup> O projeto aborda múltiplos aspectos da cultura popular: narrativas (histórias de vida e histórias imaginárias); religiosidade (benzeções, festejos, rituais e crenças); manifestações musicais sagradas e profanas; representações culturais da morte e do feminino em Minas Gerais (1992, Orelha do livro).

sobre a abordagem que pretende realizar a partir de pesquisa em três comunidades quilombolas incluindo a de Mato do Tição.

Este artigo tem como objetivo repensar o papel da escola como fonte de afirmação de identidades, à luz da experiência dos quilombos contemporâneos. Considero um desafio desenvolver na escola, novos espaços pedagógicos que propiciem a valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro, por meio de um currículo que leve o aluno a conhecer suas origens e a se reconhecer como brasileiro (MOURA, 2005, p.69)

A autora apresenta a vivência da identidade elaborada e apreendida mediante a cultura da festa: “o que faz com que os quilombolas afirmem vigorosamente sua diferença e a reivindiquem enquanto direito, vivendo de seu trabalho, quase sempre no campo e, concomitantemente, cantando, dançando, praticando suas devoções, vivenciando sua fé” (p.70). Destaca a participação das crianças em todos os processos de preparação e realização das festas e ressalta o aprendizado cotidiano dessas crianças na cultura de sua comunidade.

Moura chama esse conhecimento aprendido na vivência cotidiana com os mais velhos, na experiência sentida nos preparativos e na participação das atividades festivas de currículo invisível, currículo esse que a escola ou desconhece ou repudia.

Para a autora, o currículo da escola não está centrado na experiência do aluno e sim em conhecimentos formalmente transmitidos. Apresenta o exemplo dos rituais da festa do Cruzeiro do Mato do Tição para demonstrar como os valores são aprendidos pelas crianças

Ninguém parou para lhes dar aulas sobre o ritual envolvido em determinada celebração ou sobre os papéis a serem nele desempenhados, mas todos sabem muito bem o que têm de fazer, a hora em que têm de fazer e como devem fazê-lo. Os papéis, bem como os valores e as tradições que por meio deles se encarnam, vão sendo definidos com o passar dos anos, e por isso a aprendizagem é constante. Levantar às 5 horas da manhã para participar da alvorada da Santa Cruz, na comunidade de Mato do Tição, quando se reza diante da cruz enfeitada colocada em frente a cada uma das casas da comunidade, é algo que não precisa ser ensinado. A distribuição, nessas ocasiões, de pelo menos um cafezinho e, às vezes de bolinhos fritos na hora expressa o valor de uma tradição poderosa a exigir, em contrapartida, a troca na reciprocidade (p.73).

Nessa descrição o ponto de partida não são os processos de aprendizagem existentes na comunidade e sim o modelo escolar, descrevendo o que não tem na

comparação com a sala de aula, perde-se a riqueza dos diversos processos de aprendizagens inerentes à vida cotidiana no quilombo.

No artigo, a autora faz outras referências às relações que a escola estabelece com os estudantes quilombolas, das dificuldades que a escola tem em se apropriar e valorizar a cultura afro-brasileira e quilombola e dos prejuízos que esse distanciamento, do chamado currículo invisível praticado nas comunidades afro-brasileiras, traz para as crianças e jovens negros. O que é desencadeador de experiências positivas da identidade negra e quilombola dentro das comunidades pode ser transformado em situações de preconceito e de constrangimentos dentro das escolas. Chamo a atenção para o fato de que ainda persiste na escola situações de preconceito e de discriminação com relação às crianças do Mato do Tição que relatam casos em que são xingadas por serem negras e moradoras do quilombo. Como nos conta uma das crianças, “Na escola o menino me chamava de tição e preta, eu e o Enan que *era* o mais *escuro* da sala (...) eu ficava com um sentimento ruim (Ayana, 10 anos)”.

Apesar dessas situações persistirem, não somente nas escolas em que as crianças de Mato do Tição estudam, mas em diversas escolas brasileiras, o cenário atual aponta para possíveis mudanças principalmente para a educação quilombola a partir da instituição das DCNEEQ. As diretrizes estão inscritas num contexto de luta pelo direito a educação pública, de qualidade, que respeite a diversidade étnico-racial do país, considerando a necessidade de valorização das culturas quilombolas. Destacamos um dos objetivos das diretrizes

III- assegurar que as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas considerem as práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas, bem como os seus processos próprios de ensino-aprendizagem e as suas formas de produção e conhecimento tecnológico (BRASIL, 2011, p.4).

Em 2012, Moura publicou o livro *Festas dos Quilombos*, baseado nas pesquisas realizadas para a sua tese de doutorado<sup>10</sup> nas comunidades de Santa Rosa dos Pretos (MA), Mato do Tição (MG) e Agupapé (RS). Centra-se nas festas e comemorações religiosas das três comunidades, destacando o caráter identitário das

---

<sup>10</sup> Ritmo e Ancestralidade na Força dos Tambores: O Currículo Invisível da Festa. São Paulo: USP, 1997.

mesmas. A autora retoma o seu percurso enquanto pesquisadora que constrói seus próprios processos de identidade a partir de sua vivência, convivência e imersão no universo cultural da comunidade, identificando-se com os quilombolas e ora confundindo-se com os mesmos.

A abordagem da autora com relação à educação aproxima-se de um dos objetivos de minha pesquisa no quilombo de Mato do Tição, que é compreender como as crianças aprendem no festejar, no brincar, nas vivências cotidianas na comunidade.

No entanto, em uma das minhas visitas à comunidade em conversa informal com a D. Bina, uma das filhas do patriarca Benjamim José Siqueira, a mesma relatou o incessante trabalho desde menina. Comecei a inferir que talvez não fosse possível pesquisar a infância atual sem imergir na infância do passado dos que hoje são os e as anciãos e anciãs da comunidade. A infância dessas pessoas que passaram por processos riquíssimos de luta pela sobrevivência e pela manutenção das tradições precisa também ser recuperada e colocada à luz da infância atual que não vivenciou processos tão contundentes de resistência e sobrevivência.

A vida pulsante das crianças de hoje no Mato do Tição é possível pelo incessante trabalho e atividade de toda uma geração que ousou sobreviver e manter as suas tradições e porque têm a possibilidade de aprender por sua inserção na vida cotidiana.

*Os tambores estão frios* (2005), livro de Edmilson de Almeida Pereira, dá continuidade aos estudos realizados para a produção do livro *Mundo Encaixado* (1992). O autor retoma as pesquisas feitas em diversas localidades como Comunidade dos Arturos, Jequitibá, Matosinhos, Fidalgo, Santa Luzia e Jaboticatubas destacando a comunidade de Mato do Tição. Nesse estudo o autor apresenta uma análise e interpretação aprofundada sobre o Candombe. O Candombe é um dos rituais mais praticados no Mato do Tição em todas as celebrações de santos, ocasiões festivas como aniversários, visitação a outras comunidades e por ocasião da morte de algum morador do quilombo.

Pereira define o candombe como um ritual religioso que congrega canto e dança de matriz afro-brasileira e que acontece em Minas Gerais. No Candombe são utilizados instrumentos sagrados como os três tambores, uma puíta (cuíca) e um guaiá (chocalho). Os cantos entoados apresentam-se, segundo Pereira, de forma enigmática

remetendo aos mistérios sagrados e também fazem uma espécie de crônica dos acontecimentos cotidianos (Pereira, 2005, p.16). O autor descreve o ritual a partir dos relatos orais de candombeiros de várias comunidades inclusive a de Mato do Tição e, nesse caso, traz informações de Jair Siqueira um dos membros já falecido da família originária do quilombo. O estudo torna-se importante por revelar o universo do Candombe em sua complexidade apontando para reflexões em torno das mudanças e das continuidades do ritual que, para o autor, está restrito a algumas localidades:

Hoje, o candombe representa uma ilha do sagrado afro-brasileiro, acontecendo de modo esporádico, em lugares também restritos. Além disso, as maiores dificuldades para o estudo do ritual se ligam à escassez de dados empíricos e à falta de trabalhos, de maior fôlego, publicados sobre o tema (p.16).

A própria existência do Candombe apresenta-se como um elemento aglutinador de várias gerações, remete a ancestralidade africana e está presente continuamente na vida dos moradores do quilombo Mato do Tição. É identificado pelas crianças como uma parte importante da cultura local. Elas iniciam seu aprendizado no Candombe bem devagar, através da observação e da participação em oficinas realizadas pelos candombeiros, e vão ensaiando uma participação esporádica nas festas de São João e outros eventos. A participação das crianças no Candombe ainda é tímida e vai se delineando à medida em que vão se tornando mais confiantes. Ensaiam a batida do tambor e entoam alguns cantos, mas ainda aguardam o “momento certo” para praticar todo o conjunto: tocar, cantar e dançar, invocar os antigos e louvar os santos.

Outro estudo foi realizado pelo antropólogo Djalma Antônio da Silva e parte da pesquisa foi publicada em 2008 no artigo intitulado *De agricultores a quilombolas: a trajetória da comunidade quilombola Mato do Tição e a sua luta pela posse da terra*. A pesquisa baseou-se na história oral e na etnografia. O autor descreve o seu contato inicial com a comunidade através da participação na tradicional festa de São João Batista realizada anualmente no dia 23 de junho. A partir desse momento inicia um processo de aproximação com os moradores da comunidade, pessoas mais velhas e lideranças.

Seu foco é a reconstrução histórica da constituição do quilombo, origem do nome Mato do Tição, o mito fundador da comunidade congregando a participação das

culturas indígena, branca e negra, heranças culturais católicas e afro-brasileiras e indígenas bem como a luta pela preservação das terras.

O autor descreve as histórias de luta pela sobrevivência, os períodos de maiores dificuldades, a perda de parte das terras para fazendeiros gananciosos até o processo de reconhecimento como comunidade quilombola, conquista que alterou significativamente a vida na comunidade. Destaca a resistência dos mais velhos e a importância da preservação das tradições como fator constitutivo da agregação do grupo familiar e sobrevivência da comunidade. Ressalta, igualmente as festividades como modo de interpretar e significar a vida, com a celebração da alegria e da vida familiar. As festas religiosas e profanas foram inventariadas através dos relatos de uma liderança da comunidade.

O artigo *Espaço sagrado sobre a ótica da nova geografia cultural* de Oliveira, Mata, Pádua e Teixeira de 2009, aborda as diversas formas de manifestações religiosas presentes no Mato Tição num diálogo entre a religiosidade e sua localização no espaço/paisagem do quilombo. Também destacam a importância dessas manifestações religiosas para a manutenção da identidade local. Descrevem brevemente a festa de São João e a festa do Cruzeiro bem como o candombe. Tais descrições aparecem mais como ilustrações para a discussão em torno da geografia cultural do que como análise mais aprofundada do sugerido diálogo entre religião e espaço e sua relação com os processos identitários dos quilombolas.

Outro estudo foi a tese de doutorado defendida por Marcilene da Silva na Faculdade de Educação da USP em 2011 com o título: *Conflito, estigma e resistência: um estudo a partir da comunidade quilombola do Matição – MG*.

A autora, também como os outros autores que pesquisaram o quilombo do Mato do Tição, apresenta um histórico de constituição da comunidade e os embates pela manutenção da terra. Destaca a luta pela sobrevivência e enfatiza a precariedade material que considera ainda persistir na comunidade. Propõe uma análise focada nos processos de discriminação sofridos pela população quilombola, sendo que os principais agentes de discriminação e de preconceito são os moradores da cidade de Jaboticatubas que consideram os habitantes do quilombo como exóticos, esquisitos, descendentes de escravos e que, portanto não são merecedores de respeito. Associa esse processo de construção e afirmação de preconceitos a um estigma que os moradores de Mato do

Tiçãõ carregam por um longo tempo. Tal estigma traz, segundo a autora, prejuízos materiais e morais, dificultando o acesso a bons empregos, educação de qualidade e para o sentimento de afirmação positiva do ser negro e quilombola.

A autora procura compreender o paradoxo de como a comunidade de Mato do Tiçãõ se manteve quase intacta em suas tradições apesar do estigma, do preconceito, da discriminação, do abandono pelas instituições governamentais e da *precariedade material*.

Conclui que é justamente pela manutenção das tradições culturais que a comunidade existe e resiste. Finalmente, Silva apresenta uma reflexão sobre o distanciamento das escolas com relação à realidade das crianças quilombolas. A história do quilombo, o legado cultural afro-brasileiro vivido que é experimentado por todos os habitantes do quilombo, as experiências de luta e resistência, os conhecimentos ancestrais etc. Chama a atenção para a necessidade da escola se apropriar desses conhecimentos modificando o seu currículo, combatendo quaisquer formas de discriminação, valorizando a cultura afro-brasileira e quilombola.

Finalmente o estudo de Fernanda C. de Oliveira Silva (2013) *Quando reza a Fé no Quilombo Mato do Tiçãõ – Família, festas, males e curas fazem a comunidade*, dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG. A pesquisa teve como principais interlocutores os mais velhos da comunidade e também as atuais lideranças políticas. Apresenta uma rica etnografia da cultura local com destaque para as festas, a fé manifestada no sincretismo religioso, as concepções em torno dos “males e curas” além do recente processo de luta política pela identidade quilombola. A pesquisa também apresenta a constituição histórica e familiar da comunidade a partir das vozes dos anciãos.

### **1.5. Movimentos de entrada no campo**

Como anunciado na introdução meus interlocutores em Mato do Tiçãõ foram principalmente um grupo de crianças constituído majoritariamente por meninas<sup>11</sup>. Os

---

<sup>11</sup> A partir daqui, no decorrer do texto utilizaremos prioritariamente o termo “meninas” porque elas formaram a maioria das crianças com as quais interagi.

adultos também foram meus interlocutores e nesse caso, mais uma vez, as mulheres estavam em maior número. Como no decorrer do texto farei referência às diversas gerações com as quais estabeleci interação apresento abaixo um quadro dessas gerações (a partir da 2ª geração, restrita às minhas interlocutoras e interlocutores) para situar tanto as crianças quanto os adultos, considerando como geração zero os primeiros fundadores do quilombo.

#### **QUADRO 1. Gerações do Mato do Tição**

0	Ludovina e Marcolino/João Francisco e Rita Basílio (Fundadores)
1ª	Benjamim Siqueira e Josefa Basílio
2ª	Dante, Divina, Bina, Badu, Isaura, Nilse (idade de 69 a 92 anos)
3ª	Firmina, Ágata, Solano, Núbia, Medgar, Rute <sup>12</sup> (idade de 57 a 40 anos)
4ª	Acotirene, Luíza, Carolina, (idade de 25 a 35 anos)
5ª	Enan, Dandara, Ayana, Kênia, Kele, Nala, Keezy, Azânia, Hanna, Laila, Addaê, Samora, Lígia, Aurora, Sissy, Geórgia, Iara, Inaê (idade de 2 a 15 anos)

O processo de produção dos dados se deu no ano de 2012, nos meses de julho, setembro, novembro e dezembro. No ano de 2013 nos meses de janeiro a julho e em 2014 nos meses de março a junho e outubro a novembro.

As visitas foram realizadas principalmente em finais de semana, recessos e feriados e por ocasião das festas. Por duas vezes permaneci no quilombo me hospedando na casa de uma moradora durante 7 dias na primeira vez e 5 dias na segunda vez.

Durante minha permanência no campo, participei das festas religiosas e profanas, missas, sessões de benzeções, almoços, festas de aniversários, batizados, velórios, rodas de conversas, rodas de viola, tardes no bar para ver partidas de futebol televisionadas; participação na festa junina da escola em que as crianças pequenas estudavam, a sua participação nas festas de comunidades vizinhas, durante a realização das oficinas de capoeira, máscaras e teatro de bonecos, teatro e dança.

Entrei no campo sem muita definição de qual abordagem teórica e metodológica adotar. Ao me deparar com o cotidiano e riqueza cultural e com a disponibilidade das pessoas em me receber e acolher, me envolvi com uma gama de

---

<sup>12</sup> A partir da 3ª geração passo a utilizar pseudônimos. No caso das outras gerações mantive o nome original, pois tanto os nomes dos fundadores quanto dos patriarcas e matriarcas vivos já se tornaram públicos e constam de inúmeras publicações.

informações, breves histórias de vida e inúmeras possibilidades de abordagens e temas. Ao mesmo tempo em que essa situação de indefinição teórica e metodológica prejudicou em certa medida o andamento da pesquisa, percebo que pude ampliar um pouco mais a minha visão do campo. Dessa forma, a pesquisa constitui-se principalmente de ida a campo, observação participante, interação com as crianças e entrevistas, conversas direcionadas e outros recursos que serão detalhados posteriormente.

Meu primeiro contato na comunidade foi com o Sr. Adonias, pai de Acotirene uma das lideranças do quilombo. Acotirene se tornou minha principal informante. Com ela, obtive informações gerais e específicas sobre o quilombo no que diz respeito a algumas conquistas e lutas, calendário festivo, questões territoriais, desenvolvimento de projetos na comunidade etc. Ela expressou muito entusiasmo com a possibilidade de realização da pesquisa com as crianças de lá.

### **1.5.1. “Jogos de conhecimento mútuo”<sup>13</sup> – Processos de interação no campo**

Nas primeiras visitas, não senti de imediato um estranhamento das pessoas com a minha presença. Talvez pelo fato de estarem acostumadas com a movimentação de visitantes principalmente nas ocasiões festivas. Também por estarem familiarizadas com a presença frequente de pesquisadores. Aos poucos fui percebendo que, para ter acesso às informações que julgava relevantes para a pesquisa teria que ter uma inserção mais constante na comunidade. Minha função no campo e minha satisfação em poder participar das atividades do quilombo foi me fazendo mais conhecida dos moradores e tornando possíveis as conversas informais recheadas de perguntas que eram respondidas com casos, histórias e memórias do passado. Paulatinamente as pessoas foram me conhecendo e me tratando pelo nome.

Já tinha sido apresentada para muitas pessoas através de Acotirene. Com ela, eu estabelecia contatos telefônicos frequentes para combinar visitas, saber das

---

<sup>13</sup> Expressão tomada de empréstimo de Zaluar (1994).

atividades e festividades. Acotirene também foi sondada a meu respeito: quem eu era, o que fazia lá, onde eu morava etc.

Em uma das conversas com Acotirene, quando tentávamos pensar uma estratégia para conversar com as mães e ou responsáveis pelas crianças sobre a pesquisa, ela me sugeriu que iniciássemos com algumas visitas aos mais velhos da comunidade. Segundo a informante seria muito difícil conseguir reunir todas as pessoas porque as mesmas não tinham muita disposição para reuniões devido às muitas tarefas e ao trabalho.

Acolhendo a sugestão de Acotirene visitamos a casa das irmãs Siqueira e de um dos irmãos. Não foi possível a visita ao outro irmão vivo, pois ele não morava no Mato do Tição, estava sempre presente mas não tinha residência na comunidade. Em outras oportunidades pude ter contato com ele.

As casas muito próximas umas das outras facilitou o meu trânsito nas residências e a circulação pelos diversos espaços do quilombo. As relações foram se tornando mais estreitas principalmente com as mulheres: mães, tias, avós e irmãs das crianças.

Esses primeiros movimentos tiveram como objetivos a aproximação e a coleta das primeiras informações, e, na sequência, visitei algumas casas para falar da pesquisa e entregar os termos de consentimento ANEXO II. Nessas ocasiões, os assuntos foram diversos, desde falar um pouco sobre mim, sobre as crianças, o dia a dia, as tarefas domésticas e os comentários sobre a festa anterior e a próxima.

Com algumas pessoas foram criados laços mais estreitos, tornando-se possível compartilhar fatos da vida, questões de adoecimento, criação dos filhos, alguns sofrimentos com a perda de pessoas queridas, medo da violência do entorno, reforma de casa e também algumas confidências que talvez não revelariam a “uma estranha”.

Fomos aprendendo a nos relacionar, nos conhecendo uns aos outros e não posso esconder que desenvolvi um sentimento de afeto por aquelas pessoas. Nas casas visitadas encontrei aconchego e disposição para as conversas. Sempre fui recebida com muita hospitalidade: oferta de café com bolinhos, biscoitos; convites para entrar e voltar outras vezes. Não percebi a “carência material” relatada por alguns autores como

(Gomes e Pereira, 1992)<sup>14</sup> e (Silva, 2011). Havia simplicidade, na maioria das casas o alimento era compartilhado com todos os presentes, parentes ou não.

No questionário que apliquei às crianças constata-se que em todas as casas existe TV, aparelho de som, geladeira, rádio, telefone celular. Em muitas, motos, bicicletas e em algumas o computador. Não há excesso nem desperdício, existe muito trabalho e aproveitamento dos recursos naturais para geração de renda. A maioria das casas possuem hortas, pomares, criação de animais. Reaproveitam óleo para a confecção de sabão, vendem ovos e galinhas, produzem doces, tapetes de retalhos, cestas de palha, tempero caseiro para venda, produtos de beleza em revistas etc. Na maioria dos casos, são as mulheres que estão à frente desse processo de geração de renda a partir dos recursos que o próprio quilombo oferece. Em alguns casos são auxiliadas pelas crianças e adolescentes.

Minha inserção no campo também gerou algumas expectativas: solicitação de ajuda na elaboração de projetos, busca de informações sobre pendências da Associação na Receita Federal, pedido de palestra para os jovens sobre mercado de trabalho e estudos. Esta situação me deixava tensa e preocupada. Era muito difícil para uma pesquisadora e militante frustrar as demandas de uma comunidade em seus processos de consolidação enquanto grupo quilombola. Em algumas situações colaborei, mas aos poucos, fui justificando minhas negativas com a necessidade de focar na pesquisa e apontava a possibilidade de em um futuro próximo poder contribuir mais efetivamente.

As crianças com as quais interagi pertencem à quinta geração e já se beneficiam de uma série de políticas públicas. No caso específico de Mato do Tição, de políticas específicas para as comunidades quilombolas. Não podemos dizer especificamente dos impactos materiais que tais políticas estão produzindo, no entanto, a presença de organizações que recebem insumos dos governos para a execução de projetos, a realização de cursos e oficinas nos quais as crianças são alvo e o contato constante com pesquisadores, além de fazerem parte da primeira geração que podem

---

<sup>14</sup> O termo carência material foi utilizado por GOMES e PEREIRA (1992) ao tratarem das condições de vida da comunidade. O termo embora possa ser questionado atualmente dá uma visão da época em que a pesquisa foi realizada retratando de fato as condições precárias de sobrevivência às quais as gerações mais velhas estavam submetidas. Em 2011 as mudanças nessa situação de precariedade já se fazem sentir o que será discutido mais a frente.

frequentar a escola regularmente, proporcionam a essas crianças condições de compreenderem qual é o trabalho de um pesquisador. O processo de interação delas com a pesquisadora foi marcado por naturalidade e se deu sem grandes dificuldades. Reconheceram-me como alguém interessada em saber sobre elas. Ao ficarem sabendo que escreveria algo parecido com um livro sobre as crianças do Mato do Tição e que eu também atuava como professora na capital, expressaram o desejo de produzirem elas mesmas um livro sobre o Mato do Tição. Tornei-me a pessoa/professora que se interessava por suas histórias e que realizava muitas atividades com elas para depois escrever um livro sobre as crianças de lá.

Com o passar do tempo fui tomada pela preocupação de que precisava de uma infinidade de tempo para conhecer em profundidade aquela comunidade. Travei uma luta interna comigo mesma para focar nos objetivos da pesquisa e com a esperança de que, em momentos posteriores, pudesse realizar outras ações e pesquisas na comunidade. Minhas recusas foram sendo compreendidas. Acredito que ao demonstrar respeito, interesse e solidariedade pelas lutas da comunidade, construí possibilidades de manutenção de vínculos para outras oportunidades. Não sei se conseguiram compreender de fato o papel de uma pesquisadora na comunidade e que não poderia responder prontamente às suas demandas, mas souberam me respeitar em minha condição.

Não sabia muito da complexidade daquele lugar e apesar de ter lido nos livros, vivenciar aquela riqueza cultural ancorada na ancestralidade afro-brasileira e mineira foi muito importante para o amadurecimento das minhas intenções com a pesquisa. Revisitei o catolicismo em outras dimensões como o catolicismo popular marcado pela devoção aos santos e à Nossa Senhora com a valorização de cada rito, preces e orações; do entoar das ladainhas. Um catolicismo mesclado com as heranças africanas de reverência aos antepassados e aos guias espirituais. Naquele lugar, as festividades, a religiosidade, o Candombe, a família e o trabalho representam a vida e o mundo vivido. Vida marcada pela ancestralidade, preservação da memória, convivência com parentes e amigos, o compadrio, o respeito aos mais velhos, a preocupação coletiva com os mais novos, a proteção ante os perigos da cidade. Um lugar cheio de humanidade e potência.



colônia. As glebas de terras foram sendo adquiridas na região onde hoje é o município de Santa Luzia nos anos de 1716 a 1750 e foram chegando às proximidades do território de Jaboticatubas e incorporadas ao mosteiro de Macaúbas. A posse da região foi conseguida em 1791. Uma parte dessas terras foi negociada com fazendeiros de gado. Aos poucos, foi surgindo o lugarejo onde ergueram a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Em 1878 foi criado o distrito de Ribeirão de Jaboticatubas pertencente ao município de Santa Luzia. Em 1938 Jaboticatubas emancipou-se de Santa Luzia.

De acordo com o IBGE, Jaboticatubas tem 17.119 habitantes, 1.116,77 km<sup>2</sup>, distando da capital mineira em 63 km. Os municípios limítrofes são Itabira, Itambé, Pedro Leopoldo, Santa Luzia, Lagoa Santa, Baldim, Santana do Riacho.

A maior parte da população vive em área rural ocupando-se principalmente da agricultura, pecuária e serviços. Cerca de 80% da área do Parque Nacional da Serra do Cipó encontra-se no município, sendo o turismo uma atividade econômica importante.

A Comunidade quilombola de Mato do Tição, também conhecida como Matição, possui 3,2 hectares e está localizada entre montanhas. A parte onde se localizam as residências está cortada pelo córrego Chico Matias que de acordo com uma moradora, no passado, abastecia a comunidade de água e peixes (caderno de campo, 07/07/2013). Atualmente, o córrego está rareando e em alguns pontos tornou-se apenas um filete de água.

A origem do nome Mato do Tição é contada por muitos moradores e também pelas crianças. Contam que há muito tempo, na falta de luz elétrica, utilizavam tochas ou tição para iluminar os caminhos. Quem avistava a mata de longe via aquele fogo brilhando na noite e começaram a falar que era a mata do tição ou mato do tição. Pereira e Gomes (1992) apresentam duas versões para a origem do nome, sendo as duas semelhantes àquelas que se contam atualmente.

Para compreendermos o contexto atual de Mato do Tição, optamos por localizar a história da comunidade no diálogo com alguns marcos históricos e temporais que impactaram na vida da comunidade provocando muitas transformações. Transformações essas que nos ajudarão na análise dos complexos modos de ser criança quilombola do Mato do Tição. Primeiramente, será apresentado um quadro sintético com as características da comunidade descritas e analisadas pelos primeiros

pesquisadores que se tem notícia a realizarem estudo sobre o Mato do Tição: Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edmilson de Almeida Pereira, já citados aqui. As visões apresentadas pelos autores estão inseridas em um tempo histórico anterior a constituição de 1988 e ainda sem as especificações em torno das discussões sobre o conceito de quilombo e as decorrentes lutas por reconhecimento das comunidades negras rurais. Ao mesmo tempo, é um período em que temos em cena a emergência dos “novos movimentos sociais”, as lutas pela democratização do país, o crescimento das organizações negras e o crescente interesse pela compreensão e pelo significado da cultura afro-brasileira. Essa visão apesar de considerar a potencialidade da cultura do Mato do Tição para a sobrevivência e resistência da comunidade, situa a comunidade negra como subalterna, carente, pobre, submissa, explorada. Talvez tenha sido mesmo essa impressão deixada pela realidade apresentada aos pesquisadores do ponto de vista das condições materiais de sobrevivência.

No entanto, procuraremos dialogar, a partir inclusive da realidade atual observada, com outras visões que anunciam as potencialidades de um novo movimento social que tem como diferencial as lutas identitárias. Movimento esse potente politicamente e, para além de serem mandatários de políticas sociais pontuais, apesar de reconhecê-las como importantes, reivindica o seu reconhecimento expresso pela principal bandeira de luta que é a regularização fundiária e titulação coletiva da terra<sup>15</sup>.

De acordo com ALMEIDA (2005), esses movimentos que possuem uma identidade coletiva são movimentos sociais que atuam através de relações políticas objetivadas em movimentos reivindicatórios. No caso de Mato do Tição, temos a expressão de uma identidade coletiva “o ser Mato do Tição” e a constituição do “ser quilombola em processo” ou “vir a ser”. Esse grupo compartilha uma história comum; estão situados em um território comum do qual tiraram e ainda tiram parte de seu sustento; cenário de suas relações sociais; compartilham valores e histórias de sobrevivência e resistência. Encontram-se em processo de elaboração/reelaboração de sua identidade enquanto população negra/afro-brasileira e que, dinamicamente, matem seus laços familiares, de solidariedade que tem um papel decisivo na sua manutenção

---

<sup>15</sup> Mesmo sem desconsiderar que algumas comunidades estejam hoje discutindo os possíveis efeitos da propriedade coletiva, principalmente aquelas localizadas em espaços urbanos ou rurais/urbanos.

enquanto “povo do Mato do Tição”, enquanto grupo étnico demandante de reconhecimento jurídico-político e identitário.

Concordo com Almeida (2005) quando questiona as políticas públicas que tentam enquadrar os quilombolas como categoria “geral” em detrimento de sua etnicidade. O enquadramento dos quilombolas nas categorias de pobres, populações carentes, excluídos, baixa renda, vulneráveis e desassistidos coloca em risco o atendimento de uma de suas reivindicações que é a titularidade coletiva da terra que se desdobra em uma diversidade de condições para a sua manutenção enquanto um grupo singular em suas formas de “ser, viver e fazer”.

### 1.6.2. “Isolados negros, desolados remanescentes” (Gomes e Pereira)

Para Gomes e Pereira que realizaram pesquisa na comunidade na década de 80, Mato do Tição sofria de um isolamento geral: histórico, social, econômico, religioso e geográfico, fazendo parte de um conjunto maior de uma população pobre do interior.

Entre ele (Mato do Tição) e os habitantes de Jaboticatubas instala-se uma diferenciação entre o rural e o urbano, o pobre e o rico, o negro e o branco. Os valores do **roceiro, pobre e negro** (grifos nossos), são menosprezados pelo observador citadino, rico e branco (p.318).

Classificados como a margem da sociedade, despertavam pouco ou nenhum interesse por parte de pesquisadores e das autoridades políticas e eram tratados com desprezo pelos moradores da cidade. Para a maioria das pessoas àquela época, “os negros do Mato do Tição são tão somente os negros lá do mato com suas festas e seus tambores estranhos” (p.310). A pouca disponibilidade de documentação escrita sobre Mato do Tição, as dificuldades de acesso à comunidade devido à precariedade das estradas e o pouco interesse pela cultura de sua população eram os elementos que facilitavam o isolamento da comunidade. Paradoxalmente, esse isolamento e as consequências para a vida dos moradores marcada pela pobreza, humilhações, desrespeito possibilitou a manutenção de suas tradições culturais e religiosas e a ressignificação da vida para além dos processos de manutenção da vida material “Para os negros, entretanto, as celebrações públicas da fé representa o momento oportuno – e possível – para retomarem a história dos antepassados através do corpo dançante, do cântico enigmático e dos instrumentos tocados em louvor aos santos (p.353)”.

### 1.6.3. “Coadjuvantes na história do outro” (Gomes e Pereira)

Os autores classificam as famílias de Mato do Tição como grupos subalternos da sociedade e que não conseguem fazer ecoar suas reivindicações. As relações que se estabeleceram entre negros e brancos se perpetuaram até aquela década revelando que “o vínculo de tensão e paternalismo entre senhor e o escravo se reduplicam nos laços entre o comerciante rico ou o fazendeiro e o negro pobre” (p.314). Além das relações de subalternidade marcadas principalmente pela usurpação da terra e o emprego em atividades mal remuneradas, os autores chamam a atenção para o isolamento social a que os moradores da comunidade estão submetidos. Tal isolamento é caracterizado pela manutenção de valores que se distanciam da vida moderna. A “rigidez moral, a autoridade dos pais, a religiosidade são linhas mestras nas relações interpessoais” (p.314). As tentativas de rompimento desse isolamento social, empreendida principalmente pelos mais jovens, provoca mudanças no seu modo de vida distanciando-os principalmente das vivências religiosas

O egresso de Mato do Tição é o indivíduo pobre, que enfrenta as dificuldades do desclassificado social, herdeiro do escravismo e afastado do núcleo familiar. Os jovens que emigram para os centros urbanos se distanciam das celebrações religiosas e se debatem entre a vontade de tornar a elas e a vergonha de demonstrá-las em sua nova condição de homens cidadãos (p.314).

Os jovens, que tinham pouca escolaridade aliada às poucas oportunidades de trabalho e aos baixos salários partiam para outras localidades em busca de melhores condições de vida. Aos que ficavam restava adequarem-se às atividades na agricultura: “Mão de obra não qualificada colocava-se a mercê das ofertas na agricultura ou na pecuária, o negro desempenha as funções que lhes são propostas uma vez que não dispõe de propriedade ou rebanho” (p.315). De acordo com os autores, as mulheres tinham muita importância nas pequenas atividades produtivas contribuindo ativamente para o sustento da família.

Serão apresentados, a seguir, os marcos temporais e históricos considerados fundamentais para a contextualização da comunidade. Tais marcos foram construídos a

partir de várias fontes de referência tais como artigos e pesquisas publicadas sobre Mato do Tição, sites: da Prefeitura Municipal de Jaboticatubas, SEPPIR, FCP, INCRA; DOU (Diário Oficial da União); entrevista com a vice-presidente da Associação Quilombola de Mato do Tição; caderno de campo da pesquisadora, projetos elaborados pela Associação e outras organizações.

#### **1.6.4. Histórias de Lutas**

A origem da comunidade remonta o período pós-escravidão, de acordo com Gomes e Pereira (1992)

Os antepassados da comunidade de Mato do Tição viveram as imposições da escravidão e o ostracismo após a assinatura da lei que aboliu o cativeiro em 1888. Libertos, receberam como “data de alforria” as terras hoje pertencentes à comunidade. (...) No passado – ainda no período escravista – os negros cativos viam-se obrigados a constantes mudanças, quando vendidos a senhores de regiões diferentes. Os ancestrais da família Siqueira – Constança, Pedro e Rita Basílio – foram transferidos para a posse do coronel Chico Alves, proprietário da Fazenda de Baixo situadas nas proximidades do atual sítio de Mato do Tição. Após a abolição, os ex-escravos receberam do senhor as terras que passaram a habitar e na qual promoveram ampliação do núcleo familiar (p.300).

Com o passar dos anos, as terras doadas em herança pelo antigo senhor aos ex-escravizados que deram origem a família Siqueira foram sendo alvo de invasões principalmente de fazendeiros. De acordo com Divina Siqueira

Eles vinha e pedia emprestado pro meu pai um pedaço de terra para o gado pastar, com o passar do tempo ia cercando aquele pedaço. Também papai contava que a minha avó Ludovina pediu um cumpadre para pagar o imposto em Santa Luzia e deu pra ele a escritura, e ele num devolveu mais, aí ficou perdida a parte de cima. Naquele tempo não tinha muito o que fazê e as terra foro sendo tomadas aos pouco e ficamo só com esse pedacinho.

Esse relato se aproxima daqueles coletados por SILVA (2008).

Segundo o narrador, mais tarde, quando o fazendeiro que tirou parte da comunidade começou a vendê-las para outros, os conflitos aumentaram. Eles passaram a ser vistos como invasores e não como proprietários. E não eram respeitados por donos da fazenda vizinha que se diziam dominadores de tudo (p.14).

As constantes ameaças de perda do território levaram a família Siqueira, tendo como liderança Silvio de Siqueira (Badu), a assumir a empreitada de pleitear a

documentação de propriedade do terreno que herdaram de seus pais. Em **1977**, a comunidade comprou um lote no interior do sítio que estava na posse de pessoa estranha á família Siqueira. Assim recuperaram uma pequena parte do que vinha sendo usurpado durante muito tempo. Abaixo o documento de compra e venda transcrito por Gomes e Pereira (1992)

O Sr. Silvio Siqueira, representante dos herdeiros de Benjamim José de Siqueira por este documento, fica vendido, cedido e transferido aos herdeiros de Benjamim José de Siqueira, todo o direito de posse antiga que tem sobre a área de terreno e casa de moradia, no lugar “Mato do Tição”, podendo os compradores requerem a competente ação de usucapião, para obtenção de registro competente no Cartório de Registro de Imóveis desta Comarca (...). Por esse documento, fica transferido aos referidos compradores, todos os direitos usucapiendos que tem sobre o referido terreno. Valendo a emenda: “requerem”. Jaboticatubas, 20 de setembro de 1977 ( p. 302).

Em **1981** a família Siqueira passa a ter propriedade definitiva do terreno através do direito a usucapião. Na certidão de registro de imóvel na Comarca de Jaboticatubas datada de 04 de maio de 1981 consta área total de 3.200 ha com as suas respectivas divisas (estradas, córrego, fazendas). Igualmente consta no documento o nome de cada um dos dez herdeiros na época.

A unidade territorial da comunidade foi desfeita com a venda de três lotes para terceiros poucos anos depois que adquiriram o direito a usucapião. Conforme relatos de uma moradora, atualmente existem sete lotes em propriedade dos herdeiros (ver mapa dos lotes no anexo III).

#### **1.6.5. Novas Agendas Políticas e de Pesquisas – os Impactos no Mato do Tição**

A Constituição Federal de 1988 consiste em um marco na história do Brasil especialmente pelo reconhecimento de direitos sociais e políticos. Para a população quilombola o Artigo 68 da constituição que garante o direito a propriedade da terra aos “remanescentes de quilombo” abriu novas perspectivas de lutas. Especialmente para o Mato do Tição, a comunidade começa a ser vista de outra forma principalmente por pessoas que passaram a ter conhecimento da legislação.

Um marco para a comunidade foi a presença, em **1986**, dos pesquisadores Núbia pereira Magalhães Gomes e Edmilson de Almeida Pereira já citados

anteriormente. O contato com os pesquisadores possibilitou aos moradores maior compreensão a respeito de sua identidade enquanto comunidade negra que mantinha suas tradições afro-brasileiras.

De acordo com Silva (2008), a presença desses dois pesquisadores abriu os caminhos para os primeiros contatos das lideranças com o movimento social negro. Com o passar do tempo, as jovens lideranças começaram a participar de reuniões do movimento negro e a receber visitas de representantes do mesmo, participando de manifestações no estado de MG e também em Brasília, iniciando articulações com os movimentos quilombolas de MG e de outros estados brasileiros. Também dimensionaram melhor a importância das lutas pela titularidade da terra e a necessidade de articulação do movimento em redes a exemplo da criação da CONAQ em 1996<sup>16</sup> na reunião de representantes de diversos quilombos brasileiros realizada em Bom Jesus da Lapa na Bahia (Rodrigues, 2008). As lideranças jovens tiveram contato com outras dinâmicas de lutas para além daquelas empreendidas no interior da comunidade e com isso foram aprendendo outras linguagens, apropriando-se de novos conceitos que influenciaram e influenciam os contornos da identidade negra e quilombola. Aprenderam a elaborar projetos não somente para captar recursos para a comunidade como para dar visibilidade à rica cultura local, a exemplo do prêmio recebido pela Associação Quilombola em 2013 que trata da cultura afro-brasileira de Mato do Tição<sup>17</sup>.

No contexto do centenário da abolição da escravidão e da efervescência do movimento negro em 22/08/1988, foi criada a Fundação Cultural Palmares - FCP Lei 7668. De acordo com publicação da FCP, a mesma foi criada como resposta às pressões do movimento negro organizado, tendo, desde o seu início, um compromisso com a valorização da cultura afro-brasileira e o combate às intolerâncias raciais no Brasil:

Desde a sua criação (...) no contexto da reconquista das liberdades democráticas e centenário da abolição da escravatura no Brasil, a Fundação Cultural Palmares tomou para si o combate à intolerância racial no Brasil. Isso pressupôs várias ações dentre elas o reconhecimento das

---

15 Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos é uma organização de âmbito nacional que representa quilombolas do Brasil, dela participam representantes das comunidades quilombolas dos 22 estados da Federação.

16 Prêmio Culturas Populares – Edição 100 de Mazzaropi promovido pela Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural.

terras quilombolas. O objetivo era fazer da FCP uma instituição pública federal voltada aos interesses dos afro-brasileiros. Assim surgiu o primeiro órgão do Estado a ter como eixo central a questão racial, mais especificamente a cultura e o patrimônio afro-brasileiro (BRASIL, 2009).

A Fundação Cultural Palmares - FCP, desde sua criação, estimulou a publicação de inúmeros estudos e pesquisas sobre as comunidades quilombolas. Incentivada pelo projeto “Nascentes Negras” Glória Moura, então pesquisadora da UNB, iniciou suas pesquisas em Mato do Tição em **1989**, documentou a pesquisa em filmagens, fotografias e gravações e realizou em 1990 o vídeo “Matição – Comunidade Iluminada”. Em 1995, foram gravadas um conjunto de músicas das celebrações da festa de São João Batista que fizeram parte do projeto etnomusical “O Som da Festa Negra”<sup>18</sup>. O interesse dos pesquisadores e a documentação que fizeram principalmente das músicas, danças, festas do quilombo possivelmente estimulou os moradores de Mato do Tição na preservação e divulgação de sua cultura. Esse movimento levou a criação de grupos musicais a exemplo do “Tambor de Matição” iniciado em **1996**. O grupo realizou diversas apresentações locais e fora do estado e gravaram um CD nesse mesmo ano além de possuir um blog que contém informações sobre o grupo musical, o candombe e a comunidade<sup>19</sup>. Em 2010, o grupo venceu o edital da FCP para propostas culturais com o projeto “Encontro de tambores afrodescendentes com a cultura popular” e realizou apresentações em São Luiz do Maranhão.

A publicação do Decreto 4887/2003 (citado na p.33) e que regulamenta os procedimentos para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos quilombolas, representa não somente um avanço político no reconhecimento das comunidades quilombolas no plano jurídico-político, como ajuda a repensar as relações de poder historicamente apoiadas no monopólio da terra por parte dos antigos senhores de escravos e pelos atuais grandes proprietários rurais e urbanos.

---

17 De acordo com Moura (2012), esse projeto é coordenado por Tiago de Oliveira Pinto, do Instituto Internacional de Música Tradicional de Berlim.

19 Disponível em <http://rambordomaticao.blogspot.com.br/>

Após o decreto, o amadurecimento político da comunidade, principalmente daqueles da terceira geração, é consubstanciada em **2004** com a criação da Associação Quilombola de Mato do Tição que, em 2006, entra com o pedido de titulação no INCRA.

Em **2006**, Mato do Tição é certificada pela FCP como comunidade quilombola. Advém de todo esse processo uma efervescência de pesquisadores, documentaristas, mídia, órgãos governamentais, projetos de ONG e grupos culturais interessados na comunidade.

As reivindicações dos moradores de Mato do Tição não são mais reivindicações “surdas” como observaram Gomes e Pereira, elas ecoam nas lutas dos movimentos quilombolas, nas articulações nacionais, nas redes de solidariedade, na associação quilombola, nas parcerias com grupos e pessoas. As lutas de Mato do Tição estão inscritas em lutas nacionais por reconhecimento e respeito. Hoje, reivindicam a preservação de seu território e de sua identidade étnica coletiva pleiteando a propriedade da terra de forma ampla compreendendo inclusive as terras que, no passado, foram usurpadas pelos latifundiários locais. Ocorre, no momento, um processo rico de início de cisão da subalternidade com relação aos “senhores” proprietários de terra. Essa cisão é protagonizada principalmente pela terceira e quarta geração, que vem deixando exemplos para as gerações mais jovens e principalmente para as crianças que participam de todo esse processo e já podem ser consideradas as primeiras beneficiadas, de forma mais abrangente, dos intensos processos de luta dessa comunidade e do movimento nacional quilombola.

As questões relacionadas às dificuldades para inserção no mercado de trabalho ainda persistem principalmente para os mais jovens que, na maioria dos casos, não completaram sua escolaridade e estão empegados em atividades informais. Ao mesmo tempo, há um crescente número de trabalhadores autônomos que trabalham principalmente nas atividades de construção civil, com remuneração precária. Também foram diversificados os movimentos de geração de renda que movimenta uma microeconomia interna. Essas questões serão retomadas a frente inclusive para localizar as mudanças ocorridas para a geração abaixo de 15 anos.

### **1.7. Organização atual**

Atualmente, o quilombo é cercado por pastos, fazendas, sítios e condomínios, restringindo o território e dificultando a expansão de moradias bem como a disponibilidade de espaço para a realização das festas, oficinas e encontros da comunidade. De acordo com uma liderança, muitos daqueles que têm o “umbigo plantado” no Matição<sup>20</sup> não podem construir suas casas lá e constituírem suas famílias na comunidade por falta de espaço<sup>21</sup>. As casas são praticamente todas de alvenaria, restando ainda algumas construções de adobe anexadas às moradias já existentes como cômodos externos. As casas de adobe foram aos poucos sendo substituídas pelas de alvenaria a partir da segunda metade dos anos noventa. A maioria das casas é cercada de vegetações ornamentais, árvores frutíferas e hortas. Muitas possuem criação de animais domésticos como galinhas, cachorros, gatos, porcos, coelhos. Algumas casas são delimitadas por cercas de arame.

As casas não possuem redes de esgoto, possuem fossas. A distribuição de água é realizada através de um poço artesiano e alguns moradores possuem cisternas próprias para compensarem o abastecimento precário. A energia elétrica está presente em todas as casas.

Residem no quilombo 35 famílias em um total de 176 moradores em 34 residências. As casas estão dispostas ao longo da estrada que liga a comunidade à sede de Jaboticatubas de um lado e de outro à comunidade de São Sebastião do Campinho. Sete grandes lotes foram subdivididos e novas moradias foram construídas pelos filhos e netos dos irmãos Siqueira: Jair de Siqueira; Dante de Siqueira; Júlio de Siqueira; Nilse de Siqueira; Elza de Siqueira; Silvio de Siqueira; Isaura de Siqueira; Divina de Siqueira e Silvia de Siqueira (ver ANEXO IV). No entanto, entre as residências existem lotes pertencentes a pessoas de fora da comunidade que ali construíram sítios.

FOTOGRAFIA 1- Estrada de Mato do Tição Rua Benjamim José de Siqueira. Antes e depois do asfaltamento.

---

<sup>20</sup> O quilombo recebe essa outra denominação simplificada “Matição”.

<sup>21</sup> (TV Comunitária de Belo Horizonte, entrevista com Lindomar João dos Santos disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C510GJC0I5w>).



FONTE: Arquivo da pesquisadora

A Rua Benjamin José de Siqueira é a estrada principal que liga Mato do Tição a Jaboticatubas e a São Sebastião do Campinho. De tempos em tempos, a prefeitura passava uma máquina para diminuir os buracos e em algumas ocasiões festivas, o carro pipa molha a estrada para diminuir a poeira nos tempos de seca. Desde novembro de 2014, a rua foi parcialmente asfaltada por demanda dos moradores comunidade. Segundo eles os transtornos eram ocasionados pela poeira em tempo de seca e pela lama em tempos de chuva.

Não existe transporte coletivo para a sede ou quaisquer outras localidades do município. Quando necessitam de deslocamento, os moradores utilizam motos, bicicletas, carros próprios (que são poucos), carona no ônibus escolar ou muitas vezes fazem os deslocamentos caminhando. Na entrada da estrada de Jaboticatubas para o quilombo existe uma placa oficial com logomarcas do Governo do Município, do

Governo do Estado e do Governo Federal com a inscrição “Comunidade Quilombola Mato do Tição”.

Na comunidade não existem escolas, as crianças se deslocam para bairros do município em transporte escolar fornecido pela prefeitura. A partir dos quatro anos, as crianças já começam a frequentar escolas públicas.

A maioria dos moradores de Mato do Tição trabalha na construção civil dentro e fora do município, em serviços domésticos nos sítios e fazendas próximas, na fábrica de roupas e de doces bem próximas ao quilombo. Também alguns são autônomos: motoristas, manicures, artesãos (fabricando doces, sabão, cestaria, biscoitos), existe uma funcionária pública municipal que atua como ACS (Agente Comunitária de Saúde). Muitos idosos conseguiram a aposentadoria rural.

Através da Associação Quilombola, os presidentes elaboram projetos culturais como ponto de cultura, prêmio mestres tradicionais, dentre outros. Além da presença de ONGs e grupos de estudantes e professores universitários que também desenvolvem projetos na comunidade.

FOTOGRAFIA 2 – Casa de Dona Divina



Fonte: arquivo da pesquisadora

A apresentação do quilombo para aqueles que o visitam se faz visível para todos. Ao entrarmos em suas terras, nos deparamos com uma placa na qual a comunidade apresenta o seu nome. Essa placa está afixada na casa da D. Divina Siqueira, 88 anos, matriarca da comunidade e liderança religiosa - uma das referências para os quilombolas e visitantes.

Já havia visitado Dona Divina das outras vezes que fomos ao quilombo. Ela tinha muitos colares no pescoço, algumas medalhas e outros parecendo guias, uma touca branca na cabeça e sempre vestida com calças compridas e camisa masculina. Pedimos a benção e conversamos um pouco (Diário de campo, 24/11/2012).

FOTOGRAFIA 3– Altar da casa de D. Divina



FONTE: arquivo da pesquisadora

Na casa e no terreiro de Dona Divina são realizadas as principais festividades e encontros religiosos. Dentro da casa existe um quarto denominado pelos moradores de *quarto santo*. Nesse cômodo da casa as paredes são todas enfeitadas com flores, papéis coloridos, quadros de santos. Existe também um pequeno altar com imagens de santos católicos e de um preto velho, ali são guardados os tambores do Candombe denominados de Crivo, Santana e Requinta (GOMES e PEREIRA, 1992). Nesse espaço sagrado são feitas as orações, as benzeções e louvores. Espaço sagrado e aberto a quem queira fazer uma prece, pedir proteção, cura. Na sala da casa de D. Divina, vemos uma foto dela e do falecido marido com autoridades como Aureliano Chaves que foi governador de Minas e de um ex-prefeito de Jaboticatubas que aparecem junto a D. Divina durante a festa de São João. Essa é uma foto que não sabem precisar a data, mas que D. Divina mantém como lembrança de um momento importante, o reconhecimento das tradições culturais de Mato do Tição pelas autoridades políticas locais.

FOTOGRAFIA 4 – Pintura no Bar do Ley.



Fonte: arquivo da pesquisadora

Outro espaço de referência é onde está localizada a Capela de Nossa Senhora de Lourdes; um pequeno cômodo onde em anexo fica o escritório da Associação Quilombola de Mato do Tição. O Bar do Ley que funciona como uma espécie de centro cultural onde são realizadas as apresentações musicais, bingos, encontros festivos e outros. O bar possui equipamento de som, microfone e TV, nas paredes internas e externas estão estampadas imagens pintadas de D. Divina e Sr. Dante, que são atualmente as pessoas mais velhas da comunidade, e, também uma pintura representando o batuque e o Candombe. Há, ainda, um grande pátio onde se concentram os ensaios de carnaval, a festa da consciência negra, apresentações de grupos de outras localidades, brincadeiras das crianças, a missa dos santos padroeiros, barraquinhas e leilões para arrecadação de fundos para as festas e outras atividades.

Também nesse espaço existe uma antiga construção que pertenceu ao Senhor Benjamim Siqueira, uma das pessoas que deu origem a família Siqueira da qual descende a maioria dos moradores do local (a casa velha como dizem as crianças). Mais abaixo está a casa do Sr. João e D. Nilse Siqueira, pais de nove filhos, dentre eles Solano, liderança da comunidade. Ele realiza diversas ações culturais e políticas em prol do quilombo. Solano é um ativista das causas quilombolas e da preservação das tradições de sua comunidade.



Fonte: arquivo da pesquisadora

Existem dois bares dentro da comunidade nos quais se concentram tanto moradores como visitantes. Próximo ao Bar do Ley existe um telefone público, mas muitos moradores possuem telefones celulares que funcionam com algumas dificuldades de conexão.

Também no escritório da Associação Quilombola existem alguns computadores com acesso a internet. Foi criado um blog do grupo Tambor de Matição, que é um grupo musical composto por integrantes da comunidade existente desde 1996 com a gravação de um CD em parceria com o músico Léo Marques. O blog contém informações sobre o grupo musical e também sobre a comunidade e o Candombe<sup>22</sup>. Em 2010 o grupo venceu o edital da Fundação Palmares para propostas culturais com o projeto “Encontro de tambores afrodescendentes com a cultura popular”. O encontro foi realizado em 14 de agosto do referido ano, em São Luís (MA).

A religião católica é praticada pela maioria dos moradores, sendo que alguns são evangélicos e outros, além do catolicismo praticam a umbanda. Alguns moradores são católicos e umbandistas. A umbanda é uma religião que não é assumida declaradamente pelos moradores, mas é citada por algumas pessoas como uma das religiões presentes no Mato do Tição.

## **1.8. As Festas Como Afirmação de Identidade e Manifestação do Sagrado**

---

<sup>22</sup> Disponível em (<http://tambordomaticao.blogspot.com.br/>).

O calendário festivo é extenso e engloba uma maioria de festas religiosas e apenas uma festa profana, a da Consciência Negra. De acordo com Acotirene existem as seguintes festividades:

### 1.8.1. Calendário de Festas em Mato do Tição

#### QUADRO 2. Calendário de festas em Mato do Tição

Mês do Ano	Nome da Festa
Janeiro	Folia de Reis
Fevereiro	Carnaval – Saída do Bloco Quimatic
Março	Encomendação das Almas
Abril	Queima do Judas
Maio	Mês de Maria – Coroação de Nossa Senhora Festa do Cruzeiro/Santa Cruz Festa dos três santos: Sant’Ana, São Sebastião e Nossa Senhora de Lourdes
Junho	Reza de Santo Antônio Festa de São João Reza de São Pedro
Setembro	Reinado de Nossa senhora do Rosário – Participação na festa em Jaboticatubas
Novembro	Festa da Consciência Negra
Dezembro	Festas Natalinas e Folia de Reis

Fonte: Caderno de campo

FOTOGRAFIA 6- Desfile do Bloco de Carnaval QUIMATIC/2013



Fonte: arquivo da pesquisadora

A **Folia de Reis** inicia-se com o Natal e termina no dia 20 de janeiro. De acordo com Enan a Folia de Reis tem mais participação de adultos homens e as crianças que querem podem participar.

Eles vestem umas roupas coloridas e põe a máscara e sai de casa em casa, entram e cantam na frente do presépio. Toda casa tem um presépio. Depois de cantar bastante sempre tem alguma coisa pra eles beber e comer. Alguns fazem piruetas, e continuam cantando até acabar as casa tudo. (Enan,11 anos).

De acordo com GOMES E PEREIRA (1992), os moradores de Mato do Tição fizeram uma reapropriação dessa festa e atualmente ela é uma celebração de negros, apesar de sua origem ibérica. É a celebração do nascimento do menino Jesus e a recepção feita pelos três reis magos que saem em peregrinação até chegarem à Belém levando presentes para o messias recém-nascido.

Em uma história contada por D. Nilse, transcrita no livro de PEREIRA (2003), ela chama a atenção para esse orgulho de se ter um rei negro entre os Reis Magos e para o descaso de Nossa senhora para com o rei preto:

(...) os reis saíram de madrugada. Quando Herodes não encontrô eles, juntô a soldadesca e foi atrás. Quando os três rei chegaro na lapa, eles ficaro emparelhado. Mellchior, o rei preto, chegô na frente:

Deus vos salve Virgem Senhora, seu menino e São José. Nossa Senhora teve orgulho de Melchior, porque ele era preto. Mas saudô os três, colocando ele no fim:

Deus vos salve, Rei Gaspar, Baltazar e Melchior .

Quando foi na hora de cantá a missa, o rei Baltazar tinha mirra, Gaspar o incenso e Melchior o ouro. Gaspar pergunto:

- Qual de nós que serei de cantá a missa?

- Será Melchior, porque ele tem o outo, que é o cálice. O ouro é que vale mais. Ocê sereis o da guia disse Baltazar.

Nossa Senhora então se alembro do pouco caso que fez e saudô de novo:

- Deus vos salve, rei Melchior, Gaspar e Baltazar (p.55).

A reelaboração da história dos reis magos contada por D. Nilse demonstra uma das formas simbólicas de enfrentamento do racismo e da discriminação racial. Os moradores de Mato do tição têm uma vivência cotidiana com o preconceito e a discriminação, e durante muito tempo se viram subjugados pela opressão dos brancos na figura dos ex-senhores de escravos, contratadores de mão-de-obra barata, posseiros, comerciantes da cidade dentre outros. A vivência coletiva com a discriminação racial é reelaborada pro D. Nilse ao trazer para o espaço da narrativa sua crítica a atitude de Nossa Senhora. A Santa desprezou o rei Melchior por ele ser preto e para lhe dar uma lição, o rei preto é colocado como o escolhido para cantar a missa. Melchior era mais importante que os outros porque carregava o ouro. Nossa Senhora então se vê obrigada a abrir mão de seu orgulho e saldar Melchior.

A Folia de Reis é uma festa muito animada! Um grupo grande de pessoas seguem os foliões de casa em casa entoando suas músicas. Os foliões brincam, cantam, fazem acrobacias (os mais jovens), tocam viola, rezam. Essa festa é encerrada no dia 20 de janeiro com rezas diante da bandeira de São Sebastião dentro da capela do Mato do Tição. As crianças, em sua maioria, participam dessa festa acompanhando e se divertindo com os foliões. Um grupo de quatro crianças participou da Folia de 2014, vestindo-se com as roupas e máscaras.

O **Carnaval** compreende os ensaios e o desfile do bloco *Quimatic*. Os ensaios são feitos nos sábados anteriores ao carnaval e também no domingo de carnaval. O grupo se reúne no pátio da capela e é comandado por dois integrantes da banda *Tambores do Matição*. O bloco é dividido entre os percussionistas que tocam os tambores, em sua maioria homens com a presença de muitos jovens. Os demais componentes são pessoas da comunidade e uns poucos de fora: crianças, mulheres, pessoas idosas, homens adultos, jovens. A maioria veste um abadá que é confeccionado para o bloco.

O desfile é realizado no domingo de carnaval na sede do município. Nesse dia, também saem alguns blocos de Jaboticatubas, cada bloco tem o seu momento de saída. Após a apresentação e cortejo do bloco *Quimatic*, os foliões se juntam em um bar próximo para confraternizarem, geralmente ganham uma caixa de cerveja do dono do bar. Depois desse momento os moradores de Mato do Tição ficam livres para participarem das outras atividades do carnaval naquele dia. Em sua maioria, as crianças que participam do carnaval seguem acompanhadas de suas mães, pais e irmãos. Dançam, cantam e seguem o cortejo atrás da percussão.

A **Encomendação das Almas** é realizada no período da quaresma. Está sendo retomada aos poucos após muitos anos sem ter sido realizada. É puxada por um grupo de homens adultos e idosos tanto do Mato do Tição quanto de uma comunidade vizinha. De acordo com três meninas do Mato do Tição a Encomendação das Almas é feita assim

Eles passam nas casa e ninguém que está dentro pode abrir a porta ou a janela e se olhar vai ver as almas atrás das pessoas. Eu enfiei debaixo das cobertas e fiquei com medo. (Dandara, 12 anos).

Eu olhei pelo buraco da janela e vi uns vultos. Fiquei com muito medo. Eles passam de casa em casa, rezam e cantam fazendo vozes que dão medo. (Kênia, 13 anos).

Vovó falou que a gente não pode olhar e se olhar pelo buraco da janela a gente chora sete dias e tem que rezar o pai Nosso e Ave Maria até passar os sete dias e parar de chorar. Eu tenho muito medo, se abrir a porta a gente vê as almas. (Ayana, 10 anos).

Durante a quaresma a maioria das casas é visitada. Todas as luzes de dentro devem estar apagadas e as portas fechadas. Os moradores não podem sair até que a encomendação seja feita, são rezas, cantos e ladainhas em intenção das almas. De acordo com Acotirene, uma das moradoras de Mato do Tição, se o morador abrir a porta durante e depois da encomendação as almas voltam para dentro de casa.

A **Queima do Judas** ou Malhação do Judas como é conhecida em algumas localidades acontece no Sábado de Aleluia. Durante todo o dia um grupo pequeno de moradores homens e mulheres preparam o boneco colocando enchimento com bombas, roupas, chapéu, brincos. A cada momento chega uma pessoa com um adereço para enfeitar o Judas. Esse processo é realizado nas proximidades do bar do Ley. No final da tarde os moradores começam a chegar ao bar para acompanharem o cortejo do Judas. O boneco é colocado em cima de um cavalo e atrás dele segue uma pequena banda

tocando instrumentos. Assim o grupo vai passando de casa em casa. Alguns mascarados da Folia de Reis juntam-se também ao grupo. O cortejo é seguido por algumas crianças e outras ficam no bar porque têm medo, segundo elas mesmas.

No retorno do cortejo, é lido o testamento do Judas com alusão as heranças deixadas para cada morador. Nesse momento, as pessoas se divertem e riem muito. Em seguida o boneco é pendurado em um poste e colocam fogo no mesmo, muitos estrondos são ouvidos, pois ele fica recheado de bombas. As crianças, principalmente as pequenas, gritam, pulam muito e ficam admiradas com as explosões. Na sequência, retornam para o bar. Algumas pessoas sentam para tomar alguma bebida, outros dançam forró, as crianças brincam de pega-pega.

A **Festa do Cruzeiro** ou da Santa Cruz é realizada na noite do dia 2 para o dia 3 de maio. É um louvor à cruz na qual Jesus Cristo foi sacrificado. No mês de maio na frente de todas as casas são colocadas cruzes ornamentadas com papéis coloridos. Após as orações na capela, as pessoas seguem em procissão até o pico mais alto do local no qual existe uma grande cruz. No passado a procissão era realizada a pé, atualmente são utilizados carros pois muitas pessoas idosas e crianças têm dificuldades para subir o morro.

No cruzeiro iniciam-se as orações, soltam foguetes e tocam o Candombe. Velas são acesas em volta da cruz seguidas da reza do terço. As crianças levam cobertas e deitam no chão forrado com colchas. Monta-se uma barraquinha com caldo e o quentão é servido gratuitamente para todos os participantes. A descida do morro é feita antes do sol nascer, pois os fiéis têm a tarefa de passar na frente de cada cruz que está localizada na entrada das casas antes do alvorecer. Segundo alguns moradores, é uma das festas mais tradicionais do Mato do Tição e também uma das mais restritas, sem a participação de muitos visitantes que não fazem parte do grupo familiar. De acordo com D. Divina, essa é uma festa ensinada por sua mãe Josefa Basílio

A Santa cruz é adorada porque desde o tempo de eu menina, que eu nasci, cresci e entendi, foi acompanhano minha mãe nessa noite de hoje, fazeno alvorada da Santa Cruz. É a alma de nossa mãe que nos ajudô e nos deu força pra nós continua essa festa. A Santa Cruz foi um sinal que deus deixô em terra. Porque ele padeceu, foi ensanguentado e cravado numa cruz. Assim, pelo sinal dele, que ficô , nós adoramo (D. Divina).

Essa história é uma das marcas da ligação que as pessoas do Mato do Tição têm com os antepassados, que são rememorados em todas as festas religiosas.

Durante todo o mês de maio celebram a **Virgem Maria** com a realização de novena e a reza do terço. Também é realizada a coroação da **Nossa Senhora**. A **Coroação** é realizada por um grupo de crianças com idade de até 12 anos. Essas crianças são ensaiadas por uma moradora do Mato do Tição. De acordo com uma das meninas, para aquelas que sabem ler, ela escreve os versos no papel e cada uma vai tentando decorar, para quem não sabe ler ela canta junto até a menina aprender. A coroação é realizada durante todo o mês de maio pelo menos uma vez por semana. No final de cada coroação, as crianças ganham pacotes com balas e doces. Todas se vestem de anjo e colocam um adereço na imagem de Nossa Senhora de Lourdes.

No terceiro sábado de maio é realizada a festa dos três santos: **São Sebastião, Nossa Senhora de Lourdes e Santa Ana**. Essa festa inicia-se no início da noite de sábado com a reza do terço, coroação de Nossa Senhora feita pelas meninas da comunidade, hasteamento das três bandeiras seguidas de orações; em seguida iniciam o Candombe com saudações aos santos e santas, aos presentes e a outros santos que são invocados por cada um que assume o canto do Candombe. No domingo, inicia-se uma procissão com os andores para cada santo, partindo do início da rua até a capela. A missa é rezada e, em seguida, é servido um almoço. Essa festa é organizada por um grupo de festeiros que congrega pessoas de dentro e fora da comunidade. O encerramento é feito com o Candombe.

No dia 13 de junho é feita a **Reza de Santo Antônio**.

No dia 23, acontece festa de **São João Batista**, com apresentação do Candombe, rezas católicas, fogueira; danças, barraquinhas etc. A festa de São João Batista é a que recebe maior número de visitantes e está na agenda da Secretaria de Cultura de Jaboticatubas. Algumas redes de televisão já cobriram a festividade. Muitas pessoas realizam documentários sobre a festa, filmam e fotografam.

Algumas semanas antes da festa na casa de D. Divina é feita uma nova pintura para receber os convidados. No dia 23 de junho, os preparativos para a festa iniciam-se no período da manhã com a tessitura da fogueira realizada por um grupo de homens da comunidade e outros ajudantes.

Existe uma movimentação muito intensa de pessoas no terreiro e na casa de Dona Divina. O quarto santo recebe novas ornamentações feitas por Dona Nilse, o terreiro é enfeitado de bandeirinhas coladas pelas crianças. Alguns pequenos grupos de

peças de dentro e fora da comunidade montam as barracas de comidas e bebidas. Ao lado da casa de Dona Divina, um senhor e outros dois ajudantes preparam cinco grandes panelas de canjica em fogões a lenha feitos no chão.

Após a montagem da fogueira, que tem 12 metros de altura e é amparada por grandes bambus, é servido o almoço para todos os presentes. Uma comida farta: arroz, tutu de feijão, macarronada, carne de panela e salada de alface. Também para os homens ficam à disposição uma garrafa de água gelada e um garrafão de cachaça. A movimentação das crianças é intensa. Elas brincam, correm e ajudam em uma coisa aqui, outra ali. Também estão presentes muitas pessoas filmando e fotografando todo o processo.

Por volta das 20h, o filho de Dona Divina acende a fogueira. Não demora muito para o fogo chegar até o topo. É uma visão muito bonita. O frio é intenso e a fogueira vai aquecendo as pessoas que chegam para a festa. Às 21h, a Guarda de Moçambique<sup>23</sup> da família de Isaura de Siqueira, chega à capela onde é recebida por D. Nilse e seu esposo e alguns outros presentes. Após a recepção descem o morro em direção à casa de D. Divina.

A guarda é acompanhada por um grupo de pessoas até a porta da casa de Dona Divina, que a recebe com bênçãos e com a bandeira de São João aberta em suas mãos. A guarda entra no quarto santo acompanhada por um pequeno grupo de pessoas. Em seguida são feitos os louvores e os cantos.

Por volta das 23h, inicia-se a reza do terço, seguida dos agradecimentos e intenções aos falecidos, aos doentes e aos aniversariantes. São distribuídas velas aos presentes, a bandeira de São João é levada por outro filho de Dona Divina e conduzida até o mastro para seu hasteamento. Os devotos dão vivas ao santo e um grupo segue com as velas acesas até o mastro. As velas são depositadas na terra com orações e pedidos. Inicia-se o Candombe entoado por Dona Divina, seguida por Dona Isaura e outros presentes da comunidade. Um pouco antes da meia noite a fogueira já despencou. Um filho e um neto de Dona Divina espalham as brasas da fogueira, formando uma espécie de tapete. De acordo com o menino Luan, 11 anos, “as pessoas que têm fé e

---

<sup>23</sup> Essa guarda é integrada por filhos e parentes de D. Isaura de Siqueira, irmã de D. Divina é da cidade de Vespasiano.

coragem dão vivas a São João, se benzem e começam a travessia com os pés descalços na brasa”. Segundo os moradores do Mato do Tição, quem não se queima é porque tem muita fé. O Candombe prossegue e em seguida o batuque.

No dia 29, realiza-se a **Reza de São Pedro** na casa de Dona Divina. No terreiro faz-se uma pequena fogueira por causa do frio e também para afinar os tambores do Candombe. O terço é rezado dentro de casa com a participação de um grupo pequeno de pessoas com a presença de todos os irmãos Siqueira. Após o terço são rezadas ladainhas, fazem-se intenções aos mortos e doentes. Um filho de D. Divina sai com a bandeira de São Pedro na frente que é hasteada ao lado da bandeira de São João. Inicia-se o Candombe. A festa é encerrada de madrugada. É uma festa também mais restrita aos moradores e parentes.

Em setembro, na primeira semana do mês, comemora-se o **Reinado de Nossa Senhora do Rosário** na cidade de Jaboticatubas. O Mato do Tição participa com uma pequena guarda de Moçambique integrada pelos mais velhos com a participação de alguns adultos. São poucas guardas com número reduzido de pessoas.

No dia 20 de novembro ocorre a **Festa da Consciência Negra**<sup>24</sup>. Presenciei a festa de 2012 que foi iniciada com um pequeno discurso, feito por uma liderança, sobre a importância do dia para os negros e que é uma data que não deveria ser esquecida pelos moradores do Mato do Tição. Em seguida, grupos do Boi da Manta da cidade da Lapinha e o Tambor de Crioula, através de um representante do Maranhão que reside em Serra do Cipó, fizeram apresentações, seguidas do Candombe. Nessa festa, também houve a apresentação de um cantor de Belo Horizonte. Alguns moradores montam barracões para a venda de pastel, churrasco e caldo. Os participantes são, em sua maioria, os moradores do quilombo e alguns poucos visitantes de outras localidades.

A partir do dia 24 de dezembro inicia-se a **Folia de Reis** já apresentada aqui.

---

23 O dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares, é uma data representativa para o movimento negro brasileiro. Foi lançada como data de luta e resistência da população negra em 1971 na cidade de Porto Alegre (RS) pelo Grupo Palmares (SILVEIRA,2003). Em diversas localidades do País são realizadas atividades, comemorações e festejos além de debates e discussões sobre a situação da população negra no Brasil. Essa data foi instituída nos anos 80 para contrapor ao dia 13 de maio, dia da abolição dos escravizados que celebrava a Princesa Izabel como uma espécie de heroína. Em algumas cidades brasileiras foi instituído feriado no dia 20 de novembro.

### 1.9. O Candombe - Tecendo Laços Com a Ancestralidade Afro-Brasileira

Um grupo de três homens assentados em bancos de madeira iniciam o toque nos três tambores, esses toques são acompanhados por um instrumento semelhante a cuíca e um outro pequeno tambor que é batido por uma baqueta. O Sr. Dante faz o sinal da cruz e passa as mãos pelos tambores, demonstrando pedir a benção. Inicia um canto pedindo licença para Nossa Senhora e em seguida dão vivas a N. Senhora Aparecida, São Sebastião, São Benedito e São João. Um coro responde às vivas. Inicia um canto que é difícil de compreender. Em seguida dança movimentando os ombros de forma circular e vai batendo os pés no chão num gingado cadenciado com as batidas do tambor, após umas três voltas de dança, retoma os cantos. Em seguida entra outro senhor que pede licença e reinicia todo o processo feito pelo Sr. Dante cantando outras músicas (Caderno de campo, 20/05/2013).

Assim como a Festa do Cruzeiro é associada à mãe Josefa Basília, e o pai Benjamim José de Siqueira deixou as heranças do catolicismo através da reza do terço, das ladainhas em latim e culto aos santos, o Candombe no Mato do Tição é uma herança de Constança uma das fundadoras do quilombo. Tia Tança, como carinhosamente é tratada, foi escravizada. No relato de moradores mais antigos, foi aquela que deixou os legados ancestrais de ligação mais direta com a cultura africana e afro-brasileira. A ancestralidade é aqui compreendida como uma visão de mundo africana, negro/africana, afro-brasileira<sup>25</sup> que considera que vivos e mortos, o real e o sobrenatural, a vida cotidiana e a vida espiritual assim como os entes da natureza estão interligados e interagem entre si nos processos de manutenção da vida. De acordo com MARTINS (2001)

A concepção ancestral africana inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anéis de uma complementaridade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir (p.79).

---

<sup>25</sup> Considera-se aqui afro-brasileiros os africanos e africanas na diáspora que mantém a perspectiva da ancestralidade tanto do ponto de vista religioso quanto relacionado aos valores da vida, assim como os processos incessantes de resistência quanto ao racismo e demais sistemas de opressão aos quais tais grupos estão submetidos historicamente. Sabemos que nem todos comungam dessa concepção devido ao longo processo de desenraizamento cultural ao qual a população negra foi submetida historicamente.

De acordo com PEREIRA,<sup>26</sup> (2005) o Candombe não é uma festa e sim um ritual de origem banto que tem a marca do sagrado com elementos do catolicismo, da umbanda e do culto aos antepassados. Louvam principalmente os santos: São Benedito, N. S. do Rosário, N. S. Aparecida, Santana, São João, S. Sebastião, Jesus Cristo. Homenageiam e rememoram os antepassados que são pessoas da família ou da comunidade que contribuíram de forma marcante na vida do grupo e que ganharam a condição de entes exemplares após a morte.

Os antigos e os santos viveram entre as pessoas e se destacaram de alguma forma. No caso dos santos eles são trazidos para perto, são humanizados para darem o sentimento proximidade e semelhança aos devotos. São Benedito, por exemplo, por ser um santo negro, também é considerado um antigo, um antepassado do povo de Mato do Tição. Ele é visto como um escravo, um pai e um santo ao mesmo tempo. Em um ponto de Candombe ele é apresentado como o responsável por acabar com o cativeiro dos negros “O Pai Benedito num *qué*, casca de coco no terreiro, se num foi Benedito, num acabava o cativeiro”. Apesar dos antepassados não serem cultuados da mesma forma que os santos, os candombeiros sabem fazer essa distinção, ambos têm lugar especial na memória das pessoas. Santos e antepassados estão presentes nos pontos religiosos e profanos do candombe<sup>27</sup>. Assim como estão presentes na vida das pessoas. De acordo com NOBLES (2006) citado por NOGUEIRA (2013) essa concepção de que os mortos estão presentes na vida dos vivos e são reverenciados constantemente e especialmente em momentos de celebração é comum em diversas culturas africanas:

Mesmo após a morte física a pessoa continuava a viver na comunidade em espírito, tanto nas lembranças das experiências vividas com a pessoa no tempo em que ela era viva, quanto nas histórias contadas sobre os antepassados e rituais de comunicação com a dimensão do invisível (p.96)

---

25 Nessa tentativa de descrever o candombe do Mato do Tição, além das observações feitas em campo e conversas com alguns moradores, tomamos como referência a obra de Edmilson de Almeida Pereira “Os tambores estão frios” já citado na p.34.

26 PEREIRA listou 18 tipos diferentes de pontos do Candombe que variam de acordo com o lugar e a ocasião. São eles: de abertura; de demanda; de brincadeira (bizarria); de apaziguamento; para capitães; para os ancestrais; de Zambi; para Jesus cristo e os santos; para Nossa senhora; para as mulheres; para a bandeira; para a Santa Cruz; para disfarçar; de alerta; para pedir cachaça; de convite para entrar no Candombe; de improvisado; de encerramento. O uso desses pontos varia de lugar para lugar.

Em Mato do Tição, a rememoração dos antepassados está presente nas rezas aos santos, nas celebrações eucarísticas, no culto de encomendação das almas e no candombe. Também se faz presente nas conversas de algumas crianças que perderam entes queridos assim como na memória dos mais velhos que contam sobre os antigos como Tia Tança, Josefa Basílio e Benjamim Siqueira, fundadores do quilombo.

Ainda com relação aos antepassados, pode-se dizer que a família tem lugar central na cosmogonia presente no Candombe. As famílias negras no Brasil se estruturam também como uma forma de resistência e de sobrevivência nos tempos de cativeiro e em rememoração às formas de organização em seus territórios em África. De acordo com SLENES (1994), quando os negros se casavam, adquiriam uma moradia e se organizavam para terem uma convivência com os filhos. A constituição de famílias era uma das formas de reação à violência e também permitia aos negros atingirem alguns objetivos materiais e culturais. Pertencer a uma família, dentre outras coisas permitia aos negros escravizados ou libertos, criarem condições para preservarem, reelaborarem e repassarem algumas de suas tradições sociais e culturais aos filhos, sobrinhos e netos.

Podemos dizer que, no Mato do Tição a **família**<sup>28</sup>, tem um lugar central na dinâmica do grupo. Família que no caso de Mato do Tição não se resume ao núcleo familiar restrito (e também esse possui várias configurações: avós e netos; mãe e filha; pai, mãe e filhos) que é parte de uma rede familiar que se estende para a comunidade como um todo. Foi e é na família que os conhecimentos foram aprendidos, as tradições reelaboradas e preservadas. Através da família, se mantém os laços com os antigos e com o sagrado. Na família aprende-se a ser uma pessoa do Mato do Tição. O respeito aos mais velhos que é ensinado/aprendido de geração em geração realça a importância dada aos antepassados, aos fundadores. O louvor aos santos, a Jesus Cristo e a Nossa Senhora perpetuam as heranças do sagrado deixadas pelos pais, mães, avós e bisavós. Os irmãos e irmãs Siqueira, cada um a sua maneira, dão continuidade ao legado deixado

---

<sup>28</sup> De acordo com VAINFAS(1986) durante o período da escravidão “a noção de família subordinou-se à existência da *comunidade negra*, universo aglutinante dos africanos para o convívio pessoal, núcleo de solidariedade, lazer e integração social. As injunções da escravidão reiteravam no plano da ‘família’ a identidade entre *comunidade negra* e *comunidade escrava* (p.37).

pelos antigos e assumem com orgulho a organização das festas religiosas, participando ativamente de todo o seu processo. São lideranças da tradição<sup>29</sup>.

A importância dos antepassados também é um elemento constitutivo da cultura banto. E surgiu de acordo com SANTOS (1996, p.323) citados por PEREIRA (2005) nos processos de intermediação com Deus. Por um temor do filho de um grande chefe banto que não conseguia se aproximar diretamente de Deus, o espírito de seu pai então é chamado para interceder por ele e por seu povo. Aos poucos cada chefe adotou essa prática para se aproximar de Deus de modo que cada família passou a ter seus espíritos ancestrais que com o tempo passaram de mediadores a entes adorados. Para Pereira, os ancestrais constituem-se como aqueles que emanam energia vital para os seus descendentes e se constituem como elo que “religa os humanos a Deus” (p.281).

Nos cantos do Candombe de Mato do Tição os antepassados/antigos são invocados<sup>30</sup>, são convidados a estarem ali presentes para transmitirem força e energia. Aos santos reverenciados, é pedido proteção, são feitos agradecimentos e louvações.

Os candombeiros reverenciam os antigos pelas narrativas, cantos, danças, preservação dos instrumentos que são a puíta e o ganzá e os tambores que no Mato do Tição recebem o nome de Crivo, Santana e Requinta. Através da memória, os candombeiros recuperam os aprendizados, as práticas, as sensações deixadas pelos antigos. Recuperam experiências e histórias de luta, de resistência, de sofrimentos e de alegria.

---

28 O termo tradição colocado nesse texto da forma como as pessoas do Mato do Tição se referem a ele, como uma cultura, uma prática religiosa ou não que existe há muito tempo, que foi deixada pelos antepassados e que eles devem manter e preservar pois se constitui como a marca daquele lugar.

29 Invocar os antigos, de acordo com Pereira, não significa incorporação. Para os candombeiros de Mato do Tição é pouco comum a incorporação de algum ancestral no rito do Candombe. Isto é, quando os antigos são chamados, os candombeiros sabem/sentem que eles se fazem presentes, mas sem a incorporação. Destacam que a incorporação acontece em casos extremos quando um candombeiro é médium e chama muito por um ancestral que pode ser um preto velho, nesses casos, são feitos trabalhos para desincorporação.

## **CAPÍTULO 2**

### **“SEJAM BEM VINDOS AO QUILOMBO DE MATO DO TIÇÃO” – A PERCEPÇÃO DO LUGAR PELAS CRIANÇAS**

#### **2.1. O perfil das crianças<sup>31</sup>**

Iniciei a pesquisa com um grupo de dezoito crianças: sendo três meninos e dezesseis meninas com idade entre 2 e 15 anos, participaram do primeiro encontro com a pesquisadora a convite de Acotirene, presidente da associação quilombola.. Esse grupo participou das atividades iniciais para a coleta de dados. Em seguida acompanhei um grupo que variou de sete a onze meninas de 4 a 13 anos e um menino com idade de 11 anos. Posteriormente realizei o aprofundamento de alguns temas com sete crianças que participaram de todas as atividades da pesquisa desde o início. Com relação ao perfil das crianças consideramos os seguintes aspectos: frequência à escola; composição familiar, participação em atividades fora da escola e da comunidade; realização de algum tipo de tarefa doméstica, participação em projetos e oficinas dentro da comunidade.

#### **Frequência à escola**

Apenas duas crianças/meninas não frequentavam a escola ou creche porque eram menores de 4 anos, faixa etária exigida nas instituições de educação infantil do município de Jaboticatubas. Todas as crianças estudavam em período diurno. O deslocamento para a escola é feito em ônibus escolar oferecido pela prefeitura. A distorção idade/ano de estudo só atingiu duas crianças que tiveram uma retenção na segunda etapa do ensino fundamental.

---

<sup>31</sup> O questionário a partir do qual foi traçado o perfil das crianças encontra-se no ANEXO III.

### **Composição familiar**

Um grupo de quatro meninas e um menino residia com os avós, uma menina somente com a mãe e as demais meninas e um menino, residiam com pai e mãe. Somente três meninas eram filhas únicas. Todas as crianças têm parentesco umas com as outras: primos ou primas de primeiro e segundo grau.

As profissões citadas dos pais foram: pedreiro e caseiro para os pais; para as mães: faxineira, salgadeira, auxiliar de cozinha, doméstica, agente comunitária de saúde (ACS); para os avós: aposentados, caseiros, doceiras. Duas mães não exerciam nenhum tipo de atividade remunerada.

### **Participação em atividades fora da comunidade e extraescolares**

Onze meninas e um menino faziam cursos tais como: computação, violão e flauta no Centro de Jaboticatubas, cursos pagos por seus familiares.

### **Participação em projetos e oficinas oferecidos na comunidade**

Todas participam ou já participaram de projetos desenvolvidos na comunidade como as oficinas do ponto de cultura: capoeira; rezas, orações e músicas religiosas; percussão, teatro. Como também projetos oferecidos por ONG ou pessoas de fora da comunidade: teatro de bonecos, máscaras, capoeira, teatro, dança, leitura, meio ambiente.

### **Realização de tarefas domésticas**

Um grupo de doze meninas e um menino realizam tarefas domésticas diariamente tais como: arrumar cozinha, arrumar casa, cuidar dos irmãos ou primos pequenos, varrer terreiro, cuidar da horta, molhar plantas, lavar roupa, fazer comida. Duas crianças vendiam doces feitos pela avó em pontos comerciais de Jaboticatubas aos sábados.

### **Autoidentificação raça/cor das crianças**

A declaração de raça/cor das crianças de Mato do Tição foi colhida num grupo de 16 crianças (quatorze meninas e dois meninos) com idade entre 5 e 15 anos em duas etapas: a primeira pedindo para se autoidentificarem espontaneamente. Nessa etapa, um grupo de seis se identificou como pardas; seis como negras; duas como pretas e duas como brancas. Na segunda etapa, a autoidentificação foi induzida considerando as atuais categorias do IBGE: preto, branco, pardo, amarelo e indígena. Nessa etapa, seis se identificaram como parda; oito como pretas e duas como brancas. Foi surpreendente a definição como pardas nas duas etapas, uma vez que essa categoria não é de fácil aceitação pela maioria dos brasileiros.

Não foram colocadas questões sobre o que entendiam dessas categorias, apenas que se autoidentificassem.

O principal objetivo não era aprofundar tal temática uma vez que nos limites dessa pesquisa isso demandaria muito tempo e investimento em outros instrumentos para além das duas questões apresentadas para as crianças. No entanto consideramos importante apresentar uma sucinta discussão a respeito do processo de classificação raça/cor no Brasil na tentativa de compreender as declarações das crianças foco dessa pesquisa.

Ao discutir como as crianças se identificam é impossível não nos remeter a forma como essa questão se dá no Brasil, principalmente quanto as categorias de raça/cor e como as crianças se movem nesse universo quando perguntadas qual era sua cor.

De acordo com IBGE (2008)<sup>32</sup>, tais categorias da forma como estão hoje, remontam ao ano de 1990 por ocasião do censo demográfico ao qual foi incluída a categoria indígena. A classificação que até então se dava pela cor, passou a envolver cor/raça e etnia.

---

<sup>32</sup> [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas\\_raciais/notas\\_tecnicas.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/notas_tecnicas.pdf), acesso em 20/03/2013.

Anteriormente, a partir do ano de 1872, existia a categoria “caboclo”, que incluía os indígenas. A categoria “pardo” foi substituída pela categoria mestiço em 1890 e voltou a denominação de pardo em 1940. A categoria “amarelo” foi incluída em 1940 devido a imigração de asiáticos.

Se a categoria “pardo” foi a que sofreu alterações ao longo dos anos, essa também é a que mais recebe rejeição por parte da população brasileira que utilizam costumeiramente a categoria “moreno” e seus infinitos complementos como “claro”, “escuro”, “café-com-leite”, “jambo”, etc., para a definição do que seria justamente o mestiço.

No Brasil, o sistema de classificação por cor está longe de atingir um consenso seja entre a população comum seja entre pesquisadores e estudiosos da questão. Em situações nas quais são solicitadas a autoidentificação espontânea, existem casos de atribuição de mais de cem tipos de denominações diferentes. Alguns estudiosos como ROSEMBERG e PIZA, (2002), OSÓRIO (2003), D’ADESKY (2001) chegam a questionar as categorias do IBGE por considerarem que as mesmas não retratam a realidade de autoidentificação dos brasileiros. As principais questões recaem sobre a categoria pardo<sup>33</sup> que é, como já dito, de mais difícil aceitação no país. Devido ao processo multifacetado das relações raciais no Brasil, o sistema de identificação étnico-racial é ambíguo e não se limita exclusivamente a cor da pele, mas a um conjunto de caracteres tanto físicos como de posição social. Assim GUIMARÃES (2011) analisa o termo cor no imbricado contexto de operacionalização do conceito de raça no Brasil

O termo cor substituiu o de raça, mas deixou a mostra todos os elementos das teorias racistas – cor, no Brasil, é mais que cor da pele: na nossa classificação, a textura do cabelo e o formato de nariz e lábios, além de traços culturais, são elementos importantes na definição de cor (preto, pardo, amarelo e branco) (p.266).

O autor chama a atenção, no entanto para os processos recentes do que ele chama de “processo de reclassificação racial”, no qual vem caindo paulatinamente o número daquelas pessoas que se declaram como brancas e sobe o número daquelas que se declaram pretas, pardas e amarelas e, na declaração não induzida os que se declaram

---

32 Para compreensão a palavra pardo vem do latim *pardus* e do grego pardo que quer dizer leopardo. Também foram encontrados os seguintes significados “que tem o tom terroso”, “marrom”, “mestiço de branco com negro”, “brown”, “o mesmo que mulato”.

morenos e seus gradientes (claros e escuros). Guimarães supõe que está em curso uma renúncia à *brancura* por parte dos brancos de pele mais escura e atribui essa renúncia aos movimentos de afirmação da identidade afro-brasileira: “tal renúncia não poderia ser feita se fatores como origem familiar (seus antepassados), ou sua tradição cultural, não ganhassem importância, na construção da identidade racial de cor sobre ideais de embranquecimento” (p.269).

Ainda segundo Guimarães, a recente substituição do termo *raça* pelo termo *cor da pele* também nos discursos acadêmicos, jornalísticos e no senso comum está presente tanto no Brasil como Estados Unidos e Europa. Ao mesmo tempo em que assistimos no Brasil o aumento dos que se identificam como “não brancos”, destituindo de valor os sistemas de classificação racial que enfatizam os traços físicos e a posição social das pessoas, ganha terreno a cor da pele que é usada enquanto discurso referente à epiderme. Sem considerar as outras questões associadas às desigualdades raciais, corre-se o risco de cair em uma teoria individualista. Ao contrário do termo *negro*, ressignificado pelo movimento negro e que se refere não somente à cor da pele, mas a um conjunto de aspectos histórico-culturais, étnico-raciais que diz respeito a um coletivo e não ao indivíduo apenas.

Tomando-se cor como uma realidade natural, objetiva e individual, descartando o uso analítico e político do termo *raça*, instaura-se uma estratégia discursiva em “que antídoto ao racismo e a afirmação da cor como uma realidade natural e objetiva (...), *raça* seria apenas um produto da imposição de uma linha de cor” (p. 271). Escamoteia-se mais uma vez as condições de vida daqueles que não têm a cor da pele branca, esvaziando o discurso político dos movimentos sociais negros que postulam a utilização do termo *raça* como um discurso aglutinador na luta contra o racismo, nos dizeres de Guimarães:

São os movimentos sociais de jovens pretos, pardos, mestiços, profissionais liberais, estudantes que retomaram o termo, para afirmar-se em sua integridade corpórea e espiritual contra as diversas formas de desigualdade de tratamento e de oportunidades a que estavam sujeitos no Brasil moderno, apesar – e talvez *pour cause* da democracia racial (p.266).

É nesse contexto de mudanças na forma como a população brasileira se identifica enquanto categoria de *raça/cor* que pretendemos situar a autoidentificação das crianças de Mato do Tição. Apesar do número reduzido de pesquisa que tem se

debruçado sobre essa temática (TRINIDAD, 2011) a autora cita que as pesquisas, existentes principalmente nos Estados Unidos a partir da década de 1950, concluem que a) crianças a partir de 3 ou 4 anos de idade já conseguem fazer diferenciações quanto a identificação étnico-racial; b) logo após essa idade as crianças já reconhecem sua pertença racial; c) por volta dos sete anos reconhecem a pertença racial de membros de outros grupos; d) e aos 10 anos que suas características raciais são imutáveis (p.70).

Quando perguntadas qual era a sua cor a maioria das crianças de Mato do Tição respondeu rapidamente a questão, sendo que a maioria se identificou como preta e ou negras. Ao responderem, olhavam para a pele do seu braço e diziam “preta né?”. Uma das meninas que se identificou como branca e respondeu “o povo fala que eu sou branca”. A outra menina que se identificou como parda disse “parda, porque amarela eu não sou”.

Esse não titubear para responder a questão da cor não é muito comum entre adultos e crianças. Em relação às crianças, pesquisas demonstraram que elas normalmente apresentam dúvidas e hesitação para responderem e se utilizam de subterfúgios para as respostas. FAZZI (2004) constatou em pesquisa realizada em duas escolas públicas de Belo Horizonte que as crianças tiveram dificuldades de expressar sem ambiguidades a sua cor. Destaca que, nos casos das crianças brancas, essa dificuldade é bem menor. Segundo a autora, as crianças não brancas utilizaram-se de vários termos raciais e se orientaram principalmente pelo princípio da gradação da tonalidade de cor da pele, “o que faz que uma pequena diferença de tom seja ressaltada” (p.72), demonstrando o desejo de fugir à categoria de pretas ou negras.

Alguns dos termos identificados na pesquisa citada acima foram: moreno, marrom-escuro, marrom-claro, moreno-claro, moreno-escuro, claro, escuro, preto claro, preto bem escuro, negro, índio, mulata e misturada. Convém salientar que tal pesquisa foi realizada há pelo menos dez anos e nesse período houve, como já citado aqui, um relativo crescimento do número de pessoas que se autodeclararam como não brancas.

Queremos com isso supor que as crianças de Mato do Tição fazem parte desse processo de reclassificação racial e se posicionam com mais precisão quanto a sua cor. Supomos que um dos elementos que pode ter contribuído para essa aparente tranquilidade na resposta, corresponde ao fato de participarem de momentos onde essas questões são abordadas. As crianças estão sempre ouvindo termos como afro-brasileiro,

negro, afro, cultura negra, consciência negra, movimento negro. Esses termos circulam nas conversas sobre a origem da comunidade, nos discursos por ocasião de algumas festividades como o dia da consciência negra, na história sobre os reis magos, nos documentos da associação quilombola, nas falas de visitantes, principalmente daqueles que desenvolvem algum projeto na comunidade. Durante a realização da oficina de capoeira, por exemplo, o professor conta histórias da capoeira e sua origem com os escravizados, associando a capoeira à cultura negra. A fala de uma menina durante uma conversa sobre essa questão com a pesquisadora demonstra que o assunto é abordado em família:

K- Eu gosto da minha cor negra é porque ela é muito bonita. Eu perguntava assim porque as gente é branca... e nós não é, aí mamãe falou assim comigo “Deus te criou do jeito que ocê é, agora cê tem que olhar a beleza dos outro pra querer ser”? Aí eu pensei nisso e comecei a gostar. As pessoas tinham um cabelão, eu queria ter um cabelão, e aí eu falava que ia passá um trem pro meu cabelo ficá grandão, aí eu gosto do meu cabelo, meu sonho é que meu cabelo cresça e eu virar uma artista.

P- (pesquisadora). Quem te ensinou a gostar de você?

Foi mamãe, vovó, vovô e assim... as outras crianças que fala que quer ser eu (Keezy, 7 anos).

Vemos que a afirmação de uma identidade negra positiva é tecida no interior da família e da comunidade e o que chamou minha atenção foi o fato da menina conseguir perceber que ao se achar bonita as outras crianças dizem que querem ser igual a ela. Essa situação é no mínimo inusitada frente aos dolorosos processos de construção da identidade negra aos quais as meninas negras estão expostas. Do desejo de ser branca e ter cabelo liso, vemos a menina elaborar um discurso de orgulho de ser como é.

Também as próprias crianças disseram que a maioria dos moradores da comunidade é de pessoas negras. Talvez, também, o fato de vivenciarem um momento de valorização da cultura da comunidade e essa valorização estar associada a sua origem negro africana possibilita certa tranquilidade às crianças em se identificarem sem subterfúgios. O orgulho de pertencer à comunidade quilombola do Mato do Tição já faz parte do discurso das crianças, como na fala de Ayana “eu tenho orgulho de ser daqui, não quero sair daqui nunca”. Essa situação de construção de um orgulho de fazer parte de sua comunidade, também foi observada por PAULA (2014) entre as crianças quilombolas de sua pesquisa. A questão do pertencimento ao quilombo e os processos

de afirmação de identidade presentes em suas vidas na comunidade, as crianças encontram estratégias para reagirem às situações de preconceito vivenciadas por elas nas escolas.

## **2.2. Conhecendo o Quilombo pelo olhar das crianças**

Em um dos meus primeiros contatos com as crianças de Mato do Tição, elas estavam preparando cartazes para colocar no Bar do Ley por ocasião da festa da consciência negra em 2012. Naquele fim de tarde, a comunidade estava envolvida na organização da festa, providenciando fichas para a venda de alimentos, varrendo o terreiro em volta da capela, se divertindo com os ensaios do grupo de Boi da Manta da Lapinha<sup>34</sup>.

Na casa de Kênia (13 anos), ela estava às voltas com a feitura de um cartaz. Os dizeres “Bem vindo ao Quilombo do Mato do Tição!” logo me chamaram a atenção justamente pelo fato das crianças estarem participando da organização da festa e apresentando, em forma de cartaz, o seu lugar para os visitantes: ali era o quilombo do Mato do Tição. Esse episódio me levou a muitos questionamentos sobre as crianças da comunidade percebiam e se apropriavam do lugar em que viviam. Circulavam por todos os espaços? Conheciam todos os moradores, suas casas e quintais? Destacavam algum local em especial? Do que mais gostavam no quilombo? Sabiam o porquê dali ser um quilombo?

A partir dessas primeiras indagações, dediquei-me a pensar metodologias que pudessem captar a interação das crianças com o lugar, as pessoas, suas percepções sobre o espaço. Realizamos uma atividade exploratória para ter algumas impressões das crianças sobre o Mato do Tição que foi o Abecedário.

Em seguida, pedi que fizessem desenhos, nos quais pudessem mostrar o lugar e o que mais gostavam ali. As atividades com desenhos foram constantes. As crianças, principalmente as menores, requisitavam papel e lápis para desenharem.

---

<sup>34</sup> Lapinha é um bairro de Lagoa Santa, cidade próxima à Jaboticatubas.

Após os desenhos, realizamos um passeio/piquenique pela comunidade com um grupo de 18 crianças (4 meninos e 14 meninas). Também foram relatadas histórias que elas queriam contar que tivessem alguma ligação com a comunidade, algumas dessas histórias compuserem um livro de tecidos feito pelas crianças.

Portanto os dados apresentados e analisados nessa seção surgiram do uso de diversas metodologias como desenho livre, desenho direcionado, abecedário, passeio pelo quilombo, entrevistas, conversas informais e observação participante. No decorrer das análises, detalharemos algumas dessas metodologias que foram utilizadas e produzidas ante a necessidade de captar as vozes das crianças sobre a compreensão que têm do lugar onde vivem.

### **2.3. De que “lugar” estamos falando?**

“O lugar é onde estão os homens juntos, sentindo, vivendo, pensando, emocionando-se” (Milton Santos)

O conceito de lugar aqui expresso foi tomado de vertentes da Geografia Humanística e Cultural e também da Geografia Crítica. Nesses campos teóricos, a perspectiva de lugar associa-se aos processos de relação e interação que as pessoas estabelecem com o espaço. Não o espaço das grandes escalas, mas os microespaços compreendidos como espaços vividos. Essa perspectiva do lugar como mundo vivido implica considerar as experiências das pessoas e suas relações cotidianas em relação ao lugar em que vivem. Portanto, o lugar é um produto das experiências pessoais e coletivas, vividas histórica e cotidianamente. Essas experiências com o lugar são permeadas de dimensões culturais, simbólicas, políticas, sociais. Cada lugar será marcado de identidade na medida das ações humanas em seus processos de interação com o meio e as com pessoas. O lugar vai ganhando identidade porque as pessoas vão atribuindo significados a ele. De acordo com MOREIRA e ESPANHOL (2007), o lugar seria o centro de valores indispensáveis para a nossa identidade. Mas o lugar na perspectiva crítica não pode ser capturado apenas como mundo vivido e as relações internas a ele.

Milton Santos (2005) complementa essa perspectiva imprimindo um caráter de dinamicidade ao lugar, acrescentando-se ao cotidiano a relação dialética do global e

do local, do novo e do velho. Movimentos internos e externos vão escrevendo histórias, culturas, lutas, resistências, sobrevivências delineando a identidade do lugar. O lugar modifica o mundo e o mundo modifica o lugar. Para SANTOS (2005), “É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o mundo depende das virtualidades do Lugar” (p. 158).

Nesta pesquisa, a ideia do *lugar* foi mais pertinente para com a forma como as crianças elaboram o espaço em que vivem. O território quilombola será tratado aqui através da noção de lugar na perspectiva das crianças.

Veremos que as crianças de Mato do Tição apropriam-se do seu lugar movidas pelas dinâmicas internas e externas a ele. Do candombe ao funk, das rezas do terço ao forró, do lugar de negro discriminado ao orgulho de ser do Mato do Tição. E também da tranquilidade do “lugar-lar”<sup>35</sup> ao medo da violência da “rua”<sup>36</sup>. Na visão *miltoniana*, o lugar expressa cooperação e conflito, permanência e mudança, a criação e a recriação das dinâmicas impostas pelas forças internas e externas do mundo. Nostalgia e constatação do imponderável provocado pelas mudanças que na perspectiva dos mais velhos do Mato do Tição, vêm de fora: “No meu tempo a gente brincava, dançava tudo com respeito. Não tinha essa mortandade de hoje, essa violência que a gente vê por aí, no mundo aí fora” (D. Bina, 78 anos).

Na dinamicidade do lugar, o mundo vivido pelas pessoas é também modificado pelos movimentos do mundo. Veremos como as crianças dizem das coisas boas e tristes do Mato do Tição, como reconhecem os lugares do sagrado e do profano, como interagem com a natureza, como significam as mudanças e as diferenças comparadas a outros lugares. Como percebem as marcas de identidade quilombola do Mato do Tição

---

<sup>35</sup> A metáfora do lugar como um lar é trazida por MELLO (2011), lugar como local de aconchego, intimidade, segurança.

<sup>36</sup> A “rua” para as pessoas do Mato do Tição é o centro de Jaboticatubas e suas imediações.

## **2.4. O Mato do Tição através das palavras escritas, faladas e dos desenhos**

“Eu gosto de ser daqui, tenho orgulho, não quero mudar daqui nunca. Minha família é toda daqui, é o lugar mais gostoso do mundo”.  
(Ayana, 11 anos)

O Mato do Tição para as crianças que nele vivem é um lugar bom de viver e de morar. Destacam a convivência com a família, as festas e a “cultura” como coisas importantes que têm no quilombo. Percebem e nomeiam conflitos e movimentos de mudanças que acontecem na comunidade. As crianças maiores dizem das diversas possibilidades de vivenciarem a infância sendo de uma comunidade considerada tradicional e ao mesmo tempo, de participarem das mesmas coisas que crianças de qualquer outro lugar vivenciam como as redes sociais e o uso de celulares, por exemplo.

As metodologias utilizadas para captar as vozes das crianças sobre o Mato do Tição foram sendo “criadas” à medida que foram emergindo os temas durante o processo de permanência no campo. Abecedário, entrevistas, conversas informais e direcionadas, desenhos e passeio pelo quilombo revelaram a familiaridade com o lugar, as pessoas, a paisagem, a tradição, os conflitos, os medos, as histórias.

### **2.4.1. Abecedário: Palavras escritas sobre o Mato do Tição**

Tive contato com técnica do “abecedário” através da participação em um projeto assessorado pela organização Observatório de Favelas<sup>37</sup>. Essa técnica pode ser utilizada em vários contextos e tem como objetivo captar as impressões dos participantes sobre um lugar, espaço, instituição etc. É inspirada no abecedário de Gilles Delleuze. Nos anos de 1988 e 1989 o pensador concedeu entrevistas a um jornalista francês na qual discorre sobre 25 tópicos em ordem alfabética. A entrevista foi exibida em programa de TV na França nos anos de 1994 e 1995 e depois foi publicada no livro *L'Abécédaire de Gilles Delleuze* em 1996. No abecedário realizado com as crianças, elas só teriam que escrever na frente de cada letra do alfabeto uma palavra que lembrasse a comunidade do Mato do Tição.

---

<sup>37</sup> Organização situada no Complexo da Maré na cidade do Rio de Janeiro que desenvolve trabalhos com juventude envolvendo artes, articulações sociais, projetos educativos e formação política.

A partir do abecedário feito por 15 crianças, sendo três meninos e doze meninas com idades entre 5 a 15 anos, surgiram palavras que expressam algumas percepções sobre o Mato do Tição que agrupamos em dois grupos: 1- Sentimentos, virtudes, valores e situações. 2- marcas da identidade do lugar como as festas, ritos, comidas, animais, danças, pessoas, instrumentos, construções, danças. As palavras agrupadas estão no quadro abaixo:

### QUADRO 3. Síntese do Abecedário Feito pelas Crianças

SENTIMENTOS, VALORES, VIRTUDES E SITUAÇÕES	MARCAS DA IDENTIDADE DO LUGAR
Amor, amizade, alegria.	
Bom, bondade, bagunça.	Brincadeira, brincadeiras de criança.
Caridade, carinho, companheirismo.	Candombe, casa, cachorro.
Dedicação.	Doce, doce de leite, danças.
Esperança, especialidade, educação.	
Felicidade, fé.	Família, fogueira.
Gentil, guerreiros, generosidade, gentileza, gostos.	Guaiá <sup>38</sup> , galinhas, galera, gato, Gabriela.
Humildade, harmonia, honesto.	Homens, homens trabalhando.
Inteligência, inspiração, ignorância.	Igreja.
Jeito jovem.	Jovens, juventude, jabuticaba, Júlia Eduarda, João.
	Kaíke, kauã, Karina, kátia.
Legal, lindo, lazer, lindeza.	Levantar bandeira, laranja, livros, Larissa, Laura, Luan.
Maravilhoso,	Mayra, Mareny, maracujá, macaco, Mato do Tição, Maticão, mato, Mês de Maria, macarrão.
Novidade, nascer.	Nascente, negro, Natal, Nilzélia,
Orgulho, opinião, oportunidade, orientação, obediência.	Ovo, onça, “oropronobe” (oro-pro-nobis), oração.
Paz.	Pagode, panela de barro, pato, Patrik, pé de laranja, pessoa.
Querido.	Queijo, quibe.
Riso, respeito.	Rato, ruas, roda-roda, Rayssa.
Sorriso, saúde, sorriso, sonho.	Sapo, samba, sino.
Tesão <sup>39</sup> , tradição, tolerância.	Tatu, tradição, tambor, telha.

<sup>38</sup> Um dos instrumentos utilizados no candombe, semelhante a um chocalho.

<sup>39</sup> Essa palavra foi escrita por uma menina de 11 anos que em conversa posterior não soube explicar o seu significado.

	União.	Urubu, uva.
	Verdade, vida, “valoridade” <sup>40</sup> .	Vaca, veado, vaso de flor, violão.
		Wanderson.
		Ygor.
	Zeloso.	Zé, Zélia, Zenildo, Zeca.

Podemos perceber que a maioria das palavras expressas no grupo 1 são positivas e destacam valores como a união, companheirismo, caridade, honestidade. Ignorância e bagunça foram as únicas palavras de expressão de certa negatividade. Algumas palavras foram muito repetidas como união, alegria, felicidade, paz e amizade.

Quanto ao grupo 2, são expressivas as palavras que denotam relação com a cultura local, como tradição, tambor, guaiá, sino, violão, candombe, negros, samba, música, dança, mês de Maria, oração, fé, família. Também aquelas associadas à natureza, plantas e animais. Os nomes de pessoas também foram frequentes e alguns muito repetidos. São nomes de crianças e de parentes como tias, primos e avós.

As comidas não foram esquecidas, como doce de leite, queijo, ora-pro-nóbis, jabuticaba, laranja etc. De fato o abecedário feito pelas crianças demonstra a familiaridade das mesmas com o lugar em suas mais diversas dimensões. Conseguiram exprimir uma compreensão múltipla do Mato do Tição no que se refere tanto as coisas vividas como àquelas que dão vida às suas existências.

A partir de outros instrumentos metodológicos, o que foi apresentado no abecedário foi revelado nas entrevistas, nas conversas informais, nos desenhos e no passeio pelo quilombo. As crianças conhecem e interagem com o lugar em que vivem de forma dinâmica e atribuem significados diversos às múltiplas dimensões do viver em comunidade em um território marcado por simbologias com as quais convivem desde que nascem. Mato do Tição é um lugar incorporado pelas crianças, elas *são* desse lugar de forma inteira.

---

<sup>40</sup> Mantivemos aqui a forma como foi escrita pela criança, “valoridade” aqui se refere a valor.

## 2.4.2- Falando sobre o Mato do Tição

As entrevistas<sup>41</sup> foram realizadas em três etapas. A primeira com um grupo de oito meninas e um menino com idade entre seis e onze anos. Os temas versaram sobre brincadeiras; o que sabiam sobre o Mato do Tição, o que aprendiam, como aprendiam e com quem aprendiam; do que mais gostavam ; as festas de suas preferências e as histórias que sabiam sobre o lugar. Numa segunda etapa foram realizadas entrevistas com outro grupo de três meninas que não havia sido entrevistado na primeira etapa com idade entre 13 e 10 anos. Na terceira etapa foram selecionadas três meninas e um menino do primeiro grupo com idade entre 7 a 11 anos para aprofundar alguns temas da primeira entrevista e lançar outros que foram emergindo do processo de observação participante, tais como: se sabiam que ali era um quilombo, o que era um quilombo, se tinham sofrido algum tipo de discriminação e como reagiram, do que gostavam e do que não gostavam no Mato do Tição.

Convém chamar a atenção que do total de doze crianças entrevistadas, onze eram meninas e apenas um menino. Apesar da existência de mais meninos na comunidade, em algumas atividades havia de 4 a 5 meninos participando, como no abecedário, no passeio e nos desenhos, nos momentos das entrevistas e das conversas direcionadas só foi possível contar com a participação de dois. Um dos motivos foi o fato de que alguns meninos são muito pequenos com idade entre dois e quatro anos e o outro menino com mais idade, treze anos, não demonstrou muito interesse em continuar participando da pesquisa.

As conversas direcionadas foram realizadas com um grupo de cinco meninas. Foram apresentadas imagens (fotos e vídeos) sobre alguma festa ou celebração e,

---

<sup>41</sup> As entrevistas foram gravadas, antes de iniciar a gravação perguntei a cada criança se poderia gravar com o uso do gravador, ou do celular, em algumas situações. Algumas ficaram um pouco tímidas no começo, mas a maioria falou com desenvoltura. E ao final da entrevista pediam para ouvirem alguns trechos de suas falas. Também algumas pediram para usar o gravador para brincar de fazer entrevistas com outras crianças e também com adultos. Em um caso após a realização de duas entrevistas uma menina pediu para ser entrevistada novamente em um lugar mais calmo, pois da segunda vez havia uma movimentação de pessoas que ela achou que havia atrapalhado. Realizamos a terceira entrevista retomando pontos da primeira e da segunda e acrescentando outros. Esse conjunto de entrevistas revelou uma riqueza de reflexões sobre vários temas como: aprendizagens, a cultura do Mato do Tição, as histórias ouvidas, as discriminações sofridas e as reações elaboradas. Posso dizer que essa menina de sete anos foi capaz de elaborar uma percepção e visão muito complexa do lugar em que vive.

posteriormente foi solicitado que identificassem cada uma e contassem o que sabiam sobre elas. Nesse caso, foram conversas sobre a Encomendação das Almas, Folia de Reis e o Candombe.

As conversas informais versaram sobre os mais variados temas e contava com participação de muitas crianças de acordo com a ocasião. Eram conversas em grupos pequenos, individuais, duplas e algumas vezes com adultos presentes que, vez por outra, emitiam alguma opinião. Muitas das conversas partiram espontaneamente das crianças que contavam sobre algum evento em particular como festa, oficina, comidas, partidas de futebol, passeio que realizariam, retorno do pai para a casa, cabelo. Também me faziam perguntas sobre meu trabalho, o andamento da pesquisa<sup>42</sup>, se iria participar da próxima festa, onde eu morava, minha idade, por que ficava escrevendo o tempo todo etc.

Convém recordar, que em algumas entrevistas e conversas as crianças contaram de coisas que supostamente não poderiam dizer a uma estranha. Quando isso acontecia diziam “vovó não pode saber que estou falando isso”, “vovó não pode ouvir”, “o povo não gosta que a gente fica contando isso”. Essas falas emergiram quando contavam das coisas que não gostavam na comunidade. E, nesse caso, não abordaremos esse tema aqui em respeito à solicitação implícita das crianças de que essas informações não poderiam ser publicizadas.

#### **2.4.2.1. O nome Mato do Tição**

A origem do nome da comunidade quilombola tem duas versões que circulam entre as crianças, elas mesmas contam uma ou outra versão ou apenas uma e se posicionam quanto à história que julgam mais correta ou possível de ter acontecido. As histórias contadas pelas crianças, ouvidas de seus avós, coincidem com aquelas registradas nas pesquisas e nos livros sobre o Mato do Tição.

Fala assim... vovô e vovó falava que o povo ia passá no mato, e acendia o tição pra iluminá, aí o tição caiu, queimou o mato e aí ficou “Mato do Tição”. Aí tem gente que fala que o tição não queimou mato nenhum, só tinha o tição mesmo e ficou “Mato do Tição”, Pra iluminar o caminho pra

---

<sup>42</sup> Nesse caso perguntavam assim: “E o livro que está escrevendo sobre nós?”.

não ficar escuro. Eu acho que a história certa é a que não queimou o mato. Porque uma vez vovô queimou o mato pra fazer carvão e naquela época se tivesse queimado não teria mato nenhum não, tinha queimado tudo (Enan, 11 anos).

A história do Matição... minha bisa falou que o povo antigo colocou fogo no mato e aí pegou fogo num toco grosso de árvore e ficou queimando muito tempo e ficou igual carvão aquele tição iluminando (Kele, 9 anos).

Era por causa da lenha acesa de noite que começaram a chama nós do povo do mato do tição. A gente fazia uma fogueira grande para alumiar. Quando a gente trançava de noite, prum lado e pra outro, de longe dava pra vê a luz do tição brilhando no mato, o tição que a gente banava. O tição no mato virô Mato do Tição” (D. Nilse, avó de Enan e tia bisavó de Kele).

Aqui era uma mata, que num tinha estrada. Nós navegava num trizinho que tinha nem uns 25 centímetro de largura, só cabia o pé, nem estrada de cavalo direito era, era de cavaleiro. Era uma mata fechada, com aquele trizinho dentro, num existia luz, nem de querosene. Usava candeia, usava o mesmo tição. Teve uma mata e a mata tomô fogo, aí quemô, quemô, quemô e ficô o tição aceso aí pra muito tempo. Muito tempo ficô esse tição aceso d’uma madeira chamada manelume. Ele quemô tanto, que tão grosso que era, ficô aceso quemano e ficô o nome Mato do Tição.( D. Divina, 82 anos, tia avó de Enan e tia bisavó de Kele)<sup>43</sup>.

Vemos que as duas versões contadas pelas crianças são também contadas pelos mais velhos. O tição aceso ou o tronco grosso de *manelume* queimando durante dias seguidos passou a ser a marca do lugar. O lugar onde havia um tição, um tição no mato queimando, um tição no mato iluminando. A maioria das crianças sabe contar as histórias da origem do nome de Mato do Tição, mesmo as bem pequenas. Geralmente, a maioria das pessoas que visitam o lugar faz essa pergunta para as crianças e elas costumam ouvir as histórias contadas por seus parentes quando dão depoimentos ou entrevistas.

---

#### 2.4.2.2. Aqui é um quilombo?

A palavra quilombo não é desconhecida das crianças e circula atualmente com mais frequência na boca dos adultos, lideranças da associação. Também as pessoas que desenvolvem projetos na comunidade sempre se referem ao lugar como um quilombo. O termo consta no nome da associação “Associação quilombola do Mato do Tição”, nos documentos e relatórios emitidos pela instituição e está presente nos discursos das pessoas de fora e de dentro da comunidade. Também, na entrada da estrada que liga o centro de Jaboticatubas à comunidade existe uma placa com a inscrição: “Comunidade Quilombola do Mato do Tição” sob as insígnias do governo federal, estadual e do município de Jaboticatubas. Também como já citado aqui, na porta da casa de D. Divina, uma das matriarcas, existe uma placa talhada em madeira com a inscrição “Quilombo do Mato do Tição”.

Ao serem perguntadas se sabiam o que era um quilombo, as que souberam responder disseram:

“Ah... quilombo é uma cidade assim... que ela é de preto”.

“Lugar de escravos fugidos”.

“Comunidade de pessoas negras”.

“Lugar que tem muitos negros”.

Ao serem perguntadas por que ali era um quilombo, algumas responderam:

“Essa cidade é muito legal e tem cara de ser quilombola, por causa que... das atividades muito legal. Tocar candombe, cantar em folia, dia do Judas assim, então...”

“Que eu vi lá na placa, cidade quilombola do Matiçãõ”.

“Porque tinha muitos escravos que fugiram pra cá”.

“Porque aqui tem muita cultura”.

“Porque aqui é uma comunidade”.

“Perto da casa do Tio Vando, depois do asfalto, tem a placa do quilombo do Matiçãõ, é o início do quilombo”.

PAULA (2014) tratando dos processos identitários das crianças quilombolas de Santa Catarina, refere-se a importância do pertencimento dessas crianças ao seu lugar e a tudo que lá é compartilhado de forma coletiva “o lugar que elas vivem não é transitório é vivido cotidianamente porque toda a gente se conhece e isso faz com que criem laços e raízes afetivas, especialmente quando essas vivências são entremeadas de brincadeiras coletivas” (p. 179). As crianças de Mato do Tição demonstram esse laço

afetivo com sua comunidade quando em tom de orgulho vão listando as diferenças de lá com relação às outras comunidades.

Quando perguntadas sobre o que tinha de diferente no Mato do Tição que não havia em outros lugares, as crianças quase que unanimemente fizeram referência aos marcadores identitários como as festas, o candombe e as celebrações existentes na comunidade acrescentando outros componentes como aula de capoeira, aula de violão, fé, muita cultura.

“Reza de São João, reza de maio, mais fé”.

“Capoeira, teatro, festas de São João, Cruzeiro, reza de São Pedro, maio de coroação”.

“O candombe, a fogueira, a reza do cruzeiro, a festa de São João”.

“Muita coisa. É tudo diferente. Lá em Jabó tem carro trançando pra lá e pra cá e aqui não tem, aqui tem rio e lá não tem, lá tem um córrego sujo, poluído. Lá os cara bebe e sai caindo, aqui os cara bebe e não cai. As festas tem... aqui tem festa e lá pra eles festa é cachaça, aqui tem reza, música e lá fora é só bebida.”

“Aqui tem muita cultura”.

Sobre as coisas boas, as referências são as brincadeiras, a família, a convivência com os parentes, as festas, as comidas e músicas das festas. Para as outras gerações as festas eram muito boas, assim como os bailes que atravessavam a madrugada e a união do povo.

A identidade como criança do Mato do Tição é muito forte entre as crianças. A compreensão de que são quilombolas aparece como um discurso que é construído a partir de várias vivências em torno dessa identidade que pode ser considerada recente no interior da comunidade.

A utilização do termo quilombola dentro de Mato do Tição acompanha o processo nacional sobre o reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombo pelo Estado brasileiro. Na esteira desse processo seguem as ONGs, universidades, pesquisadores das mais diversas vinculações. Aos poucos essa identidade vai sendo incorporada e tecida entre as pessoas de Mato do Tição dando um lugar de visibilidade da comunidade confirmado pelo interesse de pesquisadores.

A identidade quilombola vai sendo incorporada e negociada principalmente por aqueles que têm maior engajamento político. No caso de Mato do Tição, o reconhecimento representa a possibilidade de terem a titulação das terras e recuperação de muitos hectares perdidos para sitiantes e fazendeiros ao longo do temp. Assim como

verbas para a execução de projetos destinados principalmente à preservação cultural e melhoria da infra estrutura local. Outros direitos como verba especial para o município que tem estudantes quilombolas nas escolas, direito a uma educação diferenciada ancorada em princípios que valorizam e incorporam no currículo a história e cultura quilombola e afro-brasileira ainda não são do conhecimento da maioria dos moradores.

As crianças vivenciam todo esse processo e vão aprendendo na escuta dos mais velhos, nos projetos desenvolvidos na comunidade criando suas formas de compreensão do que é ser quilombola, nos dizeres de Ayana (10 anos) “ser do Mato do Tição é bom demais”!

As coisas ruins foram ditas somente por algumas crianças que citaram a desunião que acontece de vez em quando, a morte de pessoas queridas, o desrespeito com a natureza partindo de pessoas de fora, o barro na rua quando chove<sup>44</sup>. As questões negativas não foram associadas às coisas materiais com exceção do barro na rua. Foram relatadas as perdas recentes de pessoas queridas e algumas situações de desunião que disseram ocorrer entre alguns.

As pessoas de outras gerações, falaram das dificuldades para a sobrevivência, o trabalho exaustivo, as dificuldades em conseguirem os recursos financeiros, a interrupção dos estudos, a falta de água encanada e energia elétrica, etc. As crianças vivem uma nova fase, principalmente no que se refere às condições materiais e oportunidades de conclusão dos estudos. Alguns já acenam o desejo de entrar na universidade e construir uma carreira de médica, contadora, advogada, cantora etc. Um menino fez reflexões sobre algumas mudanças ocorridas desde o início dessa pesquisa, em 2012, até a última conversa que tivemos em janeiro de 2015. Após um comentário de que já havia se passado três anos da minha primeira visita ao quilombo, ele falou:

Ah! Então deixa eu ver o que mudou, o que tá diferente de 2012... O que mudou... chegou água da Copasa<sup>45</sup>, não é tratada não; é do poço, não é mais da cisterna; colocou calçamento<sup>46</sup>, quando chove não pega barreira

---

43 Essa questão foi em parte solucionada com a colocação de um pequeno trecho de asfalto na rua da comunidade.

44 A Prefeitura instalou um poço artesiano que abastece toda a comunidade, anteriormente o abastecimento era feito com a água do córrego e depois através das cisternas.

46 O calçamento do pátio em frente a capela até o bar do Ley.

mais; colocou asfalto; pintou a igreja; colocou toldo pras festas, quando chove não tem problema, as mulhé não estraga os cabelo, que gasta fortuna pra alisar porque o cabelo é ruim<sup>47</sup>. Tem mais coisa: o Galo ganhou a Libertadores, ganhou campeonato mineiro, (risos) (Enan)

Já os mais velhos contando do seu tempo de crianças trazem lembranças de muitas dificuldades.

Era muito ruim, muito ruim... na minha casa, nós ficava, quando tava chovendo, nós ficava encoído, na hora de dormi nós ficava encoído, pois chuvia na cama, pelejava, pra tampá mas não tinha jeito, tava pingando assim na cama e nós encoía assim pro lado que não chovia, sentava até em cima de um travesseiro esquisito e puxava a coberta pra nós durmir um sono, foi brabo mesmo, foi brabo. Mas todo mundo tinha alegria, tinha alegria, ninguém xingava uns aos outros por que um tava melhor do que o outro. Tava tudo uma coisa só mesmo. Passei por tudo ruim, mas tô aí alegre assim mesmo. Tocou eu danço, a aperna tá doendo, o corpo tá tudo doendo mas não tem problema, depois tudo melhora, eu lá vou assim, não tem tempo ruim pra mim não. Deu pra trabaia nós trabaia, deu pra dança nós dança, deu pra cantar nós canta e não tem raiva assim não, criei meus menino desse jeito, e eles obedece muito bem, o que tá aí, os que foi... (D. Bina, 78 anos).

Ah! Quando eu era menina eu trabalhava desde 7 anos pra comprar material de escola, não ganhava nada não, eu tinha que trabalhar e comprar. Eu trabalhava na casa dos outro e ganhava três e cinquenta por dia e comprava minhas coisas. Hoje tá muito melhor, as crianças têm muita coisa boa, tem mais oportunidade (Luíza, 30 anos).

A vida de primeiro era muito difícil. Tinha que buscar água no córrego, nas latinhas pra lavar vasilha, fazer as coisas. A gente ficava com vontade de ter um banheiro dentro de casa mas ficava pensando que tinha que tê energia, água encanada e pensava que nunca ia consegui. Eu falo pros meu menino “Agradece a Deus” as coisa era muito ruim, só cozinhava na lenha, não tinha esse negócio de gás não, a vida era muito difícil e o povo mais véio falava que era o salário que era muito pouco (D. Firmina, 57 anos).

Para os mais velhos, a situação da comunidade melhorou muito se comparada há 20 anos. Existem mais oportunidades para as crianças estudarem, a estrutura das casas melhoraram, assim como a alimentação, as roupas, a locomoção e o salário.

Podemos dizer que houve uma significativa mudança nas condições de vida dos moradores se comparados à vida das gerações mais velhas que enfrentaram muitas dificuldades para garantir o sustento da família como as relatadas nos estudos

---

<sup>47</sup> Outra referência negativa ao cabelo das mulheres.

anteriores. A melhora na condição de vida dos moradores de Mato do Tição pode ser atribuída aos avanços das políticas públicas para a população rural a exemplo da instituição da aposentadoria para o trabalhador rural instituída pela Constituição Federal - CF de 1988 que universalizou o atendimento aos idosos do meio rural incluindo o setor rural informal.

A maioria das pessoas da segunda geração de Mato do Tição é beneficiária da aposentadoria rural que passou por adequações positivas em 1991 com a Lei 8213, ficando instituída a aposentadoria por idade aos trabalhadores rurais no valor de um salário mínimo sem a necessidade de ter havido contribuições. O avanço foi significativo considerando que na Lei anterior de 1971, somente uma pessoa da família poderia ser beneficiária e com o recebimento de apenas meio salário mínimo. Com as mudanças (1988 e 1991), todos os trabalhadores rurais: mulheres com idade superior a 55 anos e homens acima de 60, passaram a ter direito ao benefício da aposentadoria rural por idade. De acordo com Soares (2009), “aposentadoria rural representa um autêntico programa de renda mínima para os idosos residentes na área rural, gerando um grande impacto econômico, principalmente nos municípios mais pobres das regiões menos desenvolvidas” (p.4).

Em Silva (2008,) podemos confirmar que a aposentadoria rural trouxe significativas mudanças na vida dos moradores se comparadas aos períodos anteriores, nos quais a fonte de recursos era escassa e as pessoas ficavam a mercê dos empregadores rurais que não cumpriam a legislação trabalhista e pagavam salários baixíssimos.

## **2.5. A percepção do Mato do Tição através do passeio pelo quilombo e dos desenhos**

A técnica do “passeio pelo quilombo” ou *piquenique*<sup>48</sup> como as crianças quiseram chamar, foi adaptada da metodologia identificada como “Caminhada

---

<sup>48</sup> O piquenique foi o encerramento do passeio, no qual fizemos um lanche coletivo próximo a uma pequena queda d'água, local escolhido pelas crianças. Quando mencionava o passeio elas sempre utilizavam a expressão “Ah! O piquenique”. Para elas todo o processo era o piquenique, como já citado, a hora do “comer juntos” as coisas gostosas trouxeram era “a melhor hora”.

Transversal” ou de acordo com DRUMOND (2009), pode receber outras denominações tais como travessia, caminhada semiestruturada e cortes transversais. Essa metodologia é utilizada nos planejamentos participativos aplicados a projetos relacionados ao ambiente rural, com temas ligados ao meio ambiente, a agricultura, aos assentamentos rurais etc.

De acordo com SOUZA (2009), a caminhada transversal consiste em caminhar por uma determinada área, com o pesquisador sendo acompanhado por um grupo de informantes que conhecem bem o local, observando-se todo o ecossistema. Parte do pressuposto de que as pessoas “do lugar” são atores privilegiados na construção conjunta de propostas de intervenção nos diversos espaços. Suas experiências e vivências são fundamentais para a compreensão do lugar em sua complexidade.

O passeio pelo Mato do Tição foi utilizado como forma de compreender a apropriação dos diversos espaços do quilombo pelas crianças e sua rede de relações com os moradores, além de identificarem os pontos que consideravam mais importantes para elas. A organização do passeio contou com a participação das crianças que definiram dia e horário, lanches, recado para as outras crianças, locais a serem percorridos e a parada para o piquenique. Também recebi de Acotirene uma lista com o nome de todas as pessoas e suas respectivas residências.

O passeio durou cerca de 4h. Durante o percurso foram cantadas músicas e as crianças me apresentavam os moradores de cada casa identificando seu grau de parentesco. Em algumas casas, os moradores contavam histórias sobre a organização do quintal, o Candombe, a organização da capela, a feitura de doces, o tempo difícil de suas infâncias e o parentesco com as crianças. O lanche foi realizado a beira do córrego.

Realizei anotações durante e após o percurso, foram feitas algumas fotografias. O passeio foi retomado em outra atividade em que as crianças fizeram desenhos e contaram histórias sobre o quilombo e também na atualização de um croqui publicado no livro “Mundo Encaixado”, já citado aqui, que apresentou a disposição das casas e construções assim como estava organizado o quilombo por volta do ano de 1982.

Os desenhos também foram utilizados como complemento do passeio. Foram realizados em duas etapas. A primeira, na sequência do abecedário, as crianças

divididas em dupla receberam papel, lápis colorido e caneta hidrocor. Foram orientadas a desenharem o Mato do Tição com elementos que mostrassem como era o lugar onde moravam. Numa segunda etapa foi solicitado que desenhassem o que mais gostavam no quilombo. Também foram feitas ilustrações para compor o livro em tecido, que poderiam ser com relação ao passeio ou a outros passeios que haviam realizados e, ainda, algo que queriam desenhar sobre os quilombos. Muitos fizeram desenhos representando as festas, a fogueira de São João e, em uma situação especial, uma menina contou uma história inventada por ela. As histórias estarão transcritas no capítulo quatro.

### **2.5.1. Pessoas, lugares, artefatos, histórias e ofícios**

O passeio pelo quilombo teria início a partir do Morro do Cruzeiro, local onde todos os anos é realizada a reza do cruzeiro. No entanto, ao reunirmos todas as crianças elas próprias sugeriram que a caminhada seria muito longa e cansativa para as crianças pequenas. Sugeriram então começarmos pelo local que elas chamam de “beco”. Uma trilha com uma sequência de casas dos descendentes de Jair Siqueira, um dos irmãos da família Siqueira, já falecido. Antes da entrada no beco, as crianças realizaram uma pequena discussão para decidir quem iria à frente, lá havia muitos cachorros bravos e elas tinham medo. Decidiram então que a neta de Seu Jair iria à frente e seria a responsável por apresentar o lugar para o grupo porque lá ficava também a sua casa<sup>49</sup>. Eram quatro casas, cada uma de uma família. Sissy (12anos) foi apresentando seus moradores e seu parentesco com cada um. Chegando ao final do lote, as crianças se espalharam para verem a pocilga.

Luanda (48 anos) falou para as crianças do córrego e da mina, a nascente. Apontou o poço artesiano que fica no fundo do lote e disse que ele abastece a comunidade do Mato do Tição. As crianças desceram todas para o córrego, foram na “bica”, tomaram água, jogaram pedrinhas no córrego, lavaram as mãos e o rosto. Estavam se divertindo. Na volta ainda observaram o galinheiro e a horta. Perguntaram

---

<sup>49</sup> Esse critério de quem era moradora do local apresentaria as pessoas e o lugar para o grupo.

para Luanda quando ela mata os porcos e ela respondeu “quando dá vontade de comer e também perto do Natal”. Apesar das crianças circularem pelas casas do quilombo, naquele momento percebi que elas estavam de fato fazendo um passeio especial, pois se encantaram com as coisas: o galinheiro, a horta bem cuidada, os porcos, a nascente, o córrego. Pareciam que estavam olhando com um olhar diferente, aproveitando a oportunidade para verem demoradamente aquilo que conheciam e que não olhavam detidamente. (Diário de campo, 9/6/13).

Seguimos em direção à próxima casa e Kênia fez a apresentação, pois lá moravam seus avós maternos e seu bisavô, Seu Dante (92, anos). Kênia apresentou sua avó Firmina (57 anos), conhecedora do ofício de cozinhar e fazer doces. Mostrou o jardim na frente da casa, a casinha onde Seu Dante morou, o quartinho do fogão a lenha, o galinheiro, a horta.

Seu Dante, conhecedor do candombe e reinado, deu a benção às crianças. Sugeri às crianças se queriam fazer alguma pergunta para ele e Enan perguntou como havia surgido o candombe. Seu Dante contou a história da origem do candombe<sup>50</sup> bem baixinho e as crianças tiveram que ficar bem próximas para ouvirem.

Em seguida se dirigiram para D. Firmina que estava fazendo doce de leite e perguntaram como o doce era feito e como fazia os canudinhos. As crianças ficaram muito encantadas com a casa do Seu Dante e o quartinho com o fogão a lenha. Pediam para entrar e, como era muito pequeno entraram de 2 em 2, saíram dizendo que era muito bonitinho, que as paredes eram todas enfeitadas com tecido e tinha uma caminha para deitarem e ficarem vigiando a comida no fogão.

No final do lote, havia um touro mecânico em que o filho de D. Firmina treinava para o rodeio. De repente, o quintal virou um parque de diversões, as crianças fizeram espontaneamente uma fila e começaram a brincar no touro. Brincavam e voltavam para a fila. Depois foram para o fundo do lote e se encantaram com o movimento do bambuzal. Geórgia pegou palhas do bambuzal e gritou “olha, com isso dá pra fazer papa-vento” e Kênia disse que tinha que recortar a palha e fazer o papa-vento, que vovô Dante tinha ensinado pra elas.

---

<sup>50</sup> As histórias aqui citadas serão narradas no capítulo 4.

Os espaços foram aproveitados por cada criança, elas ali exploravam o seu mundo brincando, admirando, conhecendo com detalhes. O touro mecânico foi motivo de muita animação. Além dos aprendizados colocados a sua disposição: a feitura do doce, a origem do candombe, o material para fazer o papa-vento, o equilibrar-se no touro mecânico, as antigas construções etc. Aprendizado a partir da curiosidade, da escuta, da observação, da interação.

FOTOGRAFIA 6 - Quintais das casas



Usando o corpo, a atenção, os ouvidos elas iam aprendendo de múltiplas formas. (Diário de campo, 9/6/2013)

O passeio teve continuidade até a última casa considerada como pertencente ao quilombo. Em cada casa, uma família, uma história: origem da reza de maio, imagem de Santana, as dificuldades vivenciadas pelos mais velhos. As crianças demonstraram satisfação e orgulho em poderem apresentar sua família, a chegada em cada casa era motivo de satisfação e admiração para os que lá estavam “Nossa, nunca vi tanta meninada junta”, observou D. Isaura. A recepção dos adultos foi muito calorosa. Em algumas casas ofereciam café, água ou outro alimento que eram recusados pelas crianças que queriam saborear as delícias ao final do passeio.

Andaram com desenvoltura por todos os espaços e em praticamente todas as casas entraram e conversaram com desembaraço com seus moradores. As crianças interagiram com o meio e com as pessoas que fazem parte do seu cotidiano, de seu mundo vivido, de suas vivências, num processo dinâmico de inter-relação do sujeito com o mundo exterior. Foram processos de relações carregados de sentido para as crianças e experimentaram o lugar que já conhecem, buscando conhecê-lo fora de sua rotina. Na maioria dos pontos de parada, o espaço era explorado de forma lúdica, circularam de modo diferente do que estavam acostumadas. Brincaram com os objetos, interagiram com a natureza, lançaram questões para os moradores.

FOTOGRAFIA 7 Caminhos e quintais





A “trilha” realizada no passeio seguiu no sentido estrada do Mato do Tição para a estrada de São Sebastião do Campinho, lugarejo próximo. Com esse percurso foi possível identificar os lotes que não estavam ocupados por pessoas do lugar. Lotes que foram vendidos, lotes apropriados por fazendeiros e transformados em pastos, pequenos espaços de mata etc. A partir do passeio e de posse do croqui que consta do livro “Mundo encaixado”, pudemos fazer, através de uma conversa direcionada, uma atualização do croqui e uma lista com todas as casas que estão no território<sup>51</sup>.

### 2.5.2 Os desenhos

Ao tratarmos da relação das crianças com o lugar, a análise dos desenhos contribuiu para compreensão de como as crianças percebem o lugar onde vivem. Os desenhos, como atividade direcionada para as crianças, foram feitos em três ocasiões: na

---

<sup>51</sup> Casa de Jairnei, casa de Genaro, casa de Alaíde, casa de Matiula (mora no centro de Jabó e é filha do Sr. Dante), casa de Sr. Dante, casa de Maria, casa de Ludovina, casa de Helena (pessoal de Belo Horizonte), casa de Nilse, casa de Rosilene, casa de Lindomar, casa de Sabrina, casa de Vitor, casa de Rosaura, casa de D. Divina, casa de Marilene, casa de Glória, casa de Lidiane, casa de João Marcolino, casa de Sílvia (Tia Bina), casa de Isaura, casa de José Floriano (Paticim), casa de Jurai, casa de Adrilaine (Titita), casa de Dinilton (fazenda arrendada) casa de Vicentina Casa de D. Antônia (ela é de Belo Horizonte), casa de José Cezário, (morreu e a sua esposa mora no centro), acima da casa de Alaíde no Beco tem: casa do Tio Badu (Sílvio), casa de D. Júlia (pessoal de fora), casa de Vanderlei (Tio de Marenny e Rayssa), casa de D. Isaura (é de Juatuba), casa de Sr. Tião (é Belo Horizonte), casa de Jorge (é de Belo Horizonte).

primeira foi indicado que desenhassem o quilombo da forma como o viam tendo como referência a sua casa; na segunda sugeri um desenho sobre o que gostavam no Mato do Tição e o terceiro uma ilustração da história ou coisas que gostariam de contar para a confecção do livro de pano. Também fizeram desenhos livres, principalmente as crianças pequenas. Nesses desenhos das crianças pequenas, sempre havia referência a animais, plantas, pessoas. Elas gostam muito de fazer desenhos e sempre que chegava a alguma casa elas me pediam papel e lápis para desenharem. Alguns desenhos ficavam com elas e outros eu guardava para as análises. Foram recolhidos desenhos de 18 crianças com idade entre 2 e 15 anos.

Na maioria dos desenhos, os elementos que compõem o lugar tiveram destaque. Combinavam elementos da natureza com outros, como as casas, a capela, animais domésticos, passarinhos voando, peixes, rios, pessoas. Igualmente foram observados elementos da identidade do Mato do Tição como os tambores do candombe, a festa de São João e a fogueira, o Morro do Cruzeiro. O desenho das casas os caminhos que as interligam foram recorrentes assim como os elementos da natureza com árvores, plantas, animais, rios. Todos os elementos tinham uma relação com a experiência de vida das crianças. As imagens faziam referência aos seus modos de se relacionar com o lugar: o sagrado, as trilhas, o rio, os animais, as pessoas, os elementos da cultura local.

Foram identificados os ícones mais recorrentes nos desenhos que foram organizados da seguinte maneira:

- Elementos da paisagem natural.
- Animais.
- Casas e quintais.
- Elementos identitários da cultura do Mato do Tição.
- Pessoas.

#### **2.5.2.1. A representação das casas**

“O desenraizamento é o único apelo que convoca os mortais para um habitar” (M. Heidegger).

Dada a importância cultural das casas para todos os povos, faz-se necessário destacar o seu significado para as populações afro-brasileiras e quilombolas. SLENES (1999), ao tratar das famílias escravizadas no Brasil, destaca a importância da

constituição do lar e da centralidade da casa na vida dessas famílias. A casa representada como um lugar de acolhimento, encontro, afetividade daqueles que durante muito tempo ocuparam lugares a expensas da exploração do seu trabalho: engenhos, minas, eitos de rios, lavouras, senzalas. Os quilombos, anteriormente a abolição da escravidão, foram as primeiras formas de habitação sem o olhar permanente dos senhores.

As narrativas de origem do quilombo de Mato do Tição conta que nas terras onde se estabeleceu a família Siqueira era anteriormente habitada por grandes senhores com seus trabalhadores cativos e indígenas. Negros e índios constituíram agrupamentos de escravizados libertos e indígenas, mas que segundo os mais velhos, não podiam ser considerados grupos familiares. As uniões eram instáveis, não existiam casas propriamente ditas, as pessoas moravam nas matas sem constituírem vínculos efetivos uns com outros. Conforme relatos de uma moradora do Mato do Tição citados por (SILVA, 2013), a organização de um grupo familiar estável se deu a partir de seu pai Benjamim Siqueira. Ele já não era mais escravizado e havia se casado com Josefa Basília, que morava naquela região e era filha de africanos escravizados. Ao constituírem família começam a surgir as primeiras casas/moradias. O relato abaixo transmite a impressão de que os fundadores do quilombo não chegaram a estabelecer uma relação mais aprofundada com os indígenas locais, denotando a ideia de certo distanciamento entre esses dois povos:

Era triba, coluna como eles falavam... era negro com índio... tudo misturado. Matição era encoberto. Em vez de família de fulano de tal, não era considerado família não. Era coluna! Coluna Negra! Então nós identificamos família depois de papai [Benjamim]. Mas [antes] era oca... era triba, era coluna... Ninguém falava família de fulano de tal, não! Então nós somos do mato! [Pai] saía com nó e mostrava nós essa região aqui... que foi dominada pelo bisavô dele... Eu ficava intrigada... e perguntava ‘Pai o que é coluna?’ Aí ele falava: ‘Minha filha é não existia moradia’. O povo morava tudo era no mato. Nas ocas. Num tinha separação em famílias. Tudo era índio. Era um bolo só. Dormia junto, comia junto (p.42).

No pós- abolição, foi necessário aos libertos ocuparem um lugar que pudesse ser considerado “seu”, lugar privativo para o exercício da afetividade íntima, de sua religiosidade, da produção dos alimentos. Para a população afro-brasileira recém-saída da escravidão, a valorização do seu lugar de moradia era uma questão de resistência social e cultural. Para Pereira( ) forma como a população negra constituiu a casa como

seu *locus* de vivência buscava a sua independência frente ao senhor, um ato político para fazer frente aos históricos processos de desenraizamento por qual passou. Nesse espaço casa, existe maior condição para consolidar sua identidade. A casa torna-se lugar sagrado para as rezas, orações, benzeções e rituais; também é espaço de aprendizagens dos ofícios de cozinhar, cuidar das plantas e animais, aprendizado de regras; espaço de lazer para as diversões em família. Nas representações das crianças, esses elementos estão todos presentes.

A representação das casas apareceu de diversas maneiras. Muitas interligadas por trilhas/ caminhos, com quintais, jardins. Algumas foram representadas sozinhas. Em alguns desenhos, a casa da criança foi identificada com seu nome. A casa de D. Divina (matriarca da comunidade) foi representada inúmeras vezes, nessa casa/templo são realizadas as rezas de São João e São Pedro e os ritos de cura/benzeção realizados pela matriarca. No quintal da casa de D. Divina é tecida a enorme fogueira de São João que queima por horas ininterruptas, onde se erguem as bandeiras dos santos padroeiros da casa, onde as pessoas de fé passam descalças na brasa, lugar de se tocar e dançar o candombe<sup>52</sup> e o batuque.

DESENHO 1- Representação das casas



<sup>52</sup> O Candombe acontece em diversos outros pontos da comunidade não somente na casa de D. Divina.



### 2.5.2.2. Os outros ícones representados nos desenhos

Depois da representação de casas, os elementos da natureza foram os mais representados. Eles apareceram compondo os desenhos da casa ou não: céu, sol, estrelas, nuvens, rios, árvores, flores, gramas. Os animais também foram muito presentes, como passarinhos, peixes, galinhas, porcos, lobo, borboleta, cachorro, boi, vaca, cavalo. Em seguida os elementos identitários da cultura como tambores do candombe, fogueira da festa de São João, bandeirinhas que enfeitam as festas, Morro do Cruzeiro, Coroação de Nossa senhora, Placa com a inscrição “Quilombo Mato do tição”. As fogueiras estavam presentes em vários desenhos o que confirma a preferência das crianças pela festa de São João, elas gostam muito da fogueira que tem uma altura significativa e queima durante boa parte da noite de 23 para 24 de junho.

DESENHO 2 – Representação de elementos identitários e da natureza





Também aparecem muito crianças brincando, pessoas em roda, tocando candombe, dançando quadrilha, representação da matriarca, das próprias crianças.

Em vários desenhos, havia escritas de palavras algumas delas identificando lugares como capela, bar do Ley, casa de tia Divina, minha casa, ponte e fogueira e frases como “amo o Mato do Tição demais”, “Sou brasileira até morrer”, “festa que eu mais gosto”, “Mato do Tição de++ Te amo te adoro sou quilombola huhu!”, “Mato do Tição tá no sangue, tá na raça huhu”, “União e paz”. Essas frases expressam o sentimento das crianças com o lugar em que vivem e vêm carregadas de afeto e valorização da sua comunidade.

Alguns elementos estavam ausentes, principalmente as motos e os telefones celulares (que são comuns na comunidade) e não foram representados em nenhum desenho.

As crianças demonstraram, através de seus desenhos aquilo que dão importância em suas vidas e na vida da comunidade: as casas interligadas por trilhas (comunicação entre as famílias); a capela como espaço da religiosidade; a natureza embelezando o ambiente e fornecendo alimentos (frutas, chás, peixes, caças) ; as pessoas em diversas atividades de interação nas festas, brincadeiras e candombe; os animais presentes em todas as casas e na natureza, o bar do Ley espaço de interação e encontro de amigos, parentes e visitantes, diversão, jogos, músicas, danças, brincadeiras, jogos de futebol televisionados, guloseimas.

No próximo capítulo, serão analisadas algumas dimensões dos modos de ser criança no Mato do Tição compreendido em sua pluralidade de jeitos e formas de vivenciarem a infância.

## **CAPÍTULO 3**

### **MODOS DE SER CRIANÇA NO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO**

O tema central desse capítulo são as diversas formas de ser criança no quilombo Mato do Tição. Os dados aqui apresentados são fruto de uma busca metodológica que pudesse se adequar ao universo e aos sujeitos da pesquisa - as crianças quilombolas de Mato do Tição. Também significa uma tentativa de trazer para os nossos estudos em educação e para o que Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva intitula de “Pensamento negro em Educação” a vida, a cultura e as aprendizagens das crianças quilombolas de Mato do Tição. Tal tentativa faz parte de um percurso acadêmico, profissional e militante que se entrecruza com a urgência de construção de metodologias e, quem sabe, de pedagogias que contemplem os valores da cultura africana e afro-brasileira em suas diversas dimensões, incluindo-se a quilombola, nas escolas brasileiras. Já temos um longo caminho percorrido no que diz respeito aos terríveis diagnósticos de desvalorização da história e da cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares e também das diversas formas de hostilização às quais crianças, jovens e adultos negros estão expostas. Portanto as crianças, centrais nesse capítulo, serão apresentadas em sua vida cotidiana plenas de humanidade e conhecimento.

Para tanto, foram utilizados diversos recursos metodológicos como observação participante, entrevistas, conversas informais, conversas direcionadas dentre outras que serão especificadas a medida que se fizer necessário no decorrer das análises dos dados.

Também foram entrevistadas pessoas da 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> (como já informado na introdução e também no capítulo 2) geração na tentativa de traçar uma breve genealogia da infância no Mato do Tição. O foco dessas entrevistas foi a infância desses adultos: brincadeiras de sua época, com quem brincavam, tempos para brincadeira e outras formas de lazer. Em todas as entrevistas, a questão do trabalho atravessou as lembranças da infância. Conforme os relatos o trabalho era exaustivo, e as brincadeiras aconteciam mais aos domingos, nos dias de festas e enquanto trabalhavam. As crianças dessas gerações viveram a infância de outro jeito, pois as condições de sobrevivência na comunidade eram muito difíceis para todos inclusive para as crianças.

A frequência à escola também ficou comprometida em pelo menos três gerações, os estudos foram precocemente interrompidos por causa do trabalho. Era necessário ajudar a família não somente nas tarefas domésticas, como também nas atividades produtivas como forma de garantir o sustento de todos. Trabalhavam na roça, faziam farinha, colhiam coquinhos para vender e fabricar gordura.

As crianças de hoje têm uma realidade diferenciada com relação aos mais velhos no que se refere à questão do trabalho exaustivo e a possibilidade de frequentarem a escola. Essas possibilidades experimentadas pelas crianças acontecem devido às mudanças que se instalaram no país há pelo menos dez anos no que tange aos investimentos sociais e políticas de distribuição de renda, geração de emprego e investimento em projetos para comunidades quilombolas, como já foi apresentado no capítulo 1.

As categorias apresentadas nas análises dos dados emergiram a partir de uma leitura que buscou a constante interlocução com as teorias da infância centradas na concepção das crianças como atores sociais, produtoras de culturas que elaboram e reelaboram conhecimentos a partir de suas interações com o meio, com os adultos e especialmente, com seus pares. Para tanto foi central o conceito de cultura de pares e a abordagem interpretativa da socialização da infância trabalhada por CORSARO (2011). Para esse autor as crianças não se limitam a internalizar a vida adulta que lhe é externa. Como vimos no capítulo 2 o caso das diferentes narrativas a respeito do nome do quilombo e como as crianças elaboram uma interpretação própria. As crianças tornam-se uma parte da cultura adulta, isto é, contribuem para a sua reprodução através das negociações com os adultos e da produção criativa de séries de culturas de pares com outras crianças. São essas negociações e os processos criativos nas culturas de pares que permitem a dinamicidade da vida e a possibilidade das crianças construírem novos percursos e culturas, deixando suas marcas na história do seu grupo social.

Brincadeiras são reinventadas, novas palavras, novas formas de relações, novos modos de ser criança vão sendo impressos na vida das sociedades, das comunidades e dos grupos sociais. Nos dizeres de Corsaro (2002, p113), são microprocessos que envolvem a interação das crianças com os que cuidam delas e com seus pares.

A abordagem interpretativa considera a socialização como um processo “produtivo-reprodutivo”, não sendo nem um processo de imitação meramente, nem de reprodução do mundo adulto e, sim, um movimento de apropriação criativa por parte das crianças do mundo adulto para que elas possam produzir a sua própria cultura. De acordo com Corsaro (2002, p.114), a produção das crianças nos seus processos de socialização é criativa porque: expande a cultura de pares transformando o que apreendem do mundo adulto a partir de suas preocupações; contribui para a reprodução da vida adulta de forma simultânea. Dessa forma as crianças internalizam e se tornam parte da cultura adulta, criando culturas diferenciadas. Reproduzem a cultura adulta criativamente, através das negociações com os adultos e da produção coletiva de uma série de culturas de pares com as outras crianças.

As sucessivas gerações vão imprimindo suas marcas na cultura de Mato do Tição. O processo de construção da identidade quilombola entre os adultos está se constituindo embrionariamente entre as crianças que, e, supomos, que diferente dos adultos, elaboram e reelaboram de forma criativa os discursos sobre o ser quilombola. Assim como a construção afirmativa de uma identidade enquanto crianças negras do Mato do Tição pode diferenciar-se da construção que foi possível às outras gerações, marcada por extremo preconceito, discriminação e estigmatização (SILVA, 2012) e talvez com pouco potencial de negociação.

As crianças de hoje, como veremos, distinguem os motivos da discriminação, compreendem que essa discriminação é injusta e que vivem em um lugar com fortes expressões de identidade negra e resistência cultural afro-brasileira. Procuram reagir ao preconceito e à discriminação falando “do seu lugar” de cultura, de vida, de identidade. Tecem cotidianamente formas de aprendizagem múltiplas motivadas pelo interesse em aprender e em fazerem parte de sua comunidade.

As categorias aqui apresentadas para mostrar os modos de ser criança em Mato do Tição, constituem as vozes e os jeitos dessas crianças e podemos considerar que elas estão imersas em um mundo/cenário/universo/comunidade/lugar potente em aprendizados. As aprendizagens são permanentes e constantes nas brincadeiras, na comensalidade, nas festas, nas tarefas domésticas, na escola, nas oficinas e projetos, nas relações com os adultos e com outras crianças. Aprendem observando, ouvindo, perguntando, ensaiando, brincando, fazendo, interagindo, contando e ouvindo histórias,

reagindo, negociando, vivendo. As aprendizagens se dão por toda a vida com variações referentes às diferentes formas de vida em diversas culturas.

### **3.1. “O dia inteiro a gente brinca” - As brincadeiras como expressão do ser criança**

A criança do Mato do Tição é um ser brincante. Assim como parece ser também as crianças quilombolas como destacado nas pesquisas de SPINDOLA (2008), CHISTÊ (2012) e PAULA (2014). A brincadeira está presente em diversos momentos da vida cotidiana, espaços e ocasiões de vivência das crianças. Em Mato do Tição os melhores momentos das brincadeiras em um grupo grande de crianças são durante as festas, aguardando as celebrações religiosas, nos intervalos das oficinas, aguardando o ônibus para a escola. As brincadeiras em grupos pequenos acontecem dentro das casas, nos quintais durante a noite nos dias de semana e durante o dia nos finais de semana.

PAULA (2012) em pesquisa realizada em dois quilombos de Santa Catarina observou inúmeras brincadeiras das crianças quilombolas e destacou a autonomia das crianças frente aos adultos. Decidiam a brincadeira da vez, discutiam as regras de algum jogo, faziam brinquedos com cacos e objetos encontrados pelo caminho. As brincadeiras para aquelas crianças, de acordo com a autora, estavam revestidas de um caráter fundamental para o seu processo de socialização e vivência de sua infância singular:

Para as crianças da comunidade quilombola a brincadeira e os brinquedos, quase todos criados por elas, adquirem uma importância fundamental na medida em que se constituem momentos de rica interação com o meio físico e social, testando os limites da sua força, de suas habilidades físicas e intelectuais, estabelecendo-se nessa criação uma simbiose entre a realidade e a fantasia, virando uma rotina e facilitando a aquisição de significados que são ou podem ser compreendidos por elas de diferentes maneiras (p. 208).

Durante minha permanência em campo, foram observadas diversas formas de brincar entre as crianças e elas também relataram muitas outras que têm costume.

Organizam-se em grupos de acordo com a ocasião e a disponibilidade. Grupos de idades próximas, idades variadas (de 2 a 14 anos), somente crianças bem pequenas, somente meninas e grupos mistos de meninas e meninos. Como o grupo de meninas é maior que o de meninos, não foi observado a existência de grupos somente

de meninos. Também demonstraram autonomia na escolha e organização das brincadeiras assim como se utilizavam pouco de brinquedos industrializados.

As brincadeiras vão desde os jogos tradicionais como pega-pega até brincadeiras inventadas como salão de beleza e restaurante.

Muitas das brincadeiras vivenciadas pelas crianças são as chamadas tradicionais do mundo infantil como pega-pega, esconde-esconde, pular corda, corre cotia, queimada, rouba bandeira, polícia e ladrão, chicotinho queimado que são brincadeiras canônicas que se mantêm de geração em geração e outras que dizem de suas vivências na comunidade como salão de beleza, restaurante, folia de reis e candombe (essas duas últimas fazem parte da cultura local). Podem-se destacar pelo menos três elementos dessas brincadeiras que falam da vida, principalmente das meninas, tais como: a escola, os cuidados com a beleza feminina e o mundo do trabalho. Nessas brincadeiras as crianças produzem atividades que estão relacionadas com as experiências de suas vidas tais como a disponibilidade de vagas de trabalho para cozinheiras (atividade exercida por algumas mulheres da comunidade), preocupações com a beleza que são impostas ao mundo feminino e também as brincadeira com elementos da cultura como candombe e folia de reis que fazem parte das tradições da comunidade.

Ou seja, a rotina das crianças se faz presente em suas brincadeiras. Nesse ponto, Corsaro (2002) chama a atenção para os aprendizados das crianças nessas brincadeiras nas “quais elas se apropriam de certos elementos da cultura adulta para lidar com problemas práticos da cultura de pares local” (p.116). Aí está contido um dos pressupostos do autor em sua definição da teoria da “reprodução interpretativa” na qual a apropriação das crianças (da cultura dos adultos) permite uma ampliação da cultura de pares contribuindo assim para a reprodução do mundo adulto, imprimindo uma marca singular a essa cultura.

Voltando às brincadeiras tradicionais essas representam a diversidade cultural ao longo da história, muitas das brincadeiras cunhadas como tradicionais são tidas por universais de acordo com KISHIMOTO (1994), ou seja, faz parte da cultura de diversos povos do mundo, como por exemplo, soltar pipa, pular corda, pega-pega e outras. É verdade que existe uma recorrência de brincadeiras ao longo do tempo e que são comuns em muitas culturas, mas isso não deve ser absolutizado e tomado como

universal, pelo contrário, deve ser explorado em cada contexto. Existe uma pluralidade de brincadeiras espalhadas pelo mundo. Os tipos de brincadeiras estão intimamente ligados à cultura de cada povo, de cada localidade.

Os jogos e brincadeiras tradicionais que se desenvolveram e mantiveram-se vivos, só foram possíveis graças às transmissões orais que se dão de geração a geração ao longo do tempo. Mas nem por isso permanecem intactas, elas são reelaboradas e transformadas principalmente pela capacidade criativa das crianças que incorporam novos elementos em sucessivas gerações nas diferentes culturas.

As crianças aprendem com outras crianças e ensinam a tantas outras perpetuando e mantendo um aspecto muito significativo da cultura infantil que é a ludicidade. Ao considerarmos o caráter lúdico das brincadeiras não estamos alheios ao fato de que brincar também “é uma coisa séria”. Veremos que no Mato do Tição algumas brincadeiras atravessam gerações.

Brincar não é prerrogativa do mundo infantil, pois os adultos também brincam. Mas a brincadeira para as crianças constitui algo além do lazer. Através das brincadeiras, as crianças elaboram e reelaboram suas vivências cotidianas. Constituídas de situações imaginárias, as brincadeiras, principalmente aquelas de “faz de conta” ou jogos sociodramáticos (CORSARO, 2002), são atividades regidas por regras, povoam as realidades vividas e ganham sentido específico quando são partilhadas com seus pares. Ao olhar para as brincadeiras “de faz de conta,” um adulto pode inferir apressadamente que as crianças brincam de imitar os adultos. No entanto, o olhar mais detido identificará que para além da imitação e da mera reprodução do mundo adulto as crianças apropriam de forma criativa das informações que são captadas do mundo em que vivem e na interação com seus pares. Em um processo constante de elaboração, produzem uma cultura própria.

Para CORSARO (2002) esse processo é considerado criativo como já dito, porque consegue expandir a cultura de pares ao transformar as informações do mundo adulto de acordo com as suas próprias necessidades e questões. As crianças brincam com coisas do “mundo adulto” e assim aprendem, por exemplo, como se localizar nesse mundo. Elas testam possibilidades e ensaiam formas de lidar com problemas concretos vivenciados por elas.

Nessas brincadeiras, as crianças produzem de forma colaborativa atividades de “faz de conta” que integram o seu cotidiano, como exemplo aquelas ligadas à rotina da família e à atividades ocupacionais. Encenam conversas ao telefone, tornam-se donas de restaurantes e salões de beleza ou “imitam” os mais velhos brincando de candombe. A brincadeira assim é uma forma de linguagem na qual as crianças expressam seus desejos, preocupações e os modos como compreendem as situações do cotidiano. Brincando, buscam formas de compreender o mundo (CORSARO, 2002) (SILVA, 1999). As brincadeiras são uma espécie de linguagem que nos permite interpretar o mundo infantil.

### **3.1.1. As brincadeiras “de faz-de-conta”**

No Mato do Tição são comuns as brincadeiras de escolinha, casinha, salão de beleza, restaurante, mamãe-filhinha<sup>53</sup>. Como indicado por CORSARO (2002), nesse jeito de brincar também as crianças do Mato do Tição, têm nesses jogos sociodramáticos espaço para suas vivências de criança, reproduzindo e reinterpretando pequenos esquetes da vida cotidiana em seu contexto. Em cada comunidade e cultura as crianças se expressam, nessa forma de brincar, desde seus ideais de vida adulta até suas preocupações com as relações que são estabelecidas a sua volta. A descrição de cada brincadeira se dará como forma de interpretar essa linguagem infantil.

As brincadeiras apresentada abaixo nos oferece uma espécie de chave de leitura do que de fato conta na vida das meninas e de alguns meninos pois também eles brincam de restaurante e folia de reis.

---

<sup>53</sup> Uma pessoa tem que tirar impar ou par para ser mãe, pai ou então... “mamãe mandou escolher esse daqui”, ou isso, se para na pessoa vai ser a mãe e depois vai no filho. Tem duas meninas, se para noutra menina ela é a filha e a outra é a tia. Aí nós passeia, conversa e a maior, também, tem gente que escolhe a maior pra ser a mãe e a menor pra ser os filhos. Aí nós passeia pra lá passeia pra cá conversa e faz umas coisa que os outro bebe e cai no chão e vai conversando, pra brincadeira ficar mais engraçada e mais legal (Keezy, 7 anos).

### 3.1.1.1. Brincar de restaurante

Essa brincadeira expressa um entendimento daquilo que é uma ocupação de algumas pessoas da comunidade que trabalham em bares e restaurantes e também uma vivência bem próxima delas devido à existência de dois bares na comunidade. O Bar do Ley é estabelecimento comercial e cultural da comunidade que atende visitantes e pessoas do lugar, especialmente nos finais de semana. Durante as festas meninas e meninos ajudam servindo as pessoas e vendendo alimentos nas barracas. Portanto brincar de restaurante torna-se uma espécie de aprendizado como cozinheira, atendente, donas de restaurantes e também uma forma de brincar com aquilo que já exercem de forma esporádica durante as festividades no quilombo.

No exercício das atividades existentes em um restaurante, as meninas e um menino experimentam a possibilidade do exercício de uma profissão que algumas desejam no futuro como expressou Kele “Eu quero ser cozinheira de restaurante ou então chefe de um restaurante”. De acordo com Kele essa brincadeira é muito gostosa e só pararam de brincar por um tempo por que um tio disse que a “misturada que a gente fazia com água para fingir que era suco iria dar dengue” pois estavam deixando as vasilhas com água espalhadas por todo lado. Addaê relata que quando estavam brincando de restaurante muitas pessoas pensavam que ali era um restaurante de verdade e isso era o mais gostoso da brincadeira.

Os pesquisadores das aprendizagens na infância LANCY, BOCK e GASKINS (2010) descrevem e analisam várias situações de aprendizagens em diversas culturas no mundo que têm, na brincadeira, uma forma de aprender e ensinar entre crianças. As brincadeiras, despreziosas aos olhos dos adultos, são verdadeiros momentos de aprendizagens de atividades produtivas próximas das crianças. De acordo com esses autores, elas muitas vezes brincam daquilo que já realizam mesmo de forma esporádica. E se a brincadeira agrega diferentes idades, às crianças menores é dada a oportunidade de aprender com as maiores de forma efetiva. Segundo as autoras citadas acima, essas situações de aprendizagem são consideradas mais eficazes porque são crianças aprendendo com crianças.

Em Mato do Tição as crianças passam muitas horas na companhia de outras crianças e mesmo em situações<sup>54</sup> em que as maiores têm que cuidar das menores, ocorre na maioria das vezes, a integração das pequenas nas brincadeiras dos grupos. De acordo com Lancy, Bock e Gaskins (2010), esses processos de interação entre crianças de diversas idades, são importantes para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças. Em diversas culturas, as interações entre crianças em seus contextos cotidianos prevalecem sobre as interações com os adultos. As crianças são mais próximas umas das outras em situações de atividades em que elas tornam-se mais interessadas porque são realizadas por outras crianças. É como se elas aprendessem na medida certa aquilo que, se tivesse sido ensinado por um adulto experiente, as sobrecarregariam. Enquanto interagem umas com as outras as crianças aprendem habilidades úteis em situações de brincadeira tais como tarefas domésticas e outros tipos de trabalho.

Acotirene (35 anos), que pertence a 4ª geração de Mato do Tição, é mãe de duas meninas, relata que quando era criança brincava enquanto tomava conta dos irmãos e que geralmente ela brincava de casinha. Não existia, portanto, dissociação entre brincadeira e sua responsabilização no cuidado com os irmãos.

### **3.1.1.2. Brincar de Casinha**

As meninas de Mato do Tição montam uma casinha utilizando de vários objetos e recursos da natureza. Assim as panelas velhas, furadas e sem utilidade para os adultos transformam-se em formas de bolo; pedaços de madeiras deixados no quintal viram mesas; pedaços de tecido ou plástico tornam-se telhados das casinhas. O bolo é feito de barro e enfeitado com flores e folhas, o suco ou refrigerante é uma água barrenta. As crianças/filhinhas representadas por bonecas industrializadas fazem aniversário, tomam banho, ajudam as “mamães” nas arrumações da casinha.

Os brinquedos industrializados não são frequentes nas brincadeiras no quilombo. As brincadeiras acontecem com o que estão a sua volta: restos, trapos,

---

<sup>54</sup> Essas situações serão descritas e analisadas no capítulo 4.

quinquilharias, folhas, pedras, flores, barro. Como já exaustivamente citado em diversos trabalhos, BENJAMIM (1984) nos ajuda nessa compreensão do apreço das crianças pelos destroços, por aquilo que é descartado pelos adultos, dali são retirados elementos que comporão seu mundo fantástico, “desordenado”, pleno de vida e em diálogo com o mundo em que vivem. Os destroços e objetos variados encontrados em casa e no quintal tornam-se brinquedos a partir das brincadeiras que são praticadas pelas crianças de Mato do Tição. A quase ausência de brinquedos industrializados nas brincadeiras contribui para que a criatividade aflore, tornam-se “fabricantes” de seus próprios brinquedos.

FOTOGRAFIA 8 – Bolo de barro na brincadeira de casinha e casinha montada pelas meninas



Nas brincadeiras de casinha elas experimentam aquilo que vivenciam cotidianamente em suas casas com seus familiares. Aprendem e ensinam tarefas complexas como o cuidado com bebês (bonecas), a cozinhar fazendo bolo e suco de mentira, a cuidar e a organizar uma casa.

### 3.1.1.3. Brincar de Salão de Beleza

Estávamos eu e um grupo de crianças (um menino e cinco meninas) sentadas na sala da casa de Ayana (10 anos). a noite depois do jantar. De repente sou cercada por Keezy (7 anos)., Hanna (5 anos) LÍgia (2 anos). que dizem que estamos em um salão de beleza. Começam a passar um pedaço de régua em meus cabelos e dizem que vou ficar bem bonita. Hanna. pega um vidro de esmalte quase vazio e finge que está pintando minhas unhas e LÍgia. passa a mão em meu rosto imitando maquiagem e diz que vou ficar bem bonita. Continuam a mexer no meu cabelo, fingir de passar o secador e depois de uns quinze minutos dizem que acabou. Eu pergunto se posso ir embora e elas dizem que tenho que pagar, não posso sair sem pagar. Eu questiono o preço e digo que está caro e Keezy. diz

que tenho que pagar assim mesmo pois elas são as donas do salão e precisam do dinheiro. (Diário de campo, 9/6/2013).

Brincar de salão de beleza é comum entre as meninas do Mato do Tição, presenciei essa brincadeira algumas vezes durante a minha estadia no campo. Algumas jovens do quilombo fazem as atividades de cabelereiras e manicures atendendo os próprios moradores e, eventualmente, alguns visitantes. As meninas também são penteadas e arrumadas por elas, que são suas primas ou tias, principalmente em ocasiões como casamentos, festas de aniversários ou outro evento dentro e fora da comunidade como na coroação. Muitas meninas maiores e outras jovens, assim como as mulheres já casadas, têm o costume de pentear o cabelo das crianças da comunidade. Fazem diversos penteados: tranças (são as mais comuns), cachos, coque, escova, rabos de cavalo etc. As crianças não gostam de ficar despenteadas, quando isso acontece, pedem para alguém pentear seus cabelos ou as mulheres adultas as pedem para irem arrumar os cabelos na casa de alguém. Enquanto ainda são pequenas, geralmente até os 10 anos, elas são penteadas com tranças, cachos, rabos de cavalo. Depois dessa idade, quando começam a ficarem “mocinhas”, nos dizeres delas, já querem alisar os cabelos com produtos químicos ou escovas e até fazer tingimentos.

Apesar de algumas meninas que já passaram dessa idade manterem o cabelo natural, isso é pouco comum entre as adolescentes de Mato do Tição e também entre as mulheres adultas.

Estão presentes na comunidade várias atitudes e elementos que são afirmativos da identidade negra tais como festividades, discursos e narrativas que enaltecem a cultura afro-brasileira e a positividade do ser negro. No entanto, as questões da beleza da mulher negra, ainda são colocadas em discussão. E, nesse “quesito” beleza, o cabelo crespo continua sendo alvo de insatisfação de muitas mulheres negras. Elas estão constantemente tencionadas pelo padrão de beleza imposto pela sociedade brasileira que exclui a estética negra desse padrão.

Penso que só é possível compreender esse fenômeno no contexto das relações raciais existente na sociedade brasileira. A ideologia da supremacia racial que alimentou o racismo brasileiro teve como um de seus suportes a negação da humanidade da pessoa negra. Um dos sucedâneos desse processo de desumanização foi a associação do

homem e da mulher negra a coisas ou animais, haja vista os inúmeros apelidos e xingamentos racistas aos quais a população negra está exposta desde muito cedo.

Aliada a ideologia de superioridade racial dos brancos, foi impetrada no Brasil a ideologia do branqueamento. Tal ideologia foi proposta no país por cientistas e escritores e aos poucos passou a fazer parte dos ideais dos brasileiros. Baseando-se nas características físicas e culturais dos grupos dominantes, impingiu-se aos negros e às negras, a condição de inferioridade, de desumanidade, de incapacidade, de miséria física material e moral. Na concepção de muitos, quanto mais o negro se aproximasse dos padrões estéticos do branco, mais possibilidade de ser aceito na sociedade ele teria. (SANTANA, 2004).

Nilma Lino Gomes (2003), que realizou pesquisa sobre a identidade negra em salões de beleza étnicos, nos alerta que: “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina o negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros” (p.173). Para a autora cor da pele e cabelo crespo constituem-se como marca identitária da pessoa negra, sendo que o cabelo é alvo de insatisfação principalmente das mulheres negras porque tal marca é associada a inferioridade do negro.

O cabelo crespo, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. (...) Mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou introjeção deste padrão de beleza idealizado pelo branco (GOMES, 2003, p. 172)

As meninas e mulheres negras de Mato do Tição, ao abandonarem os penteados afros de quando eram crianças, possivelmente estão sofrendo as influências desse ideal de beleza que ainda impera em nosso país. No entanto, apesar de poucas, já se podem notar algumas adesões ao cabelo natural e talvez essa seja mais uma das “lutas” que poderão ser travadas pela comunidade: o direito de optar por uma estética sem as imposições do racismo.

#### **3.1.1.4. Brincar de Folia de Reis e Candombe**

Por que põe a máscara na folia de reis? Deve ser pra num aparecer a cara da pessoa porque fica mais sem graça, ou porque... já viu o veio? Ele tem barba, então tem que usar a máscara porque a pessoas que não tem barba, vai ficar... tem que ficar parecido com os reis ( Keezy., 7 anos).

FOTOGRAFIA 9- brincadeira de Folia de Reis



Diante de máscaras e roupas deixadas na capela, elas se tornam foliões da Folia de Reis e brincam de assustar as crianças menores. Com os tambores disponíveis depois das oficinas de capoeira, encenam o candombe brincando de ser D. Divina matriarca da comunidade. O candombe que é aprendido e ensinado sem pressa toma a dimensão da brincadeira quando Laila (8 anos) dança o candombe com se fosse D. Divina e provoca risos entre as outras crianças. Ali, ela pratica os movimentos e começa cantar os cantos, muitas vezes tão enigmáticos para os adultos, e de difícil entendimento para as crianças.

Brincam de muitas coisas e brincam das coisas que fazem parte da tradição da comunidade. Folia de Reis e Candombe compõem as suas rotinas, elas já nascem participando desses eventos, divertem-se com eles nas ocasiões festivas e revivem nas brincadeiras essa parte da cultura local que já foi incorporada por elas. Na Folia de Reis, que acontece nos meses de dezembro e janeiro um grupo de crianças participa ativamente acompanhando o grupo do reinado de casa em casa, vestindo as roupas típicas e colocando as máscaras que representam os reis magos e palhaços que divertem as pessoas pelo caminho.

No ponto descrito abaixo, vemos que a prática do Candombe é algo sério, quem entrar na roda precisa ter respeito e compreender os passos de seus rituais. A brincadeira de candombe expressa assim uma forma de aprendizagem dessa tradição tão

forte e presente na comunidade. Elas aprendem aos poucos, como dizem algumas. As crianças ao brincarem de Candombe não querem “bulir” e sim testar seus aprendizados. Assim elas valorizam essa tradição que é uma marca identitária do quilombo.

O processo para se tornar candombeiro é mais lento. Cada criança vai encontrando sua forma de participação e aprendizagem. Mas a maioria ainda está na fase de apenas aprender a tocar os tambores, nenhuma ainda entoa os cantos e realizam a coreografia típica do rito. De acordo com Keezy (7 anos), ela ainda não dança nos grupos de candombe de “verdade”, só de brincadeira “Eu tenho vontade de dançar o candombe, eu tô aprendendo, mas eu sou uma pessoa vergonhosa, vai que eu erro uns passos lá aí as pessoa ficam rindo e eu tenho vergonha”.

O Candombe tem seus mistérios que vão sendo desvelados muito lentamente. Nesse sentido as crianças ao brincarem de candombe estão praticando na brincadeira o que ainda não “podem” praticar de forma plena nas rodas de Candombe, pois o preparo para isso é mais demorado. Keezy nos diz que toca bem o guaiá e até é elogiada pelos tios quando toca e ainda não tem coragem de dançar e cantar, pois não aprendeu as músicas direito e tem vergonha de errar.

FOTOGRAFIA 10- Brincando com a caixa do Candombe



### 3.1.1.5. Brincando no tempo – crianças e adultos contam de suas brincadeiras

B. Nós brincava muito de roda, de passa anel, berlinda.  
P<sup>55</sup>. O que é berlinda?

---

<sup>55</sup> P. (pesquisadora), B. (Bina).

B. (Risos) A berlinda? A senhora tá ali, sozinha e os outros tá aqui em roda, os outros chega e começa a perguntar, por que fulano tá ali, é porque... aí começa a colocar defeito, (risos), fulano é muito feio, ele pra mim não serve, eu não gosto disso, eu não gosto daquilo, então cada um põe um defeito, olho torto... Isso é que é berlinda. Aí quando acabava ele saía correndo atrás da gente e o que ele pegava ficava na berlinda.

P. O que mais senhora fazia?

B. Trabalhava também, trabalhava no moinho de farinha, tocá roda mesmo. Nós carcava mandioca, nos lavava, e tocava a roda, nós já sabia. Papai colocava a mandioca no ralo e nós tocava a roda. Nós vendia farinha, nós plantava mandiocal, vivia bem dizer daquilo. Nós fazia a farinha e no sábado levava pra vender pra comprá as coisa de cumê. (Entrevista com D. Bina, 78 anos).

As outras gerações do quilombo brincaram em contextos um pouco diferentes das de hoje. As crianças pesquisadas fazem parte da quinta geração. Em conversa com mulheres da segunda, terceira e quarta geração pudemos ver que as infâncias foram diferentes em vários aspectos, mas tinham em comum o pouco tempo para as brincadeiras livres durante os dias úteis. As crianças dessas gerações brincavam principalmente por ocasião das festas e nos domingos e enquanto trabalhavam. O domingo era o dia do descanso do trabalho realizado por todas as crianças e dia de brincar com um grupo maior de meninas e meninos.

A brincadeira de casinha foi citada apenas por Acotirene (quarta geração), que brincava de casinha junto com os irmãos mais novos que tinha que olhar. Enquanto cumpria a tarefa brincava. A casinha era montada no quintal de sua casa debaixo de árvores e ela recolhia objetos velhos para servir de móveis, carrinhos de guia para os menores. Ao relatar sua infância, Acotirene deixa transparecer um pouco de tristeza, pois relembra que não tinha muito tempo para brincar, pois tinha que cumprir várias tarefas como lavar vasilhas, buscar água no córrego e olhar os irmãos mais novos. Disse que hoje, mesmo depois de adulta, gosta de brincar com as crianças para recuperar o tempo perdido.

As brincadeiras berlinda e batuque, foram relatadas por D. Bina e não foram citadas pelas demais e a de casamento secreto, foi citada somente por D. Firmina. Algumas brincadeiras deixaram de ser brincadas pelas crianças ao longo do tempo. Um dos motivos foram as “invenções” de outras pelas crianças de cada geração e também, de acordo com D. Bina, o desinteresse das crianças de hoje por algumas brincadeiras

aliada a falta de tempo dos adultos ou das crianças mais velhas de ensinarem suas brincadeiras para as crianças mais novas. A diversidade, a permanência e o esquecimento de brincadeiras ao longo das gerações representam o processo dinâmico do brincar e de como a sua manutenção ao longo do tempo depende dos processos de transmissão para as sucessivas gerações e do interesse das crianças por um tipo ou outro de brincadeira.

No entanto, percebe-se que algumas brincadeiras não são mais “brincadas” pelas crianças do Mato Tição como brincaram suas bisavós, avós, mães e tias, percebe-se que essas brincadeiras poderiam ser tema das diversas oficinas realizadas no quilombo que têm como objetivo a preservação da memória cultural da comunidade. Não para serem incorporadas no cotidiano das crianças artificialmente, mas para conhecerem as infâncias de seus antepassados e serem incorporadas à história da comunidade. Nessa direção, apresento o quadro com as brincadeiras dos mais velhos e as brincadeiras das crianças de hoje.

#### QUADRO 4. As brincadeiras dos mais velhos e das crianças de hoje

<b>Brincadeiras dos mais velhos</b>	<b>Brincadeiras das crianças</b>	<b>Lazer dos mais velhos</b>	<b>Lazer das crianças</b>
Brincadeiras com bola <sup>56</sup>	Brincadeiras com bola	Ouvir rádio <sup>57</sup>	Andar a cavalo
Berlinda	Futebol	Baile	Nadar no rio
Casinha	Casinha	Forró	Nadar na caixa d'água
Casamento secreto <sup>58</sup>	Mamãe-filhinha	Festas locais e em outras comunidades	Visitar parentes

<sup>56</sup> Brincadeiras com bola: diferente de jogar futebol e queimada, são brincadeiras variadas, as vezes inventadas no momento como rebater, jogar para um colega de roda etc.

<sup>56</sup> Conforme D. Bina, quando eram crianças e saíam para trabalharem na roça, a noite, iam para a casa de um fazendeiro que criara sua mãe para ouvirem música no rádio.

<sup>57</sup> Conforme D. Firmina, 57 anos: “o casamento secreto era uma brincadeira que ficava um monte de menina de um lado e os menino de outro, todo mundo de costas. Aí alguém perguntava se a menina queria casar com fulano e ia falando como ele era. A menina dizia sim ou não. Quando falava sim ela tava casano com ele e saíam de mão dada passeando”.

Roda	Roda	Festas religiosas	Dormir na casa de primos e amigos
Pular corda	Pular corda	Batuque	Excursões em outras cidades próximas
Passar anel	Candombe		Festas locais e em outras comunidades
Queimada	Queimada		Festas religiosas
	Pisão <sup>59</sup>		Redes sociais
Caiu no poço <sup>60</sup>	Chicotinho queimado <sup>61</sup>		Assistir partidas de futebol na TV
	Restaurante		Assistir Novela Malhação <sup>62</sup>
Corre cotia	Corre cotia		Assistir novela Carrossel <sup>63</sup>
Esconde-esconde	Esconde-esconde		Andar de bicicleta
Pega-pega	Pega-pega		
Rouba bandeira	Rouba bandeira		
Brincar de boneca	Brincar de boneca		

<sup>59</sup> *Pisão* é uma brincadeira nova para as crianças: “Primeiro o pisão, aqui, foi uma pessoa que tinha inventado, eu acho, essa brincadeira e aprendeu com os outros aí e foi espalhando pra Jabó e tem pessoa que não sabe até hoje. Brincam 10, 4, uma só não dá não. Aí vai lá, faz uma roda quem pisar no pé sai, vai tentando pisar no pé de alguém a pessoa tem que tirar o pé, quem foi pisada tem que sair. Depois que todo mundo tiver pisado no pé e a pessoa que ninguém pisou no pé, a pessoa ganha” (Keezy, 7 anos).

<sup>60</sup> Caiu no poço é semelhante a brincadeira Pera, uva maçã, salada mista: “Caí no poço! Quem me tira? Meu bem. O que você quer dele? Um beijo um abraço ou um aperto de mão”, a menina ou menino estão com os olhos vendados e não sabem de quem estão falando, mas a colega que tá tapando os olhos dá uma apertadinha quando era alguém que a gente gostava” (Acotirene, 35 anos).

<sup>61</sup> Chicotinho queimado: uma criança esconde um objeto e as outras devem procurá-lo, enquanto procuram a criança que escondeu vai dizendo se está frio, morno ou quente de acordo com a proximidade em que estão do objeto.

<sup>62</sup> Novela/série juvenil exibida na Rede Globo de Televisão desde 1995.

<sup>63</sup> Novela infantil, repetida e remontada diversas vezes pelo canal de TV SBT, última versão 2013. No quarto da menina Ayana (10 anos) havia uma foto de revista do personagem Cirilo, o menino negro da novela que era hostilizado pelos colegas e humilhado pela menina branca de quem ele gostava.

	Polícia e ladrão		
	Jogos de computador		
	Joguinhos de celular		
	Telefone sem fio		
	Soltar papagaio (pipa)		
	Corre cotia		
	Folia de Reis		
	Escolinha		
	Salão de beleza		

### 3.2. “Festejando com muita alegria”

“Um tempo ancestral, numinoso, atravessa o cotidiano e irriga o asfalto da modernidade. Já longe o cortejo, ainda se ouvem o rufo longínquo de seus tambores e tamborins e os ecos dos cantos, antecipando o retorno do que já é reminiscência” (MARTINS, 2000:63).

A festa em Mato do Tição representa uma forte expressão da identidade daquele povo. O extenso calendário festivo tanto profano como religioso demonstra a manutenção de tradições herdadas dos fundadores do quilombo como também as novidades de um identificar-se quilombola com a realização do carnaval e da festa da consciência negra.

Existe um entrelaçamento principalmente das culturas europeias e africanas. Pode-se constatar esse entrelaçamento na reelaboração das festas e ritos católicos com componentes da cultura banto (PEREIRA, 2007) como, por exemplo, na encomendação das almas na qual entrecruzam-se a lógica do catolicismo e a lógica das heranças africanas. A invocação de determinados santos para o salvamento das almas em perigo alia-se ao culto dos antepassados. Vivos e mortos mantém seus vínculos através do ritual de encomendação realizado durante a quaresma. Os antepassados para os

moradores de Mato do Tição “representam indivíduos da comunidade que pelo mérito de suas ações passaram a ser venerados pelos seus descendentes. Por terem ajudado a fundar a família e por continuarem a sustentá-la, mesmo após a morte, são homenageados periodicamente” (p. 44). Todos os entes queridos que partiram ao longo da história da comunidade são rememorados e lembrados durante a encomendação e em diversas outras celebrações como as rezas de São João e São Pedro.

Os rituais religiosos são mesclados com momentos festivos, ou de um modo mais fiel ao que acontece em Mato do Tição, celebrar religiosamente também significa festejar com canto, dança, comida, alegria, música, candombe. Rezar é parte da vida assim como o festejar.

Assim as festas em homenagem aos santos são sempre acompanhadas de muita reza e festança. Bailes (no tempo antigo), forró (mais recentemente) constam na programação das festas de santo e geralmente são realizadas logo após as missas ou em um dia anterior ao dia do santo. Em todas essas ocasiões o candombe faz ecoar seus tambores irradiando a alegria, a fé e a vitalidade nos cantos entoados pelos mais velhos e pelos mais jovens.

As festas profanas também incorporaram as culturas europeias e africanas. No carnaval os moradores organizados no Bloco Quimatic, apresentam coreografias de samba, axé e pagode acompanhadas pela percussão em vários ritmos. Na queimação do Judas são realizados cortejos, leitura de testamento e forró. Na festa da consciência negra, a comunidade recebe grupos folclóricos e musicais de outras localidades e afirma a identidade negra e quilombola através dos discursos de abertura da comemoração.

Veremos que as crianças participam ativamente de todas as festas e falam com propriedade das mesmas, orgulham-se de ter um calendário festivo diferenciado de outras comunidades e através do reconhecimento dessa particularidade afirmam-se enquanto crianças do Mato do Tição e por isso também “quilombolas”. A identidade se se constrói pela realidade local de primeiro se identificarem com o Mato do Tição para depois se perceberem quilombolas e este tem sido o caminho para uma identidade positiva.

### 3.2.1- As crianças nas festas

“Nas festas quilombolas as crianças se identificam positivamente com tudo que está acontecendo em sua volta, como condição de um saber que os forma para a vida” (MOURA, 2005, p.72).

As crianças crescem nesse ambiente festivo e participam de todas as festas com muita alegria. Nos dizeres de Nala (8 anos) “a gente festeja com muita alegria”.

P- O que você faz nas festas?

Nala- Toco batuque, danço candombe, toco tambor, faço várias coisas.

P – Em qual festa você dança o candombe?

Nala- É... festa de São João, na festa da Tia Divina

A alegria das crianças com as festas é a mesma dos mais velhos que as lembram como as coisas boas da vida em Mato do Tição, “a gente trabalhava muito, mas no sábado nós ia alegre pras festas aqui e em outras comunidade” (D. Firmina, 57 anos).

A maioria das crianças elegeu a festa de São João como a sua festa preferida, por que acham a fogueira muito bonita, gostam de ver as pessoas passando descalças na brasa, gostam do forró, das comidas como maçã do amor, caldos e canjica, gostam da reza na casa de D. Divina e por ser a festa com maior número de participantes.

Durante os preparativos das festas, observei as crianças realizando várias tarefas como: confecção de bandeirinhas para a festa de São João, enfeitando as cruzes da frente de suas casas na festa do Cruzeiro, ajudando a ornamentar a capela para a reza de Maria e a Coroação, varrendo o terreiro em torno da capela, fazendo cartazes para a festa da consciência negra, vendendo produtos nas barraquinhas.

Durante cada festa elas têm um tipo de participação de acordo com a idade e o seu envolvimento em cada uma delas. Na Folia de Reis são os meninos que participam em maior número. Caracterizados com roupas e máscaras acompanham os cortejos de casa em casa cantando, tocando e, às vezes fazendo alguns malabarismos.

Os reis, os reis *magros* (magos) né, que foi visitar Jesus, que eles andava cantava, aí foi lá eles foi andando, dançando, cantando mesmo. Até que

chegou até Jesus aí ficou o trem dos reis magros, dos reis magos, que tem três estrelas no céu, pode saber que é os três reis magros (Keezy, 7 anos).

Vai de casa em casa e canta para o dono da casa. Aí o povo pede pra dançá, a gente dança, bate o pé e canta, os palhaços é que assusta. Porque tem que pôr a máscara? Porque a gente não parece com os reis magos, é uma representação deles (Enan, 11 anos).

Na queimação do Judas algumas meninas e meninos se caracterizam como mascarados e acompanham o cortejo do boneco de casa em casa e vão assustando as outras crianças que muitas vezes não identificam quem está por trás das máscaras. Elas se divertem muito nessa festa.

No Carnaval, todas as crianças participam: os meninos geralmente tocam tambores, pandeiros e outros instrumentos e as meninas elaboram coreografias que são apresentadas durante o desfile do bloco no centro de Jaboticatubas. Após os desfiles, as crianças circulam pelas praças e, visitam as barraquinhas, sempre acompanhadas pelos pais ou por algum parente.

Na encomendação das almas não foi observada a participação direta das crianças, mas elas acompanham o cortejo de dentro de suas casas e tentam seguir as orientações dadas pelos mais velhos de não saírem de casa e nem mesmo abrirem as janelas para não sofrerem nenhuma punição ou susto com as almas.

Eles passam nas casas ninguém que está dentro pode abrir a porta ou janela e se olhar vai ver as almas atrás das pessoas (kênia, 13 anos).

Eu enfiei debaixo da coberta e fiquei com medo (Dandara, 12 anos).

Eu olhei pelo buraco da janela e vi uns vultos. Fiquei com muito medo. Eles passam de casa em casa, rezam e cantam fazendo vozes que dão medo (Nala, 8 anos).

Vovó falou que a gente não pode olhar, se olhar pelo buraco da janela a gente chora sete dias e tem que rezar o Pai Nosso e Ave Maria até passar os sete dias e parar de chorar (Ayana, 11 anos).

Eu tenho muito medo, se abrir a porta a gente vê as almas (Kele, 9 anos).

Não tem criança porque se começar tem que ir até o fim e a gente não aguenta, porque passam de casa em casa e demora muito (Ayana, 11 anos).

Na festa do cruzeiro, elas se organizam principalmente para o momento noturno da reza no morro. Levam cobertas, travesseiros, agasalhos, pois a festa dura a noite inteira e, apesar de muitas não conseguirem ficar até o alvorecer, elas ficam o máximo que podem. Na festa do cruzeiro, elas participam das rezas e colocam as velas ao pé da cruz.

Na festa do cruzeiro eu queria ficar mais, mas mamãe não deixou (Nala, 8 anos).

O pessoal fica até antes de sair o sol, mais ou menos cinco horas, tem que descer antes sol sair e passar de casa em casa e rezar diante da cruz de cada casa (Enan, 12 anos).

A festa que conta com uma participação mais intensa de meninas é a reza do mês de Maria que é composta de: realização de novena, reza do terço, coroação de Nossa Senhora e festa dos três santos (que é a culminância). Meninas e meninos contribuem com a reza do terço puxando alguns mistérios e cantando no coral, as meninas participam da coroação de Nossa Senhora entoando cantos e colocando algum ornamento na imagem da santa, fazem a leitura do evangelho durante as missas, participam das procissões. As meninas aprendem o ritual da coroação umas com as outras, as músicas e versos são aprendidos com a orientação de tias e primas mais velhas que todos os anos organizam a coroação juntamente com um grupo de outras mulheres com o acompanhamento musical do Tio Martinho<sup>64</sup>.

A música anuncia a entrada das meninas para o ritual de coroação de Nossa Senhora. São muitas anjinhas vestidas de branco com os cabelos enfeitados. São todas meninas negras que entram em fila para homenagear Nossa Senhora:

“Hoje é dia de alegria  
Vamos todas meninas saldar a rainha  
Hoje é dia de festa no céu, oh viva!  
Dá licença que eu vou entrar  
Que nossa senhora mandou me chamar.”

---

<sup>64</sup> Os detalhes do aprendizado da coroação e outros aprendizados nas festas serão tratados no capítulo 4.

Após a entrada das meninas e sua disposição no altar da capela, cada uma entoa um canto colocando véu, flores, coroa. Após o ritual da coroação as meninas saem da capela uma a uma ao som do canto

“Adeus, adeus

Eu agora eu vou me embora

Você fica aí com Deus

Que eu vou com Nossa Senhora”.

Em seguida as crianças retornam para beijarem a fita de Nossa Senhora com o coral entoando uma nova música. Ao término são agraciadas com saquinhos de doces e balas e cantam “Tá caindo fulô, tá caindo fulô, lá no céu, cá na terra, oh tá caindo fulô” (Diário de Campo 15/05/2014).

Nas festas de São João, participam da celebração na casa de D. Divina, do cortejo de levantamento da bandeira. O mesmo foi observado na reza de São Pedro.

Após as celebrações, rezas, missas e levantamento da bandeira, as crianças se divertem brincando com outras crianças, algumas já dançam no forró e no batuque. Outras correm de um lado para o outro, percorrem as barraquinhas comprando algum alimento e acompanham o candombe observando e tentando acompanhar alguns cantos.

Na festa de São João eu gosto mais é da brasa. Ver o povo passando na brasa. Para passar tem que ter fé e coragem. Quem queima só tem coragem, não tem fé.

No candombe eu toco só o tambor. Na Festa de São João do ano passado eu, Nala e Enan tocamos e cantamos na subida da bandeira. Não quis cantar e dançar (Ayana, 10 anos).

Gosto mais da festa de São João porque é a mais tradicional. (O que é tradicional?) É muito conhecida, tem muito tempo, tem muita gente, tem ano aí que vem mais de mil pessoas. Por causa da fogueira, por causa da canjica. Toda festa tem uma comida. Amanhã ocê vai na festa do cruzeiro? Marina vai dar um bolo de fubá e café. Na de São João é canjica, arroz doce (Enan, 11 anos).

Todas as meninas vão bem arrumadas para as festas com penteados nos cabelos, algumas já usam um pouco de maquiagem. Para a coroação, as meninas se vestem de túnicas brancas bordadas.

O envolvimento das crianças com as festas é demonstrado com o “clima” instaurado entre elas durante os preparativos e no decorrer das festas. Estão sempre animadas, alegres, descontraídas e sempre andam em pequenos grupos. Geralmente, com exceção das muito pequenas, as crianças participam até tarde da noite das festas

que normalmente não tem horário definido para acabar. Já estão acostumadas com o ficarem acordadas até bem tarde durante as festas.

A festa de São João, por ser a que recebe mais visitantes, é a que os adultos ressentem de estar perdendo aos poucos “as tradições”. Muitos não querem mais passar na brasa, porque perdem a concentração com o que consideram falta de respeito por parte dos visitantes que ficam gritando, lançando desafios, fazendo chacotas. Para Ágata (35 anos), mãe de uma das crianças, as festas do passado eram melhores:

“Antes a festa era melhor, era de fé, terminava a reza, hasteava a bandeira, a gente ficava em volta da fogueira conversando até o amanhecer. Eu pegava o guarda-pó e ia trabalhar, era muito gostoso. Agora não dá mais para fazer isso, tem muita gente. Mas se não tiver forró vai diminuir o povo que só vem pra fazer bagunça”.

As mudanças ocorridas na festa de São João vão aos poucos desestimulando as crianças de cumprirem o ritual de passar nas brasas. Como muitos adultos não passam mais, elas não são incentivadas a passar e até mesmo expressam que têm medo de queimar “Eu não passo porque tenho medo, nunca vou passar, tenho medo” (Ayana, 10 anos). Nos relatos dos adultos, muitos começaram a passar na brasa ainda crianças e o fizeram durante muito tempo como pagamento de promessas. Mas a maioria não passa mais, justamente por considerarem que a multidão que participa da festa sem comungar da mesma fé acaba tirando a concentração dos fiéis.

### **3.3. “Chegou a melhor hora” - partilhando a comida**

“Vai ter arroz doce depois da reza” (Kele, 9 anos).

O arroz-doce depois da reza foi anunciado por Bruna, o doce seria oferecido por sua bisavó D. Bina. Ao final da reza para Nossa Senhora, em um dia do mês de maio de 2013, quando começaram a servirem os copinhos com a iguaria, Kele corre para me dizer “Num falei que vovó Bina ia fazer arroz doce?”.

O conceito de comensalidade talvez seja o mais apropriado para auxiliar na compreensão do que acontece em Mato do Tição com relação partilha da comida. A comensalidade é comum em várias culturas e nos mostra como através da comida um

grupo expressa os seus valores sociais. Existem modos diferentes de comensalidade com componentes que vêm de diferentes tradições.

Segundo PEREIRA (2007), uma forte expressão da presença africana no Brasil relaciona-se à forma como são preparados diversos alimentos, os ingredientes e os temperos utilizados:

O gosto por determinados ingredientes e a sua introdução na cozinha brasileira revelam, de alguma maneira, a necessidade que os africanos tinham de interagir com a realidade que lhe era apresentada” (p.23).

Para o autor, a troca de sabores entre os povos indígenas, europeus e africanos, representava também a troca de saberes. A feitura comunitária da comida, a partilha, o comer junto com muitas pessoas mostra, de acordo com OLIVEIRA e CASQUEIRO (2008), que a comensalidade, que pode ser caracterizada como símbolo de paz e confiança “é uma espécie de ritualização da partilha de alimentos, é fonte de prazer e ainda é um ato de sociabilidade e comunicação” (p.56). Comer junto com os outros é viver a vida de forma comunitária. De acordo com SILVA (2011b) entre os Xacriabás, povo indígena do norte de Minas Gerais, a comida é compreendida como “um princípio de sociabilidade que demonstra trocas que ocorrem entre as famílias e estabelecem fortes vínculos sociais (...) e reside na ideia de comer junto” (p.108). Esse princípio é resumido no ditado citado pelo autor e como ele diz, sempre retomado por uma mulher xacriabá “união na vida e na comidaria”.

Em pesquisa realizada na cidade de Salvador- BA, Oliveira e Casqueiro, citadas acima, mostram como a comensalidade está presente em festas<sup>65</sup> representativas da cidade, demonstrando a grande influência afro-brasileira não somente com relação aos pratos típicos das festas como também dos ritos que envolvem o comer junto, o preparo comunitário e afetivo dos alimentos, da solidariedade expressa na distribuição de comida a todos que se fizerem presentes, convidados ou não. A tradição afro-brasileira do preparo e distribuição de comida em festas religiosas também pode ser observada não só nas culturas marcadamente de origem nagô, por influência das

---

64 As festas pesquisadas pelas autoras foram o Caruru, Páscoa e Natal. O Caruru acontece geralmente por ocasião do dia de São Cosme e Damião (na tradição católica) ou ibejis (na tradição nagô) no dia 27 de setembro. Mas também o caruru, que é uma festa de oferenda, pode ser dado em outras ocasiões de acordo com momentos importante das famílias ou pessoas individualmente.

comidas de santo nos terreiros de candomblé, onde são oferecidas comidas aos orixás em um diálogo íntimo com o sobrenatural, como também nas culturas de influência banto como as guardas de Congado e Moçambique e Reinados de Nossa Senhora.

Nas festas das guardas, sempre são servidas uma fartura de comida que geralmente, no caso de Minas Gerais, são compostas de pratos típicos mineiros como tutu de feijão, feijão tropeiro, galinha ensopada acompanhados de arroz, saladas e carne assada. Em muitos lugares, existe o costume de também serem servidos doces e bebidas como refrigerantes ou sucos. Os finais das festas de congado são representativos de um tipo especial de comensalidade: são festividades abertas, todos que estiverem presentes comem, pois a fartura é outra marca dessa comensalidade festiva, a comida é suficiente para todos os presentes.

A comida no Mato do Tição está presente em todas as ocasiões festivas, não existe festa sem comida e essa é feita a muitas mãos, oferecida para muitas e poucas pessoas. As crianças anunciam cada tipo de comida dependendo da festa ou da ocasião. A afetividade com a comida do lugar é demonstrada através dos elogios às cozinheiras, “tudo que vovó faz é bom”, Kênia (13 anos) comenta com um grupo de meninas após deliciarem a farofa de arroz que a avó preparou para o piquenique logo após o passeio que organizamos para colhermos informações de como as crianças interagem com o espaço do quilombo.

Nos preparativos para esse passeio, as próprias crianças foram dizendo o que levariam para o lanche distribuído entre comida e bebida. A bebida principal era suco de laranja creme<sup>66</sup> colhidas nos próprios quintais, além de água. Quanto aos salgados e doces levaram: pipoca feita por Sissy, Geórgia levou coxinha, pão-de-queijo, quibe feitos pela mãe de Azânia, farofa de arroz feito pela avó de Kênia, Dandara, Laila e Addaê. Kele levou frutas e outros ainda levaram refrigerantes. O momento final do passeio foi justamente o lanche ou “piquenique”. As crianças maiores ajudaram na distribuição da comida, todos comeram de tudo e a todo o tempo faziam comentários sobre o momento da comida que era a melhor hora, a hora de comer as coisas gostosas. Todos comeram de tudo, mesmo aquelas comidas em pouca quantidade foram compartilhadas para que ninguém ficasse sem.

---

<sup>66</sup> Também conhecido como limão capeta em MG, limão galego em outras localidades.

A fartura de comida é uma realidade relativamente recente no quilombo. Segundo D. Bina, para colocar o “cumê” dentro de casa era necessário que todos da família trabalhassem muito. Desde criança ela trabalhou praticamente o dia inteiro nas roças e na fabricação de farinha que era vendida em Jaboticatubas para comprar comida. O óleo utilizado para cozinhar, foi durante muito tempo, fabricado no quilombo feito com coco macaúba.

Quando se casou, disse que passou muita dificuldade e faltava comida para ela e para os filhos.

Melhorou pra todo mundo, Deus ajudou que... eu passei fome... (silêncio) muita fome, porque o que tava fazendo era a conta de comprá remédio pros menino, comprá remédio, não tinha roupa, não tinha sapato nem cumê. Pra cumê o tiquitim que tinha, passava na boca deles tudo e ficava todo mundo alegre. O home ia trabaia levava aquele cumê esquisito e nós ficava dentro de casa com aquela lambedura de comida. Roupa não tinha também não, nós fazia esteira de palha de banana que nós fazia, pra nós dormir, não tinha colchão não, estendia, não tinha coberta também não, tinha coberta de retalho toda rasgada que nós cobria com ela (D. Bina, 78 anos).

O relato de D. Bina remete às heranças da escravização, para garantir a subsistência do trabalhador, numa condição de quase escravizado, o homem leva a comida e deixa a família com uma “lambedura”, a precariedade do trabalho não permitia que o salário fosse suficiente para alimentar toda a sua família composta da mulher e quinze filhos.

A dieta nessa época era constituída de arroz, feijão farinha ou angu e verduras que eram plantadas nos quintais. O arroz, o feijão, a mandioca e o milho eram plantados pelos moradores em roças distantes dos locais de moradia e era dessa plantação que se tirava o necessário para o consumo. Quando as roças foram escasseando, passaram a comprar esses alimentos nos armazéns de Jaboticatubas e, na falta do dinheiro, a quantidade de comida diminuía ou não era suficiente para alimentar todos da família.

Em conversa informal com um grupo de crianças, elas foram listando os pratos que são oferecidos nas festas e também aqueles que são vendidos para arrecadação de fundos para as outras festas e geração de renda para as famílias.

Durante a Folia de Reis aos participantes, em cada casa, são oferecidos: café, balas, bolo, linguiça frita ou outro alimento que tiver disponível naquela casa, além da cachaça para os adultos.

Na Festa de São João: a canjica que fica cozinhando desde o amanhecer do dia 23 de junho até o final da tarde. Essa canjica é feita por um grupo de pessoas de fora da comunidade e é preparada em grandes panelas em fogão à lenha feito no quintal da festeira. A canjica é distribuída à noite gratuitamente para as centenas de pessoas presentes. Nessa festa, as crianças apreciam muito as comidas vendidas nas barracas: como caldos quentes, pipoca, salgados, refrigerantes, maçã do amor, beijo quente (amendoim torrado com açúcar queimado e chocolate), amêndoas (amendoim torrado com açúcar branco), chá de amendoim (leite fervido com amendoim e açúcar). Também nesse dia durante o processo de feitura da festa (montagem da fogueira, ornamentação da capela e do quintal e montagem das barraquinhas) é servido um almoço para todos aqueles que estão ajudando e também para os visitantes, cinegrafistas, fotógrafos e pesquisadores presentes. O almoço é feito pelas mulheres mais próximas de D. Divina, a festeira da festa de São João. Dona Divina também deixa disponível um garrafão de cachaça para os homens que trabalham na tessitura da fogueira.

Todos os sábados do mês de maio, após a coroação é distribuído aos presentes algum alimento doce como: arroz-doce, saquinhos com guloseimas, canudinhos de doce-de-leite, doce de leite em pedaço. De acordo com KOSBY (2007) que pesquisou a contribuição negra para a tradição doceira de Pelotas-RS, o oferecimento de doces no final de celebrações religiosas é considerado como a oferta de um “presente” ou um “agrado”. No caso de seu estudo, um agrado aos orixás e aos participantes das festas do terreiro, é intitulado “Axé-doce”. Os doces oferecidos no Mato do Tição são principalmente para o agrado das meninas que participam da coroação, mas também são oferecidos para os outros presentes. As próprias crianças participam da distribuição dos doces. Ao final das celebrações, nas noites de sexta-feira de maio, são servidos chás de erva cidreira, café e biscoitos feitos por D. Bina. Durante os finais de semana de maio, sempre após a reza do terço são vendidos pastéis e caldos como forma de arrecadar dinheiro para a festa de encerramento do mês. Também nos leilões para arrecadação de fundos para a festa sempre são oferecidas como prendas

alguns pratos como: frango assado, linguiça frita, bolos, rosca, amendoim caramelado, doce de leite e vinhos.

Na reza do cruzeiro, é oferecido o quentão (chá com folhas de chás, gengibre, açúcar queimado e cachaça) para os adultos e café com broa para todos os presentes no final da reza.

Na festa dos três santos, realizada no último domingo de maio logo após a celebração da missa e hasteamento das bandeiras, é servido um farto almoço preparado comunitariamente. É um trabalho feito devagar e leva mais de um dia. É realizado pelas mulheres da comunidade mais próximas de D. Nilse<sup>67</sup> (noras e filha), vizinhos e outros parentes. Geralmente na sexta-feira é temperada a carne, no sábado a carne é preparada no fogão a lenha, também nesse dia cozinha-se o feijão e são lavadas as verduras (geralmente couve e alface), no domingo, dia da festa, são feitos o arroz, o tutu de feijão ou feijão tropeiro e as saladas. Enan nos conta que geralmente a carne oferecida é frango, porque segundo ele é mais barata, mas tem também carne de porco junto com arroz, tutu de feijão, macarrão e salada de folhas, além de um docinho de leite como sobremesa e refrigerantes.

Nas festas de aniversário, o prato principal é uma comida típica do lugar geralmente: feijoada, galopé<sup>68</sup>, galinhada ou orapronóbis<sup>69</sup> com carne. Seguidas de bolo e alguns doces feitos na comunidade. As crianças costumam guardar alguma “coisinha” para levar para irmãos ou parentes que não puderam participar da festividade: um doce, uma bala, um pedaço de bolo, uma vasilha com comida. A partilha de comida entre as crianças é muito comum. Se uma criança aparecer no grupo comendo alguma coisa, imediatamente ela oferece a todos e dá um pedacinho para cada um que quiser, quando

---

<sup>67</sup> Dona Nilse é responsável pelos cuidados e manutenção da capela.

<sup>68</sup> O galopé é feito de galo cozido juntamente com pé de porco e geralmente é servido acompanhado de arroz.

<sup>69</sup> Ora-pro-nóbis é uma verdura típica de Minas Gerais servida principalmente com angu (feito de fubá e água), arroz e algum tipo de carne: frango, carne de porco ou carne moída, é uma iguaria muito apreciada em todo o estado. Na cidade de Sabará - MG, todos os anos, é realizado o festival da ora-pro-nóbis. Segundo tradições populares, o nome teria sido criado por pessoas que colhiam a planta no quintal de um padre, enquanto ele rezava em latim: *Ora pro nobis* rogai por nós). Sendo conhecido também como Lobrobô ou Lobrobó. É uma hortaliça com alto valor nutritivo e de fácil cultivo. Por ser rica em proteínas é conhecida como carne dos pobres.

não o faz logo outra criança chamará a sua atenção para que não coma na frente de outras crianças. Aqui estamos diante de uma regra de reciprocidade entre os pares, aprendida na família. Essa prática das crianças pode ser contrastada com as regras impostas pelo mundo do trabalho (precário) às quais muitas gerações de Mato do Tição ficaram expostas, tirando do pai e da mãe a condição de alimentar seus filhos.

As crianças também gostam muito das frutas de ocasião, como jaboticabas, manga, abacate, banana, cana, coquinhos que dão em abundância nos quintais. As frutas verdes são proibidas para as crianças, principalmente a manga verde, que é considerada “venenosa” porque verte um leite quando não está madura. G. e T. contam que não misturam ovo com manga porque passam muito mal de dor de barriga. Para elas, comer carne de porco a noite também é ruim para o estômago.

Os chás são comuns para tratarem algumas doenças como: gripe, dor de barriga, dor de estômago e dor de garganta. Os mais usados, segundo D.Bina são: macela, manjerição, hortelã e funcho.

Aos visitantes, sempre terá um café ou suco de laranja creme acompanhado de bolinhos fritos, biscoitos, broa.

A dieta alimentar atual das famílias é constituída de arroz, feijão, verduras, legumes e algum tipo de carne ou ovos e às vezes peixes<sup>70</sup> além de outros complementos como farinha de mandioca, e alimentos preparados com milho: angu, mingau, canjiquinha, canjica branca (cozida no leite com açúcar, canela, amendoim e coco).

O leite que consomem é comprado e entregue todos os dias por uma pessoa que o traz diretamente de uma fazenda próxima em garrafas tipo pet. D. Firmina conta que não havia abundância de leite no seu tempo de menina e que o mesmo passou a ser consumido com mais frequência em sua casa depois que seu marido começou a trabalhar em uma fazenda próxima cuidando do gado. A oferta maior de leite possibilitou à mesma fazer o doce de leite e os canudos que ela pede para as netas venderem em Jaboticatubas.

---

<sup>69</sup> O peixe era mais comum na dieta, eram pescados no córrego localizado no fundo das casas. Atualmente tem diminuído por causa da diminuição do fluxo das águas e também pela poluição. Mas ainda pratica-se a captura de peixes com o jequi que é uma armadilha feita de palha deixada no final da tarde dentro da água e recolhida no dia seguinte.

Durante a atividade do passeio pelo Mato do Tição, as crianças se interessaram pelo processo de feitura do doce de leite e dos canudos que são recheados com o doce. D. Firmina contou que aprendeu a fazer doces, ainda menina, com sua avó, mãe de seu pai que fazia todo tipo de doces, alguns desses que não são feitos mais como doce de palmito e de mandioca. Os canudos recheados com doce de leite fazem a alegria das crianças e dos adultos, principalmente nas festas de aniversário na casa de D. Firmina. O ofício de cozinhar é praticado por D. Firmina desde criança.

As verduras consumidas na comunidade são aquelas plantadas nas hortas, assim como as frutas e ovos são das criações existentes em praticamente todos os quintais. Também em ocasiões especiais como Natal, matam-se porcos e galinhas que são criados ao longo do ano. O consumo de caça como paca, coelho, capivara e outros já foi muito comum e hoje, segundo os mais velhos, tem diminuído bastante.

A produção de alimento também é fonte de renda de algumas famílias: doces, salgados, biscoitos, venda de ovos, temperos, frutas e verduras.

### **3.4. Nem tudo é festa – as crianças também trabalham**

As crianças da comunidade assumem diversas tarefas cotidianamente, principalmente as atividades domésticas. Nessa seção, pretendemos discutir a realização de tarefas domésticas pelas crianças como algo constitutivo de seu pertencimento à família e a própria comunidade. No entanto, apresentaremos algumas questões e preocupações quanto ao trabalho infantil e à necessidade de realização de um diagnóstico da atual situação das comunidades quilombolas brasileiras.

#### **3.4.1 - Algumas considerações sobre o trabalho infantil**

O trabalho infantil é um fenômeno social presente ao longo de toda a história do Brasil. Suas origens remontam à colonização portuguesa e à implantação do regime escravagista. Crianças indígenas e meninos negros foram os primeiros a sofrerem os rigores do trabalho infantil em um país que, de início, estabeleceu uma estrutura de produção e distribuição de riqueza fundamentada na desigualdade social. O posterior processo de industrialização correlato da transformação do Brasil em uma economia capitalista manteve intactas tais estruturas, obrigando o ingresso de grandes contingentes de crianças no sistema produtivo ao longo do século XX. (BRASIL, 2004, p.13)

A realização de tarefas domésticas e a participação nas atividades produtivas pelas crianças é comum em diversas culturas. Como citado acima ao longo da história do Brasil as crianças desenvolvem diversas atividades dentro e fora de suas casas, e em muitas situações em condições precárias, insalubres e perigosas. A legislação brasileira proíbe o trabalho para crianças e adolescentes abaixo de 16 anos e o permite, na condição de jovem aprendiz, para os maiores de 14 anos.

A discussão sobre o trabalho infantil é muito complexa, principalmente na perspectiva do uso da mão de obra de crianças e adolescentes por parte de terceiros, estranhos à família. Apesar da crescente diminuição do trabalho infantil (TI) no Brasil nas últimas décadas devido aos esforços empreendidos no seu combate em âmbito nacional, estamos longe de sua completa erradicação. Com relação a esse aspecto destaca-se o emprego de criança/meninas como trabalhadoras domésticas, prática ainda não extinta na sociedade brasileira. Também não é raro o emprego da mão de obra infantil em carvoarias, canaviais, pedreiras etc.

Como a referência do Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do trabalho Infantil, as crianças negras e indígenas foram as que mais sofreram com a exploração de seu trabalho ao longo dos séculos. Esse quadro não foi alterado considerando-se 53,9% das crianças que trabalham são negras, 41,7% são brancas e 0,4% são indígenas e amarelas. A maioria exercem atividades agrícolas e domésticas, sendo que muitas, 54,4% não recebem nenhuma remuneração pelo seu trabalho. Além disso, dentre o total das que trabalham 10% estão fora da escola<sup>71</sup>.

Os dados são preocupantes e merecem a atenção de pesquisadores e das políticas públicas.

### **3.4.2. Trabalho infantil nas comunidades quilombolas**

Quanto a população quilombola, não foram encontrados dados sistematizados sobre o TI no Brasil, mas sabe-se que ele existe e em alguns casos, as condições de trabalho são degradantes. As poucas informações encontradas oficialmente sobre o TI

---

<sup>71</sup> Plano Nacional de Erradicação do TI, BRASIL (2004).

em quilombos são derivadas de diagnósticos para implementação de programas do MDS (Ministério do Desenvolvimento Agrário). Nesses diagnósticos estão presentes intenções quanto à necessidade de erradicação do TI nas comunidades com a implementação de diversos programas, dentre eles o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Programas como esses, foram criados para confrontar o mundo do trabalho na sua dimensão degradante, mas não conseguem dialogar com outras configurações de trabalho presentes nas comunidades que não se enquadram nessa condição, mas que integram particularidades quanto a forma de organização das famílias para a garantia de seu sustento. Uma dessas particularidades é a de que todos da família precisam colaborar na execução de determinadas atividades produtivas, inclusive as crianças. Portanto, torna-se necessária a realização de mapeamentos mais consistente visando a distinção entre trabalhos degradantes e opressivos daqueles que integram práticas tradicionais nas comunidades tanto para as crianças como para os adultos.

Sandro Silva (2013) elaborou pesquisa que denuncia as condições de trabalho de crianças em carvoarias em quilombos dos municípios de São Mateus e Conceição da Barra no Espírito Santo<sup>72</sup>.

Notícias recentes veiculadas na mídia nacional apresentaram denúncias alarmantes quanto à existência de tráfico de crianças, principalmente meninas para trabalho doméstico e prostituição infantil na comunidade Kalunga no município de Cavalcante em Goiás.

Quilombola da comunidade do Engenho, Dalila Reis Martins, de 28 anos, contou na audiência pública que meninas kalunga vêm sendo submetidas há décadas ao trabalho infantil e a abuso sexual. Muitas delas seriam vítimas de uma rede de aliciadores que levaria meninas quilombolas para Brasília, Goiânia e Minaçu (norte de Goiás). Dalila passou por essas violações durante a infância e a adolescência. Foi submetida a trabalho infantil em Cavalcante e Brasília. Hoje trabalha para acolher outras meninas quilombolas na mesma situação. (<http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/04/parlamentares-querem-ajuda-do-ministerio-da-justica-para-coibir-abusos-em-goias>. Acesso em 24/04/2015).

---

<sup>72</sup> Cartografia Social das Comunidades Quilombolas e o Carvão no Sapé do Norte, UFES.

Essas denúncias referentes à comunidade Kalunga apontam para a urgente necessidade de se empreender um diagnóstico nacional sobre o TI nas comunidades quilombolas para subsidiar políticas públicas que visem o desenvolvimento das comunidades quanto à geração de emprego e renda, condições de moradia e saneamento, básico, segurança alimentar e acesso a uma educação de qualidade desde a educação infantil.

Beatriz Caitana da Silva (2013), em estudo sobre a invisibilidade de crianças quilombolas nas políticas públicas, chama a atenção para a existência do TI em quilombos e as estratégias de ocultamento deste por parte da população. Esse ocultamento é fruto, segundo a autora, do temor das famílias de serem punidas por colocarem suas crianças para trabalharem principalmente nas atividades domésticas e nas roças. No entanto, ela chama a atenção para a necessidade de pensar as realidades quilombolas sem homogeneização, cada comunidade tem suas particularidades quanto às atividades produtivas.

O trabalho infantil é um exemplo paradigmático deste processo de ocultação. Ele estabelece uma relação paradoxal quando analisado no contexto das comunidades. A construção social que versa sobre o trabalho infantil, entende-o como algo que reduz o bem-estar social e a qualidade do desenvolvimento psicossocial das crianças, em grande parte por aumentar a evasão escolar, o que é verdade. Mas quando tratamos das crianças quilombolas, é preciso considerar as singularidades de comunidades que se constituem no e pelo trabalho na terra. É um contrassenso, mas arriscamos afirmar que, no caso dos quilombolas, é necessário analisar este tema face a relação existente entre laços de parentesco e o “trabalho na roça”. Ou seja, uma das características do campesinato é o envolvimento dos familiares no trabalho com a terra e, deste modo, é através da participação das crianças nessas atividades que elas constroem seus modos de estar no mundo, apreendem valores e pressupostos ideológicos que darão sentido à sua vida no tempo presente e no tempo futuro (SILVA, 2013, p.7).

Concordo com a autora quanto à necessidade de se analisar o trabalho realizado por crianças em outras perspectivas para além puramente da nocividade do TI. Acrescentamos que é primordial ter duas perspectivas: uma que baseada em diagnósticos que promova a erradicação dos trabalhos degradantes, insalubres e que roubam o tempo das crianças e dos adultos para as atividades de lazer, de estudo e da convivência comunitária e outra que considere as questões culturais relacionadas

a participação das crianças nas atividades produtivas das famílias e nas tarefas domésticas das mesmas.

Estou, com isso, buscando formas para analisar as diferentes maneiras de trabalho que as crianças exercem em suas comunidades. Nessa pesquisa faremos uma análise da realização de tarefas pelas crianças que se enquadram nessa segunda perspectiva, ou seja, do seu engajamento em atividades que não se dão de forma violenta, nem de exploração e nem de usurpação de seu tempo de estudo, lazer e brincadeira<sup>73</sup>. Veremos que, também nessas atividades, as crianças estão aprendendo a respeito de sua cultura. O trabalho é uma prática social constante na vida das pessoas de Mato do Tição e é através da história da população negra no Brasil que poderemos compreender como essa prática foi incorporada na vida desse segmento populacional.

A inserção dos africanos na diáspora se deu através de sua inserção no trabalho compulsório, a partir da experiência da escravização. Diferentemente do indígena que possuía uma relação ancestral com essas terras e com suas formas de trabalho. Ao africano na diáspora foi imposto outro tipo de relação com a terra e com o trabalho forjada nas imposições do trabalho compulsório. De acordo com MATTOSO (1982), os escravizados foram socializados através do trabalho e essa socialização se deu por um engenhoso sistema de coerção através de disciplina rígida, castigos físicos, trabalho exaustivo e degradante.

Segundo VAINFAS (1986), durante o período da escravidão, à medida que o sistema escravista se consolidava no Brasil, além do árduo trabalho dedicado nas terras dos seus senhores, os escravizados, em algumas localidades, recebiam o “direito” de

---

<sup>73</sup> Em realidade, entre as próprias diretrizes da OIT (Organização Internacional do Trabalho), há o entendimento de que nem toda atividade realizada por crianças dentro da propriedade familiar é trabalho infantil. Segundo o texto introdutório do IPEC, que pode ser encontrado no site da OIT, “tarefas apropriadas para a idade da criança, que não ofereçam risco que sejam supervisionadas pelo responsável e que não interfiram em sua atividade escolar ou tempo de lazer, podem ser uma parte normal de uma infância em um ambiente rural”. Além de normais, elas poderiam, prossegue o programa, “ser positivas, na medida em que contribuem para a socialização e transmissão de conhecimentos entre gerações, bem como para a segurança alimentar da criança”. Disponível em: [http://reporterbrasil.org.br/documentos/BRASILLIVREDETRABALHOINFANTIL\\_WEB.pdf](http://reporterbrasil.org.br/documentos/BRASILLIVREDETRABALHOINFANTIL_WEB.pdf), acesso em 08/10/2014.

cultivar um pequeno pedaço de terras para a sua subsistência, a chamada “brecha camponesa” que foi sendo legitimada com o passar do tempo. As longas jornadas de trabalho de segunda a sábado eram complementadas com o trabalho nas roças aos domingos. Portanto, o escravizado “habitou-se” ao trabalho exaustivo e contínuo. Foi através do plantio de roças para sua subsistência que o escravizado conseguiu relativa autonomia frente aos senhores, podendo em alguns casos comercializar os excedentes.

Mas todo esse sistema contribuiu mais para a manutenção da escravidão do que para a emancipação dos escravizados. Trabalhando em suas roças, os escravizados livravam o senhor do ônus do seu sustento e ainda forjou um modo de fixação do trabalhador nas grandes plantações. Podemos concluir que o trabalho exaustivo imputado ao escravizado, foi uma forma de socialização do mesmo à ordem escravista. A cultura do trabalho incorporada aos modos de viver dos africanos no Brasil e seus descendentes foi originalmente forjada em seu processo de “adaptação” e socialização em terras brasileiras. É do trabalho que o povo de Mato do Tição tira o seu sustento e no passado isso significou produzir quase tudo que se consumia.

Apesar de hoje isso ter se modificado na comunidade, jovens e adultos trabalham intensamente em atividades dentro e fora do quilombo e as crianças têm um papel importante nesse processo de manutenção da sobrevivência através do trabalho. Elas são colaboradoras na execução principalmente das tarefas domésticas, substituindo suas mães, tias e avós enquanto essas exercem atividades remuneradas em diversos ofícios.

### **3.4.3. Atividades e tarefas exercidas pelas crianças no Mato do Tição – Uma forma de inserção na vida social da família e da comunidade**

Mas este “mundo” [do trabalho] e os seus círculos de relacionamentos são parte importante da vida de crianças e de adolescentes das comunidades populares. E a própria família nuclear, o próprio grupo doméstico acabam por ser o primeiro círculo de “vida de trabalho” para as crianças. Em muitas casas é comum que crianças com menos de oito anos sejam iniciadas nos pequenos serviços domésticos das “ajudas” às mães e aos pais. Daí em diante para um número grande e crescente de crianças, o trabalho – os seus tempos, as suas redes e a lógica de suas relações – farão parte da vida cotidiana (BRANDÃO, 2002, P. 206).

Ao longo da pesquisa de campo, fomos percebendo que o trabalho faz parte da vida das crianças e claro, dos jovens, adultos e idosos do Mato do Tição. As atividades mais executadas são aquelas associadas aos cuidados com a casa e com as crianças pequenas. Podemos distinguir algumas atividades mais específicas para as meninas e para os meninos. Enquanto esses exercem tarefas relacionadas aos cuidados com a horta, catagem de lenha para o fogão, varrer quintal, retirar água da cisterna, as meninas realizam praticamente todo tipo de atividade de cuidados com a casa como: limpeza, arrumação, lavar e passar roupa, varrer quintal, fazer comida e cuidar dos irmãos e/ou primos mais novos.

Sobre as meninas, parece recair um peso maior dos trabalhos domésticos à medida que vão se tornando mocinhas (a partir dos 10 anos). Mas, desde pequenas, por volta dos 5 anos já fazem algumas atividades básicas como lavar vasilhas e dobrar as cobertas da cama. Os meninos dispõem de uma margem menor de atividades, mas geralmente a partir dos 15 anos já começam a trabalhar fora juntamente com pais e tios em atividades de ajudante de pedreiro, marceneiro, caseiro, vaqueiro etc. Duas meninas, além das atividades domésticas que exerciam em suas casas aos sábados vendiam canudinhos de doce de leite fabricados por sua avó no centro do município de Jaboticatubas. Uma delas, recentemente, está trabalhando como monitora de um transporte escolar. Ela tem atualmente, 14 anos.

Muitas das atividades são aprendidas espontaneamente pelas crianças que dizem que aprenderam olhando os outros fazerem e em algumas circunstâncias contaram com a ajuda da mãe, da avó ou da tia.

Diferentemente das crianças dessa nova geração, os mais velhos não tiveram a mesma sorte e relatam situações exaustivas de trabalho como alternativa a sua sobrevivência e a da família. Os estudos ficaram prejudicados devido à longa jornada de trabalho nas roças e em casa.

Em Jaboticatuba, estudei até o segundo ano e saí pra trabalhar, longe... plantar milho, arroz, feijão. As vezes tava um tempo frio como tá esses dias, nós os irmãos e tudo cortando arroz e nós amarrano e carregano, e depois ia bater o arroz com vara outra hora punha um toco lá e nós batia no toco, pegava os punhado e batia para despencar o arroz. Meus irmãos punha ele no terreiro no jeito já os cachos, ali ele enchia o terreiro e batia com vara para poder despencar. Era esse arroz que plantava e que comia, arroz, feijão...

Aquele coquinho... nós saía cedo passava a mão num saco de alinhagem que tinha de primeiro, virava alto, descia o morro, não tinha coco direito

no pasto, caía dentro d'água, , entrava dentro da a'água, puxava o coco naquele redemoinho da agua e jogava pra fora e punha no saco, subia alto até chegar aqui em cima pra virar pra cá, um mucado dele nós levava, na fábrica. Nós vendia ele, dava nós dinheiro e nós comprava um mucadinho de cada coisa.... eles fazia gordura, o óleo, azeite amarelo e fazia sabão. E o coquinho fazia gordura de coco pra comer. Mas nós não comprava não, eu mesmo fazia a gordura. Quebrava o coco, punha no pilão, torrava, peneirava, tornava a por no pilão e socava até ele melar, socar e melar, quando melava colocava na panela e frevia na água e frevia até secar e quando secava e subia a gordura por cima e panhava com a colher, punha água naquela borra, subia e a gente panhava com a colher e com a gordura nós fazia cumê, nós fazia. Não deu jeito de morrer não né, Deus deu jeito pra tudo, e não deu pra quem tem preguiça, pra quem tem preguiça, preguiça não leva ninguém a lugar nenhum não. E assim nós vivia, gordura de coco, gordura de coco (D.Bina).

Como já relatado no início desse capítulo , o tempo era escasso tanto para os estudos quanto para as brincadeiras. D. Bina conta que não conseguiam passar de ano na escola, pois não tinham tempo para estudar. Nos dias de provas não conseguiam fazê-las, pois trabalhavam até tarde da noite fazendo farinha, acabaram desistindo de continuar estudando. Ela se refere a uma época em que o alimento era produzido pelas pessoas da comunidade, havia uma outra relação com a terra diferente da que as atuais gerações vivenciam. O alimento, em sua maioria, não é mais produzido pela comunidade e sim comprado. Isso gera um impacto na vida das crianças, por isso hoje elas brincam de restaurante.

D. Firmina, 57 anos também relatou que trabalhava muito e que estudou até o quarto ano.

Ah! Eu trabalhava muito. A vida minha era muito corrida, muito atribulada. Lavava vasilha, varria terreiro, buscava lenha, lavava roupa pra minha tia... ela tinha aquela meninada e eu que lavava a roupa pra ela, socava o arroz... naquele tempo era arroz vermelho e a gente socava no pilão. Punha bicarbonato e folha de goiaba pra clarear e socava, socava no pilão. Eu gostava muito de escola mas não tinha tempo de fazer o dever, não tinha tempo. Eu começava a fazer dever e vovó arrumava um trem pra eu fazer, ela falava “que tanto de prova é essa?”, não me dava sossego, eu não parava. Aí eu fui até o quarto ano só. Tinha uma dona na fazenda Henrique Nogueira, na Fazenda de Baixo, ela era professora e pediu pra papai pra eu e minha irmã ficar na casa dela que ela ia ensinar a gente, dá material e tudo. Nós tinha que arrumar a casa pra ela. Mas papai não deixou, ele não gostava de ficar longe de nós. Nós nunca contrariou papai, ele nunca deixou a gente trabalhar na casa dosotro. Mas eu trabalhava era muito aqui em casa, não ficava parada. Era mais trabalho que brincadeira, larguei as bonecas prá lá, eu começava a brincar e vovó chamava pra fazer alguma coisa. Acho que é por isso que eu não acho

nada pra me interter, só trabalhar, o dia inteiro mexendo, não sei ficar parada, cada hora eu invento uma coisa pra fazer (D. Firmina).

D. Firmina estranha quando pede para um neto ou neta fazerem alguma coisa e que eles reclamam, ela diz que os “meninos de hoje já nasceram cansados”.

Tanto Acotirene (35 anos), quanto Luíza (30 anos), de uma geração posterior a de D. Firmina, também relataram que sempre trabalharam muito desde pequenas. Acotirene cuidando dos cinco irmãos pequenos durante boa parte do dia. Enquanto cuidava dos irmãos é que brincava de casinha, fazendo brinquedos. Também carregava água do córrego, arrumava casa. Luíza, com 7 anos, foi trabalhar numa casa de família para poder comprar material escolar e roupa. Depois ajudava a avó a fazer rapadura para vender. Luíza completou o ensino fundamental e Acotirene é uma das poucas pessoas de Mato do Tição que possui o ensino médio completo.

O trabalho infantil tinha uma dimensão maior para as outras gerações do que tem hoje para as crianças da comunidade. Elas não precisam mais realizar trabalhos exaustivos como seus pais, mães e avós que trabalhavam como condição necessária para a sobrevivência. Atualmente, as crianças trabalham como auxiliares de seus familiares e parece que o tempo do trabalho não esvaziou o tempo dos estudos nem das brincadeiras. As crianças dessa geração são as primeiras a seguirem nos estudos sem interrupções e também dispõem de bastante tempo para as brincadeiras e outras atividades de lazer.

As atividades que exercem não são encaradas pela maioria como um peso, elas reconhecem que são importantes para a reprodução da vida de suas famílias. Algumas dizem que gostam do que fazem. Como geralmente ficam boa parte do tempo sozinhas, elas também encontram estratégias para adiar o cumprimento das tarefas: fazem hora, chamam uma amiga para ajudar, fazem depressa antes da mãe chegar.

### **3.5. Apelidos e implicâncias – os conflitos entre as crianças**

“Quando olhamos com atenção para o conflito nas interações entre pares de crianças, especialmente para as brigas e discussões verbais, percebemos que tais conflitos geralmente servem para fortalecer as alianças interpessoais e organizar os grupos sociais” (Goodwin).

Os conflitos são comuns entre as crianças em todas as partes do mundo, são inerentes em qualquer processo de interação entre crianças e também delas com os

adultos. CORSARO (2011) relata alguns desses conflitos entre crianças compreendendo os mesmos como mais uma faceta dos processos de interação entre pares, e de acordo com o autor devem ser analisados à luz de suas características culturais e interpessoais e não nas características individuais.

O autor observou as disputas verbais entre crianças negras estadunidenses as quais ele denominou *conversas de oposição*. “Essa é a forma de implicar brincando e de conversar confrontando que algumas crianças afro-americanas frequentemente usam para construir suas identidades sociais” (p.187). Através de brincadeiras jocosas e, duelos verbais, elas afirmam-se perante outras crianças lançando espécies de desafios em que elas se provocam com palavras, exposição de feitos e posses e características pessoais. Raramente, as crianças que se envolvem nessas conversas de oposição reagem negativamente às mesmas e no caso das crianças afro-americanas, essas conversas são valorizadas como parte do “jogo verbal diário”. Ou seja, longe de criar inimizades, os duelos verbais reforçam a capacidade das crianças na habilidade de participar de situações conflituosas que são inerentes à vida das pessoas. Longe de expressarem mera agressividade, esse estilo de discussão fortalece os laços de amizade e a solidariedade grupal. As “brigas” ou “duelos” são momentâneos e as crianças não ficam “de mal”<sup>74</sup> umas das outras por causa disso.

Apesar de Corsaro ter observado esse tipo de interação na pré-escola, sua análise nos ajudou a compreender alguns conflitos entre crianças do Mato do Tição observadas em campo que são comuns entre elas, principalmente entre meninos e meninas.

Normalmente, são lançados apelidos como: baleia, Ronaldo, tição, Terezão, cavala branca, gata branca, bambu, africana, formiguinha etc. Para cada apelido/nome lançado eles/elas fazem a réplica, devolvem outro apelido na mesma linha, ou seja, relativos às características física e de personalidade, como nesse exemplo: “O Samora me chama de branquela, bambu e eu chamo ele de tição e negrinho do pastoreio” (Dandara, 12 anos). Perguntei qual era a diferença desses apelidos dos que elas recebiam na escola como a expressão “todo mundo do Matição é macumbeiro”, citada

---

44 Expressão usada por uma menina do Mato do Tição ao explicar que a troca de apelidos era de brincadeira e que “ninguém fica de mal de ninguém por causa disso”.

por Addaê. Ela responde: “Aqui todo mundo é amigo e se conhece. Lá é racismo, eles não conhecem e ficam falando.”

As questões apontadas nos apelidos referem-se à cor da pele, ao cabelo, à altura, se é gordo ou magro, nome de avó etc. Keezy às vezes é chamada de Terezão pelas colegas em referência a sua avó paterna que se chama Tereza. Kele e Dandara por serem brancas, altas e magras são chamadas: de branquelas, bambu, cavala branca, gata branca e elas devolvem atacando com nomes como tição (por Samora ser preto), africana ( por Keezy ter o cabelo crespo, *sarapuado* nos dizeres de Kele). Sissy é chamada de “Ronaldo” por Enan por ela ser gordinha, comparando ao jogador de futebol, e ela devolve chamando Enan de formiguinha (por ele ser magrinho).

Quando questionadas se “ficam de mal” por causa disso todas são unânimes em responder que não. Eles/elas acham graça e dizem que é chumbo trocado. Kele repete que como todos se conhecem acabam achando engraçado.

Apesar de dizerem que não dão muito crédito aos apelidos, principalmente aqueles depreciativos de sua aparência, convém observar que os apelidos lançados por crianças que não são do Mato do Tição são motivos de insatisfação e de reação negativa por parte das crianças. Essa é uma situação complexa que exige reflexões mais aprofundadas as quais serão discutidas em seção posterior. Sabemos que as relações raciais no Brasil são conflituosas e a troca de apelidos depreciativos das características étnico-raciais precisam ser situada nesse contexto em que, principalmente as crianças negras, são hostilizadas por sua cor de pele, textura dos cabelos, formato do nariz e da boca.

Portanto, as crianças de Mato do Tição não estão imunes aos efeitos do racismo. Nesse caso, mesmo dizendo que não se importam quando são ditos dentro da comunidade, expressam visões negativas do ser negro e do ser branco. Frente às desigualdades raciais existentes no Brasil, tais apelidos expressam preconceito racial.

A carga negativa da categoria preto/negro nos xingamentos de tição/negrinho do pastoreio/africana não tem a mesma proporção quanto a categoria branca nos xingamentos de branquela/cavala branca/gata branca, pois sabemos que, nos processos de constituição das relações raciais no Brasil, das vantagens de ser branco e das desvantagens de ser negro e como nos lembra FAZZI (2004) “O fato de existirem categorias de xingamento derivadas tanto da categoria *branca* quanto da categoria

*negro/preto* não significa que elas tenham a mesma carga negativa e ofensiva em que atinjam de forma semelhante a autoestima das crianças (p.164).” Tanto Kele quanto Dandara não demonstraram em suas falas uma consciência da vantagem de serem brancas, pelo contrário, elas reconhecem que a maioria das pessoas da comunidade são negras e que suas avós, bisavôs/bisavós, mães são negras e que elas não gostam quando pessoas, principalmente da escola, discriminam os seus parentes por serem negros. Dandara utiliza inclusive a expressão “racista” ao comentar o que os colegas de escola dizem sobre as pessoas de Mato do Tição.

Na situação acima podemos perceber as ambiguidades das relações e dos discursos raciais no Brasil. Ambiguidades essas matizadas por contradições quanto à constatação da existência de preconceito racial e racismo no Brasil e a dificuldade de assumir que determinadas atitudes pessoais são preconceituosas. Portanto, convém problematizar os conflitos entre as crianças para não naturalizar todos como salutar. Não há dúvida de que na relação entre pares os conflitos são característicos da sua socialização, no entanto não podemos ficar alheios de que os conflitos baseados em xingamentos e “brincadeiras” a respeito da aparência física e das características raciais das crianças podem se tornar um competente mecanismo de confirmação de relações sociais preconceituosas. São conflitos entre elas que expressam conflitos mais amplos que marcam a sociedade brasileira.

Além dos apelidos trocados entre elas, existem pequenas discussões entre as crianças de diversas idades a respeito de brincadeiras, disputas de falas, disputas por algum brinquedo ou material. A defesa dos irmãos pequenos também era motivo de conflito entre as crianças que entravam em embates nos casos de agressão e xingamento aos pequenos.

Igualmente comuns às implicações com determinadas crianças por serem consideradas “certinhas” demais ou despreocupadas com relação às obrigações domésticas. Uma situação especial foi observada com relação à Kele, que morava com os avós e era hostilizada por não atender aos chamados da avó para cumprir suas obrigações em casa. Chamavam a atenção da menina, algumas vezes em tom de xingamento, para que fosse atender a avó.

Kele, como as demais meninas, fazia corpo mole para realizar suas tarefas e isso deixava as outras crianças nervosas. Quando perguntadas sobre o porquê de tanta

implicância, responderam que Kele deixava sua avó muito tempo esperando e não aprovavam tal comportamento por ela ser muito doente e precisar da ajuda da menina. Nessa espécie de conflito, podemos identificar o posicionamento efetivo das crianças frente a situações que elas elaboram cotidianamente e que estão associadas à questão da solidariedade grupal, que no caso expressa suas preocupações com uma pessoa mais velha e com a saúde abalada, sendo que o auxílio da neta é fundamental.

As meninas assumem o lugar de chamar Kele para sua responsabilidade no cuidado com a avó. O mesmo cuidado que deveria ser dispensado nos casos dos irmãos mais novos e nos casos de doença dos pais, tios e outros parentes. O atendimento aos mais velhos consta como prioridade e, nos casos especiais, como no da avó de Kele, que tinha<sup>75</sup> problemas de locomoção e saúde que a impossibilitava de exercer algumas atividades, a prioridade tem maior destaque. As crianças geralmente obedecem aos mais velhos e talvez a implicância com Kele seja justamente por ela fazer corpo mole numa situação em que deveria ser mais prestativa.

As discussões também estão presentes entre as crianças pequenas. Transcrevo aqui uma conversa com Laila, 3 anos a respeito de não querer participar da oficina de capoeira realizada durante o primeiro semestre de 2013:

Pesquisadora: Por que você não está brincando de capoeira?

Laila: Minha mãe não deixou.

Addaê: deixou sim.

Laila: eu não quis querer.

As crianças pequenas continuaram brincando em um canto, pegaram folhas e flores que caíam da árvore, Addaê com um carrinho pequenininho, Laila e Hanna catando folhas (Diário de campo, 7/6/2013).

Essa conversa expressa a capacidade de Laila se posicionar frente a contestação do primo de 5 anos de forma autônoma e pessoal “Eu não quis querer”, foi como tivesse dito: *é a minha vontade, mesmo que minha mãe tenha deixado.*

---

<sup>75</sup> A avó da menina faleceu no final do ano de 2014.

### 3.6. A escola na vida das crianças

A escola será tratada aqui da forma como as crianças a apresentaram. Apesar de poucos, os estudos sobre crianças quilombolas, além de privilegiarem as comunidades, também deram centralidade à escola no que tange, principalmente, às discriminações sofridas, ao currículo e ao despreparo da escola para lidar com a diversidade e ao seu desconhecimento da história e da cultura das crianças quilombolas.

As informações sobre a escola aqui apresentadas foram colhidas das observações em campo quando as crianças aguardavam o ônibus escolar, nas conversas informais na hora do jantar, nos comentários que faziam sobre gostarem ou não de irem para a escola e, também, através das entrevistas. Não foi realizada visita às escolas frequentadas pelas crianças como parte da pesquisa de campo<sup>76</sup>.

A questão do preconceito racial, por exemplo, surge como alusão à escola. Será na escola que as crianças serão alvo de preconceito por serem negras e por serem do Mato do Tição. O primeiro relato de preconceito racial partiu da menina Keezy, que durante uma festa na comunidade veio me contar espontaneamente que seus colegas de sala estavam lhe chamando de “negrinha do saci e negrinha preta”. A partir dessa conversa informal com Keezy, apresentei o tema para as crianças em outras conversas e também nas entrevistas.

Trazer a escola a partir das vozes das crianças nesse estudo não significa, no entanto, negar o seu papel na vida das crianças de Mato do Tição, mas privilegiar o olhar para a criança no quilombo. Importa mais conhecer a criança em seu principal contexto de vida que o aluno ou a aluna. Importa-nos dar visibilidade a esse segmento – criança quilombola - que tem sido silenciado e esquecido tanto pelas políticas públicas<sup>77</sup> como pelas agendas de pesquisa.

A construção de uma pedagogia quilombola que contemple os pressupostos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais DCNERER e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola

---

<sup>76</sup> Participei (acompanhando as famílias e as crianças) de uma festa junina na escola de educação infantil que as crianças da comunidade frequentam em junho /2013.

<sup>77</sup> SILVA, B.C. (2011).

- DCNEEQ não podem prescindir do conhecimento da vida pulsante nos quilombos, dos seus modos de aprender e ensinar e das criações, produções e existência de seus adultos e crianças. PEREIRA (2007), ao apresentar a importância do currículo escolar para a construção de uma pedagogia que considere as questões sobre as culturas afrodescendentes em educação, destaca:

(...) pois é a partir deles que as experiências de ensinar e aprender se revelam como experiências da vida e para a vida. E, cumpre dizer, essas experiências reclamam a competência dos indivíduos e dos grupos para tecer e destecer laços históricos-sociais, bem como para gerar processos de interação entre os grandes eventos e as trajetórias da vida privada (p.19).

As crianças de Mato do Tição têm vivido/convivido com suas tradições, orgulhando-se das mesmas e, ao mesmo tempo, convivendo com o mundo das crianças de quaisquer outras cidades brasileiras no uso do celular, internet e redes sociais. Acessam a indústria cultural ouvindo músicas como o funk, pagode, axé, sertanejo, hip-hop. Assim, elas ensaiam e apresentam coreografias com as músicas de Mc Guimê<sup>78</sup> ao mesmo tempo em que cantam “Tá caindo fulô” nas celebrações do mês de maio. Rezam o terço, tocam candombe, dançam o batuque. Tudo isso “no chão” de sua comunidade e em apresentações e participações em festas e celebrações de outras localidades. É um pulsar de vida, de criatividade e potencialidade que muitas vezes escapa da escola que não valoriza de forma abrangente os conhecimentos e a cultura das crianças quilombolas.

Portanto, é proposital, nesse trabalho, apresentar a escola a partir das crianças. Acredito que a escola, assim como outras instituições responsáveis pela elaboração e execução de políticas públicas para educação, precisam aguçar os ouvidos e se interessar efetivamente pela vida das crianças, adolescentes e adultos além dos seus muros escolares e institucionais. Especialmente quando se trata da necessidade de constituir uma escola diferenciada que atenda aos princípios da educação escolar quilombola. Os saberes construídos nos quilombos de forma geral constituem-se como

---

<sup>78</sup> Mc. Guimê é um cantor do estilo musical chamado “funk ostentação”, em 2014 fez muito sucesso com a música “País do futebol” por ocasião da copa do mundo. As meninas de Mato do Tição fizeram uma coreografia com essa música.

legados da nossa história. Conhecer essa história dos quilombos e suas pessoas, assim como a infância de suas crianças, traz como possibilidade a reconstituição de uma história e de um conhecimento que sofreu diversas tentativas de apagamento, mas persiste e se reinventa a cada dia pela força de seus moradores, pelo compromisso dos mais velhos com o bem-estar dos mais novos, pela criatividade das crianças que reelaboram as tradições de seu povo incorporando novos fazeres, novos jeitos de brincar, celebrar e preservar sua cultura.

### **3.6.1. Indo para a escola**

Todas as crianças estudantes de Mato do Tição vão para a escola no ônibus escolar da Prefeitura. Um pequeno grupo estuda pela manhã e o maior número estuda à tarde. Todas cursam o ensino fundamental e duas a educação infantil.

Algumas crianças concentram-se próximas à capela e o restante já fica a postos no local de parada do ônibus em frente ao bar. Durante o momento de espera, elas realizam tarefas escolares, comentam sobre alguns professores e disciplinas e também falam da preguiça em estudar.

Ayana saiu correndo para tomar um banho que durou 3 minutos. Disse que tomou banho depressa porque senão perderia o ônibus. Arrumou-se, arrumou a mochila e saiu. Eu fui atrás, pois queria ver o embarque das crianças e a saída do ônibus. Na porta da capela estava somente Kele sentada numa cadeira escrevendo. Perguntei se era Para Casa e ela respondeu que sim, que não tinha dado tempo de fazer por causa da aula de capoeira. Notei que outras crianças deixaram para fazer o para casa bem no horário de saírem para a escola. Passou um micro-ônibus amarelo e perguntei se era aquele. Ayana disse que aquele era o ônibus que levava os meninos com deficiência. Aos poucos foram chegando as crianças: Nala, Hanna e Keezy. Kele perguntou sobre o piquenique e falei pra ela que seria no domingo. Conversamos um pouco. Ela está no 3º ano e tem 8 anos, disse que a mochila estava muito pesada, ofereci para levar até o ponto do ônibus. Lá no ponto estava um grupo de seis crianças e algumas senhoras. Uma menina estava indo para o centro para fazer carteira de identidade. Essa era uma ação da SEDESE para que as pessoas da comunidade pudessem tirar e/ou regularizar seus documentos. Kênia também não iria para a escola e sim para um salão em Jaboticatubas arrumar o cabelo. Disse que não queria ir para a escola, pois a turma iria para o cinema e ela não estava com vontade. Perguntei por que e ela disse que não conversava com as pessoas que iriam, não queria ficar isolada no cinema “não ia ter graça”. Dandara e Enan disseram que se pudessem trocariam com Kênia e que ela “era uma boba, onde já se viu trocá o cinema por cabelo?”. O ônibus chegou às 12h e 15. Embarcaram as

crianças, os adultos que pedem carona e o mestre de capoeira. (Diário de campo, 6/6/2015)

### **3.6.2. “Trocá cinema por cabelo?”**

Essa foi a expressão de surpresa de Enan quando Kênia disse que não iria à aula porque eles iriam para o cinema e ela não queria ir e aproveitaria para arrumar o cabelo no centro de Jaboticatubas. Enan falou que as melhores coisas da escola eram a educação física, a merenda e também alguma atividade extraclasse, como essa de ir ao cinema, coisa que acontecia pouquíssimas vezes. São os chamados “paraísos da vida escolar”, parafraseando Carlos Rodrigues Brandão (2002), quando faz alusão as coisas boas relacionadas à escola pensando na perspectiva das crianças. Seriam também *paraísos* para o autor os finais de semana, as férias e os feriados.

Enan em sua fala demonstra desinteresse pela escola de forma geral e chega a dizer que “ficou burro” porque não estava indo bem na escola:

Não gosto de estudar, dá dor de cabeça. Tem que estudar matemática, principalmente aquele nome que tem x... não sei... Não tem nada de bom na escola. Educação Física e merenda é boa, não vou tão bem na escola. Ia bem, agora eu fiquei burro, preguiça. Preguiça de estudar.

Em 2013, foi realizado um intercâmbio entre estudantes das comunidades para a feira de cultura da escola. Eles visitaram as comunidades uns dos outros e realizaram pesquisas no local. No Mato do Tição eles entrevistaram os mais velhos e ouviram candombe. O trabalho sobre o Mato do Tição, foi apresentado na escola e de acordo com Enan e Dandara, foi uma atividade interessante e que permitiu às crianças da escola conhecerem algumas coisas da comunidade. Essa atividade não teve continuidade nos outros anos.

### **3.6.3. “O Povo do Matição é tudo Macumbeiro” – preconceito e discriminação racial dos de “fora”**

Apesar de a escola realizar tentativas de promover um maior conhecimento sobre as diversas comunidades rurais existentes em Jaboticatubas, isso não é suficiente para dirimir os preconceitos e estereótipos sobre o Mato do Tição.

As crianças relataram inúmeros casos em que o fato de serem do Mato do Tição e também de serem negras é motivo de preconceito e discriminação por parte dos colegas. As crianças do Mato do Tição sabem que tais preconceitos devem-se ao fato de serem negras e de serem uma comunidade que mantém suas tradições afro-brasileiras. Sabem, também, que essa tradição é taxada pelas pessoas de “macumba”, macumba não como utilizada rotineiramente nos terreiros, como sinônimo do candomblé, mas de forma pejorativa e racista.

Atualmente, essa expressão tem sido muito utilizada ante a qualquer referência de marcadores de identidade negra, seja através de como as pessoas se vestem e os adereços que usam (colares, turbantes, cabelos trançados, cabelos black etc), seja pelas músicas e instrumentos como os tambores, as danças etc. Todo o conjunto é taxado de macumba e repellido como “coisa do demônio”. Além da discriminação racial propriamente dita, agrega-se outros tipos de discriminação associadas à identidade afro-brasileira. Há uma crescente onda de desrespeito a diversidade religiosa que vem atingindo principalmente os adeptos das religiões de matriz africana. Em muitos casos, existe confusão e desconhecimento por parte dos agentes da discriminação que nos dizeres da menina Dandara é expressão do racismo “Lá (escola) é racismo, eles não conhecem e ficam falando”.

Marcilene Silva (2011), analisa os processos de discriminação racial sofridos pelos moradores de Mato do Tição na perspectiva do estigma. Segundo a autora, “a base do estigma relaciona-se à identidade histórica dos moradores que descendem de antigos escravos” (p.73). No estudo de Silva, os moradores da região central de Jaboticatubas expressaram várias formas de estereótipos com relação à comunidade e a seus moradores, que foram descritos como: “pobres, dignas de dó, exóticos em suas danças e seus tambores, gente de pouca cultura, mulheres preguiçosas”. No imaginário da população branca e proprietária de terras e comércios do município permanecem valores arraigados de superioridade social e racial, tanto herança do período colonial, da escravidão como reflexo do racismo que estrutura a sociedade brasileira.

Para PEREIRA (2007), o imaginário sobre o negro como de cultura inferior remonta o período escravista “aos olhos das elites brasileiras os aspectos referentes às culturas africanas passaram a representar o exótico e o estranho, não sendo levados em conta como um fator, entre outros, de formação de nossas identidades” (p.22). E essa

visão se popularizou ao longo dos séculos XIX e início do XX, identificando o negro com a imagem do atraso e da ignorância.

As relações raciais no meio rural guardam particularidades que se associam a um rígido processo de hierarquização social e racial na qual ainda são mantidas relações de exploração do trabalho das populações negras e pobres que na visão predominante dos descendentes dos senhores de escravos, quando esses resistem à exploração, são taxados de briguentos, preguiçosos e exigentes por não aceitarem trabalho mal remunerado e sem direitos trabalhistas.

Beatriz Caitana da Silva (2011), em suas análises dos processos de invisibilização da criança quilombola nas políticas públicas brasileiras, chama a atenção para a particularidade dos processos de discriminação sofridos pelas crianças ao considerar que em relação à criança quilombola existe um duplo racismo: por ela ser negra e por ser uma criança quilombola. Também destaca a importância de se pensar a criança negra do meio rural e do urbano em suas particularidades. Em sua pesquisa as vozes das mães quilombolas demarcaram uma diferença entre as suas crianças (negras do meio rural) e as crianças negras do meio urbano. No entendimento dessas mães as crianças quilombolas têm bem menos oportunidades quanto a educação e ao mercado de trabalho se comparadas às crianças negras da cidade: “o reproduzir as falas das mães das crianças quilombolas, traz-nos a tona, uma outra vertente da diferença entre crianças negras do meio urbano e do meio rural, que diz respeito ao preconceito e à desvalorização do meio rural” (p.58).

Os quilombolas tentam se afastar da narrativa escravista de eterna submissão, de exotismo e de subalternidade, resistindo através de sua luta política e construção positiva de sua identidade afro-brasileira. As mudanças do imaginário incrustado nos de “fora” do quilombo ocorre lentamente e não acompanham os processos de transição dos de “dentro” do quilombo em suas conquistas, resistência e luta por reconhecimento. Parece faltar um complemento institucional mais imediato de valorização das comunidades quilombolas para que as mesmas possam, de fato, romper com a dependência econômico-social daqueles que os enxergam como meros descendentes de escravizados.

Algumas marcas de identidades são explicitadas e outras ocultadas como forma de resistir ao preconceito e à discriminação. No campo religioso, isso é latente em

Mato do Tição que, além de professarem o catolicismo, também são praticantes da umbanda, mas essa não é uma informação revelada abertamente. É até mesmo negada, como na fala de Enan: “aqui (mostrando o croqui do quilombo) não é centro de umbanda nenhum, é o nariz de quem falou”. A contestação demonstra o quanto esse ocultamento é aprendido pelas crianças como uma forma de resistir à alcunha de “macumbeiros” tão propalada pelos moradores de Jaboticatubas e por seus colegas de escola. Macumbeiro aqui assume a forma depreciativa de “coisa ruim”, “feitiçaria”, “magia negra”, “coisa do demônio”.

A perseguição às religiões de matriz africana faz parte da história do Brasil atingindo, principalmente, a população negra que historicamente teve o silêncio como forma de resistência ao preconceito e discriminação contra seus cultos. Para D’Adesky (2001)

Em sua chegada ao novo território brasileiro, os negros africanos serão imediatamente inseridos num diferente quadro simbólico religiosos numa ruptura total com a realidade anterior das sociedades africana. A relação dos negros com a sociedade colonial será marcada, no plano religioso, pela conversão obrigatória à religião do senhor e por um passado de perseguições àqueles que tentaram permanecer fiéis às práticas de seus ancestrais (p.51).

Para esse autor, a religião é um sistema gerador de sociabilidade e comunidade. No Mato do Tição isso é percebido imediatamente quando se participa dos cultos e das festividades religiosas, mas não só, a espiritualidade é imanente a vida de seus moradores que têm na religião, em Deus, em Nossa Senhora, nos santos, no culto aos antepassados, aos orixás e a outras entidades uma forma de existir que lhes garante continuidade enquanto grupo, enquanto comunidade, enquanto família.

A busca por uma construção identitária positiva passa pela valorização da história de um povo, história essa alicerçada na resistência à escravidão, a opressão dos grandes proprietários de terra e de bens e à busca de estratégias para fazer frente ao racismo. Assim, a religiosidade do povo do Mato do Tição é representativa da dimensão histórica de uma comunidade que se constituiu no entrelaçamento das culturas africana, indígena e europeia. A umbanda, o candombe, o culto aos antepassados são em certa medida, depositárias da tradicional cultura religiosa africana e representam uma ligação com essa ancestralidade. O catolicismo praticado em Mato do Tição é um catolicismo popular negro é colocado em prática em vários núcleos familiares rurais em todo o

Brasil. Em Minas Gerais existe uma forte influência banto nas formas de expressão do catolicismo. Essa é uma diferença do Mato do Tição e de outras comunidades do município de Jaboticatubas quando comparadas ao catolicismo praticado em outras localidades. De acordo com PEREIRA (2007)

Dentro dessa vivência religiosa se alinham agentes importantes como os rezadores de terços e ladainhas, os benzedores e benzedeadas, os candombeiros e raizeiros, enfim, homens e mulheres, devotos que participam de inúmeras celebrações do sagrado, como as festas dos santos padroeiros, os batizados, os casamentos e cerimônias fúnebres. Esses núcleos familiares por um lado, tecem vínculos identitários a partir de sua própria herança cultural, fechando-se, em certa medida, para os contatos externos: por outro lado, desenvolvem diálogos com a sociedade circundante através de trocas de bens culturais que realçam o seu caráter dinâmico (p.45).

Compreendemos, no entanto, que a dinamicidade citada por Pereira precisa ser apreendida de forma abrangente pela escola e pela sociedade de forma geral. Apesar dos significativos avanços conquistados pela comunidade de Mato do Tição no que se refere à valorização de seu patrimônio cultural, em seu entorno permanecem mecanismos de rejeição dessa cultura que são assimilados pelas crianças e transformados em repertório de discriminação no interior das escolas.

### **3.6.3.1. As expressões do preconceito e a reação das crianças**

As crianças falam dos preconceitos e suas reações: desejo de explicação para mudar a visão que têm do quilombo, dialogar e não brigar, ficar quieta e não falar nada, vontade de brigar, matar, superação através da descoberta da existência de um dia especial para os negros. Abaixo a transcrição da conversa com as crianças sobre a situação de discriminação na escola.

A- Na escola o menino chamava de tição, eu e o Enan que era os mais escuros (Ayana, 10 anos).

Pesquisadora (P)- E como você se sentia?

A- Tinha um sentimento ruim, queria explicar que aqui é um quilombo.

Kele- O pessoal falava que o povo daqui é macumbeiro. Também chamaram a Keezy de neguinha do saci.

P- E o que você fazia?

N- Eu prefiro explicar e não brigar. O que tem de diferente aqui é a fogueira, coroação, candombe. Em Lagoa Santa também tem candombe. (Nala, 8 anos)

Addaê - Eles fala que todo mundo do Matição é macumbeiro (5 anos).

Dandara- É eles ficam falando isso.

Kele- Falam que aqui era um... quilombo muito ruim, só tinha gente feia e gente preta, só eu era que era branca.

P- O que você sentia?

Kele- Um negócio ruim no coração, falava que era ruim o lugar que eu morava?

P- E o que você fazia?

Kele- Ficava quieta.

P- E a professora?

Kele- Não falava nada. (9 anos).

Keezy- Eles me chamaram de preta. O primeiro dia de aula tinha um tanto de meninos brancos, pardos, só eu que era preta. Eu chegava perto das meninas e ninguém queria ficar perto de mim, saía fora, a única que brincava comigo era uma menina que chamava F. que mudou de escola. Quando eu passei pro segundo eles começou a gostar de mim então...Mas eles me chamavam de preta, que eu tinha o cabelo ruim, que falaram da minha família. Quando minha mãe faleceu eles falaram de minha mãe, eu brigava, jogava cadeira neles eu tinha vontade porque eu queria jogar eles da janela. Um menino lá falou da mãe “que não tô nem aí que ela morreu que podia ela ir pro satanás”, eu queria pegar esse menino pro pescoço e jogar pela janela, eu tive vontade de matar ele. No outro ano ele me chamou de preta e eu falei “cês tem inveja de mim porque são tudo branco, pardo e não tem um dia de felicidade, agora eu, tenho só dia de felicidade e vocês ficam aí igual escorregando na maionese.”

P. E qual é o dia de felicidade?

Keezy. É... O dia de felicidade é o dia 20 de novembro, o dia dos negros. Aí que eu gosto mesmo. Os meninos ficam falando assim parabéns, hoje é dia dos negros!

P. Esse dia 20 de novembro comemora na escola?

Keezy. Comemora na escola não, só aqui no Matição mesmo.

P. Então foi aqui que você aprendeu sobre esse dia?

Keezy. Foi aqui, agora na escola, tem festa junina, dia dos negros assim não (7 anos).

A partir das falas das crianças, é possível ver a dimensão dos conflitos vivenciados por elas na escola quanto a sua origem, ser do Mato do Tição e a sua identidade étnico-racial, ser criança negra. Cada criança reage de uma forma, do silêncio à agressão. As diversas formas de reação confirmam certa inoperância da escola em atuar efetivamente na desconstrução do preconceito racial e de possibilitar conhecimentos mais ampliados sobre a história e cultura afro-brasileira e a história e cultura dos quilombos.

O discurso da igualdade, que em muitos casos é o discurso da escola, não é acionado pelas crianças. Elas expressam tristeza e sentimentos ruins quanto ao preconceito sofrido e reagem tentando mostrar as diferenças de sua comunidade com

relação às outras. É um desejo de falar para os colegas que Mato do Tição tem especificidades, é um quilombo e por isso tem maioria de negros, tem uma cultura própria ligada às tradições afro-brasileiras e por isso tem candombe, tem um jeito próprio de se expressarem a partir do corpo com as danças, músicas, toques do tambor e isso não é macumba na forma pejorativa como foi cunhada. Tem uma religiosidade estruturada em valores do catolicismo e das religiões de matriz africana, pois receberam influências das populações negra, indígena e branca. A intenção de dar explicações marcando as diferenças de seu lugar se contrapõem aos posicionamentos que recorrem ao discurso da igualdade do tipo “todo mundo é filho de Deus”, “somos todos iguais”, tão comuns quando crianças e adultos querem combater o preconceito racial. As crianças de Mato do Tição expressam consciência de que precisam afirmar e valorizar a sua diferença enquanto crianças negras e quilombolas.

Keezy conseguiu elaborar uma resposta que a situa enquanto pessoa: respondeu que tem um dia especial para ser comemorado, que é o *dia dos negros*, dia da consciência negra e que a torna orgulhosa de sua identidade. A apreensão desse dado pela menina, saber da existência de um dia dedicado aos negros, se deu em seus aprendizados no quilombo, nas comemorações anuais que acontecem na comunidade no dia da consciência negra. Como ela mesma lembra, na escola não existe essa comemoração. Apesar da legislação que incorpora no calendário escolar o dia 20 de novembro como data a ser trabalhada na escola, essa não parece ser a prática da escola de Keezy.

O acesso aos conhecimentos que permitem a valorização da diversidade étnico-racial da população brasileira é fundamental para que se promova o respeito entre as pessoas, sua história e sua cultura.

O silenciamento e mesmo a omissão dos profissionais da educação ainda permanece como uma estratégia pedagógica que tem efeitos danosos para o enfrentamento do preconceito nas escolas. O não posicionamento da professora de Kele demonstra uma opção pelo silêncio, que contribui para a perpetuação do preconceito, da discriminação racial e do racismo. Os efeitos incidirão diretamente sobre as crianças que discriminam e sobre as que são discriminadas. Ambas aprendem nesse processo. As que discriminam aprendem que o que fazem é “normal” e, se brancas, que têm privilégios. As que são discriminadas, que elas precisam buscar estratégias para

sobreviverem no espaço escolar que lhes é hostil. Portanto, as reações são variadas: tristeza, desejo de explicar por que são diferentes, silêncio, conformação, agressividade, violência.

Os estudantes da educação básica têm o direito de vivenciarem práticas pedagógicas que lhes possibilitem ampliar os seus conhecimentos sobre a diversidade humana, sobre as diferentes culturas, sobre as diferentes maneiras de ser e estar no mundo. Também têm o direito de vivenciar outras formas de relação para que possam superar preconceitos e eliminar todas as formas ou comportamentos discriminatórios em relação às pessoas.

De acordo com GOMES (2006) ao professor cabe uma postura ética, pedagógica e política frente ao desafio de educar para as relações étnico-raciais e garantir “uma educação igualitária e de qualidade para todos, respeitando a diversidade” (p.26). Uma educação que não folcloriza determinadas culturas e nem mesmo as neguem ou silencia frente às atitudes e aos comportamentos preconceituosos e discriminatórios.

Existe um esforço das crianças de Mato do Tição para verem sua cultura e sua identidade valorizadas. No seio da comunidade elas são protagonistas de movimentos de afirmação da identidade e reconhecimento do seu lugar, aprendem com a tradição e com a história de resistência e luta de seu povo. A menina Kênia (13 anos) expressa de forma muito precisa o que é ser do Mato do Tição, comunidade que tem suas particularidades marcadas pela identidade de comunidade negra e quilombola e também que busca sua inserção no mundo circundante usufruindo das tecnologias disponíveis e vivendo como quaisquer outras crianças.

Nós somos adolescentes como outro qualquer, a mesma coisa, só que a nossa cultura é diferente e é interessante também. A gente faz as mesmas coisas que outras crianças e adolescentes. Brincamos, jogamos bola, nos divertimos, gostamos de passear. Tem telefone e facebook e também temos folia, candombe, festa de São João, reza do cruzeiro, batuque, carnaval.

No entanto, parece não ser possível aos educadores ficarem a parte desse processo. De acordo com Gomes

Entender a relação entre escola, currículo e diversidade cultural, seja através do recorte étnico-racial ou de tantos outros recortes possíveis, é inserir-se no contexto das lutas sociais, é assumir um posicionamento

político e ético que transforme o nosso discurso em prol da escola democrática e da diversidade em práticas efetivas e concretas (p.39).

Em escolas localizadas em regiões que possuem comunidades quilombolas (praticamente todo o país), o desafio de construção de uma educação para a diversidade é urgente e necessita considerar os quilombos como patrimônios culturais a serem incorporados nos currículos escolares.

Gostaria de enfatizar que as crianças têm elaborado estratégias simbólicas e discursivas de enfrentamento do racismo e isso deveria ser potencializado pelas instituições educacionais.

## CAPÍTULO 4

### **SABERES APRENDIDOS, ENSINADOS E COMPARTILHADOS: EXPLORANDO POSSIBILIDADES**

“Todos os dias o ouvido ouve aquilo que ainda não ouviu. Assim a educação pode durar a vida inteira” (A. Hampaté Bâ).

Uma das dimensões do ser criança em Mato do Tição é a possibilidade de aprender diversas coisas das mais variadas formas. A questão que orienta esse capítulo é o que as crianças aprendem e como aprendem. Veremos que os aprendizados serão diversos e em várias circunstâncias. Como já visto no capítulo anterior, elas aprendem nas brincadeiras, nas festas, partilhando a comida. Aprendem vendo, observando, prestando atenção, trabalhando, tomando conta de irmãos e primos, através das histórias contadas pelos mais velhos, na escola, entre elas, nas interações com os adultos, circulando pelo território, sozinhas, nas oficinas e projetos. Aprendem do lugar, da tradição, a serem de Mato do Tição, a pertencerem a uma comunidade quilombola, a respeitar os mais velhos, a cantar e tocar instrumentos, as tarefas domésticas e os cuidados com os pequenos, a fabricar objetos, a cozinhar e a cuidarem de si mesmas e também aprendem dos perigos que vem da rua. Elas aprendem a fazer parte de sua comunidade.

O aprendizado se dá desde pequenos e poderá seguir por toda a vida. Inicia-se no seio da família e estende-se para outros espaços e com diversas pessoas que fazem parte de sua vida e de seu cotidiano. Elas reconhecem pais, mães, tios e avós como aqueles com os quais aprendem as coisas da vida e da cultura do lugar. Sempre dizem “Candombe eu aprendi foi com Tio Martinho” (Nala, 8 anos); “Rezar o terço foi com Tia Ágata” (Keezy, 7 anos), “Eu aprendi a fazer arroz com vovó e mamãe” (Kele, 9 anos). Os saberes aprendidos são experienciados no dia a dia e tornam-se parte de um repertório necessário à sobrevivência e à convivência na comunidade. Nos dizeres de Hampaté Bâ (2003), existe uma verdadeira cadeia de transmissão de conhecimentos que integram historicamente e culturalmente a vida da comunidade. É através dessa cadeia de transmissão que o candombe que foi ensinado pelos antigos do Mato do Tição, foi passado de geração em geração e se mantém vivo até os dias de hoje.

Mesmo que no processo de afirmação da identidade quilombola alguns desses aprendizados estejam organizados/sistematizados em forma de oficinas realizadas no Ponto de Cultura dentro do quilombo, os mesmos se dão através dos “conhecedores” do lugar. Pessoas da própria comunidade que possuem um conhecimento aprofundado sobre o que está ensinando. Mas essa forma de aprender e ensinar, dentro das oficinas, estende-se pelas vivências cotidianas, são praticados constantemente nas festas, nas missas, nas celebrações. São aprendidas pelas crianças porque fazem sentido para as mesmas. Elas se interessam pelo aprendizado daquilo que já têm contato desde que nascem.

As teorias que embasaram a análise dos dados sobre o permanente aprendizado das crianças são aquelas que tratam das aprendizagens na vida, através das experiências, nas vivências cotidianas, as aprendizagens que se dão na participação nas práticas da vida cotidiana (Lave e Wenger, 2013).

Por se tratar de uma comunidade com forte herança histórico-cultural afro-brasileira e africana, alguns autores que tratam da aprendizagem associadas a essas culturas nos ajudaram a compreender as formas de aprender com os mais velhos e dos conhecimentos aprendidos e ensinados através da oralidade, das narrativas e histórias que circulam no quilombo.

Chamaremos os sabedores do Mato do Tição, os mais velhos, os anciãos de “conhecedores” assim como os definem Hampaté Bâ (2010)

Em bambarra, chamam-nos de *Doma* ou *Soma*, os “Conhecedores”, ou *Donikeba*, “fazedores de conhecimento”; em fulani, segundo a região, de *Silatigui*, *Gando* ou *Tchiorinke*, palavras que possuem o mesmo sentido de “Conhecedor”. Podem ser mestres iniciados (e iniciadores) de um ramo tradicional específico (iniciação do ferreiro, do tecelão, do caçador, do pescador etc.) ou possuir o conhecimento total da tradição em todos os seus aspectos. Assim existem *Domas* que conhecem a ciência dos ferreiros, dos pastores, dos tecelões, assim como das grandes escolas de iniciação da savana (...). Mas não nos iludamos: a tradição não corta a vida em fatias e raramente o “Conhecedor” é um “especialista”. Na maioria das vezes, é um “generalizador”. Por exemplo, um mesmo velho conhecerá não apenas a ciência das plantas (as propriedades boas ou más de cada planta), mas também a “ciência das terras” (as propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de solo), a “ciência das águas”, astronomia, cosmogonia, psicologia etc. Trata-se de uma *ciência da vida* cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática” (p. 175).

Em Mato do Tição, por exemplo, Sílvio (mais conhecido como Seu Badu) tem conhecimentos das plantas, da agricultura, da homeopatia, das fases da lua, tipos de terra etc. Esse “Conhecedor” das ciências da natureza é um mestre que ministra aulas na Universidade Federal de Minas Gerais no Programa de Formação Transversal Encontro de Saberes<sup>79</sup>. Mas Seu Badu também domina os cantos e danças do candombe, as rezas e ladainhas, o reisado, as preces e cantos para encomendação das almas. Podemos dizer que ele é um conhecedor generalista e sua ciência é prática tanto das curas, da produção de alimentos quanto das tradições de seu povo como mostra a notícia sobre a participação do mestre no Festival de Inverno da UMG em 2014:

Silvio de Siqueira, ou seu Badu, líder do quilombo de Matição, em Jaboticatubas, elogiou a iniciativa da troca de experiências com professores e alunos da UFMG. E pregou a humildade que caracteriza o homem do campo. “Todo mundo tem que conhecer mais sobre a terra e saber que é preciso combater o agrotóxico. O povo não tem alimento sadio, e o organismo não aguenta isso, a medicina não dá conta de curar”, disse ele, que é profundo conhecedor das plantas medicinais. Seu Badu lembrou que os quilombolas e membros de outras comunidades precisam de apoio para permanecer em suas terras. E defendeu que não existe “terra ruim”, porque é dela que saem os alimentos e os remédios. “Estamos fazendo covardia com a terra, e ela cobra de nós, os agressores”, enfatizou<sup>80</sup>.

---

<sup>79</sup> A formação viabiliza um movimento que converge em duas direções: a primeira tem o sentido de resgatar culturas indígenas, quilombolas e tradicionais, extremamente enraizadas na vida brasileira, e a segunda de recolocá-las em seu devido lugar, valorizando os seus mestres.

<sup>80</sup>(Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/034214.shtml>, acesso em 24/07/2014.

Seu Badu participando de evento na UFMG – Arquivo Portal de notícia da UFMG



De acordo com Petronilha B. Gonçalves e Silva (2000), ao referir-se a importância dada aos anciãos em muitos países africanos, destaca:

Tornar-se ancião é o maior bem que se pode alcançar. O ancião vai se tornando portador de sabedoria, que se revela na espiritualidade, generosidade, discrição, simplicidade, bravura. Por isso, o respeito aos mais velhos é um valor supremo. Os anciãos mais experientes são responsáveis pelo conhecimento que cada um vai tendo de si próprio, das outras pessoas, da natureza, de outras culturas e organizações sociais (p.81).

Mato do Tição tem muitos conhecedores e conhecedoras. As crianças podem aprender com eles e elas em diversas situações ao longo de suas vidas.

Petronilha Gonçalves e Silva (2003 a, 2003b, 2007,2008) trata dos processos de aprender e ensinar em meio às relações étnico-raciais retomando a histórica experiência das populações negras no Brasil que empreendeu processos de aprendizagem situados em sua cultura. Para a autora, tratar de aprendizagens é tratar de identidades (p.49). Identidades e aprendizagens que são ensinadas e aprendidas nas práticas sociais intermediadas por interações permanentes com as pessoas e com o meio. “Aprender e ensinar implica convivência” (p.59) e também se aprende com muitas pessoas ao longo da vida “As pessoas da pessoa são muito numerosas no interior da pessoa” (ditado da tradição bambara e peul).

Silva (2007) nomeia os processos de resistência da população afro-brasileira que luta para reconstruir positivamente seus jeitos de ser, viver e pensar apoiados em valores próprios, como “valores de refúgio”, que permitem a sobrevivência de tradições, a reinvenção da cultura e a edificação de novas vidas e novos modos de viver em

comunidade na diáspora. Para a autora, são valores de refúgio identificados entre os afro-brasileiros: a família, o trabalho, a religião, a escolarização<sup>81</sup>, o direito de sonhar e tornar reais os sonhos. Lugares e situações em que a população afro-brasileira pode buscar condições para sentirem-se seguras e recriar sua identidade: “desta forma, os valores que na partida servem de abrigo, retiro, resguardo, apoio, tornam-se valores de construção de tempos, lugares, identidades” (p.83).

Silva, ao trazer a dimensão das africanidades para a educação no Brasil, remete aos processos de construção de saberes nas sociedades africanas. Na educação, em diversas culturas africanas, o “ensino” se dá por meio de uma pedagogia da aprendizagem, da experiência. Aprende-se na ação e também na participação ativa das crianças nas diferentes atividades do grupo. Nessa forma de aprendizagem, as ações dos adultos servem de referência para as ações de crianças e jovens “É um processo contínuo que forma o homem sobre sua responsabilidade desde a infância até a velhice” (2007,p.75).

Também nas diversas culturas africanas, o saber não está dissociado da vida, do meio ambiente e do corpo. O saber é incorporado e encarnado nas experiências cotidianas, nas heranças dos ancestrais, nos aprendizados com os mais velhos. O saber se dá por toda a vida e o fazer-se pessoa também. Esse fazer-se pessoa não existe na dimensão puramente individual, o princípio sul-africano *ubuntu* – *eu sou porque nós somos* demonstra que a comunidade tem papel preponderante na formação das pessoas.

Também os saberes africanos embasados em várias estratégias de aprendizagem têm uma estreita relação com um tipo de religiosidade que se afirma ecológica, sentida e vivida em sua totalidade, no respeito à natureza e na permanente relação com o meio.

Aprender utilizando-se de várias estratégias alicerçadas na vida cotidiana pode ser exemplificado por quatro importantes formas de conhecimento entre os Ewe (Gana) citado por Silva (2000): a) o conhecimento passado oralmente, como o transmitido pelos pais e pelos anciãos para as gerações mais jovens; b) o conhecimento

---

<sup>81</sup> A autora considera as dificuldades da população afro-brasileira se manter na escola devido a hostilidade quanto a sua identidade étnico-racial. No entanto, a população negra compreende que é através da educação escolar que conseguirá romper com os históricos processos de desigualdade racial presentes na sociedade brasileira.

adquirido por meio da reflexão, de natureza contemplativa; c) o conhecimento obtido pelo processo de aprender próprio da educação escolar; d) o conhecimento ganho como resultado do desenvolvimento da consciência das coisas, relações, situações de compreensão dos princípios que as fundam (p.28). Nessa perspectiva, o conhecimento não torna as pessoas sábias e sim as forma para que possam utilizar seus conhecimentos para a vida através da prática.

Em diversas culturas africanas, as crianças aprendem com os adultos, observando, testando, repetindo e elaborando reflexões sobre suas ações. Os saberes ancestrais são respeitados em diversas sociedades africanas, ancestrais humanos e não humanos (animais, plantas, minerais). As marcas deixadas por esses ancestrais representam o legado para novas aprendizagens e processos criativos das pessoas. O legado dos ancestrais e dos antepassados está localizado no mundo da vida e das ações através da criação por meio de suas atividades, de contextos ambientais e culturais dentro dos quais as gerações presentes desenvolvem suas formas de aprender e ensinar.

Edmilson de Almeida Pereira (2007), em seu livro “Malungos na escola – questões sobre a cultura afrodescendentes e educação” destaca a importância dos conhecimentos culturalmente relevantes nos processos de construções curriculares que levam em conta as vivências da população negra no Brasil

“(...) as experiências de ensinar e aprender se revelam como experiências da vida e para a vida. E, cumpre dizer, essas experiências reclamam a competência dos indivíduos e dos grupos para tecer e destecer laços histórico-sociais, bem como para gerar processos de interação entre os grandes eventos e as trajetórias da vida privada” (p.19).

Para o autor, existe uma gama de elementos culturais relacionados à diáspora africana que se tornaram parte de nossa percepção do mundo e de nossas práticas cotidianas e que, muitas vezes, esses elementos/conhecimentos são negados e invisibilizados ante as relações de desigualdades raciais existente no Brasil. Necessário se faz reconhecer o conjunto de conhecimentos gerados pelos afro-brasileiros e integrá-los ao currículo escolar.

Outro conjunto de autores, aqui tomados como referência, trata das aprendizagens situadas em contextos culturais singulares e analisaram as aprendizagens de crianças, jovens e adultos em meio não escolares sob diversos aspectos em diversas

culturas, destacando-se aqui aquelas pesquisas realizadas entre diversos povos africanos.

Tomaremos a teoria da aprendizagem de participação na prática desenvolvida por Jean Lave e Etienne Wenger (1991, 2003, 2013) como referência para a análise das diversas formas de aprendizagem observadas junto às crianças de Mato do Tição. Nessa teoria, as aprendizagens compreendem um aspecto importante da prática social. Participando nas práticas da vida cotidiana do Mato do Tição, as crianças desenvolvem modos de pertencimento à comunidade que serão desenvolvidos ao longo da vida. O lugar, contexto da aprendizagem, é o cotidiano. Portanto o foco de observação para a compreensão da aprendizagem das crianças foram as suas práticas cotidianas e as diferentes formas de participação nessas práticas.

A natureza situada da aprendizagem é o eixo central dessa teoria, que nasce da convicção de que as teorias cognitivas sobre o conhecimento e a prática educativa, não são suficientes para responderem as questões da existência de um sistema organizado e eficaz da aprendizagem, observado em situações empíricas em diversos contextos pesquisados. Para Lave e Wenger, a aprendizagem é uma dimensão integral e inseparável da prática social e se processa como participação na prática, ou seja, a aprendizagem é sempre situada em um contexto determinado. O processo de aprender é relacional, envolve grupos de pessoas que se encontram em diversos estágios de aprendizagens. E ainda envolve um conjunto de atividades e estratégias de aprender e ensinar.

Os autores destacam que aprender está intimamente ligado à participação em comunidades de práticas. O conhecimento é algo que só faz sentido quando pensado relativamente às práticas sociais nas quais é relevante para os aprendizes; as comunidades, os conhecimentos e as identidades desenvolvem-se nas relações constantes das pessoas na ação no e com o mundo essencialmente histórico-cultural. A aprendizagem é ela mesma constitutiva da prática social. Importa mais pensar a organização das práticas sociais que permitem aprendizados do que hierarquizar aprendizes e “ensinantes” ou mestres. Mais que o indivíduo que aprende, torna-se mais produtivo pensar nas interações que se dão nos grupos de pessoas, importando menos os produtos da aprendizagem que os seus processos.

Também nessa perspectiva teórica, o aprender envolve a pessoa como um todo:

Como aspecto da prática social, a aprendizagem envolve a pessoa inteira; implica não somente uma relação com atividades específicas, mas uma relação com comunidades sociais – implica tornar-se um participante pleno, um membro, um tipo de pessoa. (...) Atividades, tarefas, funções e noções não existem em isolamento; são parte de sistemas de relações mais amplos nos quais elas têm significação. Esses sistemas de relações surgem e são reproduzidos e desenvolvidos dentro de comunidades sociais, que são em parte sistemas de relações entre pessoas. A pessoa é definida por essas relações, tanto quanto as define. Ignorar este aspecto da aprendizagem é deixar de ver o fato de que a aprendizagem envolve a construção de identidade (2013, p. 170).

O aprender é inerente à existência e é algo comum, mas não menos complexo, pois envolve uma gama de atividades. Situações e contextos que são particulares de cada grupo com suas crenças, histórias partilhadas, recursos disponibilizados, são essenciais para o que Lave e Wenger conceituaram como comunidades de prática. Cabe observar que não existe empiricamente, mas é utilizado pelo pesquisador para ajudá-lo a dar visibilidade a algumas das dimensões da prática social (Gomes, 2007, p. 6). O processo de aprender, portanto, pertence ao grupo e não a um único indivíduo apenas. A comunidade de prática é um conjunto de relações entre pessoas, atividades e mundo, o conhecimento torna-se possível a partir desse conjunto, dessa comunidade assim constituída.

As crianças de Mato do Tição aprendem em um contexto de uma prática cultural complexa, na qual a aprendizagem é inseparável da vida cotidiana. Em seu dia a dia, as crianças têm muitas oportunidades de aprendizagens. Desde aquelas organizadas sistematicamente, no caso das oficinas e projetos desenvolvidos na comunidade, até aquelas que podem acontecer de forma “invisível” aos olhos de um observador comum.

Mas não podemos desconsiderar que, apesar de aparentemente não organizados, os conhecimentos se estruturam dentro de uma lógica própria que, em muitos casos, não é explicitada a intenção de ensinar e aprender. Assim veremos, por exemplo, um aspecto comum na vida no quilombo que é o fato das crianças cuidarem de crianças. Essa prática possibilita uma rede de aprendizagens entre idades e também configura dimensões culturais associadas ao senso de responsabilidade entre as crianças com relação aos cuidados que são dispensados às mesmas. As crianças maiores ensinam

às pequenas cuidando dessas. Nessa relação, as maiores aprendem também um aspecto importante daquela cultura que é a “obrigação” no cuidado dos pequenos, obrigação essa internalizada e praticada de forma responsável e coerente pelas crianças e com o que se espera delas. Tal prática cultural de crianças cuidando de crianças será mais detalhada posteriormente. Esse exemplo foi aqui utilizado para demonstrar as várias possibilidades de aprendizagens presentes no cotidiano das crianças e de como podem aprender uma parte da cultura de seu lugar de pertencimento.

Existe uma grande variabilidade de estratégias de aprendizagem no quilombo expressas pelo aprendizado com os mais velhos através da oralidade, dos exemplos, das narrativas; através da observação do outro que já sabe e posterior momento de praticar aquilo que se observou; aprendizagem através da escuta e de tentativas até o acerto. De acordo com MEDAEST (2011), as dimensões presentes nas formas de aprendizagem inseridas na vida cotidiana tais como a dimensão educativa e participação que está condicionada a uma colaboração efetiva das crianças, não são excludentes, “esta última [colaboração efetiva] pode ser também incentivo à aprendizagem, na medida em que se deseja participar, portanto, se deseja aprender a fazer bem feito para poder participar” (p.9).

GASKINS e PARADISE (2010), ao tratarem da aprendizagem no cotidiano a partir de etnografias realizadas em diversas culturas, e por pesquisas por elas realizadas, dão especial destaque para a aprendizagem através da observação da vida diária e consideram que essa forma é uma estratégia universal de aprendizagem na infância e além dela. De acordo com as autoras:

A aprendizagem observacional tipicamente ocorre em contextos familiares nos quais uma pessoa realiza uma atividade enquanto outra, que sabe menos, observa a realização. No caso das crianças, elas podem observar intencionalmente porque querem aprender, mas também observar pela diversão de assistir ou apenas pelo prazer da companhia da pessoa que realiza a ação, portanto a aprendizagem se torna um subproduto incidental da vida social. No entanto, a aprendizagem através da observação em diversas culturas envolve mais do que apenas observar uma habilidade, ela é complexa e culturalmente situada (tradução minha, p.85).

As autoras citadas acima consideram que a observação não é uma estratégia auxiliar de aprendizagem, ela é por si só uma forma legítima de aprender e, integrada

com outras formas, garante um conhecimento abrangente daquilo que se quer aprender. As autoras elencam algumas estratégias complementares à observação e que são semelhantes às encontradas em Mato do Tição:

- Instrução direta – pode ser verbal ou não, incluindo demonstração ou a direção da atenção para algum aspecto da atividade, ou mais raramente através da explicação verbal;
- Aprendendo enquanto trabalham – o que ocorre quando a criança já domina parcialmente uma atividade e pode aprender mais ao observar enquanto são “legítimos participantes” com uma responsabilidade definida.
- Narração de histórias – a criança é responsável por extrair a lição da narrativa através de suas habilidades que foram enriquecidas por suas observações na vida cotidiana.
- Através de um *feedback* positivo ou negativo que poderá promover uma evolução em sua competência e em seu comportamento. Nesse caso seja pela crítica ou pelo elogio a criança busca formas de aprimorar sua aprendizagem através da prática daquilo que está aprendendo.

Além dessas, podem ocorrer outras formas de aprendizagem complementares a observação e como as já citadas aqui através das brincadeiras. As autoras apontam que o praticar através das brincadeiras é uma espécie de performance social na qual as crianças interpretam o papel de adultos e muitas vezes as crianças brincam/praticam longe dos adultos. Isso ajuda a explicar como as crianças podem aprender sem que os adultos saibam. Já foram aqui descritas essas situações em que as crianças de Mato do Tição brincam de restaurante, casinha, mamãe-filhinha. Além de brincarem de candombe e folia de reis.

Quanto mais as crianças ficam expostas às atividades diárias, mais elas se representam em reconstituições. As autoras consideram que essa forma de aprender brincando é uma atividade complementar à aprendizagem observacional porque dá oportunidade de as crianças reproduzirem atividades culturais que tenham visto. As crianças praticam através das brincadeiras aquilo que observaram de forma atenta em seu dia a dia, como tratado por Corsaro (2002).

A seguir trataremos de uma dessas estratégias de aprendizagem na vida cotidiana que está presente na cultura do Mato do Tição, que são as narrativas de histórias. Essas histórias circulam através dos mais velhos, adultos, jovens e crianças.

#### **4.1. Aprendizagens através das narrativas - As histórias contadas pelas crianças e pelos mais velhos**

Nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitidos de boca em boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos (A. Hampaté Bâ).

As histórias<sup>82</sup> contadas aqui pelos adultos e crianças são uma ínfima parte das tantas histórias, casos e outras narrativas existentes no quilombo. Muitas histórias e contos constam de publicações e coletâneas sobre a comunidade. Transcrevemos aqui, aquelas contadas durante a minha permanência no campo para sermos fiéis ao conjunto de conhecimentos captados empiricamente no decorrer dessa pesquisa. Mas esse acervo possivelmente é muito maior e carece de uma sistematização bem estruturada, partindo-se do que já foi publicado<sup>83</sup> e também da coleta de outras histórias contadas pelos diversos moradores de Mato do Tição.

Nessa seção darei um destaque para as histórias contadas no quilombo porque elas são importantes sob vários aspectos, inclusive aqueles referentes ao aprender em vários outros contextos e de diversas maneiras. Embora as aprendizagens aconteçam o tempo todo, misturando-se práticas discursivas e não discursivas, as histórias não estão

---

<sup>82</sup> Histórias, casos e outros textos narrativos.

<sup>83</sup> PEREIRA e GOMES. Ouro Preto das Palavras – Narrativas de preceito do Congado em MG. Belo Horizonte: Editora da PUC Minas, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Histórias Quilombola. Brasília: 2010.

separadas das demais formas de aprender. Considerarei necessário dar um destaque às histórias porque elas têm um lugar específico na cultura local que seria interessante discutir. Existe uma circulação de histórias que é emblemática e elas podem dar sentido aos modos de ser das pessoas, elas ajudam a construir identidades e auxiliam a organizar ações e práticas. Há um lugar específico para as narrativas emblemáticas que constituem referências para as pessoas, seja do ponto de vista identitário, seja do ponto de vista do pertencimento e de como eles agem. A partir de um referencial discursivo de como se fala da própria vida, aprende-se da cultura e de si mesmo ouvindo e contando histórias. Lave e Wenger (1991) falam da importância das narrativas como lugar de discursividade que contribuem para a construção da identidade pessoal e coletiva. Pessoas vão contando histórias que ajudam a elaborar a dos outros.

Em Mato do Tição, as histórias têm um lugar distintivo e contam da origem do quilombo, do seu nome, das lutas pela sobrevivência, dos referenciais religiosos, dos antepassados que marcaram a comunidade, da vida cotidiana, da natureza etc.

As histórias são emblemáticas, por isso é motivo de publicação. Elas são uma das formas mais canônicas de patrimônio cultural e mais conhecidas na antropologia, na história e literatura. Inclusive, existem duas publicações demonstrando a importância dessas histórias no conjunto das narrativas de comunidades negras e para o Mato do Tição em especial. Aqui vamos dialogar com as histórias colhidas no trabalho de campo e com algumas outras que foram tiradas das publicações

Nas palavras de Amadou Hampaté Bâ, a tradição oral é a grande escola da vida. Ela é religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história e recreação. Os ensinamentos fundamentais para a vida social estão contidos nas histórias e narrativas orais e por elas são transmitidos. Hampaté Bâ chama a atenção para os conteúdos narrados, aparentes e não aparentes, porque é nessa dinâmica que está a ligação com o conhecimento passado pela tradição oral ao conferir sentido de identidade e de pertencimento aos que se educam por meio das narrativas.

As histórias, casos e outras narrativas que aparecem aqui foram contados por ocasião das entrevistas e também durante as atividades do passeio e confecção do livro de

pano. São histórias com diversas temáticas alusivas às festas, aos santos, a natureza, a animais, ao trabalho, a antepassados etc. Não é nossa pretensão interpretar as histórias, mas serão realizados alguns comentários com vistas a localizar essas narrativas no contexto histórico-cultural do quilombo. Compreendemos que as histórias aqui contadas e tantas outras guardadas na memória dos adultos, jovens, crianças e idosos de Mato do Tição constituem rico material, não só de preservação do patrimônio imaterial do quilombo, como para subsidiar futuras metodologias educacionais construídas a partir dos elementos presentes nas narrativas.

Dar visibilidades às histórias contadas pelos quilombolas possibilita a circulação de conhecimentos que normalmente são alijados nos diferentes espaços da sociedade brasileira. De acordo com Pereira e Gomes (2003)

Os discursos das populações negras foram tecidos ao longo da formação social brasileira ainda que, muitas vezes, tenham sido impedidos de ocupar a cena principal dessa formação. De certa maneira, esses discursos fizeram da condição de marginalidade um fator de constituição de sua identidade, atuando como “memórias subterrâneas” que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio, aflorando em momentos de crise e também nos momentos em que encontram escuta (p.28).

As pessoas do Mato do Tição gostam de contar histórias, em algumas crianças pudemos identificar uma espontaneidade na articulação das palavras e na arte de contar histórias. A menina Keezy é uma dessas crianças, que agrega às histórias ouvidas dos mais velhos um jeito próprio de contar, acrescentando suas interpretações, gestos e entonações. A esse respeito, seria interessante analisar o conjunto de elementos convocados para a narração, mas não teríamos como fazê-lo de forma aprofundada dados os limites dessa pesquisa. Mas cabe ressaltar que o narrar histórias compreende entonação de voz, gestualidade, imitação de pessoas e sons etc.

Também é importante observar que algumas histórias narradas pelas crianças foram ouvidas de seus avós e elas recontam ao seu jeito incluindo suas formas de interpretação ao que ouviram dos mais velhos.

## Histórias com bichos

As histórias de bichos são comuns em várias partes do Brasil e, segundo Arthur Ramos (2007), as histórias com animais existem em todo o mundo, destacando-se, no caso brasileiro, as histórias indígenas e afro-brasileiras. Os contos africanos exerceram forte influência nos contos brasileiros com animais. Ramos destaca a existência de histórias envolvendo animais que são praticamente idênticas as contadas no Brasil e em diversas partes da África, confirmando a origem africana de muitas histórias aqui contadas e recolhidas por diversos pesquisadores do tema. A presença de animais nas histórias africanas é grande como destacado por Ramos

A série de animais nos contos africanos é imensa, mesmo porque os negros são diferentes e variam nas suas concepções de povo a povo, de tribo a tribo. Estes animais desempenham funções humanas nestes contos. Têm sentimentos humanos: astúcia, fineza, humor. No Sudão Central, o animal destes contos é a lebre. Nas costas da Guiné, é um pequeno antílope, ao passo que no Baixo Níger vamos encontrar a tartaruga e a aranha. Ainda o coelho, o chacal, a hiena, o elefante, o crocodilo, com seus nomes próprios a cada dialeto, figuram em multidão de contos e fábulas africanas (p. 145).

### Coelho esperto

*O plantador de hortas plantava couve, nabo, cenoura e repolho. Todos os dias, sua horta amanhecia “comida” e ele não sabia o porquê. Então resolveu ficar de tocaia. De repente veio chegando o coelho, devagarinho, devagarinho, e foi comendo todas as verduras. O plantador disse: -Ah! É ocê que tá comendo minhas verduras? Venha cá. Ele pegou o coelho e amarrou as suas mãos bem amarradinhas prendeu ele numa árvore. – Fique aí que eu vou cortar algumas varas para te pagar todas as verduras que você comeu. O coelho ficou tão assustado e pensou: - O que eu faço? Do nada apareceu uma onça. O coelho ficou pulando e dizendo: - Cada pulo que eu dou, é mil reais que eu ganho. A onça foi chegando para ouvir. O que ocê tá falando? – Me tira daqui que eu vou te amarrar e ocê fala aquilo que eu tava falando. A onça disse: - Vou falar melhor. Cada pulo que eu dou são dois mil reais que eu ganho. Quando o plantador chegou com as vara, ficou assustado. – Ora, eu amarrei um bicho e estou vendo otro. Você mesmo serve. A onça tomou tanta lambada, que se arrependeu de ter*

*aparecido ali. E o coelho? Ficou só rindo e dizendo: - Era eu que ia tomar, ha, há, há!* (Enan, 11 anos).

Essa história, ouvida pelo menino Enan, foi por ele contada quando solicitei que contasse alguma história que conhecia e ele não soube dizer de quem teria ouvido.

Geralmente, os animais são destacados nessas histórias como seres de muita astúcia e sabedoria. E as histórias de animais contada no Mato do Tição expressam esse aspecto de “humanidade” dos animais que têm sentimentos, conversam, praticam travessuras etc. No caso para Enan, “o coelho foi esperto e se deu bem enganando a onça”.

### **Vem cá cocota**

*Teve um tempo aí pra trás que tinha um bicho que tava comendo as minha galinha. O bicho chegava e as galinha gritava “vem cá cocota, vem cá cocota”. O tempo passô e eu arumei um galo bem bravo pra defender as galinha. Um dia eu vi uma barulhada danada no galinheiro. Fui vê. O galo quando viu que o bicho era uma raposa das brava saiu correndo e abandono as galinha lá que saíram gritando “vem cá cocota, vem cá cocota” ( Seu João,73 anos).*

### **Procurando filhote de onça**

*O povo tava caçando filhote de onça, aí como é que vai fazer pra pegar o filhote de onça. Aí ele ficou vigiando a onça da hora que ela saía. Ela subia no pau, pau pode né? E tava aquele buraco lá dentro e ela dava mamá os bichinhos dela no buraco do pau. Então ela subia e voltava assim, descia de falso, por que as vezes não tinha jeito de virar né, ela dava mamá aos bichinhos dela e aí eles ficava lá vigiando assim que ela descesse, doido pra tirar um filhote, e na hora que ela vinha pra dá mamá os bichinhos dela. Na hora que ela saiu outra vez eles subiro lá dentro e descero de falso também, quando ela chegou eles tava lá dentro do pau, aí quando ela foi chegando assim invém de falso, ela não sabia que tinha gente lá né? E eles , como é que eles ia fazer pra saí? Ela invinha pra dentro do pau. Aí quando ela tava chegando perto deles*

*e eles, como é que eles iam subir pra sair pra fora ne? Quando ela chegou eles “vap” no rabo dela e gritou “bicho diabo!” Ela saiu pro buraco acima no pau e puxou eles, puxou eles, eles saiu, quando eles saiu pra fora, ela esticou e os meninos saiu com o filhotinho dela na mão ( D. Bina).*

Essa é outra história de bicho foi contada por D. Bina, que disse tê-la ouvido de seu pai. Também é uma história em que a onça aparece. Nessa história, a onça aparece como um animal que é esperto cuida dos filhotes e pressente o perigo. Ao relembrar essa história, D. Bina disse que existiam muitas outras, mas que ela havia se esquecido.

O Senhor Jair Siqueira, já falecido, é lembrado pelos moradores de Mato do Tição como um grande contador de histórias, um “conhecedor” de histórias sobre bichos, santos, candombe e das tradições do Mato do Tição. Era dele que mais frequentemente se ouvia as histórias, contadas por Tia Tança, do tempo da escravidão. Também dele ouvia-se muitas histórias sobre santos e também casos acerca do candombe. Nas duas publicações das histórias contada no quilombo é o Senhor Jair que apresenta o maior número de histórias compiladas, totalizando oito histórias. Assim como ele contava histórias de animais, as crianças seguem contando suas histórias de bichos, as redes de transmissão desse conhecimento se perpetuam com as crianças.

### **Casos de fazer medo**

No livro editado pelo Ministério da Educação (2010) “Estórias Quilombolas” existe um capítulo destinado às histórias de assombração e mistérios, compondo seis narrativas ao todo. Essas histórias também parecem ser comuns em muitas culturas, inclusive nas quilombolas.

Ramos (2007) faz referência às histórias de Quimbungo como aquelas relacionadas a monstros e seres assustadores. O Quimbungo tem origem banto e em África são muitas as histórias relacionadas a esse ser fantasmagórico: meio animal, meio homem. Nas palavras de Ramos: “No Brasil é um bicho de cabeça enorme com buraco nas costas, onde atira os meninos que persegue para comer. Metade homem,

metade animal, o Quimbungo afro-brasileiro pode emparelhar-se à vasta série dos lobisomens da crendice universal” (p.169).

Apesar de não terem surgido histórias sobre monstros nos relatos colhidos em campo, surgiram alguns relatos das crianças de que haviam visto assombração e também de alguns casos contados pelo avô sobre monstros tais como esse relato “Falavam se a gente sair de madrugada, o homem virava lobisomem, contava história de mula sem cabeça e da cobra grande que fica no córrego, da mão lisa que fica no córrego, se faz bagunça a mão lisa pega” (Dandara, 12 anos).

Algumas histórias de dar medo também são contadas pelas crianças que, por sua vez ouviram dos mais velhos.

### **Assombração na rua**

*Vovó falou que viu assombração um dia de noite andando perto da capela. Eu já vi assombração também. Eu tava no bar, era de noite aí eu tava de baixo da árvore, eu Cesar e Igor, passou um vulto de costa na rua e nós ali perto, nós saiu correndo, eu acredito em assombração (Enan).*

### **O homem do violão e a alma**

*Vovó falou assim que um homem veio com o violão quando tinha encomendação de alma aí ele foi e colocou a mão debaixo da porta da capela, a alma passou na mão dele e ele aprendeu a tocar violão. A alma fez ele tocar violão. (Nala, 8 anos)*

### **Não olhe para o buraco da fechadura**

Na história abaixo Keezy lembra-se do ritual de encomendação das almas. Essa história foi contada em outra versão por mais duas crianças.

*“Um dia... acho que é uma lenda, não sei se é verdade que aconteceu na época de encomendação de alma que a mãe de vovó falou pra ela não olhar no buraco da janela. Aí, foi lá, ela queria ver o que era e pôs o olho lá, aí a alma oh! (faz como assopra), soprou o olho dela e o olho ficou gemendo, minando lágrima e aí ela pediu pra rezar 3*

*Ave Maria e 3 Pai Nosso aí ela rezou e parou um pouco, aí ela aprendeu que não pode olhar no buraco de janela e nem no buraco debaixo da porta” (Keezy, 7 anos).*

Interessante observar como a menina se refere à história que supostamente pode ser uma lenda, apesar de ter ouvido de sua avó, ela fica na dúvida sobre se é verdadeira ou não. Quando perguntada se sabe se é uma lenda ela completa: “lenda é uma coisa que eles inventa aí, as pessoas fica com medo, não sabe se realiza, não sabe se é verdade, eles fala que é verdade”. As outras duas meninas que contaram a mesma história demonstraram que acreditavam na versão da avó, de que não poderiam olhar pela janela ou entre a porta durante o processo de rezas para encomendação das almas. Elas disseram que ficam com muito medo, tanto de ver a alma ou dela fazê-las chorar durante muito tempo.

Tal história representa um interdito ensinado de geração em geração. Através de histórias dessa natureza as crianças vão aprendendo a respeito da seriedade do lidar com os mortos e também da presença dos que já foram no meio dos que aqui estão. O medo, futuramente, se transformará em respeito aos antepassados, aos antigos, aos entes queridos.

No aspecto de como lidar com a morte, Keezy, que perdera sua mãe recentemente, aprendeu a lidar com a sua perda a partir das conversas com seus avós, tios e tias. Eles a ensinaram que sua mãe, apesar de ter morrido, estava o tempo todo presente em sua vida e que a acompanhava em seu crescimento. Esse ensinamento inscreve-se numa visão de vida e de morte comum a diversos povos africanos, na qual os antigos, os antepassados e os que morreram recentemente são rememorados pela comunidade principalmente durante os ritos religiosos, na reza do terço, nas orações individuais: “enquanto a pessoa é lembrada e reconhecida pelo nome pelos parentes e amigos que a conhecem lembrando sua personalidade, caráter, palavras e incidentes de sua vida ela continua a existir” (NOBLES, 2006, citado por NORONHA, 2013:96). Para Keezy, esse ensinamento foi fundamental para superar a dor de ficar sem a mãe e ainda ajuda outras crianças a superarem a perda de pessoas queridas:

Um dia a avó de Hanna faleceu. Eu falei “oh Hanna sua vó tá no seu coração, ela tá chorando lá no céu, não chora não, ela tá triste, quando a pessoa falece, ela tá dentro do seu coração a alma dela tá no céu a gente sente ela no coração”. Eu sinto, eu fico conversando com mamãe, eu tenho vergonha de falar na frente dos outros então eu falo a noite,

converso com mamãe e peço benção, quando eu vou pra BH eu falo que volto logo (Keezy, 8 anos).

Ao contar que conversava com a mãe quando ia dormir, Keezy demonstrou que realmente sentia a presença da mãe quando conversava com ela.

### **Casos sobre as tradições do quilombo**

Aqui foram transcritas histórias e casos que marcam a cultura do Mato do Tição. São aquelas referentes ao candombe, à origem de alguma festa e também sobre santos e referências dos antepassados como a Tia Tança.

#### **Origem do Candombe**

*O candombe era a festa dos escravos. Não tinha as festas de hoje era a festa que os escravos podiam fazer. Que quem trouxe para o Matição foi meu avô José Pereira que veio de Pinhões<sup>84</sup>. Pedro Basílio trouxe a caixa e juntou com os tambores, ele era do Açude<sup>85</sup>. Rita Basílio era escrava e foi separada dos filhos, foi levada para a fazenda próxima ao Matição. As filhas vieram fugindo até acharem a mãe e lá ficaram com ela e ficaram todos lá. Benjamim, meu pai, aprendeu o candombe com os netos de Pedro Basílio. José Pereira ensinou candombe a Pedro Basílio. (Seu Dante).*

#### **Origem do Mês de Maria**

*A imagem de Santana é do tempo dos escravos. O meu pai fez a primeira eucaristia, minha avó tinha a imagem e rezava o terço no mês de maio. Com o passá do tempo começaram a cantá e rezá o terço e isso chamô a atenção dos vizinho que dizia: “Ah, cês tão rezando e cantando, a gente podia ir também?” Ainda morava em um rancho de capim e o povo começaram a fazer as rezas com músicas, os vizinhos trazia coisas para o leilão. A festa foi crescendo e começaram a anunciar pra fora. Foi assim que implantaro o mês de Maria, todo maio tem (D. Nilse).*

---

<sup>84</sup> Pinhões: comunidade quilombola da cidade de Santa Luzia - MG.

<sup>85</sup> Açude: comunidade quilombola da Serra do Cipó (Jaboticatubas - MG).

### **A Festa de maio**

*Os festeiros pegam sua bandeira e sai andando na procissão. Quando chega levanta a bandeira de São Sebastião, Santana e Nossa Senhora de Lourdes. Eles festejam com muita alegria e as crianças fazem a sua parte coroando (Nala, 7 anos).*

### **Falando um pouco sobre a Festa de São João**

*A festa de São João é um reza religiosa. Nesta festa vem muitas pessoas pra ver a fogueira se queimar, as pessoas passam na brasa, só quem tem fé. Vende várias coisas gostosas como caldo de mandioca e de feijão, pastel, maçã do amor, chá de amendoim e quentão. As pessoas viram a noite com o show que tem e é muito gostoso de dançar. Gosto muito dessa festa. Aposto que todo mundo gosta dessa festa religiosa. As pessoas cantam na reza que tem na igreja de Dona Divina. Quando eles passam na brasa eles falam “Viva São João, viva Nossa Senhora de Lourdes”! E outros (Ayana, 10 anos).*

### **Tia Tança**

*Ela tomava conta de nós, ela ajudou a olhar nós tudo. Ela era irmã de minha avó Rita e foi morar com nós. Ela ia no candombe, ela cantava candombe e assim a gente aprendeu o candombe, com ela.*

*Ela era escrava, eu não lembro dela contar caso de escravo não.*

*Ela era muito boa pra nós. Ela lavava os pratos, quando todo mundo cabava de comer, lá em casa era muita gente, ela juntava aquela pia de prato e botava nas cadeiras, eu não sei como não caía os pratos, aquele tanto de prato, lavava no córrego e acabava e vinha cantando mesmo, ela era muito alegre (D. Bina).*

A Tia Tança (Constança) aparece em muitas narrativas dos mais velhos. Foi com ela que aprenderam o candombe e o batuque. A alegria e a amorosidade era a marca de Tia Tança que ajudou a criar os filhos da sobrinha. Ela é citada na maioria das pesquisas sobre o Mato do Tição e é reverenciada como aquela que deixou o legado do candombe, das palavras “africanas”, dos cantos em outras línguas. Tia Tança representa uma espécie de elo com as tradições afro-brasileiras, aos poucos vai tornando-se uma

espécie de figura mítica da qual herdaram valores da cultura africana presentes no quilombo.

### **Histórias sobre ofícios e trabalho**

As histórias e outras narrativas sobre trabalho também aparecem com frequência nos relatos. Destacamos aqui algumas delas. Pode-se observar que na história contada pela menina Keezy sobre a menina que trabalhava muito, aproxima-se da história contada por Dona Firmina, que trabalhava desde criança e que hoje encontra, no trabalho, sua forma de “ver passar o tempo”, trabalho constante que se estende por longas horas do dia.

#### **A menina que não tinha tempo de fazer nada**

*Em uma fazenda tinha uma menina que morava sozinha. Tomava conta de tudo. Ela era apressada, ia cuidar do porco, era daquele jeito! Não tinha nem tempo de fazer comida. E tinha que pegar ovo da galinha, tinha que fazer um monte de coisa. E era aquela bagunceira! Tinha que molhar as plantas e as flores. E corria, corria, ficava cansada, não tinha jeito nem de beber água. E ela não tinha nenhum dinheiro para fazer compra, mas tinha um pouco de comida. Mas num dava tempo de arrumar a casa nem beber água. Ela corria pra lá e pra cá. Daquele jeito! Ela ficou triste mesmo, e o tempo passava e ela ficou velha (Keezy, 7 anos).*

Essa história contada por Keezy é semelhante à realidade dos mais velhos no tempo de crianças. O trabalho até a exaustão sem tempo para fazer as coisas de criança. Essa história foi “inventada” por Keezy, mas remete às possíveis histórias que ouviu de seus avós e tias sobre a dureza de seus tempos de criança. Durante o passeio, na parada na casa de D. Bina, ela mesma fez referência às dificuldades que passou quando criança e alertou para a importância dos meninos e meninas aproveitarem o momento que estão vivendo “muito melhor do que foi o meu, ocês num sabe o que é trabaíá”.

### **Ofício de fazer doce**

*Eu aprendi a fazer doce olhando minha avó, ela sabia fazer cada doce difícil que gastava muito tempo. Era doce de mandioca de palmito. Eu via ela fazendo doce e fui gravando aquele trem na minha ideia, e fui aprendendo. Pra fazer o doce de leite primeiro tem que lavar o tacho com laranja creme e sal, pra não pretiá e depois coloca o leite e açúcar e vai mexendo. Coloco 25 litros de leite e 12 kg de açúcar e vou mexendo. O canudo eu faço tudo a mão, a massa e tudo. Eu corto um pedaço de bambu fino do tamanho que quero o canudo e modelo a massa nele. Depois é só fritá e quando esfria, coloca o doce de leite lá dentro (D.Firmina, 57 anos).*

### **Sabão “dicuada”**

*Naquele tempo a gente tinha que fabricá quase tudo. Esse sabão eu aprendi comigo mesma. Tinha uma dona perto da casa de papai, que fazia esse sabão, então nós comprava esse sabão na mão dela, e aí quando foi depois, eu casei e falei “ah e eu que vou fazer desse sabão também”. Fazer com cinza. Aí arrumei uma vasilha, uma lata vellha né, encarquei bem e fui pondo a água, quando ela pingou, eu pus o óleo na panela, ele é danado pra subir, tem que por pouco fogo. E fica três dias, a cinza de manhã até de noite pinga, põe água quando secar uma põe outra em cima. Três dias cozinhando.*

*Faz na lenha, ninguém guenta gás, de primeiro não tinha gás, pegava lenha no mato pra fazer cumê e sabão também.*

*Pega uma vasilha, caco, enche de cinza, encarca (apertar) bem, por que se não encargar põe a água e desce no instatim. Então tem que encargar bem e põe a água e faz aquele bojo pra por água, vai pondo água e gasta um dia inteiro pra pingar, quando começa a pingar é mesma coisa de um vinho, mesma coisa de um vinho, aí põe um bucado de óleo na panela e vai pondo aquela que chama de coada, aquela cinza que ficou pingando ali, chama “dicuada”, vai tirando e pondo na panela onde tá o óleo e vai mexendo, mexendo, até levantar aquela gordura, até virar sabão.*

*Esse sabão é bom pra tudo enquanto há, lisar a pele, tirá aquela cafobilha tudo do corpo, alergia que tem no corpo, ferida, lavar ferida, pra sarar aquela ferida. O sabão arde, arde naquele lugar e então tá tirando os micróbi, enquanto arder é que tá comendo os microbi. Esse sabão come microbi que tá no coropo naquele lugar, que tá*

*machucado, no instatim sara. As vezes tá com aquela alergia no corpo, também cravo, espinha, limpa tudo, fica tudo limpim, lisim. Não tinha outro sabão, era cinza mesmo, com aquela dicuada pra lavar roupa, lavava roupa e nós ia pro forró ainda, alegre. Até hoje eu gosto do forró. As cadeiras tá doendo quando toca eu saio dançando (D. Bina).*

## **Textos narrativos**

### **Passeio para Conceição do Mato Dentro e mais...**

*Um dia fizemos uma excursão para Conceição, um lugar muito bonito onde foram muitas pessoas. Adorei ir nesse passeio. Todo o caminho percorrido, por onde passava, uma coisa mais linda que a outra, paisagens deslumbrantes. Saímos daqui do Matição bem cedinho antes das sete. Nunca tinha ido, foi a primeira vez e adorei. Não imaginava que fosse tão legal e divertido.*

*Passamos por montanhas, rios e pelas cachoeiras. Ficamos eu e Dandara juntas. A neblina tampava totalmente a paisagem. Na estrada havia uma capelinha onde ficava uma santa dentro para todos que passavam por ali. Quando chegou lá, uma multidão de pessoas, andamos e vimos as coisas. Então fui às compras. Compramos e compramos. Comprei muita coisa. Foi bem legal. Até que chegou a hora de vir embora. Pelas imensas e belas paisagens viemos embora. Esse passeio foi ótimo, adorei, foi surpreendente. Ah! Mas as montanhas, áreas de turismo não tem explicação. Tem aviãozinho jato que decolava nas nuvens com as pessoas e a cavalgada. Oh! Fiquei rosa choque sem medidas! (Kênia, 13 anos)*

Nesse texto narrativo, saímos um pouco das histórias passadas no quilombo para a alegria expressa por Kênia pela realização de um passeio feito em outra cidade. Esses passeios, apesar de não serem muito frequentes, acontecem esporadicamente em forma de excursões organizadas pelos moradores para participação em festividades em outras comunidades e cidades vizinhas.

## **A natureza do Mato do Tição**

*No Mato do Tição há muita natureza, com grandes árvores, cachoeiras, rios, córregos e vários tipos diferentes de animais como papagaios, tucanos, veados, gansos e peixes. Um fato de desrespeito à natureza foi quando a prefeitura jogou lixo de cemitério na nascente do córrego do Mato do Tição. Uma mulher do Projeto Trilhas da Serra criou um poema para a comunidade: “O quilombo do Mato do Tição mora no meu coração, e por isso, lixo não chão eu não jogo não” (Enan, 11 anos).*

Essa preocupação com a natureza é constante entre os moradores de Mato do Tição principalmente devido as constantes degradações de rios e matas causadas tanto pela utilização irregular quanto pela falta de investimento público em ações de preservação do meio ambiente. O menino Enan demonstra estar atento para essa situação. Também se pode perceber a influência dos projetos desenvolvidos na comunidade para a compreensão das crianças a respeito da necessidade de preservação ambiental.

Abaixo descreveremos outras formas de aprendizagem que acontecem no quilombo e que nos informam sobre as aprendizagens no cotidiano através da família, no cuidado com as crianças, na participação em oficinas etc.

### **4.2. Participação das crianças na vida cotidiana – aprendendo em vários contextos e de diversas maneiras**

As possibilidades de aprendizagens experimentadas pelas crianças de Mato do Tição são diversas, como já dito aqui. Os contextos são múltiplos bem como seus interlocutores que estão em seus grupos de pares e com adultos. Em situações de aprendizagens sistematizadas, como nos projetos e nas oficinas desenvolvidas na comunidade, assim como na escola, lugar do conhecimento formal e onde as crianças geralmente aprendem todas ao mesmo tempo as mesmas coisas.

Os aprendizados que se dão na comunidade, não necessariamente acontecem de forma explícita, mas podem ocorrer situações em que algumas instruções verbais ou

demonstração façam parte do processo de aprendizagem que acontece cotidianamente. Um exemplo disso foi observado com o menino Enan e um de seus tios:

Enan estava varrendo o terreiro<sup>86</sup> nas proximidades do bar do Ley e da capela por ocasião dos preparativos para a festa dos três santos no mês de maio. Ele reclamava que varria e varria e não limpava direito. O tio vendo a aflição do menino pega na vassoura e começa a varrer o chão e diz que passando a vassoura por cima, de leve era mais fácil para tirar as folhas e diz para o sobrinho passando a vassoura para ele “se tiver boa vontade, a vassoura fica boa” (Diário de campo, 05/2013).

Essa situação demonstra um tipo de aprendizagem de uma prática corriqueira na vida das crianças: a da “varreção” do quintal. Nesse caso, o espaço a ser varrido era bem maior que o de costume e precisava ficar bem limpo, pois se tratava do lugar onde seriam realizadas as cerimônias da festa de maio.

Voltando aos estudos de Lancy, Gaskins e Paradise, podemos confirmar que a instrução direta da aprendizagem da criança acontece de forma complementar as atividades que se dão de forma não explícita. Possivelmente, o menino Enan aprendeu a varrer terreiro observando os adultos e as outras crianças mais velhas e, à medida que foi praticando, foi aprendendo essa atividade dentro dos seus limites. Ao ser atribuída a tarefa de varrer um espaço maior e para uma ocasião especial, a festa de maio, o menino precisou de um auxílio para realizar a tarefa, que se apresentou com um grau maior de dificuldade: varrer um espaço bem maior do que aquele que estava acostumado. A instrução do tio se deu através da demonstração e também de uma instrução verbal direta de como deveria pegar na vassoura e proceder a varreção de “forma mais leve”. Também nessa situação, existe um aprendizado enquanto se trabalha. Enan já realizava aquele tipo de atividade há mais tempo e teve a oportunidade de aprimorá-la através da demonstração do tio. Podemos ver que em Mato do Tição muitas coisas são aprendidas “naturalmente” e não estão separadas da vida cotidiana. No momento da “varreção” do quintal, foi necessária uma breve instrução de alguém que tinha mais experiência que ele para que pudesse aprimorar a sua prática. De acordo com Ana Maria Rabelo Gomes (2013):

---

<sup>86</sup> Em algumas localidades de Minas Gerais “terreiro” é sinônimo de quintal.

Aprender e ensinar fazem parte do mesmo contexto social de ação onde ocorrem as atividades da vida cotidiana da comunidade, e no qual os sujeitos se inserem de forma diferenciada em função das suas possibilidades de participação e dos seus objetivos. Nesse sentido são as próprias crianças que muitas vezes se propõem a participar de alguma atividade (...). Tais formas de participação funcionam como situações de aprendizagem *in loco* (p. 88).

A maioria dos aprendizados das crianças acontece no chão da comunidade, através de sua participação constante nas atividades tais como: cuidado com a casa, cuidado das crianças menores, nas conversas em família, na organização e preparação das festas, na organização e na execução dos ritos religiosos etc. No caso das festas e ritos religiosos, em se tratando do Mato do Tição, pudemos ver que tais atividades fazem parte da rotina da comunidade. Ao longo do ano as crianças se veem às voltas com uma série de festividades e celebrações que praticamente compõem o fazer diário da vida na comunidade.

A aprendizagem com demonstração e instrução mais constante acontece dentro da comunidade nas situações de ensino das tradições locais como: candombe, batuque, reza do terço, cantos, versos da coroação, capoeira e outros. Esses conhecimentos são ensinados pelos próprios integrantes da comunidade. Primeiramente eles foram organizados em forma de oficinas por ocasião da implantação dos pontos de cultura<sup>87</sup> instalados na comunidade em 2011. As oficinas estenderam-se até o ano de 2012. Os mestres que ensinaram as crianças eram seus tios, primos e avós. Mas esses aprendizados estenderam-se após o fim das oficinas de outras maneiras.

Ao falarem com quem aprendem determinados saberes, as crianças sempre evocam seus familiares, transcrevemos abaixo algumas dessas referências:

Tio Martinho ensina nós a tocar e dançar o batuque, mamãe ensinou a rezar (Ayana).  
O candombe eu aprendi com tio Adoniran (Keezy).

---

<sup>87</sup> O projeto foi criado no ano de 2004 pelo Ministério da Cultura e tem como proposta fazer com que os projetos culturais nascessem da própria comunidade, baseados em tradições e na sedimentação do saber cultural existente no próprio território ([www.mobilizadores.org.br](http://www.mobilizadores.org.br), acesso em 07/05/2015).

Rezar eu aprendi com tia Ágata, dançar batuque com tio Martinho e o candombe eu aprendi com foi com papai (Nala).

A cantoria, a Ágata ensina a gente (Kele).

As músicas que não é do candombe eu aprendo na folia com tio Badu, Dante, Martinho (Enan).

Cada um ensina uma coisa (Geórgia).

As coisas da cultura aprendo com vovô Dante, vovó, ensina e conta as histórias daqui de antigamente (Dandara, 12 anos).

Também descrevem como aprendem apresentando a dimensão de um aprendizado que se dá de várias formas e em diversos contextos com destaque para o aprendizado através da observação, da escuta, da prática e esporadicamente, através das perguntas dirigidas aos conhecedores de determinado ofício ou saber.

É de família, cada um aprende e vão passando para os outros. Nas rodas de conversa (Ayana, 10 anos).

Ensaio e olhando os outros (Geórgia, 9 anos).

Observando, participando. Eu tento pegar o ritmo com elas, vou cantando e aprendendo. Ágata, ela ensina cantando com a gente e depois coloca no papel e a gente decora. Quem não sabe lê ela vai falando até ela aprender (Kele, 8 anos).

Experiência própria, vovó me ensinando a cozinhar, pegar lenha (Dandara, 12 anos).

Eu pergunto para os mais velhos e eles respondem, aprendo com o povo mais velho. Dante, Divina, vovô, vovó. Já perguntei como surgiu o candombe (Enan, 11 anos).

Fui cantando, cantando até aprender, gastei muitos dias. É muito legal, depois da coroação eu ganho a prenda (Hanna, 5 anos).

Eu toco o guaiá, tem outras pessoas que tocam também, meu tio me ensinou, tio Adoniran, me ensinou um jeito mais fácil de tocar ele, também tem uma sementinha assim do pé, da casa de Iolanda faz o barulhinho do guaiá, é tipo um chique-chique.

Eu gosto de tocar e quando eu crescer eu vou participar de tudo enquanto é trem. Eu participo do reinado né. Meu tio Martinho perguntou “cês que participar do reinado?” Eu falei “sim quero”, porque eu nunca participei e aí ele falou que tem os passos assim de rodar e mais a gente toca mais é o pandeiro (Keezy, 7anos).

Eu fico olhando os outro cantando as música e eu aprendo(Keezy, 7 anos).

Eu observo elas aí depois eu faço (Aurora, 8 anos).

Eu aprendi a rezar vendo (Enan, 11 anos).

Eu escuto o som e aprendo a cantar as músicas (Nala, 8 anos).

Observando o que tio Adoniran fazia (Ayana, 10 anos).

A coroação é assim: a Serena ensina, ela escreve o verso no papel, quem não sabe ler ela canta com a menina até ela aprender (Nala, 8 anos).

A forma predominante de aprendizagem é a da observação. Muitas crianças quando dizem como aprendem, sempre citam a observação: olhando, prestando atenção para depois praticarem. Durante a pesquisa de campo, foram inúmeras as situações observadas em que as crianças ficavam paradas durante um tempo considerável observando alguma prática tais como: o rito do candombe, a feitura de grandes quantidades de comida para determinada festa, a construção da fogueira para a festa de São João, os penteados feitos nas crianças, as rezas de ladainhas por ocasião dos ritos religiosos, as reuniões da associação quilombola etc.

Algumas crianças, após longo tempo de observação, faziam algumas perguntas pontuais como “quanto tempo tem que deixar a carne no fogo pra ficar pronta? (Nala, 8 anos); “como é que faz para o canudo de doce de leite ficar tão certinho?”(Enan,11 anos). As perguntas são escassas, mais participam observando e praticando que falando e perguntando. Corroborando com o que Chantal Medaets concluiu, ao observar as aprendizagens de crianças ribeirinhas do Amazonas, a observação é uma ferramenta privilegiada por elas para aprender e as mesmas só “entram em ação” quando já conseguem realizar determinada tarefa bem (2011, p.12).

Cada criança expressa o seu jeito próprio de aprender a partir de suas experiências, como disse Dandara. Experiências que são alcançadas através de um intenso processo de participação que requer atenção, acuidade, desenvoltura, interesse, desejo e motivação. A descrição de Keezy quanto ao seu processo de aprendizagem do candombe é ilustrativo das particularidades que envolvem o aprender significativo para as crianças. A menina pratica o que é ensinado ao seu jeito: tentando, indo aos poucos, devagar para não se confundir:

Primeiro eles [os tios] explicam ocê tem que fazer isso, tem que fazer aquilo e testam umas cinco vez, aí ocê treina e já faz. Igual cê vai tocando o tambor do candombe, primeiro ocê tem que sentar, segurar o tambor e ir no toque tumtumtum, aí cê vai tutumtum, tum... a gente vai aos poucos porque é muito difícil porque na hora de ir rápido a gente

embaralha, eu também, se a gente ir rápido eu ... embaralho com minha cabeça e eles fica cantando e eu toco guaiá e eu vou e paro de tocar e fica esse trem. E as pessoas orgulham também, parabéns, cê sabe tocá o candombe, a única pessoa que toca só guaiá lá é eu. E aí os adultos toca os outros [instrumentos].

Nessa descrição também podemos identificar, além da estratégia da instrução e demonstração dadas pelos ensinantes (os tios), a prática e complementarmente aquilo que Lancy, Gaskins e Paradise cunharam como *feedback*, que pode funcionar como um elemento importante para a motivação do aprendiz. Nesse caso, Keezy recebe elogios “e as pessoas se orgulham também, parabéns, cê sabe tocá candombe”. Os elogios incentivam a criança a realizar uma atividade tradicionalmente valorizada na comunidade, que é o candombe. O *feedback* auxilia a criança no seu senso de pertencimento social e no seu comprometimento para assumir uma responsabilidade no seu processo de aprendizagem e dirigindo seus esforços para aprender. O elogio cumpre um papel de dar um retorno para a criança sobre o que ela conseguiu aprender de forma positiva. Sendo assim, a criança poderá, posteriormente, participar da atividade de forma mais efetiva. Foi assim que Keezy se tornou a tocadora de guaiá em algumas apresentações do candombe. Ela mesma demonstra sua satisfação em fazer parte do candombe e diz que quando crescer continuará participando de tudo, ou seja, das atividades que envolvem as tradições tais como o reinado, o candombe, o batuque, as rezas, as canções: “e quando eu crescer eu vou querer participar de tudo que é trem”.

A motivação ocorre principalmente porque a criança sente-se bem em aprender aquilo que faz parte de seu mundo social. Nesse processo, a criança pode se sentir orgulhosa quando aprende algo que integra sua cultura.

Outra situação de aprendizagem dentro do contexto da comunidade é a preparação para a coroação de Nossa Senhora, que acontece durante todo o mês de maio. Os ensinamentos para a coroação são realizados geralmente por um grupo de mulheres, tias das crianças que ensaiam os cantos, versos, gestos, cortejos que as crianças deverão fazer no dia da coroação. As crianças recebem instruções e vão praticando em casa e também nos ensaios que acontecem semanalmente. Veremos que existem diferenças nos modos de ensinar de acordo com a idade das crianças, o grau de maturidade das mesmas e se são alfabetizadas ou não. Para quem já sabe ler, os versos são escritos no papel e a criança vai treinando. Para as que não sabem ler, canta-se com

a criança até que aprenda. Praticamente todas as meninas de Mato do Tição menores de 12 anos participam da coroação, crianças de comunidades vizinhas também participam. Porque ensaiam com as tias e praticam no grupo de pares, elas têm um engajamento nesse processo e conseguem desempenhar o papel de “coroantes” muito bem.

A coroação é um ritual muito valorizado em sua cultura. Existe um público composto por parentes, vizinhos e visitantes de diversas localidades que participam das celebrações do mês de maio. As crianças sabem da importância da coroação, que é um rito público. Elas compreendem tanto o significado performático de tal rito como o seu significado religioso. Esse aprendizado se deu ao longo do tempo, desde que eram bem pequenas participando de todos os ritos de louvor a Nossa Senhora como a novena, a reza do terço, a missa, a cerimônia de coroação e a culminância com a festa dos três santos. O processo de ensaiar para a coroação é apenas uma parte de um todo que compõe os ritos religiosos do mês de maio ou mês de Maria, como dizem alguns.

O aprendizado das crianças é efetivo principalmente porque existe um envolvimento tanto pessoal quanto coletivo para que, de fato, aprendam. De acordo com Gaskins e Paradise, quando a qualidade do envolvimento e compromisso é alta, então a criança é mais propensa a organizar e digerir as informações e experiências. Elas trazem para essa atividade uma atenção peculiar. Quando a importância e o potencial são culturalmente amplificados ou aumentados em valor, a aprendizagem que se dá pela observação e outras estratégias, como o ensaio e a prática do que se observou, torna-se uma habilidade muito importante e possui um poder memorável.

Em todos os rituais de coroação que foram observados na comunidade durante os três anos em que fiquei no campo, foi possível sentir e perceber o envolvimento pleno das meninas. Desde os dois anos de idade elas já estão imersas no processo de aprender a coroar e participar das celebrações. Gestos, olhares e expressão de alegria e orgulho ficam estampados nos olhos das meninas. São anjinhas negras orgulhosas de fazerem parte de um momento que é muito valorizado por elas e por toda a comunidade.

Processos semelhantes acontecem também com relação aos aprendizados de músicas para participação no coral e na recente participação das crianças no reinado de Nossa Senhora do Rosário, na folia de reis etc. Dentro desse cenário, de tantos aprendizados culturalmente relevantes, existem ainda aqueles que se dão através de

projetos desenvolvidos por pessoas e organizações de fora da comunidade. Já foram realizados inúmeros desses projetos como: teatro de bonecos e confecção de máscaras, arca da leitura, teatro, dança e capoeira. Abaixo, descreveremos alguns elementos da oficina de capoeira realizada durante o ano de 2013, que contou com a participação de um número significativo de crianças.

#### **4.3. Aprendizagens através de ensino sistematizado dentro da comunidade – a oficina de capoeira**

A descrição abaixo tem por objetivo apresentar outro contexto de aprendizagem que acontece na comunidade, que são as oficinas e projetos. A escolha da descrição da oficina de capoeira deveu-se à forma como ela foi conduzida. Os procedimentos de ensino encontram-se muito próximos das formas de aprendizagem que acontecem quando um membro da comunidade conduz o aprendiz com algum tipo de instrução ou demonstração. O mestre de capoeira utiliza-se do contexto da comunidade e também de provérbios e ditos para introduzir as crianças nas atitudes necessárias para o aprendizado da capoeira.

A forma encontrada pelo mestre demonstra o respeito do mesmo pela cultura local e também a sua compreensão do contexto sociocultural no qual as crianças estão inseridas. A participação ativa das crianças nessa oficina é mais explícita e pode ser demonstrada pelas perguntas, comentários e interação mais direta com o mestre. Não quero com isso dizer que as aprendizagens nos outros contextos não sejam ativas. O próprio ato de observar com atenção já é uma postura ativa da criança no processo de aprendizagem, embora para um olhar desatento, de fora, possa aparentar que a criança em atitude de observação não esteja ativamente envolvida no processo. É um envolvimento ativo e, muitas vezes, silencioso, é atencioso e requer destreza do aprendiz que busca capturar elementos suficientes para que possa praticar posteriormente o que observou. Também, o interesse das crianças pela capoeira facilita o processo de participação. O encaminhamento da oficina realizado com as demonstrações, as explicações, a utilização de provérbios e exemplos retirados do contexto do Mato do Tição contribui para a fluidez do processo. Processo que se dá não sem conflitos, mas esses são resolvidos no interior do grupo com palavras de estímulo

que partem tanto do mestre quanto dos adultos e das crianças presentes na oficina. A satisfação do menino que consegue fazer um movimento que de início lhe pareceu difícil reafirma a importância do *feedback* para os processos de aprendizagem que se dão na prática. A descrição da cena abaixo traz a dimensão da importância de um tipo de ensinamento e aprendizagem situados no contexto das crianças.

*Às 19 horas teve início a roda. O mestre foi mostrando a batida de cada instrumento para cada criança. Aos poucos o grupo foi seguindo o ritmo. Em seguida separou o grupo que queria fazer a roda e não tocava os instrumentos. D. Nilce pegou Lígia no colo (ela já estava querendo dormir). D. Nilce falou para deixar só um pandeiro. Perguntou por Keezy e Nala. Em seguida as duas chegaram. Receberam uma folha com desenhos dos principais movimentos da capoeira. O mestre disse que teriam que ligar os pontos para formarem a roda da capoeira e foi explicando cada movimento fazendo movimentos.*

*Havia 8 crianças na roda e 7 com os instrumentos. Os tocadores iniciaram com os instrumentos. Sr. João que estava assistindo ensaiou alguns movimentos. Os instrumentos eram 1 reco-reco; 1 agogô, 1 atabaque, 2 pandeiros; 3 berimbaus.*

*A música era “eu via a cutia com coco no dente, comendo farinha com cocada quente”.*

*Após alguns exercícios trocaram o grupo da roda pelos tocadores.*

*Seguiam a música “beira mar ioiô, beira mar ioiô, beira mar iaiá, beira mar iaiá, a ladainha chega corrido”.*

*O mestre diz: só de sentar na roda já estamos começando, saímos do pé no chão. Explicou sobre a ladainha, disse:*

*- Não se joga capoeira na hora da ladainha. Quando está jogando tem que estar com o ouvido aberto para cantar. É bom para o mundo, ouvido aberto e boca fechada, ensinamento que os antigos ensinam. No mato por exemplo se não se prestar atenção a onça vem e come.*

*Todas as crianças ouviram o mestre e aguardavam a próxima “instrução”.*

*- Depois da ladainha vem a chula:*

*“Iê viva meu mestre, iê viva meu mestre camará”.*

*Nala disse:*

*- Não falou a chula não!*

*Mestre explicou que os cantos iê viva meu mestre, era a chula. Se dirigiu a Keezy que havia saído da roda:*

*- Quem fica fora da roda não aprende.*

*- Quando vê a cascavel armando na rodilha gamada no pé de pau a preguiça arrepiá. O que isso quer dizer?*

*- Responderam em coro; “medo”!!!*

*- Qual é o outro sentido?*

*- O canto da capoeira é o canto do candombe, canta uma coisa para dizer outra. Quando eram escravizados não podiam dizer por exemplo que iriam fugir, então cantavam um ponto. A música popular tem isso, metáfora, linguagem por meio do sotaque. Não vou entregar muita coisa escrita, será a tradição oral. Vamos trabalhar a memória. Todos ouviam em silêncio.*

*- Ladainha, canta corrido, “angola ieie”.*

*Samora canta um corrido e todos riem.*

*Nala canta um corrido:*

*- Minha mãe Angola... eu vim fazê chuê, chuá, eieie.*

*Mestre mostra o triângulo, fazia os movimentos e pedia para todos fazerem no triângulo.*

*Carla: “ Nossa senhora! Eu tenho que aprender a fazer esse trem.”*

*Algumas crianças diziam: me ajuda, eu consegui, é muito difícil.*

*Enan:*

*- Ah, eu não consigo esse trem, eu não consigo, é a primeira vez.*

*Depois de algumas tentativas Enan ficou no chão. Após muitos chamados, Enan irritado disse:*

*- Eu não consigo fazer nada!*

*Mestre:*

*- Consegue dar a volta ao mundo?*

*Enan:*

*- Não, não, eu tenho pé grande.*

*Sua avó disse:*

*- Deixa de bobagem, aqui não tem isso não, você consegue tudo.*

*Enan levanta e resolve fazer o próximo exercício com a Kele. Ele levanta Kele em suas costas e depois trocam. Carolina depois ajuda Enan a levantar Smora. Enan levanta Hanna e depois chama Kele e diz “eu sei agora”.*

*A oficina já está terminando. As crianças vão aos poucos se dispersando. Geórgia aparece chorando dizendo que seu dedo está machucado.*

*Mestre nos chamou: eu Acotirene e Solano para tocar os instrumentos e ele fechar a aula com movimentos com as crianças todas. As crianças fazem os movimentos que*

*aprenderam no dia. Chamou todos que estavam presentes para a roda, seu João e D. Nilce.*

*- Viva Matição, viva Deus, viva!*

*Depois de brincarem um pouco com bola e pega-pega, todo mundo foi indo embora. (Diário de campo e gravação em 06/06/2013).*

O mestre tem uma interação boa com as crianças, preocupa-se em ensinar a todos, faz relação entre a capoeira e a vida. Observa-se nessa cena procedimentos que merecem atenção. A oficina de capoeira aqui relatada é um ensino sistematizado, mas não se constitui como um ensino formal. Alguns projetos desenvolvidos na comunidade seguem esses mesmos princípios, com os ensinamentos colados às vivências socioculturais das crianças. Naquela roda de capoeira, o círculo composto pelas crianças, trouxe a dimensão da importância da aprendizagem situada. O espaço aberto, assim como o terreiro de Mato do Tição, também contribuíram para as interações entre as crianças e os adultos.

#### **4.4. As aprendizagens presentes nos cuidados com as crianças**

As crianças no Mato do Tição são cuidadas pela família e pela comunidade, que compreende a família extensa congregando diversos membros em escalas diferentes de proximidade. Atualmente, as crianças nascem em hospital da cidade de Jaboticatubas ou da capital. Não houve nenhum relato de crianças da geração pesquisada ter nascido na própria comunidade. No passado, essa prática era comum e muitas crianças vieram ao mundo através das mãos de parteiras residentes na comunidade. Hoje, também, os cuidados com a saúde são feitos a partir de consultas médicas por ocasião da presença de uma equipe de saúde que visita a comunidade para os atendimentos. Mas as práticas locais para tratamento de algumas moléstias ainda permanecem. Tais práticas constituem-se, principalmente da administração de chás, banhos e benzeções.

#### 4.4.1. Curas pelas benzeções

As crianças listaram uma série de males que são curados pelas benzeções, que são realizadas principalmente por Tia Divina. As crianças já foram curadas porque estavam aguadas, com o vento virado, espinhela caída, mau-olhado e cobreiro. Elas falam dos sintomas de cada um desses males e acreditam que as benzeções são poderosas para curá-los.

Eu chego lá e tia Divina benze. Espinhela caída, quando assusta; de cobreiro. Quando eu tô doente eu tomo chá, médico aqui no Maticão só se tiver morrendo mesmo. Porque o povo acredita que reza cura, chá cura e eu também acredito. (Enan 11 anos).

Eu acredito na benzeção<sup>88</sup> e sempre vou na vó Divina (Kênia, 13 anos).

Eu fui benzida de cobreiro, umas bolotas que dá no corpo (Dandara, 12 anos).

Eu fiquei aguada, por que separei da minha mãe tive que benzer, tia Divina que benzeu ( Kênia, 8 anos).

O mau-olhado porque a gente fica com dor de cabeça e enjoada e o olho enche d'água (Dandara, 12 anos).

Ah! O cobreiro a gente fica andando no mato e aí passa aranha, lagartixa, sapo... (Keezy, 7 anos).

O mau-olhado é quando uma pessoa ruim olha pra gente, a gente fica caindo a toa, abrindo boca toda hora, fica triste... (Ayana, 10 anos).

Espinhela caída é quando uma pessoa te assusta (Ayana, 10 anos).

Eu já fiquei aguada, atrás do pescoço afunda. Fiquei aguada porque eu saí com vovó e eu queria salgadinho e biscoito e eu pedi vovó e ela não me deu (Keezy, 7 anos).

As benzeções são comuns no Brasil e têm sua prática mantida, principalmente, no meio rural. No caso das explicações fornecidas pelas crianças a respeito de cada mal e o seu causador pudemos confirmar as informações através da

---

<sup>88</sup> Benzeção “é uma linguagem oro-gestual com a qual algumas pessoas – detentoras de poder especial – controlam as forças que contrariam a vida harmoniosa do homem. Benzer é garantir o funcionamento da normalidade desejada e conter o mal. A benzeção é uma fala ao inconsciente coletivo, de onde se retira a doença e onde se coloca, pela palavra, a saúde, restaurando-se o equilíbrio. (...) As benzeções geralmente se destinam a tipos especiais de doenças cujo ciclo tem uma duração específica como as dermatológicas (fogo selvagem erisipela, sapinho, cobreiro), processos inflamatórios (unheiro, terçol, bicheira, coqueluche, peito arruinado, dor de dente). (...) Além dessas há distúrbios que não se classificam clinicamente, como espinhela caída, ventre virado, quebrante, mau-olhado, doença do ar” (GOMES e PEREIRA, 1989: 22).

pesquisa realizada por GOMES e PEREIRA (1989) em 185 localidades de Minas Gerais que mantêm a prática da benzeção. Dessa forma, constatamos que, de fato, a espinhela caída é provocada pelo susto e atinge principalmente as crianças pequenas; o cobreiro deixa a pele irritada com crostas e manchas e é causado pelo contato da roupa com animais peçonhentos e o mau-olhado ou quebrante é causado pelo olho ruim, “olho de secar pimenteira” no dito popular e deixa a criança prostrada, como nesse depoimento colhido na pesquisa dos autores citados acima:

O quebrante é quando cai em menino pequeno. Faz adoecê e é perigoso demais. Só a benzeção pode dá jeito. É o mesmo olho ruim que põe. E quebra o menino, que fica com os olho moiteiro, bambo, frouxinho. Agora quando a pessoa já tá formada, já é adulta, pega é mau-olhado. Fica de azá, nada que faz dá certo, fica brigado com os outro, sentino umas coisas esquisita. As vezes dá dor de barriga, vômito, enjôo. Uma coisa ruim, por dentro e por fora. Num dá pra segui, tudo amarrado. Tem que benzê. Senão, nem sei... (depoimento de Vazante, GOMES e PEREIRA, 1989:92).

O aprendizado sobre os males que são curados pelas benzeções se deram a partir da inserção das crianças na vida da comunidade, desde que nascem são levadas por seus pais para benzer e continuam essa prática ao longo da vida, ouvem dos mais velhos o significado de cada mal e os seus causadores. Assim, elas mesmas vão identificando os sintomas e a causa dos males que as afligem.

As crianças aprendem com Dona Divina, que é uma “conhecedora” dos mistérios sobre os males e as curas. Apesar de existirem outras pessoas dentro e fora da comunidade que benzem, ela é a referência. A matriarca da comunidade domina os saberes das benzeções, curas e orações para os males do corpo e da alma. Também conhece as principais rezas, orações e ladainhas (cantadas em latim) praticadas nos cultos e nas celebrações, assim como é conhecedora e praticante do candombe. É referência para toda a comunidade e também para as crianças sobre as tradições e a cultura do lugar. É respeitada e reverenciada dentro e fora da comunidade. Esse aprendizado com os mais velhos é representativo do universo das crianças do Mato do Tição, que reconhecem esse lugar de sabedoria e conhecimento dos anciãos da comunidade. Nos dizeres de Hanpaté Bâ, as crianças “mantêm-se a escuta” dos mais velhos para aprender e praticar os seus aprendizados. Aprendizados esses que se dão

através da oralidade, de “boca perfumada a ouvidos e dóceis e limpos”, as crianças aprendem sobre males, curas e benzeções, porque, além de estarem imersas em sua cultura, elas querem aprender e demonstram esse querer prestando atenção ao que dizem os mais velhos.

Dona Divina tem o ofício da palavra, palavras sagradas que se materializam pela força que tem, “se a fala é força, é porque ela cria uma ligação de vaivém (yawareta, em fulfude) que gera movimento e ritmo, e, portanto vida e ação” (Hampaté Bâ, 2010:172). Todo o processo de cura é falado por ela, cantado, rezado. Falas embaladas por gestos e entrecortadas por silêncios. Saberes colocados em movimento pela oralidade tão presente na cultura do Mato do Tição. Oralidade e *oralitura*, nos dizeres de MARTINS (2000) compreendem um conjunto de aspectos que completam a fala, o canto, o entoar de ladainhas:

O termo *oralitura*, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição linguística, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significativo e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Como estilete esse traço inscreve saberes, valores, conceitos, visões de mundo e estilos. A *oralitura* é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos volejos do corpo. Numa das línguas banto, da mesma raiz verbal (tanga) derivam os verbos escrever e dançar, o que nos ajuda a pensar que, afinal, é possível que não existam culturas ágrafas. Nem todas sociedades confiam seus saberes apenas em livros, arquivos, museus e bibliotecas, mas resguardam, nutrem e veiculam seus repertórios em outros ambientes de memória, suas práticas performáticas (p.84).

D. Divina, portanto é mestre das *oralituras* sagradas do Mato do Tição. Os saberes por ela entoados encontram na disposição das crianças o reconhecimento da matriarca como uma pessoa importante para a comunidade e com quem podem e devem aprender muitas coisas.

#### 4.4.2. “Todo mundo ajuda a olhar” - os cuidados coletivos com as crianças

Todos estavam tocando algum instrumento. Ayana e Kele disseram que hoje tinha pouca gente na oficina. Seu João apareceu com chapéu e embornal e disse que não tinha ninguém para olhar Lígia. A menina é sua neta e tem uma irmã de sete anos e um irmão de 11 anos, a mãe das crianças morreu recentemente e seus avós ficaram com elas. Quando Seu

João disse que não tinha ninguém para olhar Lígia (2 anos) Carolina pegou a menina no colo. Durante a realização da oficina de capoeira todos ajudaram a olhar a menina, seu irmão e também outras primas que revezavam carregando a pequena ou brincando com a mesma (Diário de campo, 06/06/2013).

A descrição acima, fruto da observação de uma cena durante a realização da oficina de capoeira com as crianças, ilustra, de forma significativa, a prática de cuidado com as crianças, principalmente com as pequenininhas. Carolina, que acolheu a menina primeiro, é sua prima e já é casada e tem filho.

A movimentação em torno dos cuidados com as crianças na comunidade é intensa. Geralmente quando as mães, avós ou tias estão ausentes, é mobilizado um grupo de pessoas para ficar com a criança até que o responsável possa fazê-lo. Essas situações são corriqueiras e são intensificadas por ocasião de algum evento, como festas e reuniões que acontecem na comunidade. Nessas ocasiões, tanto as mulheres adultas como as crianças tomam conta dos pequenos durante praticamente o dia todo.

Os adultos e jovens também educam as crianças com idades variadas. Frequentemente, presenciei situações em que um adulto primo, tio, padrinho ou madrinha orientavam as crianças quanto a uma atitude, comportamento ou situação. Também eram comuns o “chamar a atenção” de uma criança quando estava fazendo algo que desagradava os mais velhos ou os incomodava. Em uma ocasião, presenciei D. Firmina (57) anos chamando atenção de Kele (8 anos) sua prima em terceiro grau por essa estar pegando manga verde para comer. Em outra ocasião, a mãe de Kele pedia a D. Firmina conselhos para educar a filha que estava muito preguiçosa e gostava de ficar andando de casa em casa e não ajudava a mãe como deveria.

Outra forma de preocupação com as crianças são aquelas expressas nos discursos sobre “os perigos” que elas correm. Por ocasião de um aniversário de uma das crianças na casa de seus avós, no qual quase toda a comunidade estava presente, o Seu. Adonias, avô da aniversariante, ao discursar em homenagem a neta, expressou suas preocupações quanto aos perigos que a menina corria ao se envolver precocemente com algum suposto namorado. Também nesse mesmo dia, uma senhora da comunidade prima da menina, também ao fazer uma oração, pediu para que as crianças e os jovens ficassem livres dos perigos que vinham “da rua”, como as drogas, a violência, o envolvimento com coisas erradas etc.

Essas preocupações expressam o quanto a comunidade, que hoje não se encontra mais isolada tanto geograficamente como socialmente, está exposta e vulnerável aos conflitos vivenciados por crianças e jovens de qualquer localidade. Portanto, os cuidados com as crianças extrapolam aqueles de ordem primária como a alimentação, o vestuário, a higiene e a saúde. Assim tomam uma dimensão mais ampla e que carece da atenção de toda a comunidade. A comunidade por sua vez, se empenha em orientar as crianças quanto a necessidade de manterem-se coerentes com os valores que lhes são transmitidos na família, que não se resume a pai e mãe, uma vez que estão ligadas por meio dos laços de parentesco a uma família extensa composta de primos em diversos graus, tios, avós, irmãos, cunhados, padrinhos e madrinhas.

#### **4.4.3. Crianças cuidando de crianças**

Frequentemente, foram observadas situações em que as crianças cuidam de crianças. O cuidar das crianças por outras pode acontecer esporadicamente, mas em algumas situações, essa prática compõe a suas rotinas. Geralmente são as meninas, irmãs ou primas, que cuidam dos pequenos. Mas também foram observadas situações em que os meninos também cuidam de suas irmãs pequenas.

A menina Kênia (13 anos) cuidava de sua irmã Laila (2 anos) praticamente durante todo o dia nos finais de semana dando banho, comida, colocando para dormir, levando na casa da avó, acompanhando durante as oficinas e também em alguma festa. Nesse caso Kênia, agia como uma segunda mãe, educando sua irmã.

O Menino Enan também constantemente cuidava de sua irmã Lígia. Durante o passeio que realizamos durante a pesquisa, a menina foi levada pelo irmão que a carregava em diversas situações em que a menina começava a chorar. Nesse dia, várias crianças ajudaram a olhar Lígia, mas a responsabilidade maior estava a cargo de Enan, seu irmão mais velho.

Nesses dois exemplos descritos acima e em várias outras situações observadas, não presenciei nenhum momento de impaciência por parte das crianças cuidadoras, vamos chamar assim. Pelo contrário, demonstravam muita amorosidade no cuidado com os irmãos ou primos. Os momentos de “braveza” aconteciam quando cometiam alguma desobediência ou quando faziam algum tipo de birra. Mas,

normalmente, o ato de cuidar dos pequenos era algo natural e estava incorporado às suas rotinas. No caso específico de Kênia, ela tinha essa tarefa dos cuidados com a irmã porque sua mãe estava com um problema crônico de saúde que a impedia de realizar várias tarefas. Mesmo nos dias úteis, Kênia conciliava a escola com os cuidados com a irmã e com a casa.

Essa prática é comum em diversas culturas. GOMES, SILVA e PEREIRA (2015) chamam a atenção para a participação das crianças xacriabá (grupo indígena do Norte de Minas Gerais) na vida social da comunidade, destacando seus processos de interação com os adultos e também com outras crianças. Utilizam do conceito de co-responsabilidade para definir a forma marcante de inserção das crianças em seu próprio processo de socialização. A co-responsabilidade é observada “quando a criança participa na posição de ser guiado por quem é mais velho e mais experiente, assim quando tem que responder pela condução de quem é menor e menos experiente” (p.11) .

A inserção das crianças em seu mundo social e as formas de aprendizagens que lhes são oportunizadas requer a construção de processos de identidade e de identificação. Nesse sentido, o desejo de fazer parte é um potente impulsionador de aprendizagens. No caso das crianças que cuidam de crianças, a naturalidade com a qual lidam com essa “obrigação” é reflexo dessa dinâmica em que os maiores conduzem os menores por ela mesma. A criança maior, ainda encontra-se também na fase de aprender com alguém mais velho que ela. Nos dizeres dos autores citados acima, “existe uma contemporaneidade da posição de mestre e aprendiz que é continuamente atualizada nas diferentes práticas compartilhadas” (2013, p.11). GOMES (2009) considera que as crianças que são educadas em um contexto em que cuidam das outras desde cedo irão “demonstrar o sentido de cuidado e responsabilização para com os menores, assim como se apoiam na ação e presença dos maiores para realizar o que desejam” (p.86).

Também em diversas culturas africanas foram observados um correlato da co-responsabilidade : a noção de reciprocidade, que é inerente à filosofia de que o comunitário se sobrepõe ao individual. Os objetivos comuns estão acima dos do indivíduo, a comunidade tem um valor maior. Para GYE KYE (2004), existem pontos de interação e de interação mútua entre a pessoa e a comunidade na qual está inserida, sendo que o *ethos* da cultura africana comunitária está presente em várias práticas e em diversos povos.

CUCHE (1999), citando a pesquisa realizada por Jacqueline Rabain entre os povos Wolof (Senegal) a respeito da educação das crianças, destaca também o caráter comunitário sobreposto ao individual presente nessa cultura:

A pedagogia wolof é essencialmente uma pedagogia da comunicação. A aprendizagem do uso social da palavra é muito codificada e é ao mesmo tempo a aprendizagem de uma gramática das relações sócias. Definitivamente, as aquisições sociais são mais importantes que a realização “pessoal” da criança e que as aquisições técnicas, cuja aprendizagem não é sistematizada (p.92).

Também MEDAETS (2011), ao tratar das aprendizagens entre crianças ribeirinhas do Baixo Tapajós no Amazonas, refere-se a RABAIN (1979) e seus estudos sobre os Wolof destacando o caráter da doação presente nessa cultura que guia a ação dos adultos e das crianças que estabelecem relações com seus pares mediadas pelo valor da doação.

O sistema educativo wolof visa menos impor uma lei do adulto à criança, que criar condições para tomada de consciência e o respeito à “lei dos irmãos”, dos “iguais”. Desse a mais tenra idade, e por meios muitíssimo sutis, é sempre sugerida à criança que o “outro” é antes de tudo o “irmão”, o companheiro de idade. (...) Todos em seu entorno induzem na criança os gestos de doação e de partilha (...), e as trocas laterais [entre pares] que se afirmam assim graças à mediação longamente privilegiada da doação e da oferta, se desenvolvem em detrimento das trocas verticais [adulto-criança] que lhe antecedem (RABAIN, 1979:77 apud. MEDAETS, 2011:6).

Para COETZEE (2004), a boa vida para o indivíduo akan<sup>89</sup> coincide com o bem da comunidade. Existe uma comunidade de reciprocidade na qual cada membro está em relação dialógica com outros membros, ou seja, uma relação que exige o reconhecimento de obrigações e noções sobre o bem comum. Nesse sentido, em uma comunidade de reciprocidade, os membros reconhecem o fato de que uma vez que os projetos pessoais que perseguem e que dão sentido às suas vidas são projetos disponibilizados por uma estrutura cultural que lhes dão sustentação, é um dever da pessoa ajudar a sustentar essa estrutura. À medida que entende que sustentar as práticas

---

<sup>89</sup> Grupo étnico linguístico da África Ocidental que inclui os ashanti, presentes nos territórios de Gana e Costa do Marfim.

de reciprocidade significa preservar um contexto cultural, que é uma espécie de pré-requisito para uma vida significativa na comunidade, a “obrigação” estará, então, incorporada.

A prática de crianças cuidarem de crianças, existente em Mato do Tição, possivelmente pode dialogar com a noção de reciprocidade presente entre o povo akan. Isso se deve ao fato de que essa prática já está incorporada como um elemento importante para a manutenção da vida de sua família e comunidade. As crianças não expressam desconforto com a sua obrigação de cuidarem de irmãos e primos pequenos. Já é uma prática que está arraigada na comunidade e tem muita importância para o grupo. As memórias de Acotirene sobre sua infância revelou o quanto a prática de crianças cuidarem de crianças existe na comunidade há mais tempo.

Eu brincava olhando os meninos. Porque geralmente os mais velhos olhavam os mais novos. Eu ficava brincando com eles e olhando. Eu brincava de casinha, debaixo da árvore, cobria com um plástico velho. Brincava com bola do mato, uma árvore que dá umas bolas. Eu ficava olhando enquanto eles brincavam de carrinho de manivela que a gente fazia. Eu ficava olhando pra eles não briga. Desde os cinco anos eu já olhava, o Tim chorava muito e eu fui olhando menino até os 12, 13 e 14 anos (Acotirene, 35 anos).

LANCY e GROVE (2010) analisam os processos de crianças aprendendo com crianças e apresentam um interessante aspecto do povo Afikpo (África) em que as crianças desempenham um papel chave no cuidado dos recém-nascidos:

Quando o bebê nasce, depois de ser lavado é doado para uma criança pequena para ser carregado até a casa onde a mãe passará os próximos dias e quase ao mesmo tempo ela será em parte olhada pela criança pequena. Eu vi uma garotinha de cinco ou seis anos carregando um recém-nascido sobre seus ombros dando-o água para beber (Tradução minha, p.183).

De acordo com as autoras, o cuidado com irmãos é quase universal. Sendo que as crianças têm oportunidade de interagir com seus pares em diferentes graus ao redor do mundo. Apresentam diversos estudos culturais que descreveram irmãos ou parentes como especialmente efetivos em socializar com os seus irmãos ou primos, em guiar uns aos outros em tarefas culturais ou em dar ajuda para aprenderem alguma coisa

de forma verbal e não verbal. Enquanto interagem umas com as outras, as crianças aprendem habilidades úteis em situações de brincadeira, tarefas domésticas e outros tipos de trabalho. Para as autoras, os irmãos mais velhos gostam de tomar conta dos irmãos mais novos porque podem brincar com eles enquanto exercem o seu papel de cuidadores. As autoras também analisam essa prática de irmãos cuidando de irmãos entre os maias no México

Entre os maias os irmãos que tomam conta de irmãos, eles ensinam para seus irmãos mais novos todo tipo de coisas, tais como tomar conta de bonecas, fazer comida e bebida de mentira ou brincar de lojinha. Os irmãos mais velhos são aptos em decidir o que eles ensinam para os mais novos, como e o que aprendem durante o tempo em que estão juntos (Tradução minha, p.184).

O depoimento de Acotirene, que é mãe de Kênia, confirma a circulação de uma prática cultural que é passada de geração em geração dentro da comunidade. As crianças pequenas têm, nas maiores, seus modelos de observação, e mesmo que a princípio não exista um ensino explícito, as crianças maiores ensinam às menores e essas têm, nas mais velhas, uma espécie de espelho no qual buscarão traçar, a partir de suas próprias particularidade e capacidades, formas de cuidarem de si e de lidarem com o mundo que as cercam.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar pesquisa em um quilombo foi algo que eu desejei desde a graduação. Naquela época, recém-graduada em licenciatura no curso de história, iniciei o bacharelado e apresentei como projeto de pesquisa a reconstrução histórica da então “comunidade negra” de Sapé em Brumadinho. Fui instigada por um trabalho que desenvolvi nessa comunidade, juntamente com um pequeno grupo de militantes do GRUCON (Grupo de União e Consciência Negra) e um padre, com discussões em torno da identidade negra, do movimento negro e da organização política da comunidade.

No bacharelado, esbarrei naquele ano de 1989, com inúmeras dificuldades, sendo uma delas a ausência de orientadores dentro do curso de História. Após uma longa negociação, um professor do curso de Ciências Sociais aceitou me orientar. No entanto, com a exigência de que deveria realizar a reconstrução da história do lugar quase exclusivamente através de possíveis documentos escritos fui me desencantando da pesquisa. As buscas que realizei em arquivos na capital mineira e na paróquia da comunidade me colocaram de frente com escassez de registros escritos sobre Sapé. Minha intenção era de utilizar a história oral, colhendo depoimentos dos moradores, mas essa possibilidade era sempre adiada pelo orientador. Para resumir, acabei não dando continuidade a pesquisa e abortando o projeto.

As contingências da vida e minhas posteriores trajetórias, tanto acadêmica, como militante e profissional, me lançaram para investigações no campo das relações raciais e educação. Meus aprendizados foram intensos nesse campo e nessa jornada me deparei com contínuas e insistentes persistências não só dos processos de discriminação racial intra e extra escolares como de uma quase crônica abstenção de muitas instituições de ensino em não contemplarem em suas práticas curriculares, a história e a cultura africana e afro-brasileira, Como também se abstinham do dever ético de combater o racismo no interior das escolas.

Nesse processo, o que mais passou a me incomodar era uma perceptível negação dos saberes das crianças e adolescentes. Saberes esses que estavam associados aos seus modos de vida, a sua cultura, à história de seu grupo social e étnico-racial, a seus vínculos familiares, a sua religiosidade.

A escola<sup>90</sup>, apesar dos avanços, continuava e continua a valorizar os conhecimentos ditos canônicos e eurocentrados. Ainda, pouco avançamos na concretização pedagogias que contemplem a mudança de paradigma exigida pelo trabalho com a diversidade étnico-racial.

Nesse contexto, retomei o meu antigo projeto de pesquisar uma comunidade quilombola. Agora, não mais na perspectiva histórica, mas buscando trazer à tona os conhecimentos presentes nessas comunidades e especialmente os conhecimentos aprendidos e reelaborados pelos meninos e meninas que vivem nessas comunidades. O Quilombo Mato do Tição, assim representou um encontro com o meu passado de buscas por maior compreensão da resistência negra nos quilombos.

Pude penetrar em uma dinâmica de vida na qual aquelas pessoas conseguiram manter suas trações através dos laços com uma ancestralidade africana e também com uma história marcada por luta, resistência e empenho em afirmar uma identidade negra aos seus modos, ao modo Mato do Tição de ser. Fortemente marcado pela religiosidade reelaborada e ressignificada na perspectiva de um catolicismo que talvez o conceito catolicismo popular não contemple, mas de um catolicismo afro-mineiro como bem existe naquele quilombo.

Esse catolicismo se entrecruza com as formas de estabelecer laços com o sagrado que remete ao culto aos antepassados comum à tradição africana e afro-brasileira. Também imprime às festas católicas e ao culto aos santos uma identidade marcada pela resistência à escravidão e pela valorização da pessoa negra como merecedora de respeito. Não sem razão que em uma das histórias ali contadas vemos Nossa Senhora sendo questionada por desmerecer um dos três reis magos, o rei preto, que carregava o ouro para Jesus Cristo.

---

<sup>90</sup> As críticas aqui estão sendo tecidas ao sistema educacional brasileiro que passados mais de 10 anos da promulgação da Lei 10639/03 ainda não a efetivou de fato na educação básica. Estudantes de norte ao sul do país para terem acesso aos conhecimentos instituídos pela referida lei precisam contar com a boa vontade de profissionais da educação que assumem como tarefa levar esses conhecimentos para as escolas em que trabalham. Infelizmente essa não é uma prática incorporada à rotina das instituições de ensino, não tornou-se de fato uma política pública da qual estados e municípios precisam empreender esforços significativos em formação de gestores e demais profissionais da educação.

Mais do que sincrética, a religiosidade ali presente é uma religiosidade de resistência que dialoga com as matrizes indígenas, europeias e africanas não sem a ausência de conflitos e reelaborações. São cruzamentos de culturas e saberes e, nos dizeres de Leda Maria Martins (1997, 2001), lugar de encruzilhadas no qual existe um trânsito sistêmico de saberes que dialoga com outros sistemas simbólicos. Através do candombe temos esse diálogo, no qual os antepassados distantes e próximos são lembrados, e os santos católicos, principalmente os santos pretos, são homenageados.

Enquanto mulher negra e militante do movimento negro, naquele pequeno quilombo eu me senti em casa. Foi assim que pude estabelecer interações significativas com crianças que me descortinaram um universo rico e dinâmico nos seus modos de ser crianças quilombolas do Mato do Tição.

Mesmo com a minha experiência como educadora, convivendo e interagindo com crianças há tanto tempo, fui surpreendida pela dinamicidade dos modos de ser criança em Mato do Tição. Modos que se apresentaram com tamanha diversidade e intensidade, que me vi às voltas com o desafio de pensar metodologias que dessem conta de capturar, pelo menos uma parte, do amplo conjunto de experiências daqueles múltiplos universos. O desafiador movimento de construções metodológicas para a consecução da pesquisa proporcionou um rico processo de interação com as crianças, trazendo elementos completamente novos que emergiram de minha efetiva e afetiva relação com um grupo significativo de meninas e alguns meninos. Uma riqueza de saberes e vivências foram aos poucos se delineando, demonstrando o quão complexa é a tarefa de realizar pesquisas com crianças.

E foi assim que lancei mão de vários recursos metodológicos que me permitiram superar os principais desafios na realização da pesquisa, ou seja, como pesquisar crianças deixando que suas vozes venham à tona e respeitando suas singularidades? Observação participante, passeio pelo quilombo, abecedário, conversas direcionadas, desenhos, entrevistas e conversas informais me permitiram conhecer a potência das crianças no que tange às suas vivências e experiências num contexto rico de aprendizagens correspondentes aos elementos necessários à construção de uma identidade positiva; dos valores comunitários e familiares; das heranças deixadas pelos antepassados; da história de luta e resistência; das estratégias de enfrentamento do

preconceito e da discriminação; da reciprocidade no comer, no trabalhar e no cuidar dos outros. Uma gama de saberes e formas de ensinar e aprender que poderão subsidiar metodologias e, quem sabe, pedagogias quilombolas que esperamos num futuro próximo possam invadir nossas escolas.

No capítulo um apresentei uma discussão a respeito principalmente da ressemantização do termo quilombo. Essa discussão é necessária para a compreensão das várias configurações do que, contemporaneamente, o Estado brasileiro passou a considerar como comunidades que fazem jus ao processo de reconhecimento político, identitário e jurídico e, também, no que tange os processos de titulação das terras. Também nesse capítulo apresentei uma breve contextualização dos quilombos no Brasil nos aspectos concernentes à realidade social. Por ser um quilombo muito investigado, apresentamos as principais pesquisas realizadas em Mato do Tição. Em seguida, foi feita uma descrição do quilombo considerando sua localização, processos de constituição histórica, realidade econômico-social e das tradições culturais.

No capítulo dois traçamos o perfil das crianças pesquisadas e em seguida as formas como as mesmas elaboram e percebem o espaço/lugar em que vivem. Foram consideradas as suas interações com os moradores e suas histórias, o seu pertencimento à comunidade e suas formas de posicionamento quanto à identidade quilombola. Pudemos ver, nesse capítulo, que as crianças têm fortes elementos que as auxiliam na construção de seu pertencimento ao Mato do Tição e que assim vão, cada uma ao seu modo, buscando formas de afirmarem sua identidade quilombola.

No capítulo três apresentei e analisei uma parte do cotidiano das crianças destacando os seus modos de brincar. Analisei, também, como suas brincadeiras são reveladoras das formas como elaboram e interpretam o mundo em que vivem. Foi feito, igualmente, um breve inventário das brincadeiras dos mais velhos e das brincadeiras das crianças de hoje, tornando possível compreender que algumas brincadeiras atravessam gerações e que outras são criadas de acordo com os processos de mudanças vivenciados tanto dentro quanto fora da comunidade.

A participação das crianças nas festas integra esse capítulo e pudemos ver que as crianças constroem aprendizados da cultura do Mato do Tição porque também participam intensamente das festas que no Quilombo. As crianças não só participam ativamente das festas como sabem falar com propriedade de cada uma delas.

Também nesse capítulo foi apresentada a comensalidade presente no Mato do Tição e como a partilha da comida é um aprendizado valorizado no cotidiano das crianças que aprendem uma regra primordial de reciprocidade com os seus pares: comida saboreada na presença de crianças deve ser oferecida a todas.

A escola aparece na vida das crianças principalmente através do preconceito e discriminação vivenciados por elas. Surpreendentemente, veremos que as crianças elaboram estratégias de reação ao preconceito e à discriminação trazendo elementos de uma afirmação positiva de sua identidade enquanto crianças negras, quilombolas e do Mato do Tição, estratégias essas aprendidas em sua comunidade. Essas estratégias precisam ser potencializadas nas escolas através de ações que permitam aos estudantes ter acesso aos conhecimentos produzidos nos quilombos bem como a sua história, suas tradições e suas formas de conceber e viver a vida. As crianças nos deram mais que pistas para a construção de um currículo para a educação escolar quilombola, elas nos apresentaram um verdadeiro repertório curricular que, se sistematizado, poderá fazer germinar múltiplas temáticas e metodologias para as práticas pedagógicas no interior das escolas.

A realização das tarefas domésticas pelas crianças é outro tema desse capítulo. Foram apresentadas algumas considerações sobre o trabalho infantil em quilombos e também tentou-se desvelar alguns mitos em torno do significado do trabalho realizado por crianças chamando a atenção para as particularidades sociais e culturais em torno desse trabalho. É importante considerar que, ao longo da história, as crianças tiveram uma maior ou menor participação na vida produtiva da comunidade e que essa participação esteve condicionada às necessidades das famílias na garantia de sua sobrevivência.

No capítulo quatro, considerando a variedade de temas que emergiram do campo e que tomaram vida através dos diversos recursos metodológicos utilizados, trouxemos, de modo exploratório, as aprendizagens que se dão através da participação das crianças nas práticas cotidianas. Vimos que as histórias, casos e outras narrativas se constituem como elementos presentes nos processos de aprendizagem das crianças ao longo do tempo e que as histórias e casos contados por elas expressam um modo de elaborarem suas compreensões em torno das particularidades de suas existências no quilombo.

Também nesse capítulo trouxemos à tona os cuidados com as crianças. Esses cuidados se dão tanto no ambiente da família nuclear quanto na família extensa, que congrega toda a comunidade, destacando-se o cuidado das crianças feito pelas próprias crianças. Nesses cuidados, estão expressas formas de coparticipação e coresponsabilização, que inscrevem-se em regras de reciprocidade comum a muitas culturas africanas que têm como referência primordial a importância do grupo sobre o indivíduo: “eu sou porque nós somos”.

Ao finalizar esse texto, não poderia deixar de chamar a atenção ainda para algumas questões cruciais que emergiram da pesquisa. Uma delas diz respeito às incongruências em torno dos padrões de beleza que atingem as mulheres negras no Brasil e também as de Mato do Tição. Apesar dos constantes movimentos em torno da afirmação positiva da identidade negra e desse movimento estar presente na realidade do Quilombo, ainda persiste a imposição dos padrões de beleza do branco, nos quais a cor da pele e a textura dos cabelos têm um peso definidor. Ao entrarem na adolescência, a maioria das meninas de Mato do Tição já começam a alisar seus cabelos deixando de usá-los de forma natural com os inúmeros penteados que as enfeitavam enquanto eram crianças. Essa é uma questão que merece ser destacada para refletirmos sobre a influência do racismo, e, conseqüentemente, da ideologia de supremacia branca, ou seja, na forma como as mulheres negras elaboram suas identidades étnico-raciais ainda subjugadas aos padrões de beleza que desconsideram suas características físicas. O cabelo crespo permanece sendo visto como “ruim”, “feio” que precisa ser “arrumado” (alisado) para ficar bonito. E para ser bonita, a mulher negra tem que ter o cabelo liso.

Mais recentemente, talvez por influência dos movimentos do orgulho do cabelo crespo e cacheado<sup>91</sup>, algumas mulheres e adolescentes de Mato do Tição estão assumindo o cabelo natural. Não quero com isso afirmar que deva existir uma imposição para que as mulheres negras usem o cabelo natural (afro/crespo/black/cacheado), mas que possa haver liberdade de escolha de como

---

<sup>91</sup> Movimento existente em diversas cidades brasileiras que tem por objetivo a valorização do cabelo crespo prioritariamente das mulheres negras. Esse movimento além de articulações nas redes sociais tem tomado as ruas de várias cidades do país nas chamadas marchas do orgulho crespo. Tal movimento recebe a adesão também de crianças. Algumas dessas crianças (meninas) já postaram vídeos na internet falando dos seus cabelos e das dificuldades enfrentadas por assumi-los naturais. (síntese realizada a partir de pesquisa feita na internet).

querem deixar os seus cabelos e que isso seja uma opção de cada mulher e não uma imposição baseada em supostos padrões de beleza que exclui a beleza negra de seu rol de possibilidades. Essa é uma temática que inclusive poderia ser incorporada aos currículos escolares desde a educação infantil, considerando as dificuldades da escola em lidar com essa faceta da identidade das crianças e adolescentes.

Outra questão refere-se às marcas deixadas pelo processo de escravização quanto ao o trabalho exaustivo que permeou a história de vida da maioria dos moradores do quilombo. Heranças da escravidão consubstanciadas na forma de expropriação do tempo, do trabalho mal remunerado, do trabalho degradante na lida diária como garantia de uma sobrevivência mínima em um período em que praticamente tudo que se consumia era produzido internamente no quilombo. Tanto a história inventada pela menina Keezy, quanto os relatos de D. Firmina e D. Bina, apontaram para formas de trabalho nas quais as pessoas foram expostas desde crianças configurando uma marca comum à vida da população negra na diáspora que teve como sua primeira forma de inserção no “Novo mundo” o trabalho compulsório, trabalho esse que forjou os primeiros laços de pertencimento dos africanos em terras brasileiras e que após a abolição da escravidão permaneceu como parte constituinte do ser negro no Brasil. O africano povoou o Brasil e o fez na condição de escravizado. A “preguiça” e a insubordinação no trabalho eram retaliadas com severos castigos, a disciplina foi adquirida através de formas mais aviltantes de negação do ser humano. Não queremos com isso desconsiderar as outras formas “não violentas” de coerção dos escravizados que foram sendo tecidas ao longo da escravidão. Não violentas do ponto de vista corporal, mas violentas do ponto de vista da segregação dos espaços e contínuos processos de inferiorização do africano reduzido a categoria de negro, reforçando um quadro de dominação e subordinação que não esteve imune a múltiplos conflitos e estratégias de resistência; mas que consolidou o regime escravista moderno.

Os relatos dos mais velhos sobre a intensidade do trabalho em suas vidas deixaram à mostra as marcas da ideologia escravista. Tal realidade me provocou algumas indagações: como as políticas públicas destinadas aos quilombos poderão promover formas de inserção dos quilombolas no mundo do trabalho que superem os históricos processos de exploração e expropriação da mão de obra da população negra? É possível efetivar atividades produtivas nas comunidades quilombolas que respeitem

suas tradições e suas realidades? Como garantir programas de combate ao trabalho infantil que não desconsiderem as particularidades em torno da participação das crianças nas atividades domésticas e de auxílio a economia produtiva de suas comunidades?

Questões como essas avolumaram-se ao término dessa escrita associando-se a tantas outras referentes a necessidade de realização de um diagnóstico sobre a realidade das milhares de comunidades quilombolas espalhadas pelo país. Dentro desse diagnóstico seria necessário considerar as crianças invisibilizadas nas políticas públicas de forma geral. E como visto nessa pesquisa, essas crianças têm muito a nos dizer inclusive e especialmente no que tange ao seu próprio bem viver e de sua comunidade.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete, OLIVEIRA, Fabiana. *A escola e a construção da identidade na diversidade*. In: ABRAMOWICZ, Anete, BARBOSA, Lúcia M. A., SILVÉRIO, V. R. Educação como Prática da diferença. Campinas: 2006.

ABRAMOWICZ, A., OLIVEIRA, F., RODRIGUES, T. *A criança negra, uma criança e negra*. In. ABRAMOWICZ e GOMES, Nilma Lino (Orgs.). Educação e raça, perspectivas política, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte, Autêntica, 2010. P.75-96.

ABREU, G. e LIMA, J. M. M. *A contribuição do conceito de lugar para a produção de textos didáticos*. In: PINHEIRO, A. (Org.). Paisagens Educacionais: saberes, experiências e práticas educativas. Teresinha: Colégio Diocesano, 2007, p. 73-84.

ALMEIDA, Alfredo W. B. Quilombos: Repertório Bibliográfico de uma Questão Redefinida (1995-1997). BIB, Rio de Janeiro, n. 45, 1º semestre de 1998, p. 51-70.

ALVES, Aline. *Territórios Quilombolas e Escola: Percepções do lugar a partir do uso de mapas mentais*. Monografia apresentada no Instituto de Geociências da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

ALTMAN, Raquel Z. Brincando na história. In: DEL PRIORE, Mary. História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto 2008, p.231-258.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

AMARAL, Assunção José Pureza. *Etnologia, educação e ambiente nos quilombos da Amazônia*. In: OLIVEIRA, I. SILVA, Petronilha, PINTO, Regina P. *Negro e Educação* 3. São Paulo: INEP, 2005.

- ANGROSINO, Michel. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ARRUTI, José Maurício P. A. *O quilombo conceitual. Para uma sociologia do “artigo 68”*. Texto para discussão do projeto Egbé. Territórios Negros (Koinomia), 2003.
- ASHLEY, E. e TOVOTE, K. *Learning from Other Children*. In: LANCY, David, BOCK, J. e GASKINS, S. *The Anthropology of Learning in Childhood*. Lanham: Altamira Press, 2010, p. 181- 206.
- BENJAMIM, Walter. *A Criança, o Brinquedo, a Educação*. São Paulo: Sumus, 1984.
- BRASIL. *Minas de Quilombos (Texto para reflexão com o/a professor/a)*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação. Brasília, 2008.
- BRASIL. *Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Trabalhador Adolescente*. Brasília/DF: Ministério do Trabalho, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação como Cultura*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- BUSS-SIMÃO, Márcia. *Antropologia da Criança: uma Revisão da Literatura de um Campo Em Construção*. Disponível em *Revista Teias*, v. 10 n. 20, 2009. [WWW.periodicos.propede.pro.br](http://WWW.periodicos.propede.pro.br) . Acesso em 08/09/2010.
- CAPUTO, Stela G. *Educação nos Terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar, ao silêncio escolar*. São Paulo: Contexto: 2000.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA – CEDEFES.  
*Comunidades Quilombolas de Minas Gerais no Séc. XXI*. Belo Horizonte: Autêntica,  
2008.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo, Ática, 2005.

CHISTÊ, Tânia M. “*Aqui é minha raiz*”: o processo de constituição identitária da  
criança negra na Comunidade Quilombola de Araçatiba. Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

COHN, Clarice. *A Criança Indígena: Concepção Xikrin de Infância e Aprendizado*.  
Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação do Departamento de  
Antropologia da Universidade de São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CORSARO, William A. *A reprodução interpretativa no brincar ao “fazer de conta”  
das crianças*. Educação, Sociedade e Cultura. São Paulo: 2002, n.17 p. 113-134.

\_\_\_\_\_. *Entrada em campo, aceitação, e natureza da participação nos  
estudos etnográficos com crianças pequenas*. In: Educ. Soc. Campinas: CEDES,  
Maio/Ago/2005, p. 443-464.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmede, 2011.

CUCHE Denys. *A noção de culturas nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

D’ADESKY, Jacques. *Racismos e Anti-Racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas,  
2001.

DIAS, Lucimar Rosa. *Diversidade Étnico-racial e Educação Infantil: Três escolas.  
Uma Questão. Muitas Respostas*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Educação da Universidade federal do Mato Grosso do Sul, 1997.

DRUMOND, GIOVANETTI, GUIMARÃES. *Técnicas e Ferramentas Participativas para Gestão de Unidades de Conservação*. Brasília: ARPA/MMA, 2009.

ERNY, Pierre. *Etnologia da Educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FAZZI, Rita de Cássia. *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FERREIRA, Cristina S. *Trocar saberes e repensar a escola nas comunidades negras do Ausente, Baú e Quartel do Indaiá*. In: BRASIL. *Dimensões da inclusão no Ensino Médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília – DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006, p. 327-342.

FONSECA, Marcus Vinícius. *As primeiras práticas educacionais com características modernas em relação aos negros no Brasil*. In: SILVA, P. e PINTO, R. P. *Negro e Educação*. São Paulo: ANPED e Ação Educativa: 2000, p.11-36.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *Comunidades Quilombolas – direito à Terra*. Brasília: Ministério da cultura, 2002.

GASKINS, Suzane e PARADISE, Ruth. *Learning through Observation in Daily Life*. In: LANCY, David, BOCK, J. e GASKINS, S. *The Antropology of Learning in Childhood*. Lanham: Altamira Press, 2010, p. 85-118.

GIACOMINI, Sonia M. *Mulher e Escrava- Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. Atlas: São Paulo, 2010, 5ª. Ed.

GÓES, José Roberto e FLORENTINO, Manolo. *Crianças escravas, crianças dos escravos*. In: DEL PRIORE, Mary. História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto 2008.

GOMES, Ana Maria Rabelo. *Outras crianças, outras infâncias?* In: SARMENTO, M. e GOUVEA. Estudos da infância: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 82-96.

GOMES, A.M.R., SILVA, R. e PEREIRA, V. M. (20013). *Aprendizagens e Vida Cotidiana entre Meninos e Meninas Xacriabá*. Artigo apresentado XIII SIEE (Simpósio Interamericano de Etnografia da Educação), set. 2013.

GOMES, Núbia e, PEREIRA, Edmilson. *Assim se Benze em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1989.

\_\_\_\_\_. *Mundo Encaixado, significado da cultura popular*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1992.

\_\_\_\_\_. *Ouro Preto da Palavra*. Belo Horizonte: editora PUC Minas, 2003.

GOMES, Nilma Lino e SILVA, Petronilha B. G. *Desafio da Diversidade*. In: GOMES, N. L. e SILVA, P. G. Experiências Étnico-Culturais para a Formação de Professores. Belo Horizonte: Autêntica: 2002.

\_\_\_\_\_ (s/data) *Corpo e cabelo como símbolo de identidade negra*.

Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>, acesso em 22/07/2015.

\_\_\_\_\_. *Educação e Identidade negra e a formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. Educação e Pesquisa. São Paulo v. 29, nº 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

\_\_\_\_\_. *Como trabalhar com “raça” em sociologia*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

GOUVEA, Maria Cristina. *A escrita da história da Infância: periodização e fontes*.

In: SARMENTO, M. e GOUVEA, Maria Cristina. *Estudos da Infância – Educação e Práticas Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 97-118.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: editora 34, 2002.

\_\_\_\_\_. *Preconceito e Discriminação*. São Paulo: Editora 34, 2004.

\_\_\_\_\_. *Raça, cor, pele e etnia..* Cadernos de Campo. São Paulo: USP, v. 20, n. 20, jan./dez. 2011, p. 265-271.

GUSMÃO, Neusa M. M. *Terra de Pretos, Terra de Mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro*. Brasília: Ministério da Cultura/FCP, 1988.

HALL, Stuart. *Quando foi o Pó s Colonial? Pensando no Limite*. In: HALL, S. Da Diáspora - Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HAMPÂTÉ Bâ, Amadou. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

\_\_\_\_\_. *A tradição viva*. In: Ki-ZERBO, J. História Geral da África, I Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

HONETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.

INGOLD, Timothy. *Da transmissão de representações à educação da atenção*. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 33, p. 6-25, jan./abr. 2010.

KISHIMOTO, Tizumo M. *Jogos Infantis - o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis: Vozes, 2012.

KOZEL, Salette. E NOGUEIRA, A.R.B.A. *Geografia das Representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida*, In: *Revista do Dep. De Geografia de São Paulo. FFLCH-USP*, 1999, p. 239-257.

KOZEL, S. *Representação do espaço sob a ótica dos conceitos: mundo vivido e dialogismo*. In *Encontro Nacional dos Geógrafos*, 16, 2010, Porto Alegre, Anais. Disponível em [www.abb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=4528](http://www.abb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=4528) Acesso em 20/04/2014.

KRAMER, Sônia. *A infância e sua singularidade*. IN: BRASIL. *Ensino Fundamental de Nove Anos*. Brasília-DF, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007. P.13-24.

\_\_\_\_\_. *Autoria e autorização: questões éticas da pesquisa com crianças*. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

\_\_\_\_\_ (Org.). *Infância e Produção Cultural*. Campinas: Papyrus, 2010, 7ª. Ed.

\_\_\_\_\_ LEITE, Maria Isabel (Orgs.). *Infância: Fios e Desafios da Pesquisa*. Campinas: Papyrus, 2008, 10ª. Ed.

KOSBY, Marília Flor. *“Aqui nós cultuamos todas as doçuras”*: a contribuição negra para a tradição doceira de Pelotas. Monografia de Bacharelado apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas, 2007.

LANCY, DAVID, e GROVE, Anete. *The Role of Adults in Children's Learning*. In: LANCY, David, BOCK, J. e GASKINS, S. *The Anthropology of Learning in Childhood*. Lanham: Altamira Press, 2010, p.145-180.

LAVE, Jean; WENGER. Etienne. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *Prática, pessoa, mundo social*. In: Uma Introdução a Vygotsky. São Paulo: Edições Loyola, 2013., p.165-174.

LUZ, Marco A. *Cultura Negra e ideologia do recalque*. Salvador, Rio de Janeiro, EDUFBA/Pallas, 2011, 3ª. Ed.

MARQUES, Eugênia P. S. *A Pluralidade Cultural e a Proposta Pedagógica na Escola – Um estudo Comparativo Entre Propostas Pedagógicas de uma Escola de Periferia e uma Escola de Remanescentes de Quilombos*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande: 2004.

MARTINS. Leda M. *Afrografias da memória, o reinado do rosário no Jatobá*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Oralitura da Memória*. In: In: FONSECA, Nazareth S. *Brasil Afro- Brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.62-86.

MARTUCCELLI, D. *Gramática del individuo*. Buenos Aires: Losada, 2007.

\_\_\_\_\_. *As contradições políticas do multiculturalismo*. In. *Revista Brasileira de Educação*. N. 2 p. 18-32. São Paulo, 1996.

- MATTOSO, Kátia. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MEDAETS, Chantal. “*Tu Garante?*”: *Reflexões sobre infância e as práticas de transmissão e aprendizagem na região do Baixo Tapajós*. XI Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e Desigualdades. Salvador: EDUFBA, 2011.
- MELLO, João B. F. *A Humanística Perspectiva do Espaço e do Lugar*. Revista ACTA Geográfica, Ano v, N. 9, Jan./Jun. 2011, p. 07-14.
- MOREIRA, Erika V. e HESPANHOL, Rosângela A. M. *O Lugar como uma Construção Social*. Revista Formação, n. 4, v. 2, p. 48-60, 2007.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. *A criança escrava na literatura de viagens*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 31, p. 57-98, dez. 1979.
- MOURA, Clóvis. *História do Negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1989.
- MOURA, Glória. *Aprendizado nas comunidades quilombolas: currículo invisível*. In: BRASIL. *Dimensões da inclusão no Ensino Médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília – DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.p.259-270.
- MOURA, Glória. *Festas dos Quilombos*. Brasília, Editora UNB, 2012.
- NASCIMENTO, Beatriz. *O Quilombo do Jabaquara*. Revista de Cultura Vozes. Petrópolis, Vozes: 1980 p. 16-18.
- MOUTINHO, Viale. *Contos Populares de Angola*. São Paulo: Landy,2000.
- MUNANGA, Kabenguele. *O conceito de africanidade no contexto africano e brasileiro*. II Congresso Nacional de Africanidades e Brasilidades, Vitória: UFES, 2014.
- Disponível em:

<file:///C:/Users/Patricia/Documents/Materiais%20para%20Doutorado/9738-23956-1-SM.pdf>.

NOGUEIRA, Simone Gibran. *Psicologia Crítica Africana e Descolonização da Vida na Prática da Capoeira Angola*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da PUC São Paulo, 2013.

NUNES, Georgina Helena Lima. *Educação formal e informal: o diálogo pedagógico necessário em comunidades remanescentes de quilombos*. IN: BRASIL. Dimensões da inclusão no Ensino Médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.p.343-360.

\_\_\_\_\_. (FaE/UFPEL) *Prática do Fazer, Prática do Saber: Vivências e Aprendizagens com um a Infância Rural e Negra*. Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, GT n. 21Educação dos Afro-Brasileiros. Caxambu, novembro, 2004. Disponível em <HTTPS://www.anped.org.br>. Acesso em 20/08/2010.

O'DWYER, Eliane Cantarina (Org.). *Terra de Quilombos*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

OSÓRIO, R. G. *O sistema classificatório de "cor ou raça" do IBGE*. Brasília: IPEA, 2003. (Texto para Discussão, 996).

OLIVEIRA, Cláudia Marques. *Cultura afro-brasileira e educação: significados de ser criança negra e congadeira em Pedro Leopoldo – MG*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação de Minas Gerais, belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA, Fernanda C. *Quando Reza a Fé no Quilombo Matição: família, festas, males e curas fazem a comunidade*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

OLIVEIRA, Nilce e CASQUEIRO, Adriana S. *Ritos da comensalidade festiva na Bahia*. In: FREITAS, M. C. S. (Org.). *Escritos e narrativas sobre alimentação e cultura* [online], Salvador: EDFBA, 2008. Disponível em <http://books.scielo.org>.

OLIVEIRA, Rachel. *Projeto “Vida e História das Comunidades Remanescentes de Quilombos no Brasil”*: um ensaio de ações afirmativas. IN; SILVA, Petronilha B. G. e SILVÉRIO, Valter Roberto. *Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília-DF, INEP, 2003.p. 247-270.

PARÉ, Marilene L., OLIVEIRA, Luana P., VELLOSO, Alessandra. *A educação para quilombolas: experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da Comunidade Kalunga do Engenho II (GO)*. *Cadernos Cedes*. Campinas, vol. 27, n. 72, p.215-232, maio/ago. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

PAULA, Elaine e SILVA FILHO, J. J. *As brincadeiras das crianças de um quilombo catarinense: imaginação, criatividade e corporalidade*. In: ARROYO, M. e SILVA, M. R. (Orgs.) *Corpo Infância – Exercícios Tensos de Ser Criança por Outras Pedagogias do Corpos*. Petrópolis: Vozes, 2012, p.184-213.

PAULA, Elaine. *“Vem Brincar na Rua!” – Entre o Quilombo e a Educação: capturando expressões, experiência e conflitos de crianças quilombolas nos entremeios desses contextos*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Ouro Preto da Palavra. Narrativas de preceito do Congado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2003.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Os tambores estão frios, herança cultural e sincretismo religioso n ritual do candombe*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

\_\_\_\_\_. *Malungos na Escola: Questões Sobre Culturas Afrodescendentes e Educação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PINTO, Benedita Celeste M. *Os remanescentes de quilombolas na região do Tocantins (PA): História, cultura, educação e lutas por melhores condições de vida*. In: BRASIL. *Dimensões da inclusão no Ensino Médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília – DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006, p. 271-304.

RAMOS, Arthur. *O folclore negro do Brasil*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

RATTS, Alecsandro J. (RE) *Conhecer Quilombos no Território Brasileiro*. In: FONSECA, Nazareth S. *Brasil Afro-Brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001,307-326.

\_\_\_\_\_. *Eu Sou Atlântica, sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

\_\_\_\_\_, Costa, K. e BARBOSA, D. S. *Obstáculos e perspectivas dos Kalungas no campo educacional*. In: BRASIL. *Dimensões da inclusão no Ensino Médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: MEC/SECAD, 2006, p.305-326.

REIS, João José e Gomes, Flávio dos Santos. (Orgs.) *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

REIS, Maria Clarete. (UFF) 2004. *Reflexões sobre a construção da identidade negra num quilombo pelo viés da história oral*. Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, GT n. 21Educação

dos Afro-Brasileiros. Caxambu, novembro, 2004. Disponível em <HTTPS://www.anped.org.br>. Acesso em 20/08/2010.

ROCHA, Edmar. J. *Autodeclaração de cor e/ou raça entre alunos(as) paulistanos (as) do ensino fundamental e médio: um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia e PINTO, Regina P. *Criança Pequena e raça na PNAD 87*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1997. (Texto FCC, 13).

ROSEMBERG, Fúlvia. *Estatísticas educacionais e cor/raça na educação infantil e no ensino fundamental*. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, V. 17, n. 33, p. 15-42, 2006.

SANTANA, Patricia M. S. *Professoras Negras: Trajetórias e Travessia*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

SANTIAGO, Ana Rita. *Projeto Educacional do Quilombo Asantewaa: uma alternativa possível?* Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado da Bahia. Salvador: 2005.

SANTOS, Joel R. *Zumbi*. São Paulo, Moderna, 1985.

SANTOS, J.E. *Os Nagô e a Morte*. Petrópolis: Vozes, 2012, 14ª Ed.

SANTOS, Milton. *Da Totalidade do Lugar*. São Paulo: Edusp, 2005.

SARMENTO, Manuel José Jacinto. *Geração e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*. In: Educ. Soc. Campinas: CEDES, Mai./Ago./2005, p. 361-378.

\_\_\_\_\_ *Sociologia da Infância: correntes e confluências*. In:

SARMENTO, M. e GOUVEA, Maria Cristina. *Estudos da Infância – Educação e Práticas Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008, p.17-39.

\_\_\_\_\_ *Infância, Diversidade e Expressão Simbólica*. In: Seminário Internacional Educação Intercultural, Movimentos Sociais e Sustentabilidade. Florianópolis, 2006. Disponível em <http://WWW.rizoma3.ufsc.br>  
Acesso em 25/08/2010.

SILVA, Beatriz Caitana. *Infância Quilombola – (in) visibilidades, territórios e identidade*. IV Colóquio Internacional de Doutorandos/as, Coimbra: CES, set. 2013.

\_\_\_\_\_ *A Construção da (In) Visibilidade da Infância Quilombola; o papel do Estado e Movimento Social*. Dissertação de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, 2011.

SILVA, Consuelo D. Negro qual é o seu nome? Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SILVA, Djalma. *De agricultores a quilombolas: a trajetória da Comunidade Quilombola de Mato do Tição e sua luta pela posse da terra*. Artigo apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto seguro, jun. 2008.

SILVA, Juliana; BARBOSA, Silvia; KRAMMER, Sônia. *Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças*. Florianópolis: Perspectiva, v. 23 n. 01, p.41-64, jan./jul.2005. Disponível em <HTTPS://WWW.cde.ufsc.br/nucleos/nup/perpectiva.htm>. Acesso em 28/08/2010.

SILVA, Marcilene. *Conflito, estigma e resistência: um estudo a partir da Comunidade Quilombola Matição*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz G. *Diversidade étnico-racial e currículos escolares – dilemas e possibilidades*. Cadernos CEDES, Campinas, n. 32, p. 25-34, 1993.

\_\_\_\_\_ *Dimensões e sobrevivências de pensamentos em educação em territórios africanos e afro-brasileiros*. In: LIMA, Ivan Costa e

SILVEIRA, Sônia. Negros, Territórios e Currículos. Florianópolis, NEN/Fundação Ford, 2000, p.77-90.

\_\_\_\_\_ *Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos.* In: BARBOSA, Lúcia M. de A. (Org.). De Preto a afrodescendente; trajetos da pesquisa sobre relações raciais no Brasil. São Carlos; EDUFSCAR, 2003a, p. 181-197.

\_\_\_\_\_ *Africanidades brasileiras: esclarecendo significados e definições.* Revista do Professor. Porto Alegre. N. 19 (73), p. 26-30, jan./mar. 2003b.

\_\_\_\_\_ *Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.* Educação. Porto Alegre: Ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez., 2007.

\_\_\_\_\_ *Estudos Afro-Brasileiros: africanidades e cidadania.* In: ABRAMOWICZ, A. e GOMES, N. L (Orgs.). Educação e raça, perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA, Rogério Correia. *A Televisão Sob o Olhar da Criança que Brinca; A presença da televisão nas brincadeiras de crianças de uma creche comunitária.* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade federal de Minas Gerais. 1999.

\_\_\_\_\_ *Circulando com os Meninos: Infância, participação e aprendizagens de meninos indígenas Xacriabá. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade federal de Minas Gerais. 2011.*

SILVÉRIO, Valter R. e TRINIDAD, Cristina. *Há Algo Novo a se Dizer Sobre as relações Raciais no Brasil Contemporâneo?* Educação e Sociedade, Campinas, v. 33, n. 120, p. 891-914. Jul.-set., 2012.

- SILVEIRA, Oliveira. *Vinte de Novembro: história e conteúdo*. In: SILVA e SILVÉRIO. Educação e Ações Afirmativas. Brasília: INEP, 2003, p. 21-42.
- SLENES, Robert. *Na senzala uma flor: as esperanças e as recordações na formação da família escrava*. Campinas, Editora da Unicamp, 2011.
- SIROTA, Régine. *Emergência de uma Sociologia da Infância: Evolução do Objeto e do Olhar*. Cadernos de Pesquisada Fundação Carlos Chagas, São Paulo n. 112, p. 7-31, marco/2001.
- SOARES, Edimara G. *Educação Escolar Quilombola: Quando a Política Pública diferenciada é indiferente*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2012.
- SOUZA, Murilo M.A *utilização de metodologias de diagnóstico e planejamento participativo em assentamentos rurais: diagnóstico rural rápido participativo/DRP*. Revista Em Extensão. Uberlândia, v.8, n.1,p.34-47, jan./jul. 2009.
- SPINDOLA, Arilma Maria de A. *A Cultura da criança Quilombola: Leitura Referenciada em Estudo, Relatos Oraís e Imagens*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. 2007.
- TRINIDAD, Cristina Teodoro. *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e Escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil Colonial*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- ZALUAR, Alba. *A Máquina da revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ZIVIANI, Denise C. G. *À flor da pele: a alfabetização de crianças negras entre o estigma e a transformação*. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social Universidade Federal de Minas Gerias, 2002.

#### **Sítios Eletrônicos**

[WWW.cedefes.org.br](http://WWW.cedefes.org.br)

[WWW.Koinomia.org.br/oq](http://WWW.Koinomia.org.br/oq)

[www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br)

[HTTP://ombudspe.org.brasilquilombola](http://HTTP://ombudspe.org.brasilquilombola)

[WWW.mec.gov.br](http://WWW.mec.gov.br)

[WWW.presidencia.gov.br/seppir](http://WWW.presidencia.gov.br/seppir)

<http://www.deepask.com/goes?page=quilombo/SC-Confira-a-taxa-de-trabalho-infantil-e-a-populacao-infantil-ocupada-no-seu-municipio>

## ANEXO I

### QUADRO COM LISTAGEM DOS TRABALHOS LOCALIZADOS NA PESQUISA DE PADILHA E NASCIMENTO (2013)

<b>Temas dos trabalhos realizados na área da Educação com referência às Comunidades remanescentes Quilombolas:</b>				
Identidade e a Cultura nas Comunidades Quilombolas				16
História da Educação dos negros				10
O currículo escolar nas escolas que atendem as crianças/jovens quilombolas				7
Políticas Públicas				5
Mulheres e Movimentos Sociais				4
Formação de professores				3
Educação Ambiental				3
O termo Resistência				3
Crianças				2
Educação Matemática				2
Educação Popular				2
Arte e Educação				1
Comunicação				1
Conceitos de Museus				1
Educação Agrícola/Profissional				1
Educação de Jovens e Adultos				1
Gênero				1
Imprensa				1
Narrativas Orais				1
<b>Trabalhos produzidos sobre o tema quilombo na área da educação por estado brasileiro</b>				
<b>Estado</b>	<b>Ano da produção</b>	<b>Tese</b>	<b>Dissertação</b>	<b>Título do Trabalho</b>
	201	X		“Saberes da terra: o lúdico em Bombas,

SP	0			uma comunidade quilombola (estudo de caso etnográfico)”
SP	1	201	X	“Oficinas de arte africana como intervenção educativa na cultura quilombola do Morro Seco”
SP	1	201	X	“A educação diferenciada para o fortalecimento da identidade quilombola: estudo nas comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira”
SP	9	200	X	“Educação e identidade no Quilombo Brotas”
SP	8	200	X	“Formação de professores de comunidades remanescentes de quilombos: temática ambiental e práticas pedagógicas”
SP	8	200	X	“A política emancipatória e o projeto reflexivo do eu: uma análise das práticas educativas no Movimento Negro de Santa Barbara d'Oeste”
SP	8	200	X	“A cultura negra na escola pública: uma perspectiva etnomatemática”
SP	7	200	X	“As Artes e as Técnicas do Ser e do Saber/ Fazer em Algumas Atividades no Cotidiano da Comunidade Kalunga do Riachão”
SP	6	200	X	“História, educação e cotidiano de um quilombo chamado Mumbuca/MG”
SP	6	200	X	“A Cultura na Escola da Comunidade de Quilombo do Sapatú - Eldorado/ SP”
BA	0	201	X	“Mate, Má, Tica! Um caso de resistência e violência na territorialidade”
BA	9	200	X	“Histórias de Leitura, Trajetórias de Vida: um olhar reflexivo sobre memórias leitoras quilombolas”
BA	8	200	X	“O Currículo Escolar e a Construção da Identidade Étnico-Racial da criança e do Adolescente Quilombola: Um Olhar Reflexivo Sobre A Auto-Estima”
BA	7	200	X	“Juventude Negra: vozes e olhares intervenções políticas para o acesso a ensino superior”
BA	6	200	X	“Mangal e Barro Vermelho”
BA	5	200	X	“Projeto Educacional do Quilombo Asantewaa: uma alternativa possível?”

BA	5	200		X	“Processos Educativos na Formação de uma Identidade em Comunidades Remanescentes de Quilombos: um estudo sobre Barra, Bananal e Riacho das Pedras”
MT	8	200	X		“Culturas, família e educação na comunidade negra rural de Mata-Cavalo-MT”
MT	1	201		X	“Dança do congo: educação, expressão, identidade e territorialidade”
MT	1	201		X	“Serpentes e educação ambiental: mediatizando saberes no quilombo de Mata Cavalo”
MT	1	201		X	“Histórias femininas: poder, resistência e educação no Quilombo de Mata Cavalo”
MT	9	200		X	“Por uma contrapedagogia libertadora no ambiente do Quilombo Mata Cavalo”
MT	7	200		X	“Memória e educação na comunidade quilombola de Mata Cavalo”
CE	0	201	X		“Batuques, Folias e Ladainha: A Cultura Do Quilombo do Cria-Ú em Macapá e sua Educação”
CE	8	200		X	“Vejo Um Museu De Grandes Novidades, O Tempo Não Para... Sociopoetizando O Museu E Musealizando A Vida”
CE	5	199		X	“Educação Sindical: Uma Reflexão a Partir da Prática Educativa da Escola Quilombo dos Palmares”
MA	5	200		X	“A Educação nas Áreas Remanescentes de Quilombos no Maranhão: um estudo da realidade educacional das comunidades negras rurais de Castelo e Cajueiro no município de Alcântara”
MA	1	200		X	“Educação, gênero e etnia: um estudo sobre a realidade educacional feminina na comunidade remanescente de Quilombo de São Cristóvão”
PA	1	201		X	“Educação Escolar e Construção Identitária na Comunidade Quilombola de Abacatal – PA”
PA	9	200		X	“Narrativas Oraís na Comunidade Remanescente de Quilombo Menino Jesus: Processos de Educação e Memória”
PR	2	201	X		“Educação Escolar Quilombola: quando a política pública diferenciada é indiferente”

PR	2	201		X	“Sutilezas entre ciência, política e vida prática: alfabetização de adultos em uma comunidade remanescente quilombola”
PE	1	201	X		“Brincadeira E Arte: patrimônio, formação cultural e samba de coco em Pernambuco”
PE	6	199		X	“A Construção dos Princípios Político-Pedagógicos na Trajetória da Escola Quilombo dos Palmares (1987-1994)”
RJ	9	200		X	“As possibilidades de novos rumos para a educação formal na Ilha da Marambaia – RJ”
RJ	9	200		X	“Entre o quilombo e a cidade: trajetórias de individuação de jovens mulheres negras”
ES	7	200		X	“A educação do negro na comunidade de Monte Alegre-ES; em suas práticas de desinvisibilidade da cultura popular negra”
GO	7	199		X	“Cultura e Currículo: Um Estudo da Escola Kalunga”
MS	4	200		X	“A Pluralidade Cultural E A Proposta Pedagógica Na Escola - Um Estudo Comparativo Entre as Propostas Pedagógicas de Uma Escola de Periferia e Uma Escola de Remanescentes de Quilombos”
MG	1	201	X		“Conflito, estigma e resistência: um estudo a partir da comunidade quilombola do Matição – MG”
SC	11	200		X	Entre Cores e Memórias: Escolarização de alunos da comunidade remanescente do Quilombo Aldeia de Garopaba/SC
SE	1	201		X	“As comunidades quilombolas do campo em Sergipe e os desafios da formação docentes”
RN	8	200		X	“Retratos da Dignidade: Negros do Riacho Identidade – Educação – Fotografia”
RS	9	200		X	“A Lei 10.639/03: uma experiência no quilombo e em uma escola pública de Porto Alegre”

Fonte: PADILHA E NASCIMENTO (2013)

## ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA NA ÁREA DE EDUCAÇÃO DESTINADO AO RESPONSÁVEL PELAS CRIANÇAS

TÍTULO DO PROJETO: “Modos de ser criança em uma comunidade quilombola de Minas Gerais – Olhando o chão em que as meninas e os meninos vivem”

Pesquisadora responsável: Profª Drª Nilma Lino Gomes

e-mail: [nilmagomes@uol.com.br](mailto:nilmagomes@uol.com.br) fone: 31 3409-5323

Pesquisadora Co-Responsável: Patricia Maria de Souza Santana

[patsantana@yahoo.com.br](mailto:patsantana@yahoo.com.br) fone: 31 9638-1764

Caro (a) Responsável pela criança:

Você e a criança pela qual é responsável estão sendo convidados (as) a participar como voluntários (as) em uma pesquisa educacional que tem como objetivo compreender como as crianças que vivem em quilombos se educam no cotidiano das suas comunidades.

A pesquisa será desenvolvida em duas fases. Na primeira fase, conheceremos o quilombo e as crianças que nele vivem e pretendemos:

- 1) Realizar uma reunião com os pais, mães, responsáveis, lideranças e anciãos do quilombo para apresentar a pesquisa e receber autorização para frequentá-lo durante o tempo da pesquisa.

Após essa reunião pretendemos selecionar algumas crianças e algumas famílias para participação da pesquisa. Caso a sua família seja selecionada, convidamos você e a criança pela qual é responsável para participar da segunda fase da pesquisa, que tem como objetivo acompanhar as crianças e a comunidade por aproximadamente seis meses. O acompanhamento das crianças será em espaços não escolares, visando observar situações cotidianas, tais como: festas familiares, finais de semana, eventos da comunidade, entre outros. As crianças também poderão ser acompanhadas dentro e fora da sala de aula e em espaços familiares e de convívio social.

Para o desenvolvimento da segunda fase da pesquisa pretendemos:

- 1) Gravar, em áudio, as falas e conversas com as crianças.
- 2) Realizar observações e conversas com as crianças.
- 3) Se necessário, realizar observações e entrevistas com as crianças a partir de suas produções: brincadeiras, jogos e desenhos com o objetivo de compreender os significados que as crianças atribuem à sua vivência na comunidade quilombola.
- 4) Caso seja necessário, realizar entrevistas, gravadas em áudio, com os adultos responsáveis pelas crianças para compreender sua história e a relação com as crianças.

Esclarecemos que:

- 1) Como participantes dessa pesquisa, você pode fazer perguntas sobre a pesquisa a qualquer momento e tais questões serão respondidas.
- 2) A participação é confidencial. Apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso à sua identidade. No caso de haver publicações ou apresentações relacionadas à pesquisa, nenhuma informação que permita a identificação será revelada. Usaremos nomes fictícios para as crianças.
- 3) Sua participação e da criança pela qual é responsável é voluntária. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder qualquer questão específica sem qualquer punição.
- 4) Não identificamos qualquer risco potencial na sua participação e da criança pela qual é responsável no estudo.
- 5) Não haverá pagamento de qualquer espécie pela participação na pesquisa. Os benefícios serão indiretos, na medida em que o que aprendermos servirá para o registro da memória da comunidade quilombola, maior compreensão da sociedade sobre os modos de ensinar e aprender desenvolvidos nos quilombos e sua relação com a infância.
- 6) Caso você não autorize a gravação em áudio da sua fala e das crianças pelas quais é responsável respeitaremos sua decisão e não faremos gravação em áudio de você e/ou de sua família. Em qualquer um dos casos, a recusa não acarretará nenhuma punição a você ou para a criança.
- 7) Serão tiradas fotos do cotidiano do quilombo (festas, residências, oficina, brincadeiras etc) se você autorizar por escrito.
- 8) Os conhecimentos resultantes deste estudo serão divulgados em revistas especializadas, em congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais e em uma tese de doutorado.

Se você concordar com a sua participação e da criança pela qual é responsável nessa pesquisa, nós também lhe pedimos a autorização para manter os dados em um banco de dados para outras

pesquisas educacionais a serem eventualmente realizadas no futuro. O comitê de ética na pesquisa será comunicado de qualquer nova pesquisa a ser realizada analisando os seus dados. Caso você não concorde com a manutenção dos seus dados, nós os destruiremos tão logo a pesquisa termine.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com os pesquisadores responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos nesse termo. Informações adicionais podem ser obtidas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409-4592 ou pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – Cep: 31270 901

Agradecemos desde já sua colaboração

### **AUTORIZAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, carteira de identidade nº \_\_\_\_\_, telefone \_\_\_\_\_, responsável pela criança \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ declaro que li esse documento e conheci o projeto de Patrícia Maria de Souza Santana. Entendi as informações fornecidas e sinto-me esclarecida/o para autorizar a minha participação e da criança pela qual sou responsável nesta pesquisa, dando o meu consentimento livre e esclarecido. Entendi que receberei uma cópia assinada e datada deste formulário de consentimento.

ASSINATURA; \_\_\_\_\_

RESPONSÁVEL

DATA: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, DE \_\_\_\_\_ 2012.

### **Pesquisadora**

Eu garanto que este procedimento de consentimento foi seguido e que respondi quaisquer questões que a participante colocou da melhor maneira possível. Garanto ainda que a criança foi verbalmente informada sobre a pesquisa e que respondi quaisquer questões colocadas por ela da melhor maneira possível.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

---

Assinatura da Orientadora responsável da Pesquisa

Nilma Lino Gomes

---

Assinatura da Pesquisadora co-responsável

Patrícia Maria de Souza Santana

## ANEXO III - QUESTIONÁRIO

### Pesquisa com Crianças no Quilombo de Mato do Tição

#### Faculdade de Educação da UFMG

#### Questionário com as crianças da Comunidade – Perfil Geral

Pesquisadora: Patrícia Maria de Souza Santana

- 1- Nome completo: -----
- 2- Idade: -----
- 3- Qual é a sua cor? -----
- 4- Com as cores do IBGE, qual é a sua cor?  
( ) Amarela ( ) Branca ( ) Parda ( ) Preta ( ) Indígena
- 5- Mora com seus pais? SIM ( ) NÃO ( )
- 6- Se você **não** mora com os seus pais com quem você mora? -----
- 7- Você estuda? SIM ( ) NÃO ( )
- 8- Se você estuda em qual ano está? -----
- 9- Em qual horário você estuda? ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite
- 10- Você tem irmãos? SIM ( ) NÃO ( ).
- 11- Se você tem irmãos quantos são? -----
- 12- Seu pai trabalha? SIM ( ) NÃO ( ).
- 13- Se seu pai trabalha fora o que ele faz? -----
- 14- Sua mãe trabalha fora? SIM ( ) NÃO ( ).
- 15- Se sua mãe trabalha o que ela faz? -----
- 16- Seu avô/avó trabalha fora? SIM ( ) NÃO ( )
- 17- Se seu avô/avó trabalha fora o que ele faz? -----
- 18- Você faz alguma outra atividade além de estudar? SIM ( ) NÃO ( ).
- 19- Qual atividade você faz?

Tarefas de casa – Quais? -----

Cursos – Quais? -----

Outros -----

20- Participa de algum projeto/curso dentro da comunidade atualmente? SIM ( ) NÃO ( ).

21- Se você participa de algum projeto, qual é? -----

22- Quais cursos ou projetos você já participou na comunidade?

**Ponto de Cultura:** Rezar o Terço ( ) Candombe ( ) Capoeira ( ) Percussão ( ) Teatro ( )

Outros -----

---

23- Em sua casa tem os seguintes aparelhos:

Rádio ( ) Televisão ( ) DVD ( ) Geladeira ( ) Computador ( ) A- aparelho de som ( )

Carro ( ) Moto ( ) Bicicleta ( ).

24- Você tem celular? ( ) SIM ( ) NÃO

25- Qual a sua religião? -----



MAPA DO QUILOMBO FEITO EM 1989 – Livro “Mundo Encaixado”-

Gomes e Pereira (1992)

